

Chelsea Cain

Coração Ferido

Ela é linda.
Ela é brilhante.
Ela é uma assassina.
O amor pode ser uma tortura.

SUMA
de letras



CHELSEA CAIN

CORAÇÃO FERIDO

Tradução

Fabiano Moraes da Costa



Copyright © 2007 by Verite, Inc.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Heartsick

Capa
Ô de casa sobre design original de The DesignWorks Group

Revisão
Diogo Henriques
Fátima Fadel
Onézio Paiva

Conversão para e-book
Abreu's System



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C136c

Cain, Chelsea

Coração ferido [recurso eletrônico] / Chelsea Cain ; tradução Fabiano Moraes da Costa.

- Rio de Janeiro : Objetiva, 2012.

recurso digital (Gretchen Lowell, 1)

Tradução de: *Heartsick*

Formato: e-Pub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Continua com: *Coração apaixonado*

301p. ISBN 978-85-8105-057-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Costa, Fabiano Moraes da. II. Título.

11-8272. CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

*Para Marc Mohan, que continuou me amando
mesmo depois de ler este livro*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu grupo de criação literária: Chuck, Suzy, Mary, Diana e Barbara. Sei que vivo repetindo isso, mas suas opiniões fizeram toda a diferença. Agradeço também à minha agente Joy Harris e a todos da Joy Harris Agency, assim como ao meu editor Kelley Ragland, George Witte, Andy Martin e a todos da St. Martin's. Tenho sorte de conhecer pessoas tão sensacionais no meio editorial. A dra. Patricia Cain e o dr. Frank McCullar forneceram informações médicas e Mike Keefe e os cachorros andaram comigo pelo rio Willamette enquanto eu procurava lugares para os cadáveres aparecerem. Agradeço a minha mãe, sempre, a meu pai, à Susan e a minha grande e fantástica família (especialmente minhas tias, os Cain Millers e minhas encantadoras e fortes avós).

Roddy McDonnell, obrigada por me ensinar a estacionar tão bem em vagas paralelas — esse ainda é o talento de que mais me orgulho. Laura Ohm e Fred Lifton, obrigada pela comida e pela companhia; e, a meus amigos do jornal *The Oregonian*, obrigada por me deixarem escrever para vocês e aceitarem minha companhia. Maryann Kelley, tenho pensado muito em você ultimamente. Obrigada Wendy Lane, da Lane PR, a única pessoa para quem escrevi na vida que respondeu apenas com duas palavras: “Está perfeito.” Agradeço especialmente ao meu marido, Marc Mohan, pela sua habilidade como editor e sua tolerância pelo meu amor por cirurgias televisionadas, e agradeço a nossa filha Eliza, por tirar todas aquelas sonecas extralongas. Eliza, você não pode ler este livro antes de completar 21 anos. Estou falando sério.

Archie não consegue saber ao certo se é ela mesma até aquele instante. Um vago calor brota na sua espinha, a visão se embaça e então ele vê que Gretchen Lowell é a assassina. Nota que foi drogado, mas é tarde demais. Tateia em busca da arma, mas suas mãos estão pesadas e ele consegue apenas tirá-la desajeitadamente do coldre e estendê-la como se fosse um presente. Ela a apanha e sorri, beijando-o com carinho na testa. Então enfia a mão em seu paletó e pega o celular, desligando-o e colocando-o na bolsa. Ele está quase completamente paralisado àquela altura, afundado na poltrona de couro no escritório montado com esmero da casa dela. Porém, sua mente conserva uma clareza perturbadora. Ela se ajoelha diante de Archie, como fazemos com uma criança, e aproxima tanto os lábios dos dele que os dois quase chegam a se beijar. Ele sente a pulsação na garganta. Não consegue engolir. Ela cheira a lírios.

— Está na hora de ir, querido — sussurra ela. Então se levanta, e alguém o ergue de repente por trás, cotovelos sob as suas axilas. Um homem na frente dele, corado e forte, pega suas pernas, e os dois o carregam até a garagem, deitando-o na traseira de uma Voyager — o veículo que Archie e sua força-tarefa passaram meses procurando. Em seguida, ela entra rastejando sobre seu corpo. Então Archie percebe que uma outra pessoa está dentro da van — não era Gretchen atrás dele —, mas não tem tempo de processar isto, pois ela está prendendo seu tronco com as pernas, um joelho em cada lado da cintura. Já não consegue mover os olhos, de modo que ela narra o que está fazendo.

— Estou puxando sua manga direita para cima. Estou preparando uma veia. — Então ela ergue uma agulha hipodérmica dentro do seu campo de visão. Dezoito por cento das *serial killers* são enfermeiras. Ele olha para o teto da van. Metal cinza. *Fique acordado, pensa. Lembre-se de todos os detalhes, vai ser importante.* E então: *se eu continuar vivo.*

— Vou deixar você descansar um pouco. — Ela sorri e coloca o rosto liso e bonito sobre o de Archie, para que ele possa vê-la, seu cabelo loiro roçando-lhe o rosto, embora ele não possa sentir. — Vamos ter muito tempo para brincar mais tarde.

Archie não consegue responder, já não consegue nem mesmo piscar. Sua respiração sai em arquejos longos e lentos. Não consegue vê-la empurrando a agulha em seu braço, mas supõe que ela o tenha feito, pois o que se segue é apenas a escuridão.

Ele acorda deitado de costas. Ainda está grogue e leva um tempo para perceber que o homem corado está de pé ao lado dele. Neste instante, o primeiro instante de consciência de Archie, a cabeça do homem explode. Archie se contrai à medida que o sangue e a massa encefálica dele jorram para frente, sujando seu rosto e peito; um vômito de fluido

quente e coagulado. Ele tenta se mexer, mas suas mãos e pés estão amarrados a uma mesa. Sente um pedaço de algo de uma quentura asquerosa escorrer pelo seu rosto e cair no chão e força as amarras até ferir a pele, mas sem conseguir soltá-las. Ele golfá, mas sua boca está presa por uma fita adesiva que empurra a bile de volta para a garganta, fazendo-o golfar novamente. Seus olhos queimam. Então ele a vê, parada onde o corpo do homem caiu, segurando a arma que acabou de usar para executá-lo.

— Quero que entenda de uma vez a seriedade do meu compromisso com você — diz ela. — Que você é o único. — E então dá meia-volta e vai embora.

Ele é deixado lá para refletir sobre o que acabou de acontecer. Engole em seco, instando-se a manter a calma, a olhar em volta. Está sozinho. O homem está morto no chão. Gretchen foi embora. O motorista da van foi embora. O sangue de Archie pulsa com tanta violência que é a única coisa que sente. O tempo passa. A princípio ele acha que está em uma sala de cirurgia. É um lugar grande, com as paredes cobertas de azulejos de cerâmica e bem iluminado por luzes fluorescentes. Ele vira a cabeça de um lado para o outro e vê diversas bandejas de instrumentos, máquinas que parecem de hospital e um ralo no chão de cimento. Força novamente as amarras e percebe que está atado a uma maca. Tubos entram e saem do seu corpo: um cateter, uma intravenosa. Não há janelas no quarto e um cheiro fraco de terra rodeia sua consciência. Mofo. Um porão.

Ele começa a pensar como um policial. Os outros foram torturados por alguns dias antes que ela os desovasse. Isso significava que ele tinha tempo. Dois dias. Talvez três. Eles poderiam achá-lo durante esse período. Tinha dito a Henry para onde estava indo, que tinha uma consulta com a psiquiatra sobre o novo corpo. Ele queria vê-la, queria se aconselhar com ela. Não estava preparado para isso. Mas eles ligariam os pontos. Henry ligaria os pontos. Só poderiam rastrear-lo até aquele local. Ligara para a mulher no caminho. Aquele seria o último ponto de contato. Quanto tempo havia passado desde o rapto?

Lá estava ela novamente. Ao lado da mesa, de frente para onde o corpo ainda estava caído, sangue grosso e negro infiltrando-se no chão cinza. Lembrava-se de quando ela se apresentou — a psiquiatra que desistiu de clinicar para escrever um livro. Ela havia lido sobre a força-tarefa e ligara para ele para saber se poderia ajudar. Aquilo se transformara em um inferno para todos eles. Ela se ofereceu. Nada de terapia, foi o que ela disse. Só conversar. Eles vinham trabalhando no caso por quase dez anos. Vinte e três corpos em três estados. Tinha cobrado seu preço. Ela convidou os interessados para uma sessão em grupo. Só conversar. Ele ficara surpreso com o número de detetives que apareceram. Talvez o fato de que ela era bonita tenha ajudado um pouco. Mas o engraçado foi que funcionou. Ela era muito boa.

Gretchen puxa o lençol branco que o cobre abaixo do peito e ele percebe que está nu. Essa constatação não traz vergonha alguma. É apenas um fato. Ela espalma uma das mãos sobre o seu esterno. Ele sabe o que isso significa. Memorizara as fotos dos crimes, as escoriações e queimaduras nos tóraces. Faz parte do perfil, uma de suas assinaturas.

— Você sabe o que vem em seguida? — pergunta ela, sabendo que sim.

Ele precisa conversar com ela. Ganhar tempo. Archie produz um som embaralhado através da fita adesiva e gesticula com a cabeça para que ela a retire. Gretchen encosta o dedo nos lábios dele e balança a cabeça.

— Ainda não — diz baixinho.

Ela volta a perguntar. Com um pouco mais de rispidez.

— Você sabe o que vem em seguida?

Ele assente.

Ela sorri, satisfeita.

— É por isso que preparei algo especial para você, querido.

Uma bandeja de instrumentos está ao seu lado; ela se vira e retira algo dela. Um martelo e um prego. Interessante, pensa ele, impressionado com a própria capacidade de desprendimento, de se manter clínico. Até então as vítimas pareciam ter sido escolhidas aleatoriamente, homens, mulheres, jovens, velhos, mas os ferimentos torácicos, embora tivessem evoluído, haviam se mantido notavelmente constantes. Gretchen nunca tinha usado pregos antes.

Parecia feliz.

— Achei que você gostaria de uma pequena variação.

Ela deixa as pontas dos dedos subirem dançando a caixa torácica até encontrar a costela que procura, coloca a ponta do prego contra a pele e desce violentamente o martelo. Ele sente a explosão da costela quebrando e golfa mais uma vez. Seu peito queima de dor. Luta para respirar. Seus olhos lacrimejam. Ela limpa uma lágrima de sua face afogueada, acaricia o cabelo dele, encontra outra costela e repete o processo. E repete. Quando termina, seis costelas estão quebradas. O prego está molhado de sangue. Ela o deixa cair de volta na bandeja de instrumentos com um tilintar inócuo. Ele não consegue erguer o corpo nem um milímetro sem sentir uma dor lancinante, diferente de tudo que já sentiu antes. Suas narinas se entupiram de muco e, sem conseguir respirar pela boca, ele tem que se preparar para a agonia de cada dilatação do pulmão, ao mesmo tempo em que não consegue se forçar a respirar devagar, desacelerar os arquejos desesperados e fortes que parecem soluços. *Talvez dois dias tenha sido otimismo*, pensa ele. Talvez fosse morrer naquele instante.

Acicatriz no peito dele era tênue e protuberante, o tecido fibroso da largura de um fio. Começava alguns centímetros abaixo do mamilo esquerdo, abria um caminho de pele nua por entre os pêlos escuros do peito, descrevia um arco e depois outro para baixo, de volta ao início. Tinha o formato de um coração.

Archie sentia a presença dela o tempo todo, a pele saliente contra o tecido da camisa. Tinha muitas cicatrizes, mas aquela era a única que ainda parecia doer. Uma dor fantasma, Archie sabia. Uma costela quebrada que nunca sarou direito, doendo sob a pele. Cicatrizes não doem. Não depois de tanto tempo.

O telefone tocou. Archie se virou, lentamente, para olhar para ele, sabendo o que aquilo significava. Outra vítima.

Ele só recebia ligações de duas pessoas: sua ex-mulher e seu ex-parceiro. Já tinha falado com Debbie naquele dia, então só restava Henry. Olhou para o número no celular e confirmou a suspeita. Era o prefixo do departamento.

Atendeu.

— Pronto — disse.

Estava sentado no escuro na sala de estar do seu apartamento. Não tinha sido de propósito. Sentara-se algumas horas antes, veio o pôr do sol e ele não quis se dar o trabalho de acender as luzes. Além do mais, o apartamento sujo, com a pouca mobília e o carpete manchado, parecia menos deprimente sob o manto da escuridão.

A voz rouca de Henry encheu a linha telefônica.

— Ele pegou outra garota — disse. E pronto.

O relógio digital na estante de livros vazia piscava insistentemente na penumbra da sala. Estava uma hora e trinta minutos atrasado, mas Archie nunca se incomodou em acertá-lo. Simplesmente fazia as contas para saber as horas.

— Então eles querem reativar a força-tarefa — disse Archie.

Já havia dito a Henry que voltaria. Se concordassem com os termos dele. Tocou em seu colo as pastas que o parceiro lhe entregara semanas antes. As fotos das garotas mortas no local do crime estavam bem organizadas dentro delas.

— Já faz dois anos. Eu disse a eles que você está recuperado. Que está pronto para voltar a trabalhar período integral.

Archie sorriu no escuro.

— Então você mentiu.

— É o poder do pensamento positivo. Você pegou Gretchen Lowell, e ela metia medo em todo mundo. Esse novo cara? Já matou três garotas. E pegou mais uma.

— Gretchen me pegou.

Havia um porta-remédios retangular de bronze do lado de um copo d'água na

mesinha de café. Archie não se importava em usar descanso para copos. A mesinha de carvalho riscada tinha vindo com o apartamento. Tudo no apartamento dele tinha cicatrizes.

— E você sobreviveu. — Fez-se uma pausa. — Lembra?

Com um delicado movimento do polegar, Archie abriu o porta-remédios, pegou três comprimidos brancos ovais e os enfiou na boca.

— Meu antigo cargo?

Bebeu um gole d'água, relaxando ao sentir os comprimidos descerem pela garganta. Até o copo já estava lá quando ele se mudou.

— Supervisor da força-tarefa.

Havia mais uma condição. A mais importante.

— E a repórter?

— Não estou gostando disso — disse Henry.

Archie esperou. Havia muita coisa em jogo. Henry não voltaria atrás agora. Além do mais, Archie sabia que Henry faria quase qualquer coisa por ele.

— Ela é perfeita — disse Henry, cedendo. — Eu vi uma foto. Você vai gostar. Ela tem cabelo rosa.

Archie baixou os olhos para as pastas no seu colo. Podia fazer aquilo. Tudo que precisava era segurar as pontas até o plano dele funcionar. Abriu a primeira pasta. Seus olhos se ajustaram à escuridão e ele pôde ver o vulto de um corpo espectral na lama. A primeira vítima do assassino. A mente de Archie coloriu a fotografia: as tiras cor de morango marcadas no pescoço, a pele corada e empolada.

— Quantos anos tem a garota?

— Catorze. Desapareceu voltando da escola para casa. Junto com a bicicleta. — Henry fez uma pausa. Archie conseguia ouvir a frustração no seu silêncio — Não temos nada.

— Alerta Amber? 1 — perguntou Archie.

— Foi acionado há meia hora — disse Henry.

— Façam uma busca no bairro. Com cachorros e tudo. Mandem policiais de porta em porta. Vejam se alguém viu alguma coisa no caminho que ela pegaria.

— Tecnicamente, você só começa pela manhã.

— Façam assim mesmo — disse Archie.

Henry hesitou.

— Você está pronto para isso, certo?

— Quanto tempo faz que ela está desaparecida? — perguntou Archie.

— Desde 18h15.

Ela está morta, pensou Archie.

— Venha me pegar em meia hora — disse ele.

— Uma hora — retrucou Henry, depois de uma pausa. — Beba um café. Vou mandar um carro.

Archie ficou sentado no escuro por alguns minutos depois de desligar. Fazia silêncio. Nenhuma tevê gritando no apartamento do andar de cima, nenhum barulho de passos no teto; apenas o pulsar do tráfego na chuva, um jato de ar constante do aquecedor e o zumbido crepitante do motor moribundo da geladeira. Ele olhou para o relógio e fez as contas. Passava pouco das nove. A menina estava desaparecida há quase três horas. Os remédios o deixaram com calor e tonto. *Dá pra fazer bastante estrago em*

alguém em três horas. Ele ergueu as mãos e desabotoou os primeiros botões da camisa, enfiando a direita sob o tecido, por cima das costelas, passando os dedos sobre as cicatrizes grossas que entremeavam sua pele até encontrar o coração que Gretchen Lowell gravara nele.

Passara dez anos trabalhando na Força-Tarefa Beleza Mortal, rastreando a mais prolífica *serial killer* do Noroeste. Um quarto de sua vida debruçado sobre cadáveres em cenas de crimes, folheando relatórios de autópsia, examinando pistas; tanto trabalho e Gretchen o fizera andar direitinho até uma armadilha. Agora Gretchen estava na cadeia. E Archie estava livre.

Curioso. Às vezes parecia que era o contrário.

1 Sistema integrado de emergência que alerta o desaparecimento de crianças nos EUA. Batizado em homenagem a Amber Hagerman, encontrada morta em Arlington, estado do Texas, aos 9 anos de idade, em 1996. (N. do T.)

Susan não queria estar ali. A casa da sua infância era uma bagunça e os minúsculos quartos vitorianos fediam a cigarro e sândalo. Ela estava sentada no sofá de brechó dourado da sala de estar, olhando vez por outra para o relógio, cruzando e descruzando as pernas, enrolando o cabelo nos dedos.

— Já acabou? — perguntou finalmente para a mãe.

Bliss, a mãe de Susan, ergueu os olhos do projeto que tinha aberto sobre o enorme carretel de madeira que servia de mesinha de café.

— Estou quase — respondeu Bliss.

Todo ano, na mesma noite, Bliss queimava uma efígie do pai de Susan. A filha sabia que aquilo era loucura. Mas, em se tratando de Bliss, o melhor a fazer era entrar na dança. Bliss usava feixes de palha amarrados com fita para embalagem marrom para montar a figura paterna de 30 centímetros. O processo foi evoluindo. No primeiro ano, tinha usado grama morta do jardim, mas ela estava muito úmida e não queimou. Foi preciso querosene para o fogo pegar, as fagulhas incendiaram a pilha de lixo e os vizinhos ligaram para o número de emergência 911. Desta vez, Bliss comprou palha embalada em uma *pet shop*. Ela veio em um saco plástico com o desenho de um coelho.

Susan tinha avisado que não viria naquele ano, mas lá estava ela, observando a mãe apertar cada vez mais a fita para embalagem em volta dos fêmures do pequeno homem de palha.

Bliss cortou a fita com os dentes, amarrou-a em volta do tornozelo do homem de palha e deu uma tragada no cigarro. Essa era Bliss: bebia chá de alga verde diariamente e fumava cigarros mentolados. Era um poço de contradições. Não usava maquiagem alguma, exceto pelo batom vermelho-sangue, que colocava todos os dias, sem falta. Recusava-se a usar peles, exceto pelo seu casaco de pele de leopardo *vintage*. Era *vegan*, mas comia chocolate ao leite. Perto dela, Susan sempre se sentiu menos bonita, menos glamorosa, menos louca.

Porém, Susan admitiria que ela e Bliss possuíam duas coisas em comum: ambas acreditavam no potencial artístico dos cabelos e tinham um péssimo gosto para homens. Bliss era cabeleireira e seus *dreads hippies* tingidos iam até a cintura. Susan pintava o próprio cabelo, que batia no queixo, tingindo-o de cores como Verde Inveja, Ultravioleta ou, nos últimos tempos, Rosa Algodão-Doce.

Bliss avaliou sua obra assentindo com satisfação.

— Pronto — disse ela. Levantou-se da sua posição de pernas cruzadas no chão e disparou para a cozinha, os *dreadlocks* agitando-se às suas costas. Voltou logo depois com uma foto.

— Achei que você gostaria de ficar com isso — falou.

Susan pegou a polaróide colorida. Era uma foto sua quando bebê no quintal com o pai. Ele ainda usava a barba cerrada e se encurvava para segurar a mão da filha; Susan olhava para ele radiante, toda bochechas gordinhas e dentes pequeninos. Seu cabelo castanho estava preso em rabos-de-cavalo desgrenhados e o vestido estava sujo, enquanto ele usava uma blusa e jeans rasgados. Ambos estavam queimados de sol, descalços e pareciam totalmente felizes. Susan nunca tinha visto a foto antes.

Sentiu-se invadida por uma onda de tristeza.

— Onde você encontrou isso? — perguntou.

— Estava em uma caixa de papéis velhos dele.

Ele morrera quando Susan tinha 14 anos. Agora, quando Susan pensava no pai, ele era sempre amável e sábio, a figura paterna perfeita. Ela sabia que não era tão simples. Porém, depois da morte, a relação mãe e filha desmoronou, então talvez ele ajudasse a manter um certo equilíbrio entre as duas.

— Ele te amava tanto — disse Bliss baixinho.

Susan queria um cigarro, mas, depois de passar a infância enchendo os ouvidos da mãe sobre câncer de pulmão, não gostava de fumar na frente dela. Era como admitir uma derrota.

Bliss dava a impressão de querer dizer algo maternal. Ela ergueu o braço e acariciou com ternura uma parte do cabelo rosa de Susan.

— A cor está saindo. Vamos para o salão que eu retoco. O rosa lhe cai bem. Você é tão bonita.

— Não sou bonita — disse Susan, virando o rosto. — Sou arrebatadora. É diferente.

Bliss puxou a mão de volta.

O quintal dos fundos era escuro e úmido. A luz da varanda iluminava um semicírculo de grama lamacenta e erva-pinheira plantada perto demais da casa. O homem de palha estava na bacia de cobre. Bliss se inclinou e colocou fogo na palha com um isqueiro de plástico branco e se afastou. A palha estalou e queimou, e então as chamas subiram pelo tronco do homenzinho até engoli-lo por inteiro. Seus pequenos braços se abriram como se ele estivesse em pânico. Então qualquer forma humana se perdeu em meio ao fogo laranja. Susan e Bliss o queimavam todos os anos para deixá-lo para trás, começar de novo. Pelo menos a idéia era essa. Talvez parassem se um dia desse certo.

Os olhos de Susan se encheram de lágrimas e ela virou o rosto. Era o tal negócio. Você acha que está emocionalmente equilibrada, então seu pai morto faz aniversário e sua mãe doida queima um boneco de palha em memória a ele.

— Preciso ir — disse Susan. — Tenho que encontrar uma pessoa.

O ar da boate estava repleto de fumaça de cigarro. Fazia os olhos de Susan arderem. Ela tirou outro cigarro de um maço no balcão do bar, o acendeu e deu uma tragada. A música martelava na pista. Serpenteava pelas paredes, subia os banquinhos, passava por entre as pernas de Susan e vibrava a superfície de cobre do balcão. Ela ficou olhando o maço amarelo pular. Estava escuro. Sempre estava escuro naquela boate. Ela gostava do fato de poder estar lá e se esconder a olhos vistos da pessoa logo ao lado. Susan era boa de copo, mas bebera um drinque além do limite. Pensou sobre o assunto. Provavelmente tinha sido o *blackberry* Martini. Ou talvez a Pabst. Sua mente ficou turva por conta da bebida e ela espalmou uma das mãos no bar até que a sensação passasse.

— Vou sair para tomar um ar — disse para o homem ao seu lado. Gritou para ser ouvida por sobre a música, mas os graves pulsantes da boate sugavam qualquer outro som.

A porta da frente ficava do outro lado da pista de dança, e, enquanto abria caminho por entre o público do DJ da noite de segunda, ela contrabalançou a bebida com uma passada cuidadosa ao extremo, cabeça erguida, reta, os braços afastados alguns centímetros dos lados do corpo, o cigarro aceso. Ninguém dançava naquela boate. Ficavam parados, ombro a ombro, balançando a cabeça ao som das batidas. Susan tinha que tocar nas pessoas para que elas abrissem caminho para ela, num ombro ali, num braço aqui, e eles se afastavam alguns centímetros para que passasse. Ela conseguia sentir os olhos seguindo-a. Susan sabia que chamava atenção. Não que fosse exatamente bonita. Sua aparência pertencia sem tirar nem pôr à década de 1920; rosto largo e peito reto. O cabelo na altura do queixo e a franja bem curtinha a deixavam mais parecida ainda com uma melindrosa com um parafuso a menos. Arrebatadora era sem dúvida a palavra. Sem o cabelo rosa, talvez até fosse bonita. Mas ele desviava a atenção da doçura dos seus traços, dando-lhe uma aparência mais dura. O que era mais ou menos a intenção.

Ela chegou à porta, passou se espremendo pelo leão-de-chácará e sentiu o revigorante ar fresco atravessá-la. A boate ficava em Old Town, que até bem pouco tempo era chamada de “Skid Row”. Na época em que as pessoas ainda chamavam Portland de “Stumptown”, os negócios chineses tinham prosperado naquela parte da cidade, e milhares de madeireiros e marinheiros entravam em um bar e bordel e acordavam no porão de um navio. Atualmente, as maiores indústrias de Portland eram a de turismo e a da alta tecnologia, muitos dos castigados prédios em Old Town estavam sendo reformados para virarem *lofts* e podia-se fazer um passeio pelos Túneis Chineses por 12 dólares.

Com o tempo, tudo mudava.

Susan largou o que restava do cigarro no cimento molhado, o esmagou com o

salto da bota, recostou no muro de tijolos da boate e fechou os olhos.

— Tá a fim de fumar um beque?

Ela abriu os olhos.

— Porra, Ethan — disse. — Quase me matou de susto. Não achei que você tinha me ouvido lá dentro.

Ethan sorriu.

— Eu estava logo atrás de você.

— Estava ouvindo a chuva — disse Susan, erguendo o queixo na direção da rua preta cintilante. Ela sorriu lentamente para Ethan. Fazia apenas umas duas horas que o conhecera, e estava começando a ter a impressão de que ele estava gamado. Não fazia o tipo dela. Tinha uns vinte e tantos, naquele estilo meio *punk*. Provavelmente usava calças de lona e moletom com capuz todos os dias. Morava com cinco caras em uma casa fuleira em uma parte barata da cidade. Tinha trabalhado em uma loja de discos por oito anos, tocado com três bandas, ouvido Iggy Pop e Velvet Underground. Fumava maconha e bebia cerveja, mas só da boa. — Você tem um *pipe*?

Ele assentiu alegremente.

— Vamos dar uma volta — disse Susan, pegando a mão dele, braços balançando, guiando-o para o meio do respingo de chuva típico de Portland.

Ele encheu o pipe enquanto andavam e passou a ela para o primeiro trago. Susan deu um tapa, sentindo a prazerosa queimação nos pulmões antes de exalar. Colocou o pipe na boca do outro e dobrou com ele a esquina do prédio pelo qual estavam passando. Não havia muito movimento naquela parte da cidade à noite. Ela colocou o rosto bem na frente do dele. Ele era mais alto, de modo que Susan olhava para cima.

— Quer que eu te pague um boquete?

Ela abriu o tipo de sorriso idiota que os caras dão quando não conseguem acreditar na própria sorte.

— Há, claro.

Susan devolveu o sorriso. Ela pagara seu primeiro boquete aos 14 anos. Teve um ótimo professor.

— É mesmo? — Ela entortou a cabeça em um gesto exagerado de surpresa. — Que engraçado. Já que você não tem atendido minhas ligações.

— O quê?

Os narizes dos dois estavam quase se tocando.

— Deixei 11 mensagens para você, Ethan. Sobre Molly Palmer.

O sorriso dele sumiu e um vinco no formato de uma fenda para moedas apareceu entre as suas sobrancelhas.

— Hein?

— Ela era sua namorada na faculdade, não era? Chegou a falar com você sobre o relacionamento dela com o senador?

Ethan tentou se afastar, percebeu que estava contra um muro e se mexeu desajeitadamente até decidir cruzar os braços.

— Quem é você?

— Há anos corre o boato de que o senador comia a babá adolescente dos filhos — falou Susan. Ela continuava na frente dele, sem dar espaço; estava tão perto que podia ver a saliva empoçar na sua boca entreaberta. — Isso é verdade, Ethan? Ela falou alguma coisa a respeito?

— Juro por Deus — respondeu Ethan, frisando cada sílaba, olhando para todo lado, menos para Susan. — Não sei de nada.

O telefone tocou. Susan não se mexeu.

— É o meu ou o seu? — perguntou.

— Não tenho celular — balbuciou Ethan.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Deve ser o meu — disse, dando de ombros. Enfiou a mão na bolsa, tirou o celular e atendeu.

— Alô?

— Tenho um serviço para você.

Ela desviou o olhar de Ethan. Andou alguns passos.

— Ian? É você? Já é mais de meia-noite.

— É importante. — Fez-se uma pausa. — Sabe aquelas garotas desaparecidas?

— Sim?

— Sumiu mais uma. O prefeito convocou uma reunião de emergência hoje à noite. Eles vão reativar a Força-Tarefa Beleza Mortal. Clay e eu estamos aqui agora. Acho que isso vai ser grande, Susan. Queremos que você escreva.

Susan lançou um olhar para Ethan. Ele estava fitando o pipe em sua mão, parecendo meio chapado.

— Tiras e *serial killers*? — disse ela.

— O prefeito vai deixar a gente ter alguém da imprensa junto com a força-tarefa. Eles não querem que o lance da Beleza Mortal se repita. Você pode chegar cedo amanhã? Tipo, às seis? Só pra conversar?

Susan olhou para o relógio.

— Seis da manhã?

— É.

Ela olhou para Ethan novamente.

— É que eu estou no meio de outro trabalho — ela sussurrou para Ian.

— Seja o que for, isso é mais importante. A gente conversa pela manhã.

A cabeça dela estava turva por conta da bebida. Eles conversariam pela manhã.

— Ok — concordou ela. Fechou o telefone e mordeu o lábio. Então se virou para Ethan. Levava meses para encontrá-lo. Nem sabia se ele ainda falava com Molly. Mas era tudo o que tinha. — O negócio é o seguinte. A mídia já ignorou demais os boatos. E agora eu vou descobrir o que aconteceu. E vou escrever sobre o assunto. — Ela olhou nos olhos dele fixamente, para que ele visse seu rosto, visse mais do que o cabelo rosa, visse como ela estava falando sério. — Diga isso a Molly. Diga que vou manter o anonimato dela. E que estou interessada na verdade. Diga que quando ela estiver pronta para conversar sobre o que aconteceu, eu vou ouvir. — A chuva progredira de um pingo aqui outro ali para uma garoa. Susan enfiou um cartão na mão dele. — Meu nome é Susan Ward. Trabalho para o *Herald*.

Olobby do *Oregon Herald* não abria antes das sete e meia, então Susan teve que usar a entrada para caminhões no lado sul do prédio. Tinha dormido quatro horas. Passara uma hora na Internet tentando conseguir o máximo de informação sobre a nova garota desaparecida, desistindo de tomar banho, de modo que seu cabelo ainda cheirava um pouco a cigarro e cerveja. Fez um rabo-de-cavalo e vestiu apenas uma calça preta e uma camisa preta de manga comprida. Então colocou um tênis amarelo-canário. Pra que ficar completamente careta?

Mostrou o crachá da imprensa para o segurança da noite, um garoto negro gorducho que finalmente terminara *As Duas Torres* e estava começando a ler *O Retorno do Rei*.

— Gostando do livro? — perguntou.

Ele deu de ombros e apertou o botão que dava acesso ao subsolo quase sem erguer os olhos. Havia três elevadores no prédio do *Herald*. Apenas um funcionava de cada vez. Ela o pegou até o quinto andar.

O *Herald* ficava no centro de Portland. Era um centro bonito, cheio de prédios grandiosos que estavam de pé desde a época em que Portland era o maior porto exportador no Noroeste. As ruas eram ladeadas por árvores e tinham ciclovias, havia vários parques e arte pública em todos os quarteirões. Nas horas de folga, os executivos descansavam perto dos desabrigados que jogam xadrez na Pioneer Square, músicos de rua faziam serenata para os transeuntes e, como estamos falando de Portland, sempre tinha alguém fazendo algum protesto. No meio de toda essa elegância e burburinho, havia o prédio do *Herald*, um edifício de tijolos e arenito de oito andares que os bons cidadãos de Portland achavam horroroso quando foi construído em 1920 e continuavam achando desde então. Qualquer charme que o interior do prédio possuísse se perdeu durante uma mal concebida reforma na década de 1970, que deve ter sido a pior década para se reformar qualquer coisa. Carpetes industriais cinza, paredes brancas, tetos baixos e com lambris e luzes fluorescentes. Não fosse pelas matérias do *Herald* emolduradas nos corredores e pelas mesas extraordinariamente bagunçadas dos funcionários, poderia ser uma companhia de seguros. Quando Susan se imaginara trabalhando em um jornal, tinha fantasiado caos ininterrupto, cores e colegas falantes. O *Herald* era silencioso e formal. Se você espirrasse, todo mundo se virava para olhar.

O jornal era independente, o que significava que era um dos poucos grandes diários no país que não faziam parte de um conglomerado empresarial. Desde 1960, os donos eram uma família de barões da madeira, que o haviam comprado de outra família de barões da madeira. Os barões trouxeram um novo editor e, alguns anos depois, um ex-relações-públicas de Nova York chamado Howard Jenkins para presidir o jornal.

Desde então, o *Herald* ganhara três Pulitzers. Foi um bom negócio, pensava Susan, já que, excluindo os jornais, ser um barão da madeira já não dava tanto dinheiro.

O quinto andar era tão silencioso que Susan conseguia ouvir o bebedouro chiar. Ela correu os olhos pelo salão principal, onde fleiras de baías de paredes baixas abrigavam a equipe de notícias e matérias especiais do *Herald*. Alguns dos copidesques estavam encurvados sobre suas mesas piscando tristemente para telas de computador. Susan viu Nedda Carson, a subeditora, descendo o corredor com a habitual caneca de *chai* na mão.

— Eles estão lá dentro — disse Nedda, jogando a cabeça na direção das pequenas salas de reunião.

— Obrigada — disse Susan. Ela foi andando até a sala. Podia ver Ian Harper através da parede de vidro do lado da porta. Ele foi um dos primeiros contratados de Jenkins, vindo do *New York Times*, e era uma das estrelas do jornal. Ela bateu uma vez no vidro. Ele ergueu os olhos e acenou para que ela entrasse. A sala era pequena e pintada de branco, com uma mesa de reunião, quatro cadeiras e um pôster exortando os funcionários do *Herald* a reciclarem. Ian estava empoleirado no encosto de uma das cadeiras. Ele sempre se empoleirava daquele jeito. Susan achava que era porque a altura o fazia se sentir poderoso. Mas talvez fosse apenas mais confortável. O editor Clay Lo estava sentado do outro lado da mesa, sua cabeça massuda apoiada em uma das mãos, os óculos tortos. Por um instante, Susan achou que ele estivesse dormindo.

— Meu Deus — disse Susan. — Não me digam que vocês passaram a noite inteira aqui.

— Tivemos uma reunião às cinco — disse Ian. Ele indicou uma cadeira com a mão. — Sente-se. — Ian usava jeans preto, tênis cano alto preto e um blazer preto sobre uma blusa desbotada com John Lennon em frente à Estátua da Liberdade. A maioria das blusas de Ian tinha a intenção de mostrar que ele era de Nova York.

Clay olhou para ela e a cumprimentou com a cabeça, os olhos sonolentos. Havia um copinho de café da lanchonete do andar debaixo na frente dele. Eram as últimas gotas da cafeteira. Susan podia ver o pó na beirada do copo de papel.

Ela se sentou, tirou o bloquinho de repórter e uma caneta da bolsa, colocou-os na mesa e disse:

— E aí?

Ian suspirou e colocou os dedos nos lados da cabeça. Era um gesto que deveria indicar que ele estava pensativo, mas Susan sabia que Ian fazia aquilo para conferir se o cabelo ainda estava preso no bem amarrado rabinho-de-cavalo.

— Kristy Mathers — disse ele, massageando as têmporas com as mãos. — Catorze anos. Mora com o pai. Ele é motorista de táxi. Não sabia que ela estava desaparecida até chegar em casa na noite passada. Foi vista pela última vez quando estava voltando da escola para casa.

Susan ficara sabendo de tudo aquilo pelo noticiário da manhã.

— Ela estuda na Jefferson High — disse ela.

— Isso — disse Ian. Ele apanhou uma caneca do *Herald* que estava na sua frente, segurou-a por um instante, e então colocou-a de volta no lugar sem beber. — Três garotas. Três escolas secundárias. Eles estão mandando um destacamento policial para cada escola por questões de segurança.

— Eles têm certeza de que ela não foi encontrar um namorado, fazer compras ou

algo do gênero? — perguntou Susan.

Ian balançou a cabeça.

— Ela iria trabalhar de baby-sitter para um vizinho. Não apareceu. Não ligou. Eles estão levando a coisa bem a sério. O que você sabe sobre a Força-Tarefa Beleza Mortal?

Susan sentiu um arrepio subir pelo seu braço só de ouvir o nome da infame *serial killer*. Ela olhou de Ian para Clay e de volta para Ian.

— O que a Beleza Mortal tem a ver com isso? — perguntou ela.

— O que você sabe sobre o caso? — voltou a perguntar Ian.

— Gretchen Lowell matou um monte de gente — disse Susan. — A Força-Tarefa Beleza Mortal passou dez anos tentando pegá-la. Então ela raptou o detetive-chefe da força-tarefa. Isso foi há mais de dois anos. Ela se entregou. Do nada. Ele quase morreu. Ela foi presa. Eu voltei para a pós-graduação. — Ela se virou para Clay. — Mas eles continuaram relacionando assassinatos a ela, certo? Acho que a fizeram confessar mais uns 25 no primeiro ano em que esteve presa. A cada um ou dois meses ela admitia ter feito outra vítima. Foi uma das nossas grandes psicopatas. — Susan deu um risinho nervoso. — Grande no sentido de assustadora, brutal e astuciosa, não de maneiríssima.

Clay entrelaçou os dedos sobre a mesa e olhou para Susan sugestivamente.

— A gente pegou um pouco pesado com os policiais.

Susan assentiu.

— Eu me lembro. A imprensa detonou com eles. Tinha muita frustração e medo no ar. Algumas páginas de opinião foram muito cruéis. Mas no fim eles saíram como heróis. Teve até aquele livro, não foi? E umas mil matérias “humanas” sobre Archie Sheridan, policial-herói.

— Ele está de volta — disse Ian.

Susan se inclinou para frente.

— Como assim? Ele não estava de licença médica?

— Estava. Eles o convenceram a voltar para liderar a nova força-tarefa. O prefeito acha que ele consegue pegar esse cara.

— Como pegou Gretchen Lowell?

— Sim, mas sem a parte de quase morrer.

— E sem as páginas de opinião? — perguntou Susan.

— É aí que você entra — respondeu Ian. — A imprensa não tinha acesso da última vez. Eles acham que se nos deixarem fazer parte do processo ficaremos menos inclinados a meter o pau. Então vão nos deixar escrever sobre Sheridan.

— Por que eu? — perguntou ela com ceticismo.

Ian deu de ombros.

— Eles pediram por você especificamente. Você não estava aqui da última vez. E sabe escrever. Eles ficam menos nervosos com o seu mestrado do que com um diploma de jornalista. — Ele tocou os lados da cabeça novamente, dessa vez encontrando um pequeno fio de cabelo rebelde e passando os dedos para colocá-lo no lugar. — Eles não querem um repórter. Não querem nada investigativo. Querem algo humano. E, além disso, você estudou na Cleveland High.

— Há dez anos — apontou Susan.

— Foi lá que a primeira garota desapareceu — disse Ian. — Isso dá um

colorido especial. Além do mais, você escreve matérias especiais muito bem. É ótima nesse lance de séries. Tem jeito pra coisa. Jenkins está convencido de que é a nossa chance de outro Pulitzer.

— Eu escrevo artigos engraçadinhos sobre vítimas de incêndio e resgates de bichinhos de estimação.

— Você vem querendo fazer alguma coisa séria.

Será que ela deveria contar para eles? Susan ficou batendo com a caneta no bloco de anotações por um instante e então a colocou cuidadosamente na mesa.

— Eu meio que estou investigando aquele caso do senador Castle.

Foi como se ela tivesse começado a se masturbar bem ali na mesa. Houve um momento de total inércia. Então Clay se levantou devagar. Ele olhou para Ian, que estava empoleirado em cima do encosto, mãos nos joelhos, costas eretas.

— São só boatos — disse Ian. — Só isso. Molly Palmer tinha um monte de problemas psicológicos. Não vai dar em nada. É uma tentativa de difamação. Acredite em mim. Não vale o seu tempo. E não é sua área.

— Ela tinha 14 anos — disse Susan.

Ian pegou sua caneca, mas não bebeu.

— Você conversou com ela?

Susan se afundou um centímetro na cadeira.

— Não consigo achá-la.

Ian soltou um risinho de superioridade e colocou a caneca de volta na mesa.

— Porque ela não quer ser achada. Ela tem várias passagens pelo reformatório. Várias passagens por clínicas de reabilitação. Você acha que eu não investiguei isso assim que cheguei à cidade? Ela tem problemas. Estava no ginásio, mentiu para algumas amigas e a mentira virou uma bola de neve. Ponto final. — Ele franziu o cenho. — Então, você quer a matéria dos sonhos da força-tarefa contra o *serial killer* ou prefere que eu a passe para o Derek?

Susan se encolheu. Derek Rogers tinha sido contratado na mesma época que ela, e vinha sendo preparado para cobrir crimes. Ela cruzou os braços e considerou a bastante atraente possibilidade de não ter que escrever mais matérias sobre cachorros policiais. Mas hesitou. Aquilo era importante. Era uma questão de vida ou morte. E, embora jamais fosse admitir para as pessoas naquela sala, levava a coisa muito a sério. Queria a matéria. Só não queria ser a responsável por ferrar com ela.

— Estamos pensando em quatro partes — prosseguiu Ian. — Cada matéria vai ter chamada de capa. Você segue Archie Sheridan. É só o que vai cobrir. Se quiser.

A primeira página.

— É por que eu sou uma garota, não é?

— Uma flor delicada.

Ian ganhara um Pulitzer na época em que trabalhava no *Times*. Tinha deixado Susan pegar o prêmio nas mãos uma vez. Sentada lá, ela praticamente conseguia sentir o peso do medalhão.

— Sim — disse ela, o coração disparando. — Eu quero.

Ian sorriu. Ficava bonito quando sorria, e sabia disso.

— Ótimo.

— E então? — disse Susan, fechando o bloco de anotações enquanto se preparava para levantar. — Onde eu o encontro?

— Vou levar você às três — disse Ian. — Vai ter uma entrevista coletiva.
Susan se deteve. Agora que tinha se comprometido, estava louca para começar.
— Mas eu tenho que vê-lo em ação.

— Ele quer um tempo para se organizar. — A expressão dele não dava margem para discussão.

Metade de um dia. Isso era uma eternidade em um caso de desaparecimento.

— E o que eu vou fazer até lá? — perguntou Susan.

— Termine o que estiver pendente — respondeu Ian. — E aprenda tudo o que puder. — Ele pegou o telefone manchado de tinta de jornal que estava na mesa e pressionou alguns botões.

— Derek? — falou. — Você pode vir aqui?

Derek Rogers levou cerca de um nanossegundo para aparecer na porta da sala de reuniões. Tinha a idade de Susan, o que ela, em seus momentos de reflexão, admitia trazer à tona seus instintos competitivos. Tinha feito faculdade em Dakota do Sul graças a uma bolsa como jogador de futebol americano e escolhera jornalismo esportivo depois que uma lesão o afastou do time. Agora, dividia o tempo entre a editoria policial e a de cidade do *Herald*. Ainda parecia um atleta, com o queixo quadrado, o corpo bem definido e aquele jeito de andar com as pernas meio abertas, como um caubói. Susan tinha a impressão de que ele secava o cabelo com secador. Mas não estava usando o paletó naquele dia, e seus olhos estavam sonolentos. Talvez, pensou Susan, levasse uma vida mais interessante do que ela imaginava. Ele sorriu para ela, tentando chamar a atenção. Sempre fazia aquilo. Susan continuou evasiva.

Derek estava carregando um projetor, um laptop e uma caixa de *donuts*. Ele fez a caixa deslizar pela mesa e a abriu. Um aroma doce enjoativo encheu a sala.

— São do Krispy Kream — disse ele. — Fui de carro até Beaverton.

Uma garota estava desaparecida, e Derek comprando *donuts*. Que maravilha. Susan olhou para Clay. Porém, ele não começou a passar um sermão sobre a gravidade da situação. Pegou dois *donuts* e mordeu um.

— Eles são melhores quando estão frescos — anunciou.

Ian pegou um bolinho de maçã.

— Você não quer um? — perguntou ele para Susan.

Susan queria. Mas não estava interessada em encher a bola de Derek.

— Não, obrigada — respondeu.

Derek começou a mexer no equipamento.

— Vou montar as coisas — disse ele. Abriu o laptop, ligou o projetor e um quadrado colorido apareceu na parede branca. Susan ficou olhando o borrão entrar em foco, revelando a página título de um PowerPoint. Em um fundo vermelho-sangue, lia-se em uma fonte de Halloween: O Assassino de Colegiais.

— O Assassino de Colegiais? — perguntou Clay, incrédulo, com pedaços brancos de cobertura de *donut* grudados nos cantos da boca. Sua voz estava gorda de açúcar.

Derek baixou os olhos, encabulado.

— Ainda estou trabalhando em um nome.

— Muito literal — disse Clay. — Precisamos de algo empolgante.

— O Estrangulador do Willamette? — sugeriu Derek.

Ian deu de ombros.

— Um pouco derivativo.

— É uma pena que ele não coma as vítimas — disse Clay secamente. — Se comesse, poderíamos inventar algo brilhante.

— Então, há quanto tempo a terceira garota está desaparecida? — perguntou Susan.

Derek pigarreou.

— Ah, é. Desculpe. — Ele encarou o grupo com um ar de autoridade, punhos na mesa. — Vamos começar com Lee Robinson, da Cleveland High. Ela desapareceu em outubro. Tinha um ensaio com um coro de jazz depois da escola. Quando terminou, saiu do ginásio onde ensaiava e disse a alguns amigos que iria andando para casa. Lee morava a dez quadras de lá.

Susan abriu o bloco de anotações.

— Era noite? — perguntou.

— Não — respondeu Derek. — Mas quase. Lee nunca chegou em casa. Quando estava cerca de uma hora atrasada para o jantar, a mãe começou a ligar para as amigas dela. E então, às 21h30, ligou para a polícia. Ainda não estavam pensando no pior.

Derek pressionou uma tecla em seu laptop e a página título se dissolveu, mostrando a imagem de uma matéria do *Herald* escaneada.

— Essa foi a nossa primeira matéria, na capa do caderno de Cidade, 29 de outubro, 48 horas depois do desaparecimento de Lee. — Susan sentiu um choque de tristeza ao ver a foto escolar sorridente da garota: cabelo liso e castanho, blusão do coro de jazz, espinhas, sombra azul e *gloss*. Derek prosseguiu: — Os policiais pediram que qualquer pessoa que tivesse informações ligasse para o disque-denúncia. Receberam mais de mil chamadas. Nenhuma deu em nada.

— Tem certeza que não quer um bolinho de maçã? — perguntou Ian a Susan.

— Tenho — respondeu ela.

Derek pressionou outra tecla. A matéria se dissolveu revelando outro slide, uma imagem da primeira página.

— A matéria de 1º de novembro foi de primeira página. Garota desaparecida.

Lá estava a foto escolar novamente, junto com uma da mãe, do pai e do irmão de Lee em uma vigília no bairro.

— Tivemos mais duas matérias depois dessa, sem muita novidade — falou Derek. Outro slide. Este era datado de 7 de novembro, outra manchete de primeira página: “Garota Desaparecida Encontrada Morta.” — Um voluntário de busca e salvamento a encontrou no lamaçal da orla de Ross Island. Ela havia sido estuprada e estrangulada até a morte. O legista estimou que ela estava há uma semana no lamaçal.

Daí o *Herald* publicou uma matéria por dia durante uma semana: boatos, indícios, vizinhos recordando como Lee era adorável, colegas de classe fazendo vigília, serviços religiosos, um fundo de recompensa cada vez mais vultoso por informações que levassem ao assassino.

— No dia 2 de fevereiro, Dana Stamp terminou um ensaio da equipe de dança da Lincoln High — falou Derek. — Ela tomou um banho, se despediu dos amigos e foi andando até seu carro, que estava no estacionamento dos estudantes. Nunca chegou em casa. A mãe dela, uma corretora imobiliária, estava mostrando uma casa na região leste e só chegou em casa depois das nove. Ela ligou para a polícia pouco depois da meia-noite. — Slide. Outra Garota Desaparecida, gritava a primeira página da edição de 3 de

fevereiro do *Herald*.

Outra foto escolar. Susan inclinou o corpo um pouco para frente e examinou a garota na parede. A semelhança era surpreendente. Dana não usava aparelho nem tinha espinhas, então, à primeira vista, parecia mais bonita do que Lee; porém, se você olhasse com atenção, elas poderiam ter sido parentes. Dana era a garota que Lee iria se tornar assim que tirasse o aparelho e as espinhas sumissem. Tinha o mesmo rosto oval, olhos grandes, nariz pequeno e comum e cabelos castanhos. Ambas eram magras, com os seios começando a surgir timidamente. Dana estava sorrindo na fotografia. Lee, não.

Susan tinha acompanhado a história. Não dava para evitá-la vivendo em Portland. À medida que os dias passavam sem nenhuma pista do paradeiro de Dana, elas se fundiram em uma só garota: DanaLee. Um mantra grave repetido sem parar pelos canais de notícias locais, a despeito do que estivesse acontecendo nacional ou internacionalmente. O máximo que a polícia dizia publicamente era que estavam considerando a possibilidade de os dois casos estarem relacionados, mas na cabeça de todas as pessoas não havia dúvida. As fotos escolares das duas sempre apareciam lado a lado. Eram referidas como “As Garotas”.

Derek olhou dramaticamente de um em um.

— Um canoíero encontrou o corpo parcialmente escondido pela vegetação na margem do Esplanade no dia 14 de fevereiro. Que beleza, né? Ela havia sido estuprada e estrangulada até a morte.

O slide dissolveu mostrando o jornal daquele dia: 8 de março. “Terceira Garota Desaparece: Prefeitura Reativa Força-Tarefa Beleza Mortal.” Derek resumiu:

— Kristy Mathers saiu da escola ontem às 18h15 depois do ensaio de uma peça. Deveria ter ido direto para casa de bicicleta. O pai dela é taxista. Trabalha à noite. Passou em casa por volta das 20h, sem conseguir falar com ela por telefone. Ligou para a polícia às 20h30. Ela ainda está desaparecida.

Susan examinou a fotografia da garota. Era mais gordinha do que Dana e Lee, mas tinha o mesmo cabelo castanho e olhos grandes. Olhou para o relógio redondo e branco que zumbia sobre a porta na parede oposta. O ponteiro preto dos minutos saltou para frente. Eram quase seis e meia. Kristy Mathers estava desaparecida há 12 horas. Um arrepio gélido envolveu a espinha de Susan enquanto ela percebia que provavelmente não haveria um reencontro feliz no fim daquela história.

Ian se voltou para Susan.

— A sua matéria é sobre Archie Sheridan. Não sobre as garotas. As garotas são... — Ele passou a mão pelo cabelo até o rabo-de-cavalo. — Pano de fundo. Escreva isso direito e sua carreira está feita.

Derek parecia confuso.

— Como assim? Você disse que a história era minha. Passei metade da noite em claro trabalhando nesta apresentação.

— Mudança de planos — disse Ian. Ele lançou um de seus sorrisos bonitos para Derek. — Mas o PowerPoint ficou ótimo.

A testa inteira de Derek se contraiu.

— Relaxe — disse Ian com um suspiro. — Você pode atualizar o site. Estamos montando um blog.

Duas bolinhas vermelhas perfeitas apareceram nas bochechas de Derek e Susan pôde ver sua mandíbula se retesar. Ele olhou de Ian para Clay. Clay se ocupou com

outro *donut*. Ele olhou com malícia para Susan. Susan deu de ombros e abriu um meio-sorriso. Ela podia.

— Ok — falou Derek assentindo resignadamente. Fechou o laptop e começou a enrolar o cabo dele na mão. Então se interrompeu, o cabo um nó apertado em volta do punho cerrado. — O Estrangulador das Escolas — disse. Todos olharam para ele. Ele sorriu, feliz consigo mesmo. — Como nome. Acabei de pensar nele.

Ian olhou para Clay, a cabeça inclinada interrogativamente.

Não, pensou Susan. Não deixe esse imbecil dar o nome do assassino. Não Derek, o Caretão.

Clay assentiu algumas vezes.

— O Estrangulador das Escolas. — Ele deu uma risadinha alegre. — É cafona. Mas eu gosto. O riso foi sumindo e ele ficou completamente parado por um instante. Então pigarreou. — Alguém deveria escrever um obituário — disse baixinho. — Por via das dúvidas.

Clay apanhou o copo de café frio e olhou para dentro dele de um jeito taciturno. Derek olhou para as próprias mãos. Ian mexeu no rabo-de-cavalo. Susan ergueu os olhos para o relógio. O ponteiro saltou para o próximo minuto. O som dele ecoou na sala pequena e repentinamente silenciosa.

Archie contou os comprimidos de Vicodin. Treze. Colocou duas das pílulas ovais brancas sobre o tanque da privada e aninhou as outras 11 no porta-remédios de bronze, acolchoando-as cuidadosamente com algodão para que não fizessem barulho. Então colocou o porta-remédios no bolso do blazer. Treze Vicodin extrafortes. Era para ser o suficiente. Ele suspirou e tirou o porta-remédios do bolso, contou outros cinco comprimidos do frasco de plástico âmbar, acrescentou-os ao porta-remédios e o guardou de volta. Dezoito comprimidos de Vicodin. Dez miligramas de codeína e 750 miligramas de acetaminofeno em cada dose. A dosagem máxima de acetaminofeno tolerada pelos rins humanos era de 4 mil miligramas em 24 horas. Archie já tinha feito as contas. Dava 5,33 comprimidos por dia. Nem de perto o bastante. Então ele começou a jogar com o vício. Permitiria a si mesmo tomar um a mais a cada alguns dias. Quando chegasse a 25, se forçaria a parar, partiria os comprimidos em dois e voltaria à dose recomendada de quatro ou cinco por dia. Então aumentaria a dose de novo. Era um jogo. Todo mundo tinha a sua vez. Vicodin para a dor. Xanax para os ataques de pânico. Zantac para o estômago. Ambien para dormir. Todos no porta-remédios.

Ele passou os dedos pelo contorno do queixo. Nunca tinha sido muito bom em fazer a barba, mas ultimamente aquilo havia se tornado quase perigoso. Puxou um pedacinho de toalha de papel que estava grudado em um talho. Ele saiu, mas a ferida começou a sangrar de novo na mesma hora. Jogou um pouco de água fria no rosto, arrancou outro pedaço de papel toalha do rolo, pressionou-o contra o queixo e se olhou no espelho. Archie nunca fora capaz de avaliar a própria aparência. Seus dons eram avaliar a aparência dos outros; empatia, boa memória e uma determinação obsessiva e tenaz que o forçava a considerar todas as probabilidades até que, como uma ferida descascada, a verdade aparecesse. Raras vezes havia se preocupado, no decorrer da sua estranha carreira de detetive de homicídios, em prestar atenção em como parecia às outras pessoas. Agora, procurava por detalhes em sua própria imagem. Tinha olhos tristes e negros. Já eram assim bem antes de ouvir falar de Gretchen Lowell, bem antes de se tornar policial. Seu avô, um padre excomungado, fugira da Irlanda do Norte, e Archie tinha os olhos dele: saudosos de casa, independentemente de quantas pessoas houvesse à sua volta. Sempre tivera olhos tristes, mas era como se nos últimos anos seus outros traços tivessem se retraído, de modo que se sobressaíam. Tinha o queixo forte da família da mãe, um nariz que quebrara em um acidente de carro e bochechas que faziam covinhas quando ele se permitia um sorriso de um lado só. Não era bonito. Mas também não era feio, se você gostasse do tipo depressivo, de aparência comum. Ele sorriu para a própria imagem e se envergonhou imediatamente do resultado. A quem ele estava enganando? Porém, estava disposto a se esforçar. Tentou baixar o topete na frente da cabeleira

castanha e encaracolada e alisar as sobrancelhas. Usava um blazer de veludo côtele castanho-amarelado ridiculamente professoral e uma gravata marrom e prateada comprada pela sua ex-mulher, que ele sabia ter bom gosto só porque ouvia as outras pessoas falarem. O blazer, que no passado servira perfeitamente, agora estava folgado demais nos ombros. Mas as meias estavam limpas. Ele parecia, pelo menos para si mesmo, quase normal. Fazia dois anos que não se sentia descansado. Tinha quarenta, mas parecia no mínimo cinco anos mais velho. Estava lutando e perdendo uma batalha contra os remédios. Não suportava tocar os filhos. E parecia quase normal. Sim. Iria conseguir. Era um policial, lembrou a si mesmo. *Sei mentir que é uma beleza.* Ele arrancou a toalha de papel do rosto e o atirou no lixo debaixo da pia. Então agarrou os dois lados da pia e examinou seu reflexo. Mal dava para notar o talho. Ele sorriu. Ergueu as sobrancelhas grossas. *Olá! Que bom rever você! É isso aí! Alto astral! Tudo em cima!* Suspirou e deixou o rosto voltar para a expressão natural de desânimo, então pegou distraidamente os dois comprimidos de cima do tanque da privada e os engoliu sem água. Eram seis e meia da manhã. Mais de 12 horas haviam se passado desde o desaparecimento de Kristy Mathers.

Os oficiais da nova força-tarefa estavam em um prédio que antes era de um banco e que a prefeitura arrendara há alguns meses como escritório temporário. O edifício de tijolos de cimento era um retângulo de um andar, com poucas janelas e totalmente cercado por estacionamentos. O caixa eletrônico *drive-thru* ainda estava funcionando.

Archie olhou para o relógio: quase sete.

Passar a noite indo de porta em porta só serviu para deixar os moradores assustados e cansados. Henry deixou Archie em casa às três da manhã com o endereço do escritório da nova força-tarefa.

— Durma bem — tinha dito Henry. E os dois riram.

Agora Archie estava do outro lado da rua, com as mãos enfiadas fundo nos bolsos, examinando o espetáculo. Um táxi o deixara lá — uma concessão feita por conta dos remédios. Era um viciado, mas um viciado responsável. Um sorriso passou pelos seus lábios. Uma. Porra. De um banco. Já havia três vans dos noticiários locais no estacionamento que cercava o prédio. “Todas as Notícias que Você Precisa Saber”, dizia o slogan em uma delas. Nenhum canal de notícias de rede ainda, ele notou. Porém, se estivesse certo, seria apenas uma questão de tempo. Ele ficou olhando os repórteres, enfiados em casacos absurdamente quentes e impermeáveis, conversarem com seus cinegrafistas barbudos. Eles corriam para frente cheios de esperança sempre que um carro estacionava e então voltavam para seus cigarros e garrafas térmicas de café quando viam quem o ocupava. Archie percebeu que estavam esperando por ele. Não estavam interessados nas garotas. Nem na força-tarefa. Nem, com toda a certeza, em uma matéria. Queriam ele. A Última Vítima da Beleza Mortal. Os ossos dos seus dedos ficaram frios. Ele passou uma das mãos no cabelo e notou que ele estava molhado. Passara dez minutos parado na chuva fraca. *Você vai ter a sua morte*, ele pensou. As palavras não estavam na sua voz, mas na dela. Melodiosa. Atiçadora. *Você vai ter a sua morte, querido.* Ele respirou fundo, a empurrou para longe de sua mente por um instante, e começou a andar em direção ao seu novo escritório.

A multidão de repórteres se enxameou em volta dele assim que seus sapatos

tocaram o concreto molhado do estacionamento. Ele ignorou as perguntas e as câmeras e atravessou o mais rápido que pôde o corredor polonês, os ombros encurvados contra a chuva. “Qual é a sensação de estar de volta?” “Como está a sua saúde?” “Você tem mantido contato com Gretchen Lowell?” Não se distraía, ele disse a si mesmo. Passou os dedos pelo porta-remédios no bolso, retirando conforto de sua presença. Siga adiante.

Ele mostrou o distintivo para o segurança na porta e deslizou para dentro, deixando os repórteres encurralados para trás. O banco estava cheio de gente — limpando, destruindo o velho balcão de atendimento, trocando móveis de lugar. O pó das paredes de compensado derrubadas e o zumbido de ferramentas elétricas deixavam o ar espesso. As partículas queimavam os olhos de Archie enquanto ele corria os olhos pela sala. Henry estava parado logo em frente à porta, esperando por ele. Tinha ensinado a Archie as manhas quando ele se tornou detetive e vinha cuidando dele desde então. Sendo um homem grande, com uma careca reluzente e bigode grisalho grosso, quando queria, Henry impunha respeito. Mas o sorriso enrugado e os olhos azuis bondosos entregavam sua natureza mais terna. Henry sabia dessas duas facetas e se aproveitava delas. Naquele dia, estava vestindo uma blusa de gola rulê preta, jaqueta de couro preto e jeans preto. Usava um cinto de couro preto trabalhado à mão com fivela de prata e turquesa. Era um conjunto que Henry repetia sem grandes variações.

Henry estava limpando atentamente pó branco da calça preta quando viu Archie.

— Conseguiu passar pelos urubus locais? — perguntou ele alegremente.

Archie tinha sido objeto de uma atenção muito mais voraz por parte da imprensa e Henry sabia disso.

— Aquilo não é nada.

— Disso você entende — concordou Henry. — Está preparado?

— O máximo possível — Archie olhou em volta. — Isso aqui é um banco.

— Espero que não seja alérgico a pó de asbesto.

— Isso não lhe parece estranho? — perguntou Archie.

— Sempre gostei de bancos — disse Henry. — Eles me lembram dinheiro.

— Estão todos aqui?

— Amontoados no cofre esperando por você.

— No cofre?

— Brincadeira — disse Henry. — Tem uma sala de repouso. Com microondas.

E frigar.

— É claro. Já que é um banco. Como está o astral?

— Como se eles estivessem prestes a ver um fantasma — disse Henry.

Archie balançou os dedos para o amigo.

— Bu.

Uma pia, o frigar e um balcão com armários dominavam uma das paredes da sala de repouso. Várias mesinhas quadradas tinham sido juntadas para improvisar uma mesa de reunião. Os nove detetives estavam sentados ou em pé em volta delas, muitos com canecas de café. A conversa parou no ato quando Archie entrou.

— Bom-dia — disse ele. Correu os olhos pelo grupo. Havia trabalhado com cinco deles, incluindo Henry, na Força-Tarefa Beleza Mortal. Dois eram novos. — Eu sou Archie Sheridan — disse ele com uma voz forte. Todos sabiam quem ele era. Até os dois que ele não conhecia. Mas aquilo serviu de ponto de partida para Archie.

As novas aquisições eram Mike Flannigan e Jeff Heil. Os dois de altura e

constituição mediana, um moreno e o outro loiro, e, na mesma hora, Archie os apelidou mentalmente de Hardy Boys.² Os outros cinco eram Claire Masland, Martin Ngyun, Greg Fremont, Anne Boyd e Josh Levy. Ele havia trabalhado com alguns daqueles detetives por anos a fio, dia e noite, e, com exceção de Henry, não via nenhum deles desde que recebera alta do hospital. Não quisera ver nenhum deles. Agora o olhavam com uma mistura de carinho e ansiedade. Archie se sentiu mal por eles. Sempre se sentia mal pelas pessoas que sabiam pelo que ele havia passado. Aquilo o constrangia. Sabia que era dever dele deixá-los à vontade, para que trabalhassem bem para ele, sem distrações, sem compaixão. Sabia que a melhor tática era agir como se nada tivesse acontecido, como se o tempo não tivesse passado. De volta ao trabalho e pronto. Sem discursos emotivos. Mostrar que estava em ponto de bala, sob controle.

— Claire — disse ele, girando o corpo para encarar a pequena detetive. — Qual é a situação de segurança nas outras escolas?

O restante da equipe tinha sido trazido naquela manhã. Porém, Claire e Henry estavam trabalhando no caso desde o início.

Claire se empertigou um pouco na cadeira, surpresa, mas feliz em ser colocada no centro das atenções, como Archie sabia que ela ficaria.

— As atividades extraclasse foram canceladas até segunda ordem. Temos quatro policiais em cada escola e seis unidades patrulhando os arredores delas entre as 17 e 19 horas, o horário em que ele costuma pegá-las. As escolas estão tendo reuniões de segurança hoje. E mandando cartas para os pais sugerindo que não deixem as filhas irem para a escola ou voltarem para casa andando ou de bicicleta.

— Ótimo — disse ele. — Busca e resgate?

Martin Ngyun se inclinou para frente. Estava usando um boné dos Portland Trail Blazers. Archie não se lembrava de vê-lo sem ele.

— Acabei de receber novas informações. A busca de ontem à noite não deu em nada. Temos quase cinquenta pessoas e dez cães fazendo uma busca diurna em um raio de 2,5 quilômetros quadrados em volta da casa dela. Além de cem voluntários. Nada ainda.

— Quero a estrada perto da Jefferson bloqueada entre as 17 e 19 horas. Parem todos os carros. Perguntem se as pessoas viram alguma coisa. Se vão passar por lá hoje, provavelmente pegaram o mesmo trajeto ontem. Lee Robinson tinha um celular, não tinha? Quero o registro de chamadas dela e o registro de e-mails de todas as garotas na minha mesa. — Ele se virou para Anne Boyd. Ela tinha sido a terceira *profiler* que o FBI mandara para trabalhar no caso Beleza Mortal, e a única que não era uma babaca insuportável. Archie sempre gostou de Anne, mas não respondera às cartas que ela enviara espaçadamente no decorrer dos últimos dois anos. — Quando teremos um perfil?

Anne terminou uma lata de Diet Coke e a colocou na mesa, onde ela fez um barulho metálico. Estava com um penteado afro da última vez em que Archie a vira. Agora, o cabelo preto estava armado em milhares de trancinhas. Elas balançaram quando Anne inclinou a cabeça.

— Vinte e quatro horas. No máximo.

— Algum esboço?

— Homem, de trinta a cinquenta anos. Além do óbvio.

— Que é?

— Ele se esforça para devolver as vítimas. — Ela encolheu os ombros gorduchos. — Fica arrependido.

— Então estamos procurando um homem entre trinta e cinquenta anos arrependido do que faz — resumiu Archie. *Parece familiar?* — Se ele se arrepende — teorizou em voz alta para Anne —, é vulnerável, certo?

— Ele sabe que o que fez é errado. Talvez seja possível intimidá-lo, sim.

Archie se inclinou para frente sobre a mesa, apoiando-se nos braços, e encarou o grupo. Eles o observaram com expectativa. Ele percebia que muitos dos presentes tinham passado a noite em claro, trabalhando no caso. Cada minuto que passasse minaria aos poucos o moral deles. Dormiriam menos, comeriam menos, preocupariam-se mais. A equipe dele. Responsabilidade dele. Archie não era um bom chefe. Sabia disso. Colocava as pessoas que trabalhavam com ele acima das pessoas para as quais trabalhava. Isso fazia dele um bom líder. Enquanto estivesse mostrando resultados, os manda-chuvas fariam vista grossa quanto à parte administrativa. Tinha passado dez anos trabalhando na Força-Tarefa Beleza Mortal, quatro deles no comando, antes de pegar Gretchen Lowell. Sentira o fio do machado no pescoço durante todo o tempo que ocupara o cargo. Tinha provado que era bom e quase morrido durante o processo. E, por causa disso, possuía a tênue confiança das pessoas naquela sala. Isso o fez odiar ainda mais o anúncio que tinha que fazer.

— Antes de prosseguirmos, tenho que avisá-los de que uma jornalista do *Herald*, Susan Ward, ficará me seguindo.

Os corpos se retesaram.

— Eu sei — suspirou Archie. — É atípico. Mas tenho que fazer isso e vocês vão ter que acreditar em mim quando eu digo que tenho um bom motivo. Vocês estão livres para cooperar até onde se sentirem confortáveis. — Olhando pela sala, perguntou-se no que eles estariam pensando. Que ele estava atrás de fama? Atrás de uma promoção? Uma exclusiva em troca de silêncio sobre alguma informação prejudicial? *Nem perto disso*, pensou Archie. — Alguma pergunta ou pulga atrás da orelha? — perguntou.

Seis mãos se levantaram.

2 The Hardy Boys: antiga série de livros infanto-juvenis americanos, cujos personagens principais, Frank e Joe Hardy, um moreno e outro loiro, eram detetives mirins. (N. do T.)

— Fale-me sobre Archie Sheridan — disse Susan. Estavam no meio da tarde e ela havia terminado de ler a pasta de material de pesquisa que Derek tinha tirado do arquivo do *Herald* e entregado para ela com um bolinho de maçã enrolado em papel-alumínio. Ele estava tentando ser engraçado? Agora ela estava sentada na ponta da mesa de Quentin Parker, com um bloco de anotações na mão.

Parker era o repórter policial. Era calvo, gordo e fazia pouco de diplomas de jornalismo, quanto mais de mestrados. Era da velha guarda. Beligerante. Condescendente. Provavelmente alcoólatra. Mas era inteligente e Susan gostava dele.

Parker recostou na sua cadeira de escritório, agarrando os braços dela com as mãos fortes. Ele sorriu.

— Por que demorou tanto?

— Eles te contaram sobre minha série vencedora do Pulitzer?

Ele riu com desdém.

— Eles te contaram que foi a sua boceta que ganhou essa matéria?

Ela sorriu com doçura.

— Minha boceta é minha mais incansável defensora.

Parker gargalhou e olhou para ela com carinho.

— Tem certeza de que você não é minha filha?

— Sua filha tem cabelo rosa?

Ele sacudiu a cabeça fazendo sua papada balançar.

— Só por cima do meu cadáver. — Olhou em volta da redação, para as fileiras de pessoas olhando para telas de computador ou falando ao telefone. — Olhe só para esse lugar — disse ele fazendo uma careta triste para o ambiente silencioso e sóbrio, todo carpetes e baías. — É como trabalhar na porra de um escritório.

— Venha — suspirou ele, esforçando-se para se endireitar e sair da cadeira. — Vou comprar um sanduíche horroroso pra você na lanchonete e a gente brinca de repórter.

A lanchonete ficava no subsolo do prédio. A comida era a típica gororoba de empresa: bandejas sob lâmpadas de aquecimento, saladas de alface congeladas, batatas assadas murchas. Uma parede de máquinas de venda automática de aço e vidro que provavelmente estavam no prédio há trinta anos oferecia maçãs vermelhas do tamanho de tangerinas, sanduíches em forma de triângulo, fatias de torta e bananas um pouco machucadas. Parker comprou dois sanduíches de presunto e queijo de uma das máquinas e entregou um a Susan.

Uma vez que a comida era horrível, a maioria dos funcionários do jornal nem se importava em ir à lanchonete, quanto mais sentar lá para aproveitar o ambiente, então

Parker e Susan não tiveram dificuldade para encontrar uma mesa de fórmica bege vaga.

O fedor de cigarro velho circundava Parker como uma aura. Sempre parecia que ele tinha acabado de voltar de uma pausa para o cigarro, embora Susan nunca o tivesse visto saindo da mesa. Ele deu uma mordida generosa no sanduíche e limpou um pouco de maionese do queixo com as costas da mão.

— Então diga — falou ele.

Susan abriu o bloco de anotações e deu um sorriso estonteante.

— Susan Ward — ronronou. — *Oregon Herald*. O senhor se importa se eu fizer algumas perguntas?

— De modo algum. É um ótimo jornal. Um ótimo jornal.

— Detetive Archie Sheridan. Ele estava na Força-Tarefa Beleza Mortal desde o início, certo? E ele e o parceiro investigaram o primeiro corpo?

Parker assentiu, seu queixo se multiplicando ao fazê-lo.

— Isso. Fazia algumas semanas que ele era policial de homicídios. O parceiro era Henry Sobol. Foi o primeiro caso de Sheridan. Dá pra imaginar uma porra dessas? Um *serial killer* no primeiro caso. Sortudo de merda. É claro que àquela altura ele ainda não sabia. Era só uma puta morta. Um *jogger* a encontrou no Forest Park. Nua. Torturada. Era uma coisa doentia. Inofensivo se comparado com o que estava por vir, mas doentio o bastante para atrair alguma atenção. Em se tratando de uma puta. Isso foi em 1994. Maio.

Susan conferiu suas anotações.

— Então eles encontraram outros corpos, no decorrer daquele verão, certo? Em Idaho e Washington?

— Certo. Teve aquele garoto em Boise. Dez anos de idade. Desapareceu, depois o acharam morto em uma vala. Um velho em Olympia foi encontrado assassinado no próprio quintal dos fundos. Então teve uma garçõete em Salem. Alguém atirou o corpo dela de um carro em movimento na auto-estrada. Causou um engavetamento de quatro carros que atrasou o tráfego por horas. A população ficou puta da vida.

— E Sheridan reconheceu a assinatura, não foi? Marcas no tórax?

— É. Foi assim que nós chamamos na imprensa. “Marcas no tórax.” — Ele se inclinou para frente, sua vasta circunferência avolumando-se contra a mesa. — Sabe o que é uma faca X-Acto? Aquela que parece uma caneta com uma lâmina na ponta?

Susan assentiu.

— Todos eles foram retalhados com uma dessas. Todos, sem falta. Lesões muito específicas infligidas enquanto os idiotas ainda estavam vivos.

— Específicas como?

— Ela assinava o trabalho. Gravava um coração em cada um deles. Havia muitos outros ferimentos no tórax, então os corações eram meio difíceis de achar, tipo uma agulha no palheiro. Alguém acabaria achando um dia. Mas Sheridan percebeu antes do que a maioria. Era o primeiro caso dele, sua puta morta. Garanto a você que não era grande prioridade para o esquadrão. Quero dizer, eles nem conseguiam achar uma família para reclamar o corpo. Tinha fugido de um orfanato. Mas Sheridan não quis largar de mão. E quando os homens do poder perceberam que tinham um *serial killer* nas mãos que estava torturando e matando contribuintes a esmo, eles formaram uma força-tarefa mais rápido do que você pode dizer “noticiário da noite”. — Ele deu outra

mordida no sanduíche, mastigou duas vezes e voltou a falar. — Você tem que entender que ela deixou os investigadores perdidosinhos. Nós já entendemos algumas coisas sobre *serial killers*. Gretchen Lowell não se enquadrava. O perfil das vítimas era uma bagunça. Ela mantinha o padrão dos ferimentos nos tóraxes; eles eram cortados, esfaqueados, talhados e, às vezes, queimados. Mas havia também um menu chinês inteiro de outras merdas psicóticas. Às vezes, fazia as vítimas beberem diabo verde. Outras vezes, dissecava os corpos. Arrancava os baços. Tirava os apêndices. As línguas. Alguns eram basicamente fatiados. E, além disso, tinha cúmplices. E era mulher. — Ele engoliu o bocado e largou o sanduíche na mesa. — Você não está comendo — disse.

Susan parou de escrever e olhou com ceticismo para o sanduíche envolvido em filme de PVC. Estava um pouco enjoada e o sanduíche estava largado ali, como algo que já estava morto há algum tempo. Ela olhou para Parker. Ele ergueu as sobrancelhas, na expectativa. Ela o desembrolhou e deu uma mordidinha em um canto. Era presunto, mas tinha gosto de peixe. Parker pareceu ficar satisfeito. Ela largou o sanduíche e prosseguiu com as perguntas.

— Então, conte-me sobre os cúmplices. Eram todos homens, certo?

— Pobres-diabos. Eles acham que ela encontrou a maioria deles através de anúncios pessoais de jornal, ou, mais tarde, em sites de encontro na Internet. Usava informações falsas para se registrar nos sites e então saía procurando alvos. Aparentemente, tinha uma queda por homens que pudesse manipular. Ela os isolava dos amigos. Encontrava a fraqueza deles. E os dobrava até quebrarem. — Ele sorriu com maldade e uma pequena gota de maionese jorrou do canto da sua boca. — Ela tem muito em comum com a minha mulher, na verdade.

— Namorei um cara uma vez que tinha conhecido a ex-mulher através de anúncio pessoal. Um dia, ela esvaziou a conta deles no banco e se mudou para o Canadá enquanto ele estava no trabalho.

— Pra você ver — disse Parker sorrindo e limpando a boca com um guardanapo. — Nem sempre dá certo, não é mesmo?

— O que você achou da força-tarefa na época? De como ela foi conduzida? Você escreveu um monte daquelas matérias.

Parker fez um gesto de desdém com a mão.

— Houve muita politicagem. Muita pressão das famílias, da mídia e dos políticos. Não via tanta punhalada pelas costas desde que minhas filhas eram adolescentes. O FBI mandou três *profilers* diferentes. E eles tiveram três líderes antes de finalmente darem a força-tarefa para Sheridan. O trabalho exauria os detetives depois de alguns anos; quero dizer, eles perseguiam pistas o dia inteiro, todos os dias, e não chegavam a lugar nenhum. Tinham um banco de dados com algo em torno de 10 mil palpites individuais. O perfil que o FBI deu a eles estava todo errado. Em um ano havia 48 policiais trabalhando no caso; então, um ano se passava sem novas vítimas e a opinião pública ficava puta com o fato de eles não surgirem com nada e de como o dinheiro dos impostos estava sendo jogado fora; assim, no ano seguinte, a força-tarefa ficava reduzida a três sujeitos. Outro corpo surgia e a coisa voltava a crescer. Sheridan foi o único policial que ficou todos os dez anos na força-tarefa. Ele foi o único que nunca pediu para ser transferido.

Ela havia parado de escrever no bloco de anotações.

— Você o conhece?

— Claro.

— Do jeito “deixe-me fazer umas perguntas enquanto você foge de mim pelo corredor” ou do jeito “vamos tomar uns drinques e conversar sobre isso”?

— Do primeiro. Ele tinha mulher e dois filhos pequenos. Totalmente apaixonado por eles. A mulher era a namorada da época da faculdade. Cheguei a conhecê-la uma vez. Simpática. Até onde descobri, ele tinha a Beleza Mortal, a família e quase nada mais.

— O que você achava dele? — perguntou Susan.

— Bom policial. Inteligente. Poderia ter tido que engolir muito sapo por conta disso. Ele tem mestrado em criminologia ou alguma porra dessas. Cria da universidade total. Mas os colegas gostavam dele. Justo. Determinado. E — acrescentou Parker, agitando a mão no ar — um pouco desligado.

— Como assim, desligado? — perguntou Susan. A caneta largada perto do sanduíche.

Ele deu de ombros.

— Vamos dizer apenas que ele era bastante dedicado ao trabalho. Mas também trabalhou em um só caso por dez anos.

— Onde ele esteve nesses últimos dois anos, você sabe?

— Aqui, até onde eu sei — respondeu Parker. — Incapacitado. Ela aprontou com ele. Sheridan ficou um mês no hospital. Depois de lá, clínica de reabilitação. Mas ouvi dizer que ele trabalhou com a procuradoria no acordo que fizeram com ela, então ele não exatamente sumiu da face da Terra.

— Ela se declarou culpada por cinco assassinatos em Oregon e seis em Washington e Idaho, por seqüestro e tentativa de assassinato e ainda confessou mais vinte vítimas, certo?

— Em troca da prisão perpétua, isso. Muita gente achou que ela deveria ter entrado na agulha.

— O que você acha? — perguntou Susan.

— Queria que tivesse havido julgamento. Adoro um bom drama de tribunal, e pagaria uma grana para ver Archie Sheridan testemunhar.

Susan mordeu o lábio.

— Por que ela foi atrás dele? Não faz sentido.

— Ele estava no comando da força-tarefa. A foto dele estava o tempo todo nos jornais naquela época. Ela sentiu a necessidade de se apresentar. Foi direto ao escritório dele, ofereceu suas supostas habilidades pseudopsiquiátricas. Talvez fosse uma espécie de desafio. E não podemos nos esquecer do fato de que ela é maluca. — Ele atirou o último pedaço do sanduíche na boca como um ponto de exclamação.

— Por que eles a chamaram de Beleza Mortal? — perguntou Susan.

— O crédito é meu — disse ele com orgulho. — Pedi ao legista que examinou a puta morta de Sheridan para descrever a condição do cadáver. Ela tinha sido bastante retalhada. Ele assobiou e disse, “é uma beleza”. Foi a autópsia mais interessante que ele fez no ano. O último trabalho dele era em Newport. Só pintava afogamentos e suicídios. Estava feliz da vida. Foi só uma coincidência que Gretchen Lowell fosse bonita.

Ainda não fazia sentido para Susan. Aquela era uma mulher que tinha um forte instinto de sobrevivência. Há dez anos que vinha matando sem parar. Pelo menos. Seqüestrar um policial que a estava perseguindo não a ajudaria em nada.

— O que você acha das teorias de que ela queria ser detida? Ser pega? Suicídio através de um policial?

— Besteira — rechaçou Parker. — Gretchen Lowell é uma psicopata. Ela não é igual à gente. Não precisa de motivo para fazer as coisas. Gostava de matar pessoas. Admitiu isso na prisão. Raptou Archie Sheridan, o drogou e torturou por dez dias, e o teria matado se ele não a tivesse convencido do contrário.

— Ele a convenceu do contrário. Simples assim.

— Foi ela quem ligou para o 911. Se não tivesse treinamento médico, ele estaria morto. Um dos paramédicos me disse que ela o manteve vivo por quase trinta minutos fazendo RCP antes de eles chegarem.

— Salvou a vida dele.

— É isso aí.

— Meu deus, isso deve foder com a cabeça de uma pessoa.

Os lábios de Parker estavam brilhantes de gordura.

— Imagino que sim.

Oprefeito de Portland, Bob “Buddy” Anderson, estava anunciando a nova força-tarefa em uma entrevista coletiva vespertina nos novos escritórios. Era lá que Susan deveria finalmente conhecer seu personagem. Susan odiava coletivas de imprensa. Eram artificiais, protocolares e quase nunca revelavam algo que fosse vagamente verdadeiro e servisse para escrever uma boa matéria. As informações passadas eram precisas, sem dúvida. Mas nunca verdadeiras.

Ian insistiu em ir com seu carro. Susan não via problema nisso, uma vez que o Saab maltratado dela estava sempre entulhado dos utensílios de sua vida: revistas, garrafas d’água vazias, jaquetas despidas, blocos de anotações e canetas — dezenas de canetas. Ela descobriu que os passageiros muitas vezes não compreendiam sua completa falta de interesse em catar batatas fritas velhas do chão, muito menos em tirar poeira do painel. Parker, que estava cobrindo a coletiva e não gostava de Ian pelo simples fato de ele ter se formado em jornalismo em 1986, foi em um carro separado.

Ainda chovia. O céu estava totalmente branco e os contrafortes que cercavam a cidade pareciam sombras dentadas e turvas. Enquanto atravessavam a ponte, Susan espalmou a mão na janela do carona, observando os regatos de água da chuva recortarem seus trajetos vidro abaixo. Tanta gente havia mudado para Portland por conta da qualidade de vida e das políticas progressistas. Compravam uma bicicleta, uma casa de madeira grande e antiga e uma máquina de café expresso; então, depois do primeiro inverno melancólico, voltavam para L.A. Mas Susan gostava de ver a chuva escorrendo, da maneira como ela distorcia a paisagem atrás de cada pára-brisa, de cada janela. Da maneira como a luz borrava em volta dos faróis e brilhava no asfalto. Do raspar dos limpadores de pára-brisa.

Susan tinha que perguntar.

— O fato de eu ter sido escolhida — disse, ainda olhando pela janela, tamborilando os dedos no vidro frio e duro — não tem nada a ver com o seu pau, certo, Ian?

Ian pareceu ficar honestamente chocado.

— Meu Deus! Não. Não, Susan. Howard quis você. Eu só concordei. Eu jamais... — Ele não quis terminar a frase.

— Ótimo — disse Susan. — Porque assim que eu começar a achar que o sexo está interferindo no nosso relacionamento profissional, ele vai acabar. — Ela virou o rosto e olhou para ele com os olhos verdes e duros. — Você sabe disso, não sabe?

Ele pigarreou e seu rosto e pescoço ficaram vermelhos.

— Sei.

Ela deixou os olhos derivarem de volta para fora, para além do Willamette.

— Você não adora a chuva?

Anne Boyd e Claire Masland estavam uma de frente para a outra na sala de repouso retangular do antigo banco. Claire era a menor mulher que Anne tinha conhecido na vida. O negócio era que Claire era tão franzina e ossuda que parecia menor do que era. Mas Anne gostava de Claire. Ela parecia um adolescente, mas era uma das policiais mais obstinadas com que Anne já trabalhara. Como um daqueles cachorrinhos bonitinhos que enfiam os dentes no antebraço de uma pessoa, prendem a mandíbula e só conseguem ser arrancados depois de tomar tranqüilizantes. Tinham ficado amigas durante o caso Beleza Mortal. Os outros policiais achavam que era porque as duas eram mulheres. E, de certa forma, tinham razão. Elas compartilhavam de algo. Não obstante uma ser branca e a outra negra; não obstante uma ser magra e a outra gorda, elas reconheciam a coisa que, como mulheres, as diferenciava a ponto de levá-las a um mundo violento ainda dominado pelos homens. Entendiam como era se sentir atraído, de certa forma, pela morte.

— Quer repassar mais uma vez? — perguntou Claire.

Claire já tinha repassado o que sabia sobre o caso com Anne duas vezes e agora estava irrequieta, o olhar pousado no microondas onde seu almoço estava esquentando. Tinha ido a Jefferson High para conversar com meninos e meninas que conheciam Kristy, e Anne sabia que ela queria voltar à ação. Casos de pessoas desaparecidas já eram difíceis. Crianças desaparecidas faziam todos trabalharem com o dobro de afinho e sentirem o dobro de culpa.

— Acho que já tenho tudo de que preciso por enquanto — disse Anne. Empilhou as cópias das anotações que Claire trouxera para ela do lado das de Henry e Martin. As anotações que os policiais faziam no local do crime geralmente eram mais copiosas do que a versão que chegava até seus relatórios, e Anne aprendera há muito que o menor detalhe poderia fazer a diferença entre um perfil confiável e um palpite fajuto. — O que você achou de Archie hoje de manhã? — perguntou Anne, mantendo um tom de voz casual.

Claire deu de ombros, o olhar ainda no timer do microondas. Gente magra, notou Anne, parecia estar sempre comendo.

— Achei que ele estava bem — disse Claire. Ela levou a mão à boca e arrancou uma cutícula cheia de sangue.

— Bem?

Os olhos cinza de Claire se endureceram e a mão caiu ondulando até o colo.

— Sim, Anne. Bem. Pediram para você ficar de olho nele?

— Só estou preocupada com um amigo — disse Anne. Ela examinou Claire, os círculos negros sob seus olhos, as cutículas mordidas. O estresse já estava cobrando seu preço.

— Trabalhar é a melhor coisa para ele — disse Claire. O microondas apitou e ela se apressou em empurrar a cadeira para trás e se levantar. — Além do mais, Henry diz que ele está bem.

— Henry adora Archie — falou Anne.

— Exatamente. Então ele o protegeria, não é? Além do mais, eles não chamariam Archie de volta se ele não estivesse bem.

— Você sabe que isso não é verdade.

— Você pegou o voo noturno? — perguntou Claire.

Anne se inclinou para frente.

— O que você achou dele?

Claire pensou por um instante, enrugando a testa lisa.

— A voz está diferente.

— É por causa do diabo verde que ela o obrigou a beber. Deve ter prejudicado as cordas vocais.

Claire fechou os olhos e virou a cabeça.

— Jesus.

Anne hesitou. Porém, sentiu que tinha que falar.

— Esse novo assassino. A coisa vai ficar mais feia, Claire. Ele está ficando mais rápido. Você não tem muito tempo.

Claire se virou, andando até o microondas.

— Passei a noite de ontem com a família de Kristy — disse ela. — Com o pai. A avó. As tias. — Ela abriu o microondas e retirou um *burrito* murcho em um prato de papel. — E não pensei nela em hora nenhuma. Estava concentrada na próxima garota. A garota que está sã e salva em sua cama vai desaparecer. Vai ser estuprada. Vai ser assassinada. — Ela cutucou com tristeza o *burrito* com um garfo de plástico. Um dos dentes quebrou e ficou preso na *tortilla*. Claire balançou a cabeça, enojada. — O microondas daqui é uma bela merda.

Estava chovendo, então eles tiveram que montar o pódio e o buquê de microfones debaixo do pórtico do caixa eletrônico. Quando Susan e Ian chegaram, a imprensa já estava a postos, educadamente sentada em cadeiras dobráveis de aço cinza. A imprensa em Portland, Oregon, significava o *Herald*, três semanários, meia dúzia de jornais de bairro, uma rádio filiada à NPR, uma estação de rádio comunitária, quatro estações de rádio comerciais, um correspondente da Associated Press e quatro equipes de jornalismo de tevê locais. Por conta da pompa e circunstância do caso, vários outros repórteres de TV e rádio tinham vindo de Seattle. As vans deles eram só um pouquinho melhores do que as das equipes de Portland.

O prefeito, com uma aparência soturna e presidencial, pedia aos brados que o caso fosse solucionado com rapidez, empregando uma rotação de gestos repetitivos com as mãos para reforçar sua seriedade.

— Estamos comprometidos a usar todos os recursos disponíveis para pegar o monstro que vem vitimando as jovens da nossa cidade. Peço que nossos cidadãos tomem precauções, mas não entrem em pânico. Ao reativar a Força-Tarefa Beleza Mortal, estou muito confiante que conseguiremos solucionar esta loucura.

Susan abriu o bloco de anotações e escreveu uma só palavra: campanha. Fechou o bloco e ergueu os olhos — e foi então que viu Archie Sheridan. Ele estava parado atrás do prefeito, recostado contra o muro de tijolos de cimento do banco, com as mãos nos bolsos do paletó. Não estava olhando para o prefeito. Estava olhando para eles: a imprensa. Passando os olhos de uma pessoa para a outra, avaliando cada uma. Inexpressivo. Apenas observando. Susan notou que ele parecia mais magro do que nas fotografias. E o cabelo escuro estava mais longo. Mas não parecia ter seqüelas, nem estar louco ou perturbado. Parecia apenas alguém esperando algo acontecer. Um passageiro

em uma plataforma de metrô, esperando pela luz que indica a chegada do trem na escuridão. Os olhos deles se encontraram por um instante, e ela sentiu algo passar entre eles. Ele deu um sorriso rápido, de um lado só. Ela sorriu de volta. Ele voltou a examinar a platéia. Seu corpo continuou perfeitamente imóvel.

— E, sobre esse assunto, gostaria de apresentar meu bom amigo, o detetive Archie Sheridan — anunciou o prefeito. Archie ergueu os olhos, ligeiramente surpreso, se recompôs e andou até o pódio. Tirou as mãos dos bolsos e as pôs com leveza na superfície do pódio. Ajustou o microfone. Correu uma das mãos pelo cabelo.

— Alguma pergunta? — disse.

Kristy Mathers estava desaparecida há 21 horas. Archie passara o dia entrevistando as pessoas que a haviam visto pela última vez na Jefferson, seus amigos, professores, pais. Andara pelo caminho que ela teria pegado de volta para casa. Conhecera a equipe da cena do crime que tinha feito a busca na área na noite anterior sem ter encontrado nada. Aprovava os panfletos a serem distribuídos nos bairros próximos às escolas. Tinha se reunido com patrulhas de estrada em Washington, Idaho e Califórnia, conduzido uma audioconferência com as patrulhas de fronteira americana e canadense, se consultado com a empresa privada de segurança chamada para cuidar das escolas secundárias da cidade e analisado pessoalmente as mais de quatrocentas informações que já haviam sido deixadas no disque-denúncia. E ainda havia muitas outras coisas mais produtivas que poderia estar fazendo em vez de aparecer em uma entrevista coletiva.

Mas estava determinado a tirar o melhor proveito dela.

Tinha conduzido milhares de coletivas durante o cargo de detetive-chefe da Força-Tarefa Beleza Mortal, mas aquela era a primeira desde Gretchen. Ele examinou os rostos ansiosos na platéia. Em dois anos, muitos haviam mudado, mas alguns eram familiares. Procurou pela pessoa que faria a pergunta que ele queria, a pergunta de que precisava para a chamada do noticiário da noite. As mãos na platéia estavam erguidas ao máximo, os rostos, contraídos de determinação. Forçou-se a relaxar o estômago e chamou uma jovem asiática que estava na fileira da frente com um bloco de anotações em riste.

— Detetive — perguntou ela —, o senhor acha que está em forma física e mental adequadas para comandar a Força-Tarefa Estrangulador das Escolas?

— Estrangulador das Escolas?

— É assim que o *Herald* está chamando o assassino no site deles.

Archie se retraiu.

— Certo. — Aquilo não demorou muito. — Nunca me senti melhor — mentiu ele.

— O senhor tem alguma seqüela física do cativeiro?

— Alguns problemas estomacais. Provavelmente no mesmo nível da úlcera do prefeito. — Houve alguns gratos sorrisos na platéia.

Ele escolheu outra mão.

— O senhor acha que o procurador público deveria ter pedido a pena de morte para Gretchen Lowell?

Ele suspirou e entrou no piloto automático.

— O acordo estipulava que ela assumiria responsabilidade por todas as pessoas

que matou, e não só pelas 11 de que tínhamos provas o suficiente para levá-la ao tribunal. Devemos um desfecho às famílias das vítimas. — Ele tentou parecer relaxado. Sob controle. — Que tal falarmos sobre o caso atual? Um *serial killer* de cada vez, senhores e senhores.

Ele chamou Quentin Parker.

— O senhor acha que Kristy Mathers ainda está viva?

— Ainda temos esperanças de que ela está, sim.

Outra mão.

— Quantos detetives o senhor terá à disposição na Força-Tarefa?

— Em tempo integral? Nove investigadores, mais equipe de apoio. Sete deles trabalharam na Força-Tarefa Beleza Mortal. Além disso, trabalharemos em conjunto com outras agências e traremos mais pessoas conforme a necessidade.

O prefeito deu um passo quase imperceptível em direção ao palco. Archie retesou o corpo. Ainda não tinha conseguido a pergunta. Ele vasculhou a platéia. *Vamos. Alguém de vocês faça a pergunta. É tão óbvia. É a pergunta que está na cabeça de todos vocês. Preciso que um de vocês a faça.* Os olhos dele pararam em Susan Ward. Ela não tinha perdido tempo começando a escrever a matéria. Ambição. Aquilo era um bom sinal. Archie a percebera na multidão logo de cara. Havia algo no jeito com que ela o estava observando. E o cabelo rosa. Henry tinha falado alguma coisa sobre ele. Archie achou que ele estava brincando. Susan estava olhando em volta para os outros repórteres também. Olhou para ele. Ele ergueu uma sobrancelha. Ela hesitou, e então ergueu a mão.

Ele a chamou.

— Como vocês farão para pegar o assassino? — perguntou ela.

Ele pigarreou e olhou diretamente para as câmeras de TV.

— Faremos buscas em todos os bairros. Entrevistaremos cada testemunha. Exploraremos cada ligação que essas garotas possam ter tido com o assassino. Usaremos todos os métodos científicos disponíveis para desvendar pistas sobre a identidade do assassino. — Ele se inclinou para frente, exalando, assim esperava, confiança e autoridade. — Nós vamos pegar você. — Ele recuou um passo do pódio e esperou um segundo. — Obrigado.

A coletiva terminou e Ian levou Susan até os escritórios da Força-Tarefa. Os repórteres na platéia foram embora às pressas para escrever suas matérias e editar seus vídeos. Susan logo viu por que eles escolheram fazer a coletiva do lado de fora. O escritório estava um caos. Havia caixas descarregadas pela metade por toda parte. O balcão de atendimento tinha sido removido e o que sobrou era um grande espaço livre com algumas salas no fundo e o que Susan imaginou ser o antigo cofre. A mobília era mobília de banco. Sofás cor de malva sujos com braços de carvalho. Mesas de cerejeira laminadas com ferragens de cobre reluzente. Tapetes de plástico e cadeiras de escritório acolchoadas. Luzes fluorescentes zumbiam no teto. O carpete industrial era cinza com uma trilha gasta que ia até o balcão que não estava mais lá e seguia pela sua extensão. As paredes eram pintadas de um rosa pálido fúnebre. Detetives e uma equipe de apoio abriam caixas, pregavam quadros brancos nas paredes, instalavam computadores e transformavam o espaço em um distrito policial. Susan ficou pensando no tempo que estavam perdendo para montar

aquilo tudo e que poderia estar sendo usado para encontrar Kristy Mathers antes que ela fosse assassinada. Os semblantes estavam carregados; não havia conversa fiada.

O prefeito terminou o solilóquio que estava fazendo para um grupo de assessores e Ian se aproximou para apresentar Susan.

— Prefeito, esta é Susan Ward, a jornalista que fará a matéria sobre a Força-Tarefa — disse Ian. Susan notou que ele utilizou a palavra jornalista, e não repórter.

Os olhos do prefeito se arregalaram diante de Susan, mas ele sorriu e apertou a mão dela com firmeza, colocando a outra em seu antebraço. Ele era alto com cabelos prematuramente grisalhos e cuidadosamente penteados e o tipo de mãos que estavam sempre quentes. As unhas eram polidas até ficarem lustrosas e ele usava um terno cinza tão luminoso quanto. Susan pensou que ele parecia Robert Young em *Papai Sabe Tudo*, um programa de TV que ela odiava só porque, em comparação, sua vida parecia uma cafonice. Ela fez uma aposta mental consigo mesma de que ele seria senador dentro de cinco anos. Presumindo que ele fosse rico o suficiente.

— É um prazer — disse ele, os olhos transbordando de cordialidade paternal. — Ouvi falar muito bem de você. Estou ansioso para ler a série.

Susan se sentiu invadida por um estranho constrangimento. E não gostou daquilo.

— Obrigada, senhor — disse.

— Quero apresentá-la a Archie Sheridan — disse o prefeito. — Como você sabe, servi com ele na Força-Tarefa Beleza Mortal. Anos atrás. Ainda não era nem capitão. Na verdade, fui o primeiro detetive a liderar a força-tarefa. Archie ainda nem era sênior. Foi o primeiro caso dele. Eu era uma espécie de bambambã no departamento, então eles me colocaram na liderança. Durei três anos. Um inferno. Prefiro trabalhar com Archie a qualquer outra pessoa. Não conheço ninguém a quem confiaria com mais tranquilidade a vida da minha filha. — Ele esperou um instante e, quando Susan abriu o bloco de anotações, acrescentou: — Pode colocar isso no papel.

— O senhor não tem filha — disse Susan.

O prefeito pigarreou.

— Modo de dizer. Já teve a oportunidade de dar uma olhada por aqui? — Ele a conduziu mais para dentro do banco com uma das mãos pousadas com firmeza logo acima do cósquice de Susan. — Como pode ver, ainda estamos montando os equipamentos de escritório. Quando terminarmos, teremos um posto policial: sala de interrogatórios, sala de reuniões, computadores de ponta etc. — Eles chegaram a um escritório com um grande painel de vidro que dava vista para o salão principal. As venezianas brancas estavam fechadas. — Este era o escritório do gerente do antigo banco — explicou o prefeito. — Mas parece que o nosso atual gerente não se encontra. — Ele se virou para uma mulher pequena de cabelos negros que passava com um distintivo preso à cintura do jeans. Ela comia metade de um *burrito* envolvido em papel toalha e seus lábios estavam sujos de molho picante. — Detetive Masland? Onde está Sheridan?

O prefeito a interrompeu no meio de uma mordida e eles tiveram que esperá-la acabar de mastigar e engolir.

— Na escola. Acabou de sair. Foi fazer algumas entrevistas e montar o posto de controle. Estou indo para lá agora.

Um traço de irritação passou pelo rosto do prefeito.

— Desculpe-me — disse ele a Susan. — Eu disse a ele que queria apresentar

vocês dois.

— Entendo que ele esteja ocupado — disse Susan. — Mas, uma hora ou outra, vou ter que conhecê-lo. Não tenho como fazer o perfil sem falar com ele.

— Venha amanhã às nove da manhã. Vou garantir que ele esteja aqui.

Aposto que vai, pensou Susan.

Ian e Susan voltaram de carro para o jornal em silêncio. Quando eles estacionaram na garagem, Ian engoliu em seco.

— Posso aparecer na sua casa hoje à noite?

Susan puxou um pedaço do cabelo rosa-claro.

— Onde está sua mulher?

Ele olhou para as mãos, ainda agarradas ao volante.

— Em Seattle.

Susan hesitou.

— Chegue tarde — disse. Sentiu uma pontada de culpa, mordeu o lábio e abriu a porta do carro. — Você vai ver que digerir toda essa história de adultério é mais fácil se não passarmos muito tempo juntos.

Susan também queria que Ian chegasse tarde por outro motivo. Assim que os dois chegaram ao quinto andar, ela disse que ia ao banheiro, desceu as escadas de volta ao estacionamento, entrou no carro e atravessou o rio em direção à Jefferson High School. Não deixaria de jeito nenhum que uma noite passasse sem que ela conhecesse Archie Sheridan.

Portland era dividida em quadrantes: noroeste, sudeste, sudoeste e nordeste. O seu quadrante de origem dizia muito sobre quem você era. Se fosse do sudoeste, vivia nas colinas e tinha dinheiro. Se fosse do sudeste, era liberal e provavelmente vegetariano. Se fosse do noroeste, era jovem e gastava muito com roupas. Se fosse do nordeste, tinha algum dinheiro, um cachorro e dirigia um Subaru. E havia também o suposto quinto quadrante de Portland: North Portland. North Portland ficava cravada entre o noroeste e o rio Willamette. Apenas 2% da população do estado de Oregon era negra. Mas você não acharia isso se andasse pelas ruas de North Portland.

Jefferson High ficava no quinto quadrante, ou, como tinha sido recentemente rebatizado, em NoPo. A área ainda se recuperava de uma proliferação de gangues na década de 1990. De vez em quando, um adolescente ainda era morto a tiros na rua, mas os terrenos baldios cobertos de grama morta que pontuavam muitos quarteirões estavam sendo cercados e transformados em projetos comunitários multiuso. A culpa era o enobrecimento promovido pelos jovens brancos descolados que compravam ou alugavam casas por lá porque eram baratas e perto do centro. As casas geralmente estavam caindo de podres, mas você não tinha que se preocupar com os vizinhos chamando a polícia se a sua banda estivesse tocando muito alto no porão. Os benefícios dessa renascença — um bando de restaurantes chiques, butikues e a reforma dos casarões da antiga Portland — não tiveram muito impacto no sistema educacional local, que ostenta algumas das médias escolares mais baixas do estado. A maioria das crianças que freqüentava a Jefferson era pobre e negra, e muitos não desconheciam a violência.

Susan notou as viaturas da polícia estacionadas em frente à escola grande, feita de tijolos e de aparência institucional. Não teve dificuldade em achar vaga em uma rua transversal e voltou uma quadra até o campus, com o bloco de anotações em punho. Algumas equipes de noticiários locais estavam por lá. Charlene Wood, do canal 8, estava em uma esquina, entrevistando um grupo de adolescentes de jeans apertados e casacos acolchoados. Cerca de meia quadra atrás dela, um homem de blusão laranja fluorescente estava gritando em outro microfone. Vários adolescentes, provavelmente recém-saídos de atividades extraclasse, se amontoavam nos degraus da escola, uma energia nervosa permeando sua bem treinada indiferença. Um policial fardado e dois guardas de fronteira esperavam com eles por pais, amigos, ônibus ou algum outro transporte seguro. Do

outro lado do rio, o céu sobre as colinas do oeste ardia em tons fortes de rosa e laranja, porém, ao leste, ele estava apenas cinza.

Susan seguiu com os olhos uma fila de veículos que ia até um posto de controle policial, montado no primeiro cruzamento depois da escola. Ela conseguia ver um policial fardado conversando com o motorista do primeiro carro da fila. Então ele fez sinal para o carro passar e o seguinte se aproximou. Uma placa grande estava apoiada em um cavalete de metal próximo ao posto de controle. Forçando a vista, Susan reconheceu nela uma fotografia de Kristy Mathers e as palavras: Você Viu Esta Garota?

— Obrigado pela pergunta.

Susan deu meia-volta. Archie Sheridan estava poucos passos atrás dela. Usava o distintivo preso no bolso da frente do blazer de veludo côtelé e carregava um bloco de espiral vermelho e um copo de papel de café. Estava andando em direção ao posto de controle.

— Achei que você foi bem convincente — disse ela. — No discurso. Você é bastante intimidador.

Archie parou e tomou um gole do café.

— Um pouco de pose não faz mal a ninguém.

— Você acha que ele vai ver?

Ele encolheu um pouco os ombros.

— Provavelmente. É uma mania estranha dos *serial killers*. Geralmente gostam da atenção que a sua profissão dá a eles.

Um trio de adolescentes altos veio andando e Archie e Susan saíram do caminho para deixá-los passar. Os garotos fediam a maconha.

Susan ficou esperando uma reação de Archie. Nada.

— Não me lembro de a maconha que eu fumava no colegial ser tão boa assim — disse ela.

— Provavelmente não era.

— Você não vai prendê-los?

— Por cheirarem a uma droga controlada de classe C?

Susan o examinou com ar brincalhão.

— Qual é o seu filme favorito?

Ele nem precisou pensar.

— *Bande à Part*. Godard.

— Ah, qual é! Esse é francês. O seu filme favorito é francês?

— É arrogância demais?

— Um pouquinho — disse Susan.

— Vou pensar em algo melhor para amanhã.

— Ela está morta, não está?

Se aquilo era para induzir alguma reação, Susan tinha que admitir que não funcionou. Mas abriu-se uma brecha. Archie olhou para os sapatos tão rapidamente que ela teria perdido se não estivesse fitando os olhos dele com tanta intensidade. Ele se recompôs e abriu um sorriso fraco.

— Temos muita esperança de que ela ainda esteja viva — disse ele, sem muita convicção.

Susan inclinou a cabeça para o tumulto no cruzamento.

— Qual é a do bloqueio na estrada?

— São 18h15. As amigas de Kristy disseram que ela saiu do ensaio a essa hora, ontem. Estamos parando todo mundo que passa por esse trajeto entre as 17h e as 19h. Se estão passando por aqui hoje nesse horário, talvez tenham passado na mesma hora ontem. E talvez tenham visto alguma coisa. Por sinal, Buddy me ligou. Desculpe ter perdido a apresentação formal.

— Buddy? Você e o prefeito são... amiguinhos?

— Nós trabalhamos juntos — disse ele. — Mas disso você já sabe.

— É por isso que você concordou em fazer a série de reportagens? Quero dizer, eu sei porque Buddy, o prefeito, aceitou. Ele quer ser vice-presidente um dia. Mas todos os jornalistas do país devem ter ligado para você querendo escrever a sua história. Policial Herói Resgatado das Garras da Morte.

Archie bebeu outro gole do café.

— Já está pensando na manchete? Eu gostei.

— Por que concordar com um perfil agora, detetive?

— Você vai me ajudar a fazer o meu trabalho.

— Você acha?

— Acho. Mas podemos falar sobre isso naquele encontro às nove da manhã que me disseram para não faltar. — Ele ergueu o bloco de anotações vermelho. — Tenho que voltar ao trabalho — disse. Deu alguns passos. — Susan? Não é?

Ela assentiu.

— Pode me chamar de Archie, a não ser quando detetive parecer mais adequado. Você é uma pessoa matutina?

— Não.

— Ótimo. — Ele se virou e saiu andando para o posto de controle, jogando o copo de café vazio em uma lixeira pública. — Nos vemos amanhã — disse ele por sobre o ombro.

Eram quase 19h, estava escuro e as costelas de Archie doíam. Era de tanto ficar em pé. Ou então era a umidade. Ou talvez apenas o tédio de entorpecer a mente. Kristy Mathers estava desaparecida há mais de 24 horas. E, depois de um dia de entrevistas, buscas e becos sem saída, a coisa chegara ao seguinte ponto: a melhor via de investigação era ficar parado, esperando algo acontecer. A esmagadora sensação de impotência era dura de engolir.

Archie usou o polegar e o indicador para abrir o porta-remédios, ainda em seu bolso, e tirou um Vicodin. Ele o diferenciava das outras pílulas pelo tato: o tamanho, o formato, a marca entalhada. Colocou o comprimido na boca. Se alguém visse, acharia que era uma pastilha de menta. Ou uma aspirina. Ou sujeira do bolso. Ele estava pouco se lixando. O gosto amargo de café velho envolvia a parte de trás da sua língua. Estava pensando que queria outro quando Chuck Whatley, um patrulheiro novato com o rosto sardento e um emaranhado de cabelos artificialmente laranja sinalizou com a lanterna, chamando Archie. A noite caía, e havia uma friagem no ar apesar de o céu estar encoberto de nuvens. Archie veio andando depressa do seu lugar à margem do tumulto. Sentia-se úmido, embora tivesse apenas garoado. No Noroeste era assim, chovia apenas o suficiente para deixar você molhado, porém nunca o bastante para você se dar o trabalho de vestir algo impermeável ou carregar um guarda-chuva. O oficial Whatley estava perto de um Honda castanho. Os aros de roda estavam enferrujados e ele parecia manchado nos lugares onde a cera já tinha saído. Whatley estava parado do jeito que todos os patrulheiros ficam, com um dedo preso no cinto, inclinado para falar com o passageiro, erguendo intermitentemente os olhos com empolgação enquanto Archie se aproximava.

Sob a luz da rua, o Honda castanho parecia lantejoulado pela chuva. Os olhos do oficial Whatley estavam brilhando.

— Ela acha que viu alguma coisa, senhor — disse ele.

Archie manteve o tom de voz.

— Peça para ela encostar no meio-fio para as outras pessoas passarem — disse ele ao oficial. Whatley assentiu, inclinou-se para a passageira e o Honda saiu da fila e parou perto de uma viatura da polícia. A porta do motorista se abriu e uma jovem negra desceu com hesitação do carro. Uma roupa de hospital pendia folgada do seu corpo magro e suas tranças estavam presas em um pequeno rabo-de-cavalo.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ela lentamente para Archie.

— Uma garota desapareceu ontem à noite — respondeu ele. — Não ficou sabendo?

O rosto da mulher parecia esticado demais, os ossos desagradavelmente evidentes

sob a pele. Ela forçou os dedos até eles estalarem.

— Sou enfermeira no Hospital Emanuel. Trabalho à noite. Durmo de dia. Não acompanho as notícias. Alguma ligação com as outras garotas?

— Ela viu Kristy Mathers na noite passada — atalhou o oficial Whatley, não conseguindo mais se conter.

— Obrigado, oficial — disse Archie com aspreza.

— Você está a caminho do trabalho agora? — perguntou Archie à mulher, abrindo o bloco de anotações.

— Estou — disse ela, ainda olhando apreensiva para os dois.

— E trabalhou no mesmo turno na noite passada?

Ela se apoiou desconfortavelmente no outro pé. Os tamancos brancos e gastos estalaram no asfalto molhado.

— Isso.

Alguns outros policiais fardados tinham se reunido em volta, curiosos e empolgados diante da possibilidade de uma testemunha. Estavam nas pontas dos calcanhares, inclinando-se um para o outro, aguardando. Archie conseguia sentir a mulher se encolher fisicamente com toda aquela atenção. Ele pousou gentilmente a mão na sua omoplata e a afastou alguns passos da pequena multidão. Aproximou a cabeça da dela, a voz gentil.

— E você passou por aqui mais ou menos nesse horário? Não estava atrasada ou adiantada?

— Não. Nunca estou atrasada nem adiantada. Sou pontual.

— Não vamos atrasá-la. — Archie a tranqüilizou. — E você acha que viu Kristy Mathers?

— A garota da foto? Vi, sim. No cruzamento da Killingsworth com a Albina. Esperei-a atravessar. Ela passou andando com uma bicicleta.

Archie não se permitiu nenhuma reação. Não queria assustar a mulher. Pressioná-la. Já tinha falado com centenas de testemunhas. E sabia que se a pessoa se sentisse pressionada, se esforçaria demais para lembrar e então a imaginação completaria o que a memória não resgatasse. Continuava com a mão pousada no ombro dela, firme, parada, o bom policial.

— Passou andando com a bicicleta? Não estava montada nela?

— Não. Foi por isso que prestei atenção. Minha mãe obrigava a mim e as minhas irmãs a fazermos isso, desmontar da bicicleta quando fôssemos atravessar ruas movimentadas. É mais seguro. Principalmente neste bairro. O pessoal dirige feito doido.

— Então a bicicleta não estava danificada. Não estava com um pneu furado ou algo assim?

Ela forçou os dedos novamente.

— Não sei. Não que eu tenha notado. Alguém a seqüestrou? Alguém seqüestrou essa garota?

Archie evitou a pergunta.

— Você notou algo mais? Alguém a seguindo? Alguém suspeito na rua? Algum veículo?

Ela balançou a cabeça com desolação e deixou as mãos caírem dos lados do corpo.

— Estava indo para o trabalho.

Archie pegou os contatos da mulher e o número da sua carteira de motorista e a liberou.

Logo em seguida, os detetives Henry Sobol e Claire Masland vieram andando atrás dele. Claire estava carregando dois cafés em copos de papel brancos com tampas pretas. Archie notou que tanto Henry quanto Claire estavam usando casacos impermeáveis.

— O que foi aquilo? — perguntou Henry.

— Uma testemunha que viu Kristy passar andando com a bicicleta dela a umas três quadras daqui mais ou menos às — ele consultou o relógio — 18h55. Os amigos dizem que ela saiu do ensaio às 18h15. O que nos deixa com a pergunta: onde ela estava durante esses quarenta minutos?

— Não leva tanto tempo assim para carregar uma bicicleta por três quarteirões — observou Henry. — Mesmo andando bem devagar.

Claire entregou a Archie um dos copos de café.

— Vamos falar de novo com as amigas dela — disse ela.

Archie olhou para o copo em sua mão.

— O que é isso? — perguntou.

— O café que você me pediu.

Archie olhou sem interesse para o copo. Não queria mais café. Na verdade, estava se sentindo muito bem.

— Nem pensar — disse Claire. — Andei 11 quarteirões para conseguir esse café. Agora você vai beber.

— Tenho certeza de que pedi um café com leite desnatado — disse Archie.

— Vá à merda — disse Claire.

As amigas eram Maria Viello e Jennifer Washington. Maria, Jen e Kristy eram inseparáveis desde o fundamental, e o ensino médio ainda não azedara a amizade das três. A casa de Maria ficava a poucas quadras da Jefferson, então os detetives foram primeiro para lá. Ela vivia de aluguel em um bangalô de madeira da década de 1920 com uma cerca de elos de corrente. A casa precisava de uma pintura, mas o jardim era bem cuidado e a calçada da frente limpa dos usuais entulhos de lixo que coalhavam boa parte do bairro. O pai dela, Armando Viello, atendeu a porta. Era mais baixo do que Archie, com um tórax quadrado e mãos rudes de trabalhador braçal. O rosto era devastado por cicatrizes de acne. Falava inglês fluentemente, embora com um sotaque forte. A esposa, até onde Archie sabia, não falava uma palavra em inglês. Eram provavelmente imigrantes ilegais, fato que não passou despercebido por nenhum dos policiais que foram até a casa nas 24 horas anteriores, mas que não foi parar em nenhum de seus relatórios.

Armando Viello olhou com gravidade para Archie e os demais pela porta de tela de alumínio surrada. A luz da varanda piscou e então morreu.

— Vocês já vieram hoje de manhã — disse Viello.

— Temos algumas perguntas novas — explicou Archie.

Armando abriu a porta e os detetives entraram. Era um ato de coragem, pensou Archie, saber que você pode ser deportado, mas deixar um policial depois do outro entrar na sua casa assim mesmo, por conta da remota chance de que isso possa ajudar a encontrar a filha desaparecida de alguém.

— Maria está no quarto dela — disse Armando, caminhando de meias em direção a um pequeno corredor. O jantar estava sendo preparado na cozinha, algo picante. — Vocês querem falar com Jennifer também?

— Jennifer está aqui? — perguntou Claire.

— Elas estão estudando. Não foram à aula hoje. — Armando bateu na porta do quarto de Maria e disse algo em espanhol. Logo em seguida, a porta se abriu. O cabelo de Maria, que ia até os ombros e era preto e liso, estava amarrado em um rabo-de-cavalo. Ela usava a mesma calça de ginástica aveludada roxa e blusa amarela de quando Archie a entrevistara naquela manhã, antes do seu nada inspirador encontro com a equipe.

— Vocês a encontraram? — perguntou ela imediatamente.

— Ainda não — respondeu Archie com brandura. Crianças geralmente são ignoradas nas investigações policiais. Pensa-se que elas são más testemunhas, porém Archie descobrira que elas notam coisas que os adultos deixam passar. Desde que sejam entrevistadas corretamente, convencidas de que não têm que saber as respostas, para não inventarem o que acham que o entrevistador quer ouvir, crianças de até 6 anos podem oferecer observações valiosas. Mas Maria tinha 15. Adolescentes do sexo feminino são

imprevisíveis. Archie nunca conseguira se comunicar bem com elas. Havia passado a maior parte da adolescência tentando começar conversas com garotas e fracassando terrivelmente. E não tinha melhorado muito.

— Podemos conversar um pouco mais com vocês? — ele perguntou a Maria.

Maria olhou para ele e os olhos dela se encheram de lágrimas. *Bem, você ainda tem o toque mágico*, pensou Archie.

Então Maria fungou, assentiu e voltou para o quarto. Archie olhou para Claire e Henry e então os três seguiram a menina.

Era um quarto quadrado e amarelo, com uma janela de um vidro, só que dava para a janela do bangalô vizinho. Um lençol de solteiro estampado estava pendurado no lugar de uma cortina.

Jen Washington estava sentada na cama, debaixo da janela, segurando um velho e bem-amado jacaré de pelúcia no colo, uma relíquia da infância. Seu corte de cabelo era um afro curtinho e ela usava uma blusa estilo indiano e jeans com bainha franjada. Era uma garota bonita, mas a total ausência de charme diminuía sua beleza.

Maria andou até a cama e se afundou no cobertor mexicano ao lado de Jen, que pousou um braço magrelo de modo protetor sobre a barriga da perna da amiga. Archie andou até a mesa de madeira perto da cama, girou a cadeira e se sentou nela. Henry recostou na porta, braços dobrados sobre o peito. Claire se sentou no cobertor mexicano na beirada da cama.

Archie abriu seu bloco vermelho.

— Kristy tinha namorado? — perguntou ele baixinho.

— Você já nos perguntou isso — disse Jen, torcendo o jacaré. Ela o encarou com desprezo. Archie não a culpava. Aos 15 se é jovem demais para saber como o mundo é doentio.

— Me conte de novo.

Jen revirou o rosto. O jacaré parecia entediado. Maria se ajeitou, cruzando as pernas, puxando o rabo-de-cavalo longo para cima do ombro e o enrolando entre os dedos distraidamente.

— Não — disse ela por fim. — Não tinha ninguém.

Ao contrário do pai, ela não tinha sotaque mexicano algum.

Claire abriu um sorriso conspiratório para as garotas.

— Ninguém? Nem mesmo alguém que talvez os pais não aprovassem? Alguém segredo?

Jen revirou os olhos.

— Ninguém significa ninguém.

— E vocês têm certeza de que Kristy foi embora do ensaio às 18h15? — perguntou Archie.

Maria parou de manusear o cabelo e olhou para Archie, a certeza faiscando em seus olhos pretos.

— Sim — disse. — Por quê?

— Alguém viu Kristy a algumas quadras da escola quase quarenta minutos depois — explicou Archie. — Vocês fazem alguma idéia do que ela poderia estar fazendo?

Jen tirou o braço de cima da barriga da perna de Maria, se empertigou e balançou a cabeça.

— Isso não faz sentido.

— Mas vocês não a viram sair andando de bicicleta, não é? — disse Claire. — Só viram quando ela saiu do auditório.

— É — disse Maria. — Eles tinham terminado de ensaiar todas as cenas dela. A sra. Sanders falou que ela podia ir embora.

— E ninguém saiu com ela?

Maria balançou a cabeça.

— Foi como a gente falou. Todos os atores podem ir embora depois que as cenas deles são ensaiadas. Kristy saiu primeiro. O resto de nós teve que ficar até as 19h30. Mas vocês falaram com todos eles, não foi?

— Ninguém viu Kristy — disse Archie.

— Então o que ela estava fazendo esse tempo todo? — perguntou Jen, olhando fixamente para a parede amarela. — Não faz sentido.

— Ela fuma? — perguntou Claire.

— Não — disse Maria. — Ela odeia cigarro.

Jen examinou os olhos de plástico do jacaré de pelúcia, raspando com a unha um defeito invisível no plástico duro e preto da pupila.

— Talvez tenha tido algum problema com a bicicleta. — Ela deu de ombros, sem erguer os olhos.

Archie se inclinou para frente.

— Por que diz isso, Jen?

Jen alisou o pêlo verde do jacaré.

— A corrente estava dando problema, ficava saindo. Era uma porcaria de bicicleta. Ela teve que carregá-la até em casa algumas vezes. — Uma única lágrima desceu rolando pela sua bochecha parda. Ela a secou com a manga e balançou a cabeça. — Sei lá. Essa deve ser uma resposta bem idiota.

Archie esticou o braço e colocou a mão gentilmente sobre a de Jen. Ela ergueu os olhos. E ele viu, nos seus olhos duros, uma fissura e, atrás dela, um pouquinho de esperança.

— Acho que é um palpite muito inteligente — disse ele e apertou a mão da menina. — Obrigada.

— Então a bicicleta dela estava quebrada — disse Claire quando eles voltaram para o carro. Estava escuro e as janelas estavam embaçadas pela chuva. — Ela passa um tempo tentando consertá-la, então desiste e decide carregá-la para casa. Nosso cara pára, oferece uma carona ou tenta consertar a bicicleta, e a agarra.

— Mas esse é um crime de oportunidade — disse Henry do banco do motorista do Crown Vic civil. Henry odiava Crown Vics. E, de alguma forma, sempre acabava ficando com um. — Ela está dentro do perfil dele. Você acha que ele pega o carro e fica procurando colegas que fazem o tipo certo para seqüestrar? Que ele deu sorte?

— Ele quebrou a bicicleta — disse Archie baixinho do banco de trás. Tirou o porta-remédios do bolso e ficou girando-o distraidamente entre o polegar e o indicador.

— Ele quebrou a bicicleta — concordou Henry enfaticamente, assentindo. — O que significa que ele já a havia escolhido. Sabia da existência da bicicleta. Sabia qual delas era a de Kristy. Talvez até soubesse que era uma porcaria. Que ela a carregaria até em

casa como de costume. Ele está observando as garotas.

— Isso ainda nos deixa com algum tempo sobrando — disse Claire. — O aluno seguinte saiu do ensaio às 18h30. Não viu Kristy. O bicicletário fica do lado da porta.

A cabeça de Archie latejava.

— Vamos bloquear a estrada amanhã de novo. Talvez alguma outra pessoa a tenha visto. — Ele tirou três comprimidos do porta-remédios e os colocou na boca um por um.

— Você está bem, chefe? — perguntou Henry, olhando para Archie pelo retrovisor.

— Zantac — mentiu Archie. — Para o estômago. — Ele recostou a cabeça no assento e fechou os olhos. Se o assassino tivesse perseguido Kristy, então provavelmente começaria a procurar por outra garota em breve. — Vocês têm certeza de que as outras escolas estão seguras? — perguntou Archie, os olhos ainda fechados.

— Como uma fortaleza — confirmou Claire.

— Inspecionem todas as quatro amanhã — ordenou Archie. — Anotem as placas de todos os carros que passarem pela Jefferson entre as 17h e as 19h. — Ele abriu os olhos, esfregou o rosto com a mão aberta e se inclinou para frente, entre os dois bancos. — Quero repassar os relatórios de autópsia novamente. E vamos de porta em porta de novo esta noite. Talvez alguém tenha se lembrado de alguma coisa.

Henry olhou para ele.

— A gente devia dormir. Temos gente trabalhando esta noite. Gente boa. Gente acordada. Vou pedir para eles ligarem se surgir alguma coisa.

Archie estava cansado demais para discutir. Ele poderia trabalhar no apartamento.

— Vou para casa — disse. — Se você me levar até o escritório para eu pegar os relatórios.

— Ela anda por aí em algum lugar, certo? — disse Claire. — Todo esse esforço não é em vão? Ainda temos uma chance. Certo?

Houve um longo silêncio e então Henry falou:

— Certo.

O telefone estava tocando quando Archie chegou ao apartamento. Ele carregava uma braçada de relatórios policiais e palpites de civis que planejava ler naquela noite, empilhou-os perigosamente na mesa do corredor, pegou o telefone sem fio e largou as chaves na mesa ao lado do carregador.

— Alô?

— Sou eu.

— Oi, Debbie — disse Archie à ex-mulher, grato pela distração momentânea. Ele cruzou a cozinha, pegou uma cerveja da geladeira e a abriu.

— Como foi seu primeiro dia?

— Inútil — respondeu Archie. Ele tirou a arma do cinto, colocou-a sobre a mesinha de centro e sentou-se no sofá na frente dela.

— Vi você na televisão. Bem intimidador.

— Estava usando aquela gravata que você me deu.

— Eu percebi. — Ela fez uma pausa. — Você vem para o negócio do Ben no

domingo?

Ele engoliu em seco.

— Você sabe que não posso.

Archie conseguiu ouvir o suspiro na voz dela.

— Porque vai estar com ela.

Já tinham passado por aquilo antes. Não havia mais nada a dizer. Ele deixou o fone deslizar pelo rosto, pelo pescoço, até a base do receptor descansar contra o esterno. Apertou-o com força contra o osso até doer. Ainda podia ouvi-la, a voz abafada e distante, como alguém falando debaixo d'água.

— Você sabe como isso é doentio, não sabe?

A vibração da voz dela bem no fundo do seu peito fez com que ele se sentisse melhor, como se houvesse alguma coisa viva lá dentro.

— Sobre o que vocês dois conversam?

Ela já havia perguntado antes. Archie jamais contou e jamais contaria. Ele levou o fone de volta ao ouvido. Consequia ouvir a respiração de Debbie. Ela disse:

— Não sei como você vai melhorar se não tirá-la da sua vida.

Eu não vou melhorar, pensou ele.

— Não posso fazer isso ainda.

— Eu te amo, Archie. Ben te ama. Sara te ama.

Ele tentou dizer alguma coisa. *Eu sei*. Mas queria dizer algo mais. Como não pôde, não disse nada.

— Quando você vem nos ver?

— Assim que puder. — Ambos sabiam o que ele queria dizer. Archie sentiu as pontadas iniciais de outra dor de cabeça. — Mas tem uma repórter — prosseguiu. — Susan Ward. Ela vai fazer uma série sobre mim no *Herald*. Deve ligar para você.

— E o que eu devo dizer?

— Diga que não quer falar. E então, depois, quando ela tentar de novo, diga tudo que ela quiser saber.

— Você quer que eu diga a verdade?

Ele correu os dedos pelo tecido nodoso do sofá escuro e imaginou Debbie sentada no sofá dela, na casa deles, sua antiga vida.

— Sim.

— Quer que saia publicado no *Herald*?

— Quero.

— O que você está tramando, Archie?

Ele tomou um gole da cerveja.

— Um desfecho — disse ele com uma risada cínica.

Gretchen não o deixa dormir naquela primeira noite, de modo que ele já está perdendo a noção de tempo. Injeta algum tipo de anfetamina nele e some por horas. O coração de Archie dispara e ele não pode fazer nada além de olhar para o teto branco e sentir o pulso latejar no pescoço e as mãos tremerem. O sangue secou no seu peito e está coçando. Ele sente uma dor excruciante a cada vez que inspira, mas é a coceira que o está enlouquecendo. Por alguns instantes, tenta contar para manter a noção de tempo, mas sua mente deriva e ele perde o fio da meada. A julgar pelo fedor do cadáver no chão ao seu lado, já está lá há pelo menos 24 horas. Mas isso é tudo que consegue saber. Então Archie fica olhando. E pisca. E respira. E espera.

Não a ouve entrar, mas, de repente, Gretchen está lá, sorrindo ao lado dele. Ela acaricia seu cabelo, que está molhado de suor.

— Está na hora do seu remédio, querido — ronrona. Com um movimento ágil, arranca a fita da boca dele.

Empurra com cuidado o funil pela garganta de Archie, mas ainda assim ele golfa. Resiste, balançando a cabeça de um lado para o outro, tentando apoiar-se nos cotovelos, mas ela fecha o punho em seus cabelos e mantém a cabeça dele firme no lugar.

— Ora, ora — ralha Gretchen.

Ela está com um punhado de comprimidos e os joga um a um pela goela de Archie. Ele golfa e tenta cuspi-los, mas Gretchen tira o funil, prende a mandíbula dele com força e massageia sua garganta com a mão, forçando-o a engoli-los como um cachorro.

— O que são esses comprimidos? — grasna ele.

— Ainda não está na hora de você falar — ela responde. E passa outro pedaço de fita sobre seus lábios. Ele se sente quase grato. O que poderia dizer?

— O que você quer fazer hoje? — pergunta ela.

Archie olha para o teto, os olhos ardendo pela privação de sono.

— Olhe para mim — diz ela por entre os dentes cerrados.

Ele olha.

— O que você quer fazer hoje?

Ele ergue as sobrancelhas numa expressão ambígua.

— Mais pregos?

Archie não consegue deixar de se encolher.

Gretchen sorri. Ele percebe que a dor a agrada.

— Eles estão procurando por você — cantarola ela. — Mas não vão te encontrar.

Onde quer que estejam, ela está lendo o jornal, assistindo aos noticiários, pensa

Archie.

Ela aproxima o rosto do dele, e ele pode ver sua pele macia e cor de marfim, suas pupilas enormes.

— Quero que você pense no que vamos mandar para eles — diz ela casualmente. Corre a ponta dos dedos com suavidade pela pele do braço dele, pelo pulso. — Mão, pé, esse tipo de coisa. Algo simpático para lembrá-los de que estamos pensando neles. Vou deixar você escolher.

Archie fecha os olhos. Ele não está ali. Aquilo não está acontecendo. Tenta desesperadamente evocar o rosto de Debbie na tela negra das suas pálpebras. Pode vê-la onde ela estava naquela última manhã. Já havia catalogado em sua cabeça cada peça de roupa que sua mulher vestia. O suéter grosso de lã verde. A saia cinza. O casaco longo que a deixava parecida com um soldado russo. Ele evoca cada sarda do seu rosto. Seus pequenos brinco de diamantes. O sinal no pescoço, logo acima do esterno.

— Olhe para mim — ordena Gretchen.

Ele aperta os olhos com mais força. A aliança dela. Os joelhos redondos. As sardas na sua coxa branca.

— Olhe para mim — repete ela, esbaforida.

Vá se foder, ele pensa.

Ela o apunhala no lado esquerdo, logo abaixo da caixa torácica. Ele uiva, se contorce de dor, e os olhos abrem-se de um salto, instintivamente.

Ela segura sua cabeça com firmeza, agarrando um punhado de cabelos, inclina o corpo sobre o dele, os seios a centímetros do peito de Archie, e torce o bisturi mais fundo na carne. Ele sente por um instante o cheiro de Gretchen — lírios, suor doce, talco —, um alívio do fedor podre do cadáver.

— Não gosto de ser ignorada — diz ela em uma voz pouco mais alta do que um sussurro. — Entendido?

Ele assente, retesando o corpo contra a mão dela.

— Ótimo.

Ela retira o bisturi e larga-o na bandeja de instrumentos.

Susan estacionou em uma das vagas recém-reservadas para visitantes no prédio da força-tarefa. Estava meia hora adiantada. Ela nem gostava de gente que chegava cedo. Porém, tinha acordado ao raiar do dia com aquele habitual ronco no estômago de quando estava prestes a escrever uma matéria boa de verdade. Ian já tinha ido embora. Se a acordou para se despedir, ela não se lembrava.

Um nevoeiro assentara sobre a cidade da noite para o dia, e o ar estava pesado e úmido. A umidade fria permeava tudo de tal forma que até o interior do carro de Susan parecia capaz de mofar com ela dentro.

Para passar o tempo, ela abriu o celular, discou um número e deixou uma mensagem de voz que já sabia de cor.

— Oi, Ethan. Aqui é Susan Ward. Do beco. — *Do beco. Meu Deus.* — Quero dizer, do *Herald*. Estava pensando se você poderia falar com Molly sobre mim. Acho mesmo que a história dela merece ser ouvida. Bem, me ligue. Ok? — Ian disse para ela não correr atrás daquela matéria. Que era perda de tempo. Mas tinha algum tempo sobrando, então por que não colher um pouco de informação? Colher informação não era exatamente correr atrás. Não exatamente.

Ela esperou no carro por mais alguns minutos, fumando um cigarro e observando pessoas entrarem e saírem do prédio. Geralmente, Susan fumava socialmente. Quando saía à noite. Quando bebia. E, às vezes, quando estava nervosa. Odiava ficar nervosa. Atirou o cigarro pela janela do carro e ficou olhando a pequena explosão de faíscas quando ele atingiu a calçada. Então conferiu a aparência no retrovisor. Estava toda de preto, com o cabelo rosa preso em um pequeno rabo-de-cavalo. *Jesus*, pensou ela, *pareço uma ninja punk*. Não podia fazer nada. Criou coragem e entrou no prédio.

Eles haviam trabalhado a noite inteira para transformar o banco em um posto policial. As caixas, descarregadas pela metade no dia anterior, estavam desmontadas e empilhadas próximo à porta, esperando para serem levadas embora. As mesas estavam dispostas aos pares, uma de frente para a outra, cada qual equipada com um computador e um monitor preto de tela plana. Não era de se espantar que a verba para a educação fosse curta. Fotografias escolares ampliadas de cada garota e dúzias de instantâneos estavam afixados em um painel do tamanho de uma parede. Vários mapas da cidade estavam pendurados ao lado delas, salpicados de percevejos coloridos. Uma copiadora cuspiu papel ruidosamente. Havia copos de café e garrafas d'água sobre as mesas. Susan sentia o cheiro de café sendo preparado. Contou sete detetives, todos ao telefone. Uma oficial fardada sentada em uma mesa longa logo em frente à porta ergueu os olhos para Susan.

— Estou aqui para falar com Archie Sheridan — disse Susan. — Susan Ward. Ele está me esperando. — Ela tirou a credencial de imprensa da bolsa e a deixou balançar do cordão a poucos centímetros da mesa.

A oficial olhou para a credencial, tirou o telefone do gancho, discou um ramal e anunciou a chegada de Susan.

— Pode ir — disse, já voltando a encarar o monitor.

Susan atravessou o banco até a sala de Archie. Daquela vez, as venezianas brancas estavam abertas e ela pôde vê-lo sentado à mesa lendo alguns jornais. A porta estava entreaberta e ela bateu de leve, sentindo um pequeno nervoso no estômago.

— Bom-dia — disse ele, levantando-se.

Susan entrou e apertou a mão que ele ofereceu.

— Bom-dia. Desculpe por estar adiantada.

Ele ergueu as sobrancelhas em um arco.

— Você está?

— Uns trinta minutos.

Ele encolheu um pouco os ombros e ficou parado. Susan contou quatro copos de café em cima da mesa.

Essa, não. Ele estava esperando que ela se sentasse primeiro. Certo. Ela se enfiou em uma das cadeiras de vinil vinho diante da mesa.

Ele se sentou. O escritório era pequeno, cabendo apenas uma mesa de cerejeira envernizada grande com uma estante embutida atrás e duas cadeiras de braços na frente. Uma pequena janela dava vista para a rua, onde carros aceleravam numa velocidade constante. Archie usava o mesmo blazer de veludo côtelé do dia anterior, porém daquela vez a camisa de botão era azul. Ela se sentiu como se estivesse indo pedir um empréstimo.

— E então, como vai ser?

Archie espalmou as mãos sobre a mesa.

— Você é quem sabe. — A expressão dele era amigável, receptiva.

— Bem — disse Susan lentamente. — Preciso ter acesso. A você.

Ele assentiu.

— Contanto que não me atrapalhe o trabalho, tudo bem.

— Você não vê problema nisso? Eu te seguindo enquanto você está tentando trabalhar?

— Não.

— E eu vou querer falar com as pessoas à sua volta. — Susan examinou o rosto dele. Continuava relaxado, despreocupado. — Com sua ex-mulher, por exemplo.

Ele permaneceu impassível.

— Tudo bem. Não sei se ela vai querer falar com você, mas sinta-se livre para tentar.

— E Gretchen Lowell.

O rosto dele se contraiu um pouco. Ele abriu a boca. Fechou-a. Abriu novamente.

— Gretchen não fala com repórteres.

— Posso ser muito persuasiva.

Ele traçou um círculo imaginário na mesa com a palma da mão.

— Ela está na penitenciária estadual. Segurança máxima. Só pode ver os

advogados, policiais e família. E ela não tem família. E você não é policial.

— Poderíamos trocar cartas. Como nos velhos tempos.

Ele recostou lentamente na cadeira e a avaliou.

— Não.

— Não? — disse Susan.

— Você pode me seguir. Pode falar com Debbie e com as pessoas que trabalham comigo. Eu vou falar com você sobre o que estão chamando de o caso do Estrangulador das Escolas. Vou falar sobre o caso Beleza Mortal. Pode até entrevistar meu médico, se quiser. Mas Gretchen Lowell, não. Ela ainda está sob investigação da polícia e fazer perguntas a ela seria uma distração. Se fizer isso, não tem jogo.

— Desculpe-me, detetive. Mas o que te faz pensar que se eu escrevesse para ela você descobriria?

Ele sorriu com paciência.

— Acredite em mim. Eu descobriria.

Susan olhou para ele. Não era o fato de ele não querer que ela falasse com Gretchen que a incomodava. Ele havia passado por um inferno. É claro que não queria que sua torturadora fosse entrevistada para uma matéria de jornal idiota. O que incomodava Susan era a certeza cada vez maior de que aquele perfil não significava boa coisa para Archie Sheridan. Que ele tinha coisas a esconder, e que ela iria descobri-las. Ele não deveria ter concordado com nada daquilo. E, se ela percebeu isso, tinha certeza absoluta de que o esperto Archie Sheridan também havia percebido. Mas, então, por que estava deixando?

— Algo mais que eu não possa fazer? — perguntou ela.

— Só mais uma coisa.

Lá vamos nós.

— Manda.

— Domingos, não.

— É o seu dia com os filhos?

Archie olhou por cima do ombro de Susan, para a janela.

— Não.

— Igreja?

Silêncio.

— Golfe? — chutou Susan. — Clube de taxidermia?

— Um dia de privacidade — disse ele com firmeza, olhando de volta para ela, as mãos agarrando as coxas. — Os outros seis são seus.

Ela assentiu algumas vezes. Podia escrever a série, e podia escrevê-la bem. A quem ela estava enganando? Podia fazer um trabalho brilhante. A matéria era dela. Os motivos disso se resolveriam por conta própria com o tempo.

— Ok — concordou ela. — Por onde começamos?

— Pelo começo — ele respondeu. — Cleveland High School. Lee Robinson. — Ele tirou o telefone do gancho e discou um ramal. — Está pronto? — disse Archie ao telefone. Desligou e olhou para Susan.

— O detetive Sobol vai nos acompanhar.

Susan tentou esconder o desânimo. Estava na esperança de ficar sozinha com Archie Sheridan; seria bem melhor para ver qual era a dele.

— Ele era seu parceiro, não era? No primeiro assassinato da Beleza Mortal?

Antes que Archie pudesse responder, Henry apareceu, com a jaqueta de couro pequena esticada sobre os ombros largos, na porta do escritório. Ele atirou uma de suas mãos grandes na direção de Susan.

— Henry Sobol — disse. Um perfeito ursão de pelúcia.

Ela a apertou, tentando igualar a força.

— Susan Ward. *Oregon Herald*. Estou escrevendo uma matéria sobre...

— Você chegou cedo — disse Henry.

Fred Doud fumava um *bong* de maconha na praia. Estava agachado perto de um tronco grande e descascado que a maré havia trazido no inverno anterior. Não que precisasse ser discreto. Não tinha visto ninguém no quilômetro e meio de praia que acabara de atravessar. Geralmente saía do trabalho à tarde, mas teve um julgamento no fim daquele dia. Deu mais uma longa tragada no pequeno cachimbo de vidro e então o guardou de volta na bolsa de couro. Fechou a bolsa, seus dedos longos e ossudos se atrapalhando um pouco por conta do frio, e a pendurou de volta no pescoço. Examinou a pele dos braços, coxas, barriga e joelhos. Estava rosada, mas ele não sentia mais frio. Fred gostava da praia no inverno. Ela estava sempre cheia durante o resto do ano, mas, no inverno, geralmente só havia ele. Morava com alguns colegas de faculdade na ilha, a alguns quilômetros dali, então era fácil chegar de carro. Respeitando as regras da praia, ele veio andando de roupão do estacionamento, descendo o caminho aberto entre os arbustos de amora-preta. Então, assim que chegou à praia, deixou o roupão cair dos ombros ossudos e se afastou dele, nu em pêlo. Nunca se sentiu tão livre.

A verdade é que ele quase sempre voltava quando chegava àquele tronco, mas, às vezes, bem de vez em quando, decidia ir mais longe, ao ponto onde a praia dobrava e podia-se ver o farol mais adiante. Naquele dia, quando se levantou, deleitando-se com seu corpo chapado e nu, Fred soube que aquela era uma dessas vezes.

Ele preferia andar mais para o começo da praia, onde a areia era mais fina e mais agradável aos pés descalços, mas, quando fazia a caminhada mais longa, geralmente se aproximava da água e caminhava pela lama onde certa vez encontrara uma ponta de flecha e esperava encontrar outra. A visibilidade não estava ruim. Quando ele tinha começado a andar, o nevoeiro estava denso, mas, naquele instante, só restava um manto grosso de brancura que flutuava sobre o rio. A lama fria era escorregadia e a praia cheirava mal, como acontecia às vezes. Peixes mortos e podres eram trazidos vez por outra pela maré, algas se amontoavam e apodreciam, infestadas de insetos. Pássaros evisceravam caranguejos e então deixavam as carcaças se decompondo.

Fred estava andando pela lama, o rosto contraído numa concentração absoluta, os olhos avermelhados examinando o chão, esforçando-se para ignorar o fedor cada vez maior, quando encontrou Kristy Mathers. Ele viu primeiro a sola do pé dela, enterrado pela metade na lama, e subiu os olhos pela perna até o tronco. Teria acreditado no que viu antes se não tivesse fantasiado tantas vezes encontrar um corpo naquela praia. De certa forma, sempre pareceu a ele um acontecimento provável. Mas, naquele instante, olhando para a figura pálida, quase irreconhecível aos seus pés, um novo e terrível sentimento o invadiu: sobriedade. Fred Doud nunca se sentiu tão nu.

Com o coração esmurrando o peito e subitamente gelado da cabeça aos pés, ele

deu meia-volta e olhou para o caminho pelo qual tinha vindo e depois para o outro lado, em direção ao farol. O isolamento que há poucos minutos tinha sido prazeroso o encheu de terror. Tinha que buscar ajuda. Tinha que voltar para a sua caminhonete. Começou a correr.

Henry, Archie e Susan foram até a Cleveland High em uma viatura civil, Henry no volante, Archie no carona e Susan fazendo anotações furiosamente no banco de trás. Eles estacionaram na rua em frente à escola de tijolos de três andares e saíram do carro. Henry acenou para dois policiais sentados em uma radiopatrulha logo em frente à escola. Um deles acenou de volta.

O tempo tinha mudado. O nevoeiro frio e úmido da manhã dera lugar a um céu azul límpido com um pouco de sol. A temperatura estava por volta dos 10°C. Iluminada por aquela luz do meio da manhã, a Cleveland High parecia grandiosa e perfeita. Enquanto a Jefferson tinha uma aparência institucional, ela possuía uma espécie de elegância arquitetônica, com sua série de pilares, arcos de entrada e pequeno gramado. Porém, ainda fazia Susan pensar numa prisão.

— É por aqui que a gente vai.

Ela ergueu os olhos. Archie e Henry já haviam descido vários passos a calçada, e o primeiro estava olhando por sobre o ombro para ela. Susan ainda estava parada em frente à escola, perdida em suas lembranças.

— Desculpe — disse ela. — É que eu estudei aqui.

Archie ergueu as sobrancelhas.

— Você estudou na Cleveland?

— Estudei, dez anos atrás. — Ela os alcançou. — E ainda estou me recuperando.

— Não foi a rainha do baile? — perguntou Henry.

— Nem de longe — disse Susan. Havia sido uma adolescente problemática, histérica 15% do tempo. Não sabia como os pais tinham agüentado. — Você tem filhos? — ela perguntou a Henry.

— Um — respondeu ele. — Foi criado pela mãe. No Alaska.

— Foi lá que você nasceu?

— Não. Só acabei parando lá.

Archie sorriu.

— Foi nos anos 70. Quando ele tinha uma *camper*. E cabelo.

Susan riu e escreveu uma frase no bloco de anotações. O rosto alegre de Henry ficou sério.

— Não, senhora — disse ele olhando de Susan para Archie. — Nada sobre a minha vida. E ponto final.

Susan fechou o bloco.

— Henry não gosta de ser entrevistado — falou Archie.

— Estou vendo — disse Susan.

Eles continuaram andando, dobrando a esquina que dava para a lateral da escola. Susan podia ver pelas janelas grandes, cujos vidros haviam sido trocados desde seu tempo de estudante, os adolescentes sentados em vários estados de repouso na sala de aula, olhando para frente. Meu Deus, como ela tinha odiado o ginásio.

— Lee Robinson odiava essa escola, não é?

— Por que diz isso? — perguntou Archie erguendo os olhos para o prédio.

— Vi a foto escolar dela. Lembro como era ser aquela garota.

— Essa é a porta — disse Henry, apontando para as portas corta-fogo de metal na lateral do edifício. — O ensaio da banda era no primeiro piso. Ela saiu por aqui.

Archie ficou parado com as mãos nas cadeiras, olhando para a porta. Susan conseguia ver uma arma em um coldre de couro na sua cintura. Ele ergueu os olhos para a escola e girou lentamente nos calcanhares, absorvendo cada detalhe. Então assentiu.

— Ok.

Henry os conduziu pela calçada.

— Ela foi andando por aqui.

Susan seguiu Archie, que estava seguindo Henry. Andaram em silêncio. Susan contornou uma poça que cintilava sob a claridade. Era a primeira vez que o sol saía em semanas. Sob o habitual manto de nuvens, o mundo, favorecido pela iluminação, parecia chapado. Sem ele, todas as cores resplandeciam; as coníferas eram de um verde mais escuro e forte, os botões brilhantes das ameixeiras verdejavam com a promessa de primavera, rosas e festivais de beira de rio. Até mesmo a calçada cinza, empenada em alguns lugares por conta das raízes retorcidas de árvores plantadas há cem anos, parecia de alguma forma mais vívida.

Susan contornou outra poça e apertou os olhos contra o céu. Sol em março em Portland, Oregon, era uma coisa quase inédita. O tempo deveria estar feio e nublado. Deveria estar chovendo.

Quando já tinham descido metade da quinta quadra, Henry parou.

— Cá estamos — disse. — Foi aqui que os cães perderam o cheiro dela.

— Então ela entrou em um carro? — perguntou Susan.

— Provavelmente — respondeu Henry. — Ou subiu numa bicicleta. Ou numa moto. Ou fez sinal para um ônibus. Ou a chuva levou o cheiro dela embora. Ou talvez os cães não estivessem com o faro muito bom naquele dia.

Mais uma vez, Archie girou o corpo lentamente. Alguns minutos depois, virou-se para Henry.

— O que você acha?

— Acho que ele estava a pé. — Henry apontou uma cerca viva de louros que emoldurava o jardim de uma casa. Ficava logo atrás do local em que os cães haviam perdido o cheiro de Lee Robinson. — E que estava esperando por ela lá atrás.

— Seria arriscado — falou Archie, duvidando. Ele foi para trás da cerca viva. — A grossura da folhagem era a mesma?

— É uma sempre-viva.

Archie levou aquilo em consideração.

— Então ele ficou esperando atrás da cerca viva — disse, passando a mão pelas folhas grossas. — Apareceu na frente dela. E depois? A convenceu a entrar em um veículo próximo daqui?

— Um cara pula de trás de um arbusto e ela entra no carro dele? Na minha

época de adolescente não era assim — disse Susan.

— Não — falou Henry. — Ele não pulou de trás da cerca.

Archie assentiu, pensativo.

— Ele a vê. Sai pelo outro lado da cerca. Ali. — Ele andou pela cerca viva até o outro lado, quase dobrando a esquina. — Então finge que estava dobrando a esquina — disse ele, reconstituindo a cena. — Surge na frente dela.

— Ela o conhece — disse Henry.

— Ela o conhece — concordou Archie. Os dois ficaram quietos por um instante. — Ou — disse, dando de ombros — talvez ele tenha pulado de trás da cerca viva, segurado uma faca contra o pescoço dela e a forçado a entrar na traseira de uma van.

— Ou isso — disse Henry.

— Você procurou por fibras na folhagem?

— Quatro dias de chuva, tarde demais.

Archie virou-se para Susan.

— Você voltava da escola andando?

— Só nos primeiros dois anos. Até arranjar um carro.

— Entendo — refletiu Archie, os olhos fixos na cerca. — É nessa época que a gente faz as coisas andando, não é? Nos primeiros dois anos. — Ele entortou a cabeça. — Você gostava da Cleveland?

— Já falei que odiava — respondeu Susan.

— Não. Você disse que odiava o ginásio. Teria odiado em qualquer lugar ou o problema era a escola?

Susan gemeu.

— Não sei. De algumas coisas eu gostava. Fazia parte do grupo de teatro. E, já que você está tão interessado, participei da equipe da Gincana do Conhecimento. Mas só quando era caloura. Antes de deixar de ser *nerd*.

— O professor de teatro é antigo na escola — disse Henry. — Reston.

— Sim — disse Susan. — Tive aula com ele.

— Você aparece de vez em quando? — perguntou Henry. — Para dar um olá?

— Se eu visito meus antigos professores do ginásio? — perguntou Susan com incredulidade. — Eu tenho uma vida, obrigada. — Então um pensamento terrível a invadiu. — Ele não é suspeito, é?

Henry balançou a cabeça.

— A não ser que tenha convencido nove adolescentes a mentir por ele. Estava ensaiando uma peça em todas as noites que uma garota foi raptada. Você pode continuar levando as maçãs de presente. E o professor de física, Dan McCallum? Teve aula com ele?

Susan abriu a boca para responder, mas foi interrompida pelo toque do celular de Archie. Ele tirou o aparelho do bolso do paletó, o abriu e se afastou alguns passos.

— Pronto — disse. Ficou um minuto ouvindo. Henry e Susan observavam com toda a atenção. Susan notou uma mudança quase imperceptível. Não tinha certeza se era a linguagem corporal de Archie, algo na fisionomia, ou apenas projeção sua, mas estava certa de que alguma coisa tinha mudado. Archie assentiu várias vezes. — Ok. Estamos a caminho. — Ele fechou o celular, largou-o com cuidado dentro do bolso e se virou lentamente na direção deles.

— Eles a encontraram? — perguntou Henry, o rosto impassível.

Archie assentiu.

— Onde? — perguntou Henry.

— Sauvie Island.

Henry revirou os olhos em direção a Susan.

— Quer largá-la no banco?

Susan olhou para Archie, instando-o a deixá-la ir junto. *Ela pode vir. Ela pode vir. Ela pode vir.* Estava louca para os lábios dele formarem aquelas palavras. Sua primeira cena de crime. Um relato em primeira pessoa. Seria um ótimo lead para a primeira matéria. Como seria ver uma vítima de assassinato? O fedor de um cadáver. A legião de investigadores examinando a cena. A fita amarela isolando a área. Ela sorriu, sentindo aquele habitual ronco no estômago novamente. Então viu o que estava fazendo, e se forçou a tirar rapidamente o prazer do rosto. Porém, Archie já havia notado.

Susan olhou para ele, os olhos suplicando, mas o rosto do detetive não revelou nada.

Ela começou a andar de volta para o carro. Merda. Tinha estragado tudo. No primeiro dia ele já achava que ela era algum tipo de babaca carniceira.

— Ela pode vir — disse ele, sem parar de andar. Virou-se e olhou deliberadamente para Susan. — Mas não espere que ela esteja como na foto.

— Sabiam que tem um monte de cadáveres na Sauvie Island? — falou Susan do banco de trás. — Um monte de gays que costumavam freqüentar a praia de nudismo, morreram de AIDS e tiveram as cinzas espalhadas por lá. O comecinho da praia? Antes de chegar na água? Tudo lasca de osso e carvão. — Ela contraiu o rosto com nojo. — Os banhistas passam protetor, deitam na areia e acabam com pedacinhos de gente morta na racha da bunda. — Ela esperou. — Escrevi uma matéria sobre isso. Talvez vocês tenham lido.

Ninguém respondeu. Ela notou que Henry já tinha parado de escutá-la há mais de 15 quilômetros. Archie estava ao telefone.

Ela cruzou os braços e tentou não resmungar. Era a maldição de quem escrevia matérias especiais. Cultura inútil. E ela escrevera várias sobre Sauvie Island: agricultores orgânicos, o labirinto da plantação de milho, a praia de nudismo, clubes de ciclistas, ninhos de águia, plantações de amora pegue-e-pague. Os leitores do *Herald* adoravam esse tipo de porcaria. Conseqüentemente, Susan sabia mais sobre a ilha do que a maioria das pessoas que vivia nela. Tinha cerca de 10 mil hectares. Supostamente um “oásis agrícola”, flanqueada pelo rio Columbia e pelo poluído canal Multnomah e localizada a cerca de vinte minutos de carro do centro de Portland. Para preservar a vegetação nativa, o estado criou uma reserva natural de quase 5 mil hectares. Foi lá, longe das fazendas que faziam a ilha parecer um pedaço de Iowa, que a garota foi encontrada morta. Susan nunca gostara daquele lugar. Espaços abertos demais.

Haviam entrado em uma estrada de cascalho.

— Sim — disse Archie ao telefone. — Quando?... Onde?... Sim. — Nada de sensacional para tomar nota. — Não... ainda não sabemos... vamos descobrir. — Seguiam numa lentidão excruciante por conta do cascalho e a chuva constante de areia que caía sobre o carro era pontuada apenas por uma ou outra pedrinha que ricocheteava no pára-brisa. Archie ainda estava ao telefone. — Onde você está agora?... Uns cinco minutos.

Todas as vezes que ele desligava, o celular tocava. Susan deixou o olhar cair sobre o acostamento, um muro espesso de arbustos de amora-preta, com pinheiros por trás que piscavam como um caleidoscópio. Por fim, Susan pôde ver um amontoado de viaturas policiais, uma picape velha e uma ambulância já estacionada no acostamento mais adiante. Um carro de xerife bloqueava a estrada e um jovem policial estadual parava o tráfego. Susan esticou a cabeça para ver mais, o bloco de anotações no colo. Henry parou o carro e mostrou um distintivo para o policial, que assentiu e fez sinal para que passassem.

Eles estacionaram o carro perto de uma viatura e, com um único movimento,

Henry e Archie estavam fora do veículo, Susan teve que correr atrás deles, desejando ter colocado sapatos mais práticos. Ela enfiou a mão na bolsa e tirou um batom. Nada dramático. Apenas uma corzinha natural. Colocou um pouco dele enquanto andava e se sentiu imediatamente uma idiota por isso. Atrás da viatura, havia um jovem barbudo usando um roupão felpudo, acompanhado de um policial. Estava descalço. Susan sorriu. Ele fez um sinal de paz e amor para ela.

O ir-e-vir de pessoas havia criado o caminho para a praia por entre uma abertura natural nas amoreiras silvestres e ele cortava diagonalmente o mato alto e seco até a areia mais abaixo. A areia era solta, e Archie teve que se equilibrar a cada passo. *Tudo lasca de osso e carvão*. Mais adiante, ficava o rio Columbia, parado e marrom e, do outro lado, o estado de Washington. Ele podia ver um grupo de patrulheiros estaduais parados a cerca de meio quilômetro, na lama depois da areia da praia.

Claire Masland os aguardava na praia. Ela usava jeans, uma blusa vermelho-escura e amarrara o blusão acolchoado impermeável em volta da cintura. Archie nunca tinha perguntado, mas imaginava que ela fizesse trilhas e acampasse. Talvez até fosse esquiadora. Pensando melhor, devia praticar esqui nórdico. Seu distintivo estava preso na cintura da calça. Manchas de suor haviam se formado sob as axilas. Ela se juntou aos três enquanto eles prosseguiram em direção ao corpo.

— Um nudista a encontrou por volta das dez — disse ela. — Ele teve que voltar ao veículo e depois para casa para telefonar para a gente, então só recebemos a ligação às 10h28.

— Ela está como as outras?

— Idêntica.

A mente de Archie era um turbilhão. Não fazia sentido. Estava acelerado demais. Ele gostava de mantê-las em seu poder. Por que não ficou mais tempo com essa? Será que achou que precisava se livrar dela?

— Ele está assustado — concluiu Archie. — Nós o assustamos.

— Então ele assiste aos noticiários da noite — disse Henry.

Eles o amedrontaram. O medo o levou a querer se livrar do corpo. E agora? Ele pegaria outra. Teria que pegar outra. Ácido gástrico subiu à garganta de Archie. Ele enfiou a mão no bolso, fogueou uma pastilha de antiácido e a mascou com impaciência. Eles o apressaram. E agora ele teria que matar outra garota.

— Quem está aqui? — perguntou Archie.

— Greg. Josh. Martin. Anne está chegando daqui a uns dez minutos.

— Ótimo — disse Archie. — Quero falar com ela.

Ele se deteve e o grupo parou com ele. Estavam a menos de 15 metros da cena do crime. Ele ficou escutando.

— O que é isso? — perguntou Claire.

— Helicópteros da imprensa — disse Archie erguendo os olhos, o rosto demonstrando aborrecimento, enquanto dois helicópteros deixavam para trás as árvores. — Melhor montar uma tenda. — Claire assentiu e correu de volta na direção da estrada. Archie se virou para Susan. Ela estava escrevendo no bloco de anotações, enchendo página atrás de página com observações em letras grandes e cursivas. Archie podia sentir a empolgação dela e se lembrava da sensação de quando ele e Henry haviam pegado

aquele primeiro caso da Beleza Mortal. Já não era a mesma coisa.

— Susan — disse ele. Ela estava trabalhando furiosamente para concluir um pensamento no bloco e fez um gesto com o dedo de que daria atenção a ele num segundo.

— Olhe para mim — disse Archie. Ela obedeceu, os olhos verdes arregalados. Ele se sentiu, de súbito, muito protetor em relação àquela estranha menina de cabelo rosa que fingia ser muito mais durona do que era de fato, uma presunção que ao mesmo tempo a fazia parecer ridícula. Archie a encarou por um instante, até ela se concentrar nele. — Não importa o que você esteja esperando ver lá na frente — disse, fazendo um sinal para onde Kristy Mathers estava deitada nua na lama —, vai ser pior.

Susan assentiu.

— Eu sei.

— Já viu um cadáver antes? — perguntou Archie.

Ela assentiu mais um pouco.

— Meu pai. Ele morreu quando eu era criança. De câncer.

— Vai ser diferente — disse Archie com brandura.

— Eu agüento. — Ela esticou a cabeça e cheirou o ar. — Que cheiro é esse? — perguntou. — Clorox?

Archie e Henry trocaram olhares. Então Henry tirou dois pares de luvas de látex do bolso do paletó e entregou um par para Archie. Archie olhou mais uma vez para o rio parado, cintilando sob o sol do fim da manhã, inspirou profundamente pela boca e expirou.

— Não respire pelo nariz — disse ele a Susan. — E não me atrapalhe.

Então colocou as luvas e andou os últimos 13 metros até o corpo, com Henry e Susan alguns passos atrás.

Agachado ao lado do corpo de Kristy, Archie se sentia absurdamente lúcido. Sua mente ficou clara. Sua concentração, direcionada. Percebeu que chegara a ficar alguns minutos sem pensar em Gretchen Lowell. Tinha sentido falta daquilo.

Ela havia sido estrangulada e então encharcada de alvejante, como as outras. Estava a um metro e meio da água, de costas, a cabeça para o lado, um braço gorducho enfiado embaixo do tórax, pele e cabelos cobertos de areia, como se tivesse rolado alguns metros. O outro braço estava com o cotovelo delicadamente dobrado, a mão com os dedos fechados descansando logo abaixo do queixo, as unhas roídas ainda pintadas com esmalte cintilante. Aquele braço parecia quase humano. Archie prosseguiu, absorvendo cada detalhe, descendo da cabeça até os dedos do pé. Uma perna estava um pouco dobrada, a outra estava esticada, envolvida em algas. Ele notou o sangue no nariz e na boca, a língua grotescamente inchada e a mesma marca horizontal na parte inferior do pescoço, indicando o uso de uma tira que eles achavam ser um cinto. A base do pescoço e os ombros mostravam as manchas púrpura do *livor mortis*, onde o sangue havia parado depois da morte. Uma coloração vermelho-esverdeada começara a surgir no abdome; boca, nariz, vagina e orelhas estavam pretas. O alvejante retardou a decomposição matando algumas das bactérias que causavam a distensão e a ruptura dos tecidos moles, de modo que ele ainda conseguia ver algo de Kristy no cadáver. Algo de reconhecível na bochecha e no perfil. Já era alguma coisa. Mas o alvejante não deteve os insetos.

Pequenos insetos na boca e nos olhos e apinhando a genitália. Caranguejos escalavam seus cabelos. Uma geléia preta foi tudo que sobrou de um globo ocular, a pele da testa e da bochecha havia se rasgado onde um pássaro pousara, enfiando as garras na carne para ganhar impulso. Archie ergueu os olhos e viu uma gaivota parada vigilantemente a alguns metros de distância do corpo. Ela encarou Archie e deu alguns passos impacientes antes de voar de volta para uma posição mais segura.

Henry pigarreou.

— Ele a desovou na praia — teorizou em voz alta. — Não na água.

Archie assentiu.

— Como você sabe? — perguntou Susan.

Archie ergueu os olhos. O rosto de Susan estava pálido, todo batom e sardas, mas ela estava segurando as pontas melhor do que ele na primeira vez.

— Ela ainda estaria lá no rio — disse.

— Cadáveres afundam — explicou Henry. — Eles reaparecem de três dias a uma semana mais tarde, por conta dos gases que o corpo solta. Faz apenas dois dias que ela desapareceu.

Archie olhou para cima e para a extensão da praia. Os helicópteros estavam voando em círculos. Ele achou ter notado o reflexo de uma lente teleobjetiva.

— Ele deve tê-la desovado aqui na noite passada, enquanto ainda estava chovendo. Cedo o bastante para a chuva e a maré apagar qualquer pista que tenha deixado pelo caminho.

— Ele queria que nós a encontrássemos — disse Henry.

— Por que ela está assim? — perguntou Susan, a voz tremendo pela primeira vez.

Archie baixou os olhos para o corpo, a cor dos cabelos castanhos reduzida a um laranja fraco, a pele queimada. Idêntica às fotos de Lee Robinson e Dana Stamp.

— Ele usa alvejante nas vítimas — disse ele baixinho. — Mata, abusa sexualmente delas e as enfia em uma banheira cheia de alvejante até decidir desová-las.

Ele chegava a sentir o gosto na boca; o cheiro, de encher os olhos d'água, do alvejante misturado à putrefação da carne e dos músculos.

Viu Susan cambalear; apenas uma pequena mudança de posição, uma ajeitada no corpo.

— Você não revelou essa informação.

Archie abriu um sorriso cansado para ela.

— Acabei de revelar.

— Então ele as mata logo de cara — disse Susan quase para si mesma. — Quando alguém se dá conta de que elas estão desaparecidas, já estão mortas.

— Isso.

Ela apertou os olhos.

— Você manteve as esperanças de todo mundo. Mesmo sabendo que ela estava morta. — Então ela mordeu o lábio e escreveu algo no bloco. — Que doente — disse ela baixinho.

Archie não teve certeza se ela estava se referindo ao assassino ou a ele. Não importava.

— Acho que é uma avaliação justa — disse.

— Se ele a desovou aqui — disse Henry a Archie —, talvez tenha estacionado

onde nós estacionamos. Pegado o mesmo caminho. Não poderia tê-la carregado de outra parte. A não ser que tenha vindo de barco.

— Vá de porta em porta. Procure saber se alguém passou de carro, notou algum veículo. Incluindo um barco. Peça também aos Hardy Boys para fazerem uma busca na área por camisinhas. Talvez ele não tenha conseguido resistir.

— Você quer que eles procurem camisinhas numa praia de nudismo? — perguntou Henry com hesitação. — Bem que eles podiam aproveitar para fazer uma busca por *bongs* em alguns dormitórios universitários.

Archie sorriu.

— Envie tudo o que encontrar para o laboratório, então faça o exame de DNA. Talvez a gente dê sorte. — Archie enfiou mais um Vicodin na boca.

— Outro Zantac? — perguntou Henry.

Archie desviou o olhar.

— Aspirina.

Archie está pensando no terceiro dia, quando Gretchen enfia o funil em sua garganta e joga os comprimidos dentro e ele engole sem resistir. Ela coloca o funil de lado e volta a tapar rapidamente sua boca com um pedaço de fita adesiva cortado com antecedência. Ela não disse nada naquele dia. Usa uma toalha de rosto branca para limpar a saliva que escorreu da boca dele e vai embora. Ele espera as pílulas fazerem efeito, cada célula atenta à mudança. É uma outra maneira de medir o tempo. Não sabe o que são os comprimidos, mas suspeita que sejam anfetamina, analgésico e algum tipo de alucinógeno. O formigamento começa no nariz e vai subindo até o topo da cabeça. Archie obriga-se a se render a ele.

A mente dele começa a ratear. Tem a impressão de ver um homem de cabelo preto no porão com eles. Não passa de um vulto. Paira por trás de Gretchen e desaparece. Archie fica imaginando se o cadáver não teria se reanimado, um zumbi de carne apodrecida e inchada e osso. Mas diz a si mesmo que é apenas uma alucinação. Nada é real.

Ele imagina a cena do crime. Henry e Claire. Eles seguiriam as pistas até o casarão amarelo que Gretchen alugara na Vista Avenue. Fita de isolamento. Mídia. Forenses. Setas indicando as provas. Ele passa pela cena do crime, guiando a força-tarefa como se fosse apenas outra vítima da Beleza Mortal.

— Vocês demoraram muito — diz ele a Claire. — Estou morto.

Todos parecem muito soturnos e desesperados.

— Animem-se! Está tudo bem! Pelo menos sabemos quem é a porra do assassino! Certo? Certo?

Eles olham para Archie com perplexidade.

— Está na cara que isso está ligado ao caso — diz Archie, sua voz esganiçada de ansiedade. — Não é uma coincidência.

Eles vasculham toda a casa em busca de pistas.

— Juntem as peças — implora Archie.

Eles teriam o nome de Gretchen, a foto da carteira de identidade dela. Ele relembra a visita, puxando pela memória as superfícies que tinha tocado, as fibras que deixara, alguma pista de que tenha estado ali. O café. Ele tinha derramado café no tapete. Archie aponta a mancha escura.

— Estão vendo? — exclama ele para Henry. Henry pára. Agacha-se. Faz sinal para um perito. O laboratório encontraria traços do que ela o fizera tomar. Isso confirmaria as suspeitas deles. Alguém o tinha visto entrando? O que aconteceu com o carro dele? Archie se agacha perto de Henry.

— Quando os resultados ficarem prontos, você precisa fazer todo o possível para

relacioná-la aos outros assassinatos. Espalhe a fotografia dela por todo canto. Assim que eu morrer, ela vai sair da casa. E, quando isso acontecer, é sua chance de pegá-la.

— Você está alucinando — diz Gretchen.

Ele é alavancado do sonho de volta ao porão. Ela está lá novamente, pressionando um pano frio contra a testa dele. Archie não sente calor, mas percebe que está suando.

— Está balbuciando — diz Gretchen.

Archie sente-se grato pela fita adesiva. Grato que ela não possa ouvir suas divagações.

— Não sei como você agüenta o fedor daqui de baixo — diz Gretchen, deslizando os olhos até o cadáver ainda no chão.

Começa a dizer outra coisa, mas Archie está cansado dela, então desvia a mente para outro lugar.

E visita Debbie.

Ela está sentada no sofá, enrolada em um cobertor de lã, os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Você o encontrou? — ela se apressa a perguntar quando Archie chega.

— Não — responde ele. Archie pega uma cerveja na geladeira e se senta ao lado dela. O rosto de Debbie está calmo e inexpressivo e suas mãos tremem ao segurar o cobertor com força sob o queixo.

— Ele ainda está vivo — diz Debbie, convicta. O otimismo inflexível em sua voz parte o coração de Archie. — Sei que está.

Archie leva aquilo em consideração. Quer ser gentil com ela. Mas não pode mentir.

— Na verdade é mais provável que eu esteja morto — diz ele. — Você tem que se preparar para isso.

Debbie olha horrorizada para ele, retesando o corpo.

Desconcertado, ele tenta mais uma vez confortá-la.

— É melhor assim — diz. — Quanto antes ela me matar, melhor. Acredite em mim.

Os olhos de Debbie se enchem de lágrimas e ela contrai a boca.

— Acho melhor você ir embora agora — diz ela.

— Olhe para mim.

É Gretchen. Ele está de volta ao porão. A realidade se embaralha e ondula nos cantos de sua visão. Ele não quer ceder a ela, mas aprendeu a lição, de modo que vira a cabeça e obedece.

Não há nada naquele rosto. Nenhuma raiva. Nenhum prazer. Nenhuma compaixão. Nada.

— Está com medo? — pergunta Gretchen. Ela tateia com o pano sua testa, bochecha, nuca e clavícula. Então Archie imagina ver uma faísca de emoção nos olhos dela. Piedade?

Então ela some.

— Não importa o que você esteja esperando — sussurra ela. — Vai ser pior.

A primeira coisa que Susan fez quando chegou em casa foi abrir o zíper das botas de couro pretas de cano alto, tirá-las com um chute e atirá-las em cima de uma pilha de outros sapatos que tinham sido abandonados à porta. Manchadas e fedendo a alvejante, as botas estavam arruinadas.

Susan morava no que gostava de chamar de um loft, embora fosse na verdade um estúdio, no Pearl District, que ficava logo ao norte do centro na região oeste de Portland. O prédio, que fora uma cervejaria na virada do século XIX, havia sido remodelado vários anos depois. A fachada ainda era a mesma, de tijolos e maciça, assim como a velha chaminé, porém o restante da estrutura tinha sido substituído para oferecer aos moradores as mais modernas amenidades. O loft de Susan ficava no terceiro andar. Tecnicamente, pertencia a um ex-professor dela que tirara um ano sabático na Europa com a mulher para escrever outro livro. Ele morava em Eugene e dava aulas na Universidade do Oregon, onde era diretor emérito do curso de formação de escritores da pós. No entanto, mantinha o apartamento em Portland aparentemente como um refúgio para escrever, embora raras vezes fosse usado para intenções literárias. Susan quis que ele fosse dela desde o primeiro fim de semana que passou lá. A cozinha americana tinha os mais modernos utensílios, uma geladeira de aço inox e um fogão impressionante e lustroso. Era tudo o que a casa em que ela crescer não era. É claro que os balcões eram sintéticos, e não de granito, e o fogão não era um Viking original, mas a distância o lugar ainda parecia chique e urbano. Ela adorava as fotografias emolduradas do Grande Escritor com outros Grandes Escritores. A cama era ocultada por um biombo japonês, deixando o resto do espaço como uma área de estar, que consistia em um sofá de veludo, uma poltrona de couro vermelha, uma mesa de centro e um pequeno televisor. Tudo que era de fato dela naquele apartamento caberia em duas malas.

Ela tirou a blusa pela cabeça, despiu a calça preta, as meias, a calcinha e o sutiã. Ainda sentia o cheiro do alvejante. Estava em tudo, entranhado em tudo. Como ela adorava aquelas botas. Ficou nua por um instante, tremendo, a roupa empilhada a seus pés. Então se envolveu em um quimono que estava pendurado num gancho de bronze na porta do banheiro, juntou as roupas, as belas e caras botas, saiu para o corredor descalça, desceu de elevador até a portinha retangular onde se lia “lixo”, a abriu e jogou a trouxa inteira fora. Não ficou para ouvi-la cair, como de hábito; voltou direto para o apartamento, entrou no banheiro, abriu a torneira da banheira e deixou o quimono cair próximo à porta. Apenas um centímetro de água fumegante tinha se acumulado, mas Susan entrou na banheira assim mesmo, agachando-se na água quente e observando os pés ficarem vermelhos. Ela se sentou lentamente, encolhendo-se um pouco ao fazê-lo, e então recuou devagar, esticando as pernas magras à sua frente. Diante do próprio corpo

nu, só conseguia pensar nas garotas. *Será que ele as alvejara em uma banheira como essa?* A água já havia chegado à cintura e ela recostou na porcelana fria, obrigando-se a continuar assim até que ela estivesse na mesma temperatura que seu corpo. Seus braços estavam arrefriados e ela não conseguia parar com aquela droga de tremedeira de jeito nenhum. Desligou a torneira com os dedos do pé, fechou os olhos e tentou não pensar na coisa pálida e barbarizada que um dia fora Kristy Mathers.

Archie estava sentado à sua mesa nova, ouvindo a gravação da entrevista que fizera com Fred Doud. Kristy Mathers estava morta. E o cronômetro tinha recomeçado. O assassino pegaria outra garota. Era apenas uma questão de tempo. Sempre era uma questão de tempo.

As luzes do escritório estavam acesas, mas Archie desligara as lâmpadas fluorescentes da sua sala e sentava-se na penumbra, tendo a porta aberta como única fonte de luz. Havia mandado finalmente Henry levar Susan Ward de volta ao carro dela, e ele e Claire Masland tinham seguido o veículo do legista até o necrotério, onde encontraram o pai de Kristy, que identificou o corpo. Archie se tornara um especialista em destruir famílias. Às vezes não precisava dizer nada. Os familiares sabiam só de olhar para ele. Outras vezes, tinha que repetir e repetir e eles ainda ficavam olhando, pasmos, as cabeças balançando com incredulidade, a negação brilhando teimosamente em seus olhos. E então a coisa arreventava como uma onda e a verdade os invadia. Era preciso muito esforço para lembrar a si mesmo de que ele não era a causa daquela angústia.

No entanto, Archie não se importava de estar cercado de dor. Mesmo os mais completos babacas parecem entrar em estado de graça quando se deparam com a perda brutal de um ente querido. Eles não se movem pelo mundo como as outras pessoas. Quando olham para você, é como se enxergassem mais fundo. O universo inteiro se limita a essa única coisa, a esse único acontecimento, essa única perda. Durante semanas, parecem ter tudo sob perspectiva. Então voltam, aos poucos, a se preocupar com as coisas irrelevantes de suas vidas.

Ele ergueu os olhos. Anne Boyd estava recostada no batente da porta, observando-o daquele jeito dela, como um pai esperando uma confissão do filho.

Ele esfregou os olhos, deu um sorriso cansado e fez sinal para que ela entrasse. Anne era uma mulher inteligente. Ele imaginava se o treinamento psicológico a permitia ver além de sua máscara de sanidade.

— Desculpe. Estava viajando. — Ele desligou o gravador. — Pode acender a luz — acrescentou.

Ela acendeu e o quarto foi inundado por uma luz branca e forte, e a dor que prensava a cabeça de Archie aumentou um ponto. Ele se empertigou e esticou o pescoço até ouvir um aliviante estalo.

Anne se afundou em uma das cadeiras de frente para ele, cruzou as pernas e jogou um documento de cinquenta páginas na mesa. Ela era uma das poucas *profilers* do sexo feminino no FBI, e a única negra. Archie a conhecia há seis anos, desde que a agência a enviara para traçar o perfil da Beleza Mortal. Eles haviam passado centenas de horas na chuva, visitando os locais dos crimes juntos, olhando fotografias de padrões de ferimentos às quatro da manhã, tentando entrar na mente de Gretchen Lowell. Archie sabia que Anne tinha filhos, a ouvira falando com eles ao telefone. Ele se deu conta, no

entanto, de que, durante todo o tempo em que trabalharam juntos, os dois nunca haviam conversado sobre os respectivos filhos. A vida profissional deles era feia demais. Falar sobre os filhos parecia um desrespeito.

— É isso? — perguntou ele, apontando com a cabeça o documento.

— O fruto do meu trabalho — disse Anne.

As costelas de Archie doíam de tanto ficar sentado, e ácido gástrico queimava em seu estômago. Às vezes, acordava no meio da noite na posição perfeita, e percebia que não estava sentindo dor. Tentava continuar parado, para alongar o abençoado interlúdio, mas acabava tendo que se virar, dobrar um joelho ou esticar um braço, e então vinha aquela familiar pontada, queimação ou dor. Os remédios ajudavam, e às vezes ele tentava se convencer de que estava quase se acostumando. Porém, seu corpo ainda era uma distração. Se quisesse se concentrar no perfil de Anne, precisaria de ar.

— Vamos dar uma volta. Você pode me fazer um resumo.

— Ótimo — concordou ela.

Eles passaram pelo escritório vazio, onde um faxineiro estava desenrolando um tubo de aspirador de pó. Archie segurou a grande porta de vidro para Anne sair e a seguiu até a calçada. Começaram a andar na direção norte. Archie colocou as mãos nuas nos bolsos do paletó por conta do frio e lá estavam os comprimidos. Ele não estava vestido para aquele clima, como de costume. As luzes dos postes pareciam borradas no escuro, e a cidade tinha uma aparência suja sob a luz chapada e amarela que eles jogavam no asfalto. Um carro passou uns 15 quilômetros por hora acima do limite de velocidade.

— Acho que estamos lidando com um sociopata em desenvolvimento — disse Anne. Ela estava usando um casaco impermeável de couro cor de chocolate e botas de oncinha. Anne sempre soube combinar as roupas.

— Gostou delas? — perguntou, notando que Archie estava olhando para as botas. Ela parou e levantou a saia de crochê alguns centímetros para mostrar as botas de cano alto. — Comprei na seção para gordos. São extragrandes. Para minhas panturrilhas enormes.

Archie pigarreou.

— Você disse que ele era um psicopata em desenvolvimento?

— Você não quer falar sobre as minhas panturrilhas? — perguntou Anne.

Archie sorriu.

— Só estou tentando evitar um processo por assédio sexual.

Anne largou a saia e sorriu para Archie.

— Acho que essa é a primeira vez que vejo você sorrir em dois dias.

Eles voltaram a andar novamente e Anne retomou o perfil:

— Ele estuprou e assassinou essas garotas, mas sente remorso — disse ela, voltando a ficar séria. — Limpa o corpo delas. E as devolve.

— Mas volta a matar.

— A necessidade é mais forte do que ele. A questão é o estupro. Não o assassinato. Ele é um estuprador que mata, não um assassino que estupra. A coisa não faz parte do fetiche dele. Não se trata de necrofilia. Ele as mata para poupá-las do estupro.

— Muito simpático — disse Archie.

Eles passaram por uma loja de tintas com as luzes apagadas, por uma barraca de café expresso *drive-thru* fechada, por um barzinho descolado. A janela do bar era cheia

de marcas de cerveja em néon: PBR, Rainier, Sierra Nevada. Um cartaz malfeito anunciava uma banda chamada “Missing Persons Report”, relatório de pessoas desaparecidas. Que lindo. Archie olhou para dentro quando eles passaram e viu algumas pessoas de relance, as bocas abertas, rindo, o som da leviandade alcoólica.

Anne prosseguiu:

— Não acho que tire prazer do assassinato *per se*. Ele não se detém nele. Não usa as mãos. Acho que temos que ir atrás de sua origem. Acredito que já tenha estuprado antes. E, se for o caso, as mulheres estarão dentro do perfil das vítimas de agora.

Archie balançou a cabeça.

— Trouxemos à tona todos os estupros não solucionados dos últimos vinte anos. Nenhum se enquadra.

Chegaram a um cruzamento. Se Archie estivesse sozinho, teria atravessado com o sinal aberto, mas, por estar com Anne, apertou o botão do pedestre e aguardou.

— Procure fora do estado. Se não achar nada, significa que não houve queixa dos estupros, o que por si só já é útil.

Archie levou aquilo em consideração.

— Ele exerce poder sobre as mulheres.

— Ou costumava exercer — comentou Anne.

— Ao perder esse poder, compensa com violência.

Anne assentiu várias vezes, mexendo a mandíbula.

— Estou pensando em uma evolução constante dos estupros, seguida de algum fator de estresse no trabalho ou em casa. Ele provavelmente tem fantasias sexuais violentas desde criança, mas conseguiu aplacá-las com pornografia e com os primeiros estupros. Então decide dar um passo além. Planeja. Executa. E consegue se safar.

— Então faz de novo — suspirou Archie. O sinal fechou, finalmente, e eles atravessaram para o outro lado da rua e começaram a voltar na direção sul. Não foi uma caminhada longa. Mas o movimento fez bem.

— Sim. E consegue se safar mais uma vez. Então as barreiras sociais que sempre foram incômodas para ele começam a ruir perigosamente. Acredito que, naquela primeira vez, parte dele tinha certeza de que seria pego. Talvez até quisesse ser pego, para ser punido por suas fantasias pervertidas. Mas não aconteceu. Então agora está achando que a lei não se aplica a ele. Está se sentindo especial.

— E o alvejante? É um ritual de purificação ou ele está destruindo conscientemente provas forenses?

Ele notou Anne morder o lábio.

— Não sei. Não faz sentido. Se ele se importa com elas a ponto de matá-las, por que as lava com produtos químicos corrosivos? Isso é exagerar na violência como um agente purificador. E acho que nosso homem é metódico o suficiente para evitar excessos. Ele saberia a dose certa, e não iria além dela.

— Ele desovou um corpo na véspera do Dia dos Namorados — disse Archie.

— Não é coincidência.

— Os assassinatos são algo íntimo para ele — disse Archie baixinho. — Ele as escolhe.

— Esse cara é esperto — disse Anne. — Tem instrução. Tem um emprego. Está transportando os corpos, então tem acesso a um veículo. E provavelmente a um barco. Levando em conta a hora em que as vítimas desaparecem, eu diria que trabalha dentro do

horário bancário. Branco, sexo masculino. De aparência comum. Saudável. Apresentável. Se for de fato uma evolução, já está na casa dos 30, possivelmente 40. É detalhista e manipulador. Está correndo um risco enorme ao pegar essas garotas na rua. É confiante, arrogante até. E tem uma tática. Uma tática para convencer essas garotas a acompanhá-lo.

— Como o gesso de Bundy? ³

— Ou Bianchi ⁴ se fingindo de policial, ou um carro quebrado, ou então diz que é de uma agência de modelos, ou que os pais da menina sofreram um acidente e se oferece a levá-la ao hospital. — Ela balançou a cabeça com desdém. — Mas ele é melhor do que isso. É brilhante. Porque, seja qual for a tática dele, convenceu Kristy a acompanhá-lo, depois de duas garotas já terem sido assassinadas.

Archie pensou na gorducha Kristy Mathers, com seus cabelos castanhos, atravessando a rua com sua bicicleta quebrada, a poucas quadras de casa. *Onde estava a bicicleta?* Se ele apanhou Kristy, por que levar a bicicleta? E, se o fez, o carro que usou teria que ser grande o suficiente para enfiá-la dentro rapidamente.

— Se ela o acompanhou por vontade própria, só podia conhecê-lo.

— Aceito essa premissa. Sim, ela só podia conhecê-lo. — Eles estavam parados no estacionamento do banco. — Esse é o meu carro — disse Anne, colocando a mão sobre o teto de um Mustang vinho alugado.

— Vou entrevistar os professores e funcionários do colégio novamente amanhã — disse Archie. — Só os homens que se enquadrarem no perfil. — A dor de cabeça estava forte. Era como estar permanentemente de ressaca.

— Você vai para casa hoje à noite ou vai dormir na cadeira da sua sala?

Archie olhou para o relógio e levou um susto ao ver que eram 11 da noite.

— Só preciso de mais algumas horas para terminar — disse.

Ela destrancou a porta do carro, atirou a bolsa no banco do carona e voltou a olhar para Archie.

— Se alguma hora você quiser conversar — falou ela, dando de ombros com impotência —, sou uma psiquiatra.

— Especializada em psicopatas. — Ele deu um sorriso fraco. — Vou tentar não pensar no que isso quer dizer.

Então ele notou, sob a luz dura das lâmpadas de segurança do estacionamento, o quanto ela envelhecera nos últimos anos. Havia linhas ao redor de seus olhos e alguns fios cinza no seu cabelo. Ainda assim, estava melhor do que ele.

— Por um acaso ela se enquadrou? — disse Anne.

Archie sabia de quem ela estava falando.

— Ela manipulava o perfil, Anne. Você sabe disso.

Anne abriu um sorriso sombrio.

— Eu estava convencida de que o assassino era homem. E de que estava trabalhando sozinho. Nem cheguei a considerar a possibilidade de ser uma mulher. Mesmo assim, você suspeitou dela. Apesar do péssimo perfil. A maneira como ela se infiltrou na investigação está no bê-á-bá do comportamento psicótico. Não acredito que eu não tenha notado.

— Gretchen me deu exatamente o que eu precisava para chegar a ela, mas não a ponto de eu sentir que precisava tomar cuidado. Foi uma armadilha. Fui lá porque caí no jogo dela. Não graças às minhas habilidades investigativas.

— Ela sabia que você queria resolver o caso mais do que qualquer coisa.

Psicopatas são excelentes em ler as pessoas.

Você não faz idéia, pensou Archie.

— De qualquer forma — disse Anne, suspirando. — Estou no hotel Heathman.

Caso você mude de idéia. Sobre conversar.

— Anne?

Ela girou o corpo de volta.

— Sim?

— Obrigado pela oferta.

Ela ficou parada por mais um instante com suas botas de oncinha como se quisesse dizer algo mais. Algo como “sinto muito por sua vida ter ido pro buraco”, ou “sei o que você está pensando em fazer”, ou “fale comigo se quiser uma recomendação para uma clínica boa e tranqüila”. Ou talvez estivesse apenas pensando em ir para o hotel e ligar para os filhos. Não importava. Archie esperou ela ir embora com o carro, voltou para sua sala, ligou de novo o gravador, fechou os olhos e ficou ouvindo Fred Doud falar sobre o terrível cadáver de Kristy Mathers.

3 Theodore Robert “Ted” Bundy: famoso psicopata americano que por vezes usava um gesso falso ao abordar as vítimas. (N. do T.)

4 Kenneth Alesso Bianchi, outro notório psicopata americano. (N. do T.)

Archie acordou de um sono superficial e insatisfatório e deparou-se com Henry pairando sobre ele. A luz da sala estava acesa. Archie ainda estava sentado na cadeira.

— Você dormiu aqui — disse Henry.

Archie piscou, desorientado.

— Que horas são?

— Cinco. — Henry colocou um copo de papel de café na mesa de Archie.

As costelas de Archie estavam doendo. Sua cabeça latejava; até os dentes doíam. Ele rodou o pescoço para um lado até ouvi-lo estalar. Henry estava vestindo calças pretas e uma camisa preta bem passada. Cheirava a loção pós-barba. Archie pegou o café e deu um gole. Estava forte e ele se encolheu por reflexo quando o líquido desceu pela garganta.

— Você está adiantado — disse Archie.

— Recebi uma ligação de Martin — disse Henry, sentando-se na cadeira do outro lado da mesa de Archie. — Ele esteve investigando os funcionários da limpeza. Eles trabalham para uma empresa chamada Amcorp, que tem contrato com o distrito. O conselho da escola despediu todos os faxineiros ano passado durante a crise do orçamento. Então chamaram a Amcorp, porque ela era mais barata. Eles deveriam ter os atestados de antecedentes criminais arquivados.

— Mas?

— Tinham os de alguns, de outros tinham o prontuário da carteira de motorista — disse Henry. — Estava tudo desorganizado. Uma zona. Martin passou o pente-fino nos funcionários. Um deles tinha um podre. Atentado ao pudor.

— Em que escola ele trabalha? — perguntou Archie.

Henry ergueu uma sobrancelha.

— Jefferson pela manhã; Cleveland à tarde. Também já trabalhou na Lincoln.

Isso dava a ele bastante acesso. Mas um monte de gente tinha bastante acesso.

— Alguém já falou com ele? — perguntou Archie.

— Claire. Depois que a primeira garota apareceu morta. Ele disse que estava trabalhando. Alguns dos alunos o viram depois das aulas. O contratante disse que ele estava limpo.

Archie tinha lido os relatórios. A equipe havia entrevistado 973 pessoas desde que a primeira garota desaparecera. Só Claire entrevistara 314 dessas. Talvez tivesse descartado o faxineiro rápido demais.

— Mas ele estava na Cleveland quando Lee desapareceu?

— Estava — disse Henry.

Archie colocou as mãos na mesa e se levantou.

— E o que nós ainda estamos fazendo aqui?

— O carro está lá fora. — Henry olhou para a camisa amarrotada de Archie. — Quer passar em casa para trocar de roupa?

Archie balançou a cabeça.

— Não vai dar tempo.

Ele pegou o café e o paletó e deixou Henry sair da sala antes, para que pudesse enfiar os três comprimidos na boca. Não gostava de tomar o Vicodin com o estômago vazio, mas não via nenhum café-da-manhã no futuro próximo.

Martin, Josh e Claire já estavam em suas mesas no escritório. Havia palpites para seguir, patrulhas para serem coordenadas, álibis esperando para serem confirmados e reconfirmados. As aulas começariam em poucas horas, e o assassino ainda estava à solta. Um relógio estava pendurado na parede, deixado para trás pelo banco. Nele, lia-se um slogan: “Hora de Encontrar seu Amigo do Banco”. Perto do relógio alguém colou um aviso escrito à mão em uma folha de papel. “Lembre-se: o tempo é nosso inimigo.”

— Como você sabia que eu estaria aqui? — Archie perguntou a Henry enquanto eles saíam do banco e andavam até o estacionamento. O dia estava começando a raiar e o ar estava frio e cinza.

— Passei na sua casa — respondeu Henry. — Onde mais você estaria?

Ele entrou pelo lado do motorista e Archie deu a volta e entrou pelo do carona. Henry ainda não tinha dado partida no carro. Estava apenas sentado.

— Quantos você está tomando? — perguntou Henry. As mãos dele estavam no volante e os olhos no pára-brisa.

— Não tantos quanto gostaria.

— Achei que você iria diminuir a dose — disse Henry baixinho.

Archie riu, lembrando-se dos maus dias, uma névoa de codeína tão espessa que ele tinha medo de se afogar nela.

— Eu diminuí.

Henry apertou os punhos no volante até eles ficarem brancos. Archie podia ver a vermelhidão subindo pelo pescoço dele. Henry ficou mexendo as mandíbulas por um instante, seus olhos azuis fixos.

— Não pense que nossa amizade vai me impedir de te colocar de volta de licença médica se achar que você está chapado demais para trabalhar. — Ele se virou e, pela primeira vez, encarou Archie. — Já fiz muito mais do que gostaria por você.

Archie assentiu para o amigo.

— Eu sei — disse.

Henry ergueu as sobrancelhas.

— Eu sei — repetiu Archie.

— Esse negócio com a Gretchen — disse Henry com os dentes cerrados. — Esses encontros semanais. Isso é loucura, meu chapa. Estou cagando para quantos cadáveres ela desenterra para a gente. Chega uma hora — ele olhou Archie bem no olho — que você tem que esquecer.

Archie não mexeu um dedo, com medo de revelar qualquer reação; com medo de que Henry notasse o quanto aquilo era importante para ele. Henry já estava preocupado demais com Archie. Não queria que o amigo notasse o peso que aqueles encontros semanais haviam adquirido na sua vida. Archie precisava de Gretchen. Pelo menos até perceber o que ela queria dele.

— Preciso de mais tempo — disse ele cuidadosamente. — Está tudo sob controle.

Henry tirou os óculos de sol do bolso da jaqueta de couro, os enfiou na cara e ligou o carro. Suspirou e balançou a cabeça.

— É melhor que esteja mesmo.

O nome do faxineiro era Evan Kent. Archie e Henry o encontraram pintando um muro pichado da Jefferson, no lado norte do prédio principal. A escolha da tinta não foi das melhores, e o retângulo vermelho forte destoava dos demais tijolos encardidos. O muro havia sido repintado várias vezes no decorrer dos anos e estava coberto por dezenas de blocos irregulares de várias tonalidades que formavam uma espécie de pintura abstrata. Kent parecia ter uns 35 anos e tinha cabelos negros e um cavanhaque bem aparado. Seu macacão azul estava impecável.

Ainda faltava uma hora para o início das aulas e o campus estava silencioso. Um memorial improvisado havia sido montado no cercado da escola. Buquês estavam enroscados na cerca, fitas pendiam dela, bichos de pelúcia jaziam abandonados. Fotos de Kristy estavam coladas em cartolinas e decoradas com adesivos brilhantes e tinta relevo. Nós te Amamos. Vc Sempre Vai Ser Nosso Anjo. Deus te Abençoe. O horizonte leste estava rosa-shocking e os primeiros pássaros da primavera sentavam-se negros e gordos nos fios dos postes telefônicos; o chilrear deles era uma música distante. Uma radiopatrulha estava parada em cada lado da escola, e havia seguranças particulares em cada entrada. As luzes das viaturas estavam acesas, para chamar mais atenção, deixando a escola mais parecida ainda com a cena de um crime. Só mais um dia na rede pública de educação.

— Eu estava dando uma mijada — disse Kent à medida que Archie e Henry se aproximavam.

— O quê? — disse Henry.

Kent continuou pintando. A brocha pesada de tinta fez um barulho de tapa nos tijolos. Kent notou uma tatuagem da Virgem Maria no antebraço de Kent. Era nova; a cor estava forte.

— A prisão por atentado ao pudor? — explicou Kent. — Eu estava dando uma mijada depois de um show no centro. Talvez não tenha sido a coisa mais inteligente que fiz na vida. Mas eu tinha que mijar. Paguei a fiança.

— Você não mencionou isso na ficha de emprego.

— Eu precisava do trabalho — disse Kent. Ele se afastou para examinar o trabalho que tinha feito. Não havia sinal da pichação, apenas o cheiro de tinta fresca e um novo e reluzente retângulo vermelho-sangue. — Sou formado em filosofia, então as oportunidades de emprego não vêm exatamente aos montes. E sou diabético. Não tenho plano de saúde, gasto 80 paus por semana com insulina e agulhas.

— Que peninha — disse Henry.

Kent se empetigou defensivamente e olhou para Henry.

— Ei, cara, os planos de saúde são um verdadeiro problema neste país.

Archie se aproximou um pouco.

— Onde você estava entre as 17 e 19 horas nos dias 2 de fevereiro e 7 de março?
— perguntou ele a Kent.

Kent se virou para Archie, deixando os ombros caírem.

— Trabalhando. Trabalho à tarde na Cleveland. Geralmente fico lá até as seis.

— E depois? — perguntou Archie.

Kent deu de ombros.

— Vou pra casa. Ou ensaiar com a minha banda. Ou prum bar.

— Você bebe? — disse Henry. — Pensei que tinha dito que era diabético.

— Sou. E bebo — disse Kent. — É por isso que preciso da insulina. Olhe, no dia em que aquela garota da Jefferson desapareceu meu Dart quebrou. Tive que ligar pro cara que mora comigo e ele veio me dar uma carona. Pergunte a ele. — Ele deu a Archie o nome e celular do sujeito e Archie anotou a informação no seu bloco. — E por que vocês não fazem alguma coisa a respeito dessa porrada de jornalistas que está invadindo a escola? Eles estão deixando os alunos doidinhos. E não sabem diferenciar as informações certas das erradas.

Archie e Henry trocaram olhares. Como Kent sabia quais eram as informações certas?

Kent ficou vermelho e esmagou a grama com um dedo do pé. Então perguntou:

— Vocês vão falar com a Amcorp sobre a minha ficha?

— É o que nós, policiais, costumamos fazer — disse Henry.

Kent abriu um sorriso maldoso.

— Onde estavam os policiais quando aquelas garotas foram pegas na rua por algum psicopata?

Henry se virou para Archie e disse alto o bastante para Kent ouvir:

— Você acha que poderia ser ele?

Archie examinou teatralmente Kent, enquanto ele se mexia constrangido sob o olhar do detetive.

— Ele é bonitão — reconheceu Archie. — Dá para imaginar as garotas indo embora com ele. A idade está dentro do perfil.

Kent ruborizou.

Henry arregalou os olhos com incredulidade.

— Você acha que ele é bonitão?

— Não tanto quanto você — tranqüilizou-o Archie.

— Tenho que trabalhar — disse Kent, pegando a lata de tinta e o pincel.

— Mais uma coisa — falou Archie.

— O quê? — retorquiu Kent.

— A pichação. O que ela dizia?

Kent ficou olhando para os dois por um instante.

— “Vamos todos morrer” — disse, por fim. Olhou para o chão e balançou a cabeça. Então riu e voltou a erguer a cabeça, os olhos pretos faiscando. — Com um baixinho sorriso na cara.

Susan estava sentada próxima à janela, na mesa azul do Grande Escritor, observando o movimento da hora do almoço no mercado de comida natural que ficava na diagonal do seu prédio. Já havia escrito e enviado a primeira matéria. Ela odiava aquela parte. Odiava esperar pela aprovação de Ian, mas precisava dela. Ela clicou em “atualizar” na tela do e-mail. Nada. Foi subitamente invadida por uma esmagadora certeza de que ele tinha odiado a matéria, abominado sua patética incursão no jornalismo literário. Desperdiçara a única chance de escrever algo importante. Provavelmente seria despedida. Não conseguia nem se forçar a reler o que tinha escrito; com certeza veria cada erro de digitação, cada voz passiva; cada frase medíocre. Clicou em “atualizar” novamente. Nada. Depois de ver a hora no monitor, arrastou-se até o sofá de veludo do Grande Escritor, encolheu-se nele e ligou no noticiário do meio-dia. O rosto de Archie Sheridan encheu a tela e a legenda passava anunciando que aquele era um plantão especial. Ele parecia cansado, pensou ela. Ou a palavra seria “esgotado”? Mas estava de barba feita e com o cabelo preto penteado, e seu rosto vincado e abatido conservava uma certa autoridade. Como ela gostaria de se sentir tão sob controle.

Ela viu Archie confirmar soturnamente a morte de Kristy Mathers, então a tela voltou para uma dupla de âncoras diurnos do noticiário local que fizeram comentários receosos sobre o monstro para depois chamarem uma matéria especial sobre a súbita estiagem no vale Willamette. A coletiva de imprensa tinha sido às dez, o que significava que já havia acabado há quase duas horas. Ela ficou imaginando o que Archie estaria fazendo naquele instante.

O telefone tocou e Susan quase tropeçou ao tentar alcançá-lo antes do terceiro toque, quando a secretária atenderia. Ela viu o registro de chamada e soube imediatamente quem era.

— Adorei — disse Ian, sem se apresentar.

Susan sentiu a tensão da manhã se erguer de seus ombros num instante.

— Jura?

— Está ótimo. Aquela justaposição de você refazendo os passos da garota morta na Cleveland e depois encontrando o corpo de Kristy Mathers... é exatamente o que a gente queria, gatinha. Não tem muita coisa sobre Sheridan. Você deixou a gente na expectativa, agora eu o quero dissecado até poder ver o coração dele batendo.

— Isso fica para a próxima semana — disse Susan alegremente, servindo-se de uma xícara de café frio e colocando-a no microondas. — Temos que deixar os trouxas esperando, certo?

— Os trouxas?

Susan riu.

— Os leitores.

— Ah — disse Ian. — Isso mesmo.

Susan se arrumou para o dia com uma bota de caubói, jeans, camiseta dos Pixies e um blazer de veludo vermelho. Guardou um bloquinho no bolso direito do blazer e duas canetas Bic esferográficas no esquerdo. Ela até secou o cabelo rosa com secador e se maquiou.

Quando estava pronta para sair, abriu o bloco de anotações numa lista escrita às pressas de nomes e telefones que Archie Sheridan fornecera a ela. Susan parou, imaginando por um instante o que ele acharia da primeira matéria quando ela saísse, então afastou a ansiedade. Ele era o assunto. Ela era a jornalista. Uma matéria a menos. Três para terminar. Ela discou o telefone.

— Alô — disse Susan com a voz animada. — É a Debbie Sheridan?

Houve uma pequena hesitação.

— Sim?

— Aqui é Susan Ward. Do *Herald*. Seu marido disse que eu iria ligar?

— Ele comentou alguma coisa.

Ela não corrigiu a palavra “marido”, pensou Susan. Não disse *meu ex-marido, você quer dizer. Somos divorciados. Se eu pudesse, teria anulado o casamento; aquele filho-da-puta*. Susan escreveu “marido” no bloco, seguido de um ponto de interrogação.

Então forçou um sorriso largo, na esperança de que Debbie pudesse ouvi-lo em sua voz.

— Bem, estou escrevendo um perfil dele e queria fazer algumas perguntas. Só para deixá-lo mais verossímil. Dar um pouco de personalidade à matéria.

— Você poderia... você poderia me ligar mais tarde? — perguntou Debbie.

— Desculpe. Você está no trabalho, não é? Tem alguma outra hora melhor para eu ligar?

Fez-se uma pausa.

— Não. Só preciso de um tempo para pensar.

— Você quer dizer que precisa falar com Archie? Porque ele disse para mim que eu poderia entrar em contato com você.

— Não. Não. É só que eu não gosto de ficar me lembrando de tudo aquilo. Deixe-me pensar um pouco. — A voz de Debbie ficou mais afetuosa. — Me ligue mais tarde, ok?

— Ok — concordou Susan, aborrecida.

Ela desligou e discou imediatamente o próximo número da lista, antes que perdesse a paciência. O médico de Archie não podia atender, então Susan deixou nome e celular com a secretária.

Suspirou com força, voltou a se afundar diante da mesa do Grande Escritor e procurou “Gretchen Lowell” no Google. Apareceram mais de 80 mil links. Ela ficou meia hora passando os olhos pelos mais interessantes. Era incrível a quantidade de sites dedicados a façanhas de *serial killers*.

Susan estava olhando para um estudo on-line que recontava o caso Beleza Mortal quando algo chamou sua atenção. *Gretchen Lowell ligou para o 911 para se entregar e chamar uma ambulância.*

Susan pegou o telefone e discou o número do celular de Ian.

— Estou em uma reunião de pauta — respondeu ele.

— O que eu faço para conseguir uma fita do 911? — perguntou Susan.

— Qual?

— A de Gretchen Lowell — disse Susan. — Você a ouviu?

— Eles não liberaram. Publicamos uma transcrição.

— Quero ouvir a ligação. Você consegue para mim?

Ian fez um som que pareceu um cacarejo.

— Vou tentar.

Susan desligou e digitou “Penitenciária Estadual do Oregon” no Google. Copiou o endereço da prisão em um pedaço de papel do lado do computador e então abriu um documento do Word. “Prezada sra. Lowell”, escreveu. “Estou escrevendo um perfil sobre o detetive Archie Sheridan e, se possível, gostaria de fazer algumas perguntas.” Ela trabalhou na carta por quase vinte minutos. Quando terminou, colocou-a em um envelope, selou-o e escreveu o endereço nele.

Saiu para pagar algumas contas, dirigiu até o correio e as enviou junto com a carta para a Beleza Mortal. Depois foi para a Cleveland High School. Queria abrir a próxima matéria com alguma história pessoal, alguma lembrança de quando estudava lá. E pensou que ir à escola talvez reavivasse alguns detalhes que poderia usar para ser mais evocativa. Mas a verdade era que estava evitando voltar.

O último sinal da manhã tinha acabado de tocar e o largo corredor principal estava lotado de estudantes, enfiando objetos de seus armários nas mochilas, parados em grupos compactos, namorando pelas paredes, bebendo refrigerantes, falando alto e saindo ruidosamente do prédio para a luz. Moviam-se com a tranquilidade desleixada dos adolescentes em seu habitat, algo que, até onde lembrava, Susan nunca tinha conseguido fazer. A diferença entre os calouros e os veteranos era assombrosa. Os calouros pareciam adolescentes. O que era engraçado para Susan, pois aos 14 ela já se considerava praticamente adulta.

Alguns deles olharam de esguelha na direção de Susan quando ela passou. A maioria, porém, nem piscou. No mundo deles, cabelo rosa era bastante comum. Susan fez algumas anotações para a matéria, relembando detalhes e impressões sobre a escola. Atmosfera.

Quando chegou às portas duplas marrom-escuras que davam para o teatro, ela parou por um segundo, a mão na porta, invadida por uma torrente de memórias adolescentes. Ela deixara o ginásio para trás há tanto tempo; ficou impressionada com as emoções conflitantes que o lugar trazia à tona naquele instante. Passou a mão pelo cabelo, preparou a melhor expressão de adulta que tinha e atravessou as portas.

O cheiro era o mesmo. De tinta, serragem e limpa-carpete com aroma de laranja.

O teatro comportava 250 pessoas em cadeiras de vinil vermelhas que iam subindo a partir do pequeno palco negro. As luzes do palco estavam acesas e um cenário de compensado e lona construído pela metade dava a vaga impressão de uma sala de estar do fim do século XIX. Ela reconheceu o velho sofá estilo Queen Anne que eles haviam usado em *Este Mundo É um Hospício* e *Doze é Demais*. Os candelabros de *Assassinato na Casa do Pastor*. E a mesma escada. Sempre a mesma escada. Só trocava de lado.

Ela tinha odiado o ginásio, mas adorara aquele lugar. Ficou desconcertada ao pensar na quantidade de tempo que havia passado ali, horas depois das aulas ensaiando

peça após peça. O teatro se tornara a única coisa no mundo para ela, especialmente depois da morte do seu pai.

Não havia ninguém no auditório naquele dia. O vazio do lugar a fez sentir uma pontada de tristeza. Ela andou até a última fileira e se ajoelhou para examinar a parte de baixo da segunda cadeira do corredor em frente. Lá, talhadas no metal, estavam suas iniciais: “SW”. Depois de todos aqueles anos, seu nome ainda estava gravado naquele lugar. Ela se sentiu subitamente constrangida e se levantou. Não queria que alguém entrasse e a visse lá. Não queria reencontrar ninguém. Vir à Cleveland tinha sido um erro. A matéria era sobre Archie, não sobre ela. Susan olhou uma última vez ao redor, deu as costas para o palco e fugiu de volta para o corredor.

Uma voz chamou:

— Srta. Ward.

Ela a reconheceu imediatamente. Era a voz que havia proferido centenas de detenções.

— Sr. McCallum — disse ela.

Ele estava idêntico. Era um homem baixo, em forma de barril, com um bigode enorme e um molho de chaves que fazia um dos lados de suas calças cair e o obrigava a ajeitá-las o tempo todo.

— Venha conosco — disse ele. — Estou apenas acompanhando o sr. Schmidt até a sala de detenção.

Foi então que Susan notou o adolescente andando atrás de McCallum. O garoto sorriu para ela timidamente; uma dolorosa trilha de acne subia-lhe pelo pescoço.

— Vi seu nome no jornal — disse ele a Susan.

Susan ficou encabulada.

— Ah, é? — disse.

— Você está aqui por conta de Lee Robinson?

Susan sorriu e abriu o bloco de anotações.

— O senhor a conhecia?

— Nunca vi mais gorda — respondeu McCallum.

Susan se voltou esperançosamente para o garoto.

— E você?

O menino deu de ombros.

— Não. Quer dizer, sabia quem ela era.

McCallum se virou de supetão.

— O que foi que eu falei, sr. Schmidt?

O menino corou.

— Nem uma palavra?

— Não quero ver sua boca abrir ou palavras saírem da sua cara até o sexto tempo de amanhã — falou McCallum. Ele se virou para Susan. — O sr. Schmidt não sabe quando ficar quieto.

Antes que pudesse se dar mal por conta do mesmo defeito, Susan se viu distraída por um mostruário de vidro de troféus no corredor.

— Vejam só — disse Susan, apertando o dedo contra o vidro. — Todos os troféus da Gincana do Conhecimento.

McCallum assentiu com orgulho, seu queixo e pescoço virando uma coisa só.

— Ganhamos o torneio estadual no ano passado. Então eles tiveram que tirar

alguns troféus de futebol americano para abrir espaço no mostruário.

O mostruário estava cheio de troféus, o maior deles uma taça com o nome da escola e o ano gravado numa caligrafia rebuscada.

— Eu adorava a Gincana do Conhecimento — disse ela baixinho.

— Você abandonou a equipe — apontou McCallum.

Susan engoliu um tanto de tristeza entalado na garganta.

— Eu estava cheia de problemas.

— É duro perder um pai tão jovem.

Ela espalmou a mão no vidro. Os troféus estavam polidos até brilhar e seu reflexo distorcido olhou de volta para ela uma dúzia de vezes. Quando tirou a mão, ela deixou no lugar a marca apagada de uma palma oleosa.

— E.

— Que barra — disse o menino.

McCallum olhou para ele e levou um dedo aos lábios.

— Nem uma palavra — disse.

O professor de física girou de volta para Susan e indicou com o polegar uma porta marrom do outro lado do corredor.

— Chegamos — falou. Ele estendeu uma das mãos grossas e peludas. Susan a apertou. — Srta. Ward, desejo sucesso em seus projetos futuros.

— Obrigada, sr. McCallum — disse Susan.

McCallum acompanhou o menino até a porta e a abriu para ele. O menino acenou debilmente para Susan enquanto era conduzido para dentro da sala.

— Sinto muito por ter abandonado a Gincana do Conhecimento — ela falou depois de eles entrarem, mas a porta já estava fechada.

— Tá de sacanagem. — Susan estava parada com as mãos nas cadeiras examinando seu velho Saab. Ele tinha sido travado. A peça de metal estava presa ao pneu esquerdo da frente. Ela apertou os olhos e rosnou baixinho. Com certeza havia estacionado em uma vaga reservada para professores. Mas as aulas já tinham acabado. E ela só demorou 15 minutos lá dentro. Susan ficou alguns minutos dando voltas no mesmo lugar, recompondo-se. — Então é assim, né?

Aagitada, Susan ergueu os olhos e viu um garoto recostado no capô de um BMW laranja estacionado algumas vagas atrás dela. O garoto era bonito, alto, os cabelos cheios e um pouco longos e a pele clara. Mas o carro era lindo, um daqueles modelos de 2002 baseados nos carros da década de 1970; era cor de tangerina, imaculado, e os detalhes em cromo brilhavam com elegância. A placa personalizada dizia: JAY2.

— Bonito, não? — disse o garoto. — Meu pai que me deu. Para compensar o fato de ter trocado minha mãe pela corretora de imóveis.

— E adiantou?

— Adiantou pra ele. — Ele indicou o carro dela com a cabeça. — Você vai ter que ir à administração. Pagar uma multa. Daí eles vão chamar um dos faxineiros para destravar o carro. É melhor se apressar. Hoje vai ter um jogo de basquete e eles vão fechar cedo. — Ele saiu de cima do carro e se aproximou alguns passos de Susan. Olhou para o chão. Então voltou a olhar para ela. Apertou os olhos. — Saca só. Tá a fim de comprar erva?

Susan recuou um passo e olhou em volta para ver se tinha alguém por perto. Havia policiais em toda parte. Duas radiopatrulhas paradas nos dois lados da escola. Além do mais, Susan tinha notado um homem dentro de um sedã em frente ao colégio, a menos de 10 metros de onde ela estava. Será que era um policial? Um pai esperando o filho sair? Era exatamente assim que repórteres inocentes acabavam presos.

— Sou uma adulta — sussurrou ela.

Os olhos dele subiram até o cabelo rosa, depois desceram até a camiseta dos Pixies, as botas de caubói e desviaram para a lata-velha atrás dela.

— Tem certeza? Vem lá da British Columbia.

— Tenho — disse Susan. Então, com mais firmeza: — Absoluta. — Ela olhou de volta para a trava em seu carro. Por que essas coisas sempre tinham que acontecer com ela? — Administração, certo? — perguntou.

O garoto assentiu.

— Obrigada.

Ela deu meia-volta e seguiu em direção ao prédio, passando pelo homem no sedã que havia tirado do nada um *Herald* e o examinava. Sem dúvida um policial, decidiu Susan. Ela subiu as largas escadas de entrada, empurrou uma das portas da frente, dobrou no fim do corredor e chegou à administração. Mas a porta estava trancada.

— Fala sério — reclamou em voz alta.

Ela bateu na porta com a palma da mão. O impacto fez um barulho surdo e alto. Susan gritou e pôs a mão dolorida contra o peito.

— Posso ajudar?

Ela se virou e deu de cara com um faxineiro que estava arrastando uma enorme lata de lixo de plástico verde pelo corredor.

— Você pode é tirar a porra da trava do meu carro — retrucou ela.

O faxineiro tinha cabelos lisos e pretos, cavanhaque e o que as pessoas chamavam de perfil de galá. Os faxineiros da Cleveland não eram daquele jeito na época de Susan. Na verdade, ele era quase bonito o suficiente para fazer Susan esquecer sua raiva. Quase.

Ele arregalou os olhos negros.

— Aquele Saab no estacionamento dos professores é seu?

— É.

— Desculpe — disse ele encolhendo os ombros. — Pensei que fosse de um dos alunos.

— Porque está um caco.

Ele sorriu.

— Por isso e por conta do adesivo do Blink 182 no pára-choque.

Susan olhou para o chão.

— Aquilo já estava lá quando eu comprei.

— Bem, o negócio é que temos uma política de tolerância zero para as vagas dos professores. Se não, todos os alunos vão querer estacionar nelas. — Ele ainda estava sorrindo para ela. — Mas acho que você eu posso liberar. — Ele puxou o maior molho de chaves que Susan tinha visto na vida. — Venha — disse, recostando a lata de lixo na parede. Parou em frente ao mostruário dos troféus da Gincana do Conhecimento, tirou um trapo branco do bolso e o esfregou no vidro. Ela viu de relance uma tatuagem colorida no seu braço: a Virgem Maria. Ele sorriu para Susan e balançou a cabeça. — Colocaram a mão no vidro. Às vezes parece que eu limpo a sujeira de um bando de

macacos.

Susan ocupou a mão com os cabelos, para evitar a ínfima chance de ele conseguir compará-la com a da marca no vidro, e então se apressou para alcançá-lo.

— Então, você gosta de ser faxineiro?

— Adoro — ele respondeu na lata. — Embora seja só um quebra-galho enquanto tento terminar meu doutorado em literatura francesa.

— É mesmo? — disse Susan, sorridente.

Ele abriu a porta da frente para ela.

— Não.

Estava começando a ventar frio e Susan lutou para enfiar as mãos nos bolsos minúsculos do seu blazer de veludo.

— Você conhecia Lee Robinson?

Ele pareceu se eriçar.

— É por isso que está aqui?

— Estou escrevendo uma matéria para o *Herald*. Você a conhecia?

— Limpei o vômito dela uma vez na enfermaria.

— Sério? — perguntou Susan.

— Sério — respondeu ele. — E ela me deu um cartão no Dia do Faxineiro, uma vez.

— É mesmo?

Eles chegaram ao estacionamento. O garoto e o BMW laranja tinham sumido. O cara do sedã também.

O faxineiro gostoso se ajoelhou perto do carro.

— Não.

— Você é engraçado.

— Obrigado.

Ele se debruçou sobre a trava para soltá-la e a arrancou da roda da frente com um movimento brusco, quase violento. Então se levantou, segurando a trava pesada debaixo de um braço, e esperou.

Susan mexeu constrangida na bolsa.

— Quanto eu devo? — perguntou.

— Vamos fazer o seguinte — disse ele, os olhos ficando frios. — Deixo você ir embora de graça e sem registrar nada se me prometer não tirar vantagem de uma menina morta para escrever uma matéria de jornal.

Susan se sentiu como se tivesse levado um tapa na cara. Ficou sem palavras. Ele ficou apenas parado, bonito naquele macacão.

— Não estou tirando vantagem dela — gaguejou Susan.

Ela queria se defender. Explicar a importância do que estava fazendo. O direito do público de saber. A beleza da dor compartilhada. O papel da testemunha. Mas, de repente, teve que admitir que tudo aquilo soava como uma desculpa esfarrapada.

Ele tirou um tíquete de um de seus vários bolsos e o entregou a ela. Ela o apanhou e virou do avesso. Cinquenta dólares! E provavelmente iria para a porra do time de futebol americano ou algo do gênero.

Ela queria dizer algo inteligente. Algo que a fizesse se sentir menos oportunista. Porém, antes que pudesse fazê-lo, ouviu uma música do Kiss ao longe. Parou e ficou escutando. Era “Calling Dr. Love”. Ela viu um lampejo de vergonha passar pelo rosto

do faxineiro enquanto ele remexia no bolso da calça. Era o celular dele tocando.

E ele achando que *ela* era uma adolescente.

Ele tirou o telefone do bolso e olhou para o número.

— Melhor atender — disse ele a Susan. — É meu chefe ligando para me despedir.

Levou o telefone ao ouvido e se afastou.

Susan o observou partir, intrigada, e então entrou no carro. A música do Kiss ficou na cabeça dela. *Even though I'm full of sin, in the end you'll let me in...*⁵

Enquanto ela saía com o carro do estacionamento, um pensamento veio a sua cabeça: Faxineiros devem ter fácil acesso a alvejantes.

— O que elas têm em comum? — perguntou Archie a Henry.

Eles estavam andando pela praia da Sauvie Island onde Kristy Mathers tinha sido encontrada. Era um hábito de Archie. Sem pistas? Sem rumos claros para a investigação? Volta-se à cena do crime. Ele provavelmente passara anos inteiros refazendo os passos de Gretchen Lowell. Aquilo o colocava dentro da perspectiva certa, e sempre havia a chance de se encontrar uma pista. Ele precisava de uma.

O rio lambia a praia onde um arabesco de espuma e sujeira marcava a beira da água. Um cargueiro passou ao longe com algo escrito em um idioma asiático na lateral, encimado pela tradução para o inglês: *Sunshine Success*. A praia estava vazia. Anoitecia e a luz era pouca, embora o céu de inverno do noroeste segurasse a luz de tal forma que sempre parecia que o sol acabara de se pôr, não importando a hora da noite. Ainda assim, logo ficaria escuro demais lá fora. Archie empunhou uma lanterna para que pudessem achar o caminho de volta para o carro.

— Elas se parecem — respondeu Henry.

— É tão simples assim? Ele ronda as escolas? Pega garotas que se enquadram em um tipo?

Depois de deixarem a Jefferson, Archie e Henry haviam passado a manhã entrevistando professores e funcionários da Cleveland que se enquadravam no perfil. Eram dez ao todo. Não dera em nada. Claire conseguiu localizar o homem que morava com Evan Kent e ele confirmou a história do Dart quebrado. Mas disse que tinha sido mais cedo, por volta das cinco e meia. O que deixaria Kent com tempo suficiente para ir à Jefferson.

— Estão todas no segundo ano.

— E o que as secundaristas têm em comum? — perguntou Archie. Seis dos funcionários da Cleveland tinham álibis. Quatro, não. Ele voltou a checar os álibis e eles se comprovaram. Isso os deixava com três suspeitos na Cleveland: um motorista de ônibus escolar, um professor de física e um professor de matemática/técnico de vôlei. Além de Kent. E os 10 mil outros pervertidos à solta na cidade. Eles ficariam de olho em Kent. Os 10 mil pervertidos podiam dormir sossegados.

— Todas eram calouras no ano passado? — chutou Henry.

Archie parou de andar. Será que era assim tão simples? Ele estalou os dedos.

— É isso — falou.

Henry coçou a careca. Àquela hora do dia, ela começava a ficar com uns pontinhos cinza.

— Foi uma piada.
— Diz pra mim que nós checamos se todas vieram da mesma turma de primeiro ano.

— As três estudaram em escolas diferentes no ano passado — disse Henry.
— Tem algum teste que todas elas façam no fim do primeiro ano? — perguntou Archie.

— Você quer que eu veja se o assassino é algum inspetor maluco?
Archie fisgou um antiácido do bolso e o colocou na boca. Parecia um giz de frutas cítricas.

— Não sei — disse ele. Ele se forçou a mastigar a pastilha e engoliu-la. Ligou a lanterna, segurando-a em um ângulo oblíquo contra a areia. Vários caranguejos miúdos fugiram da luz. — Só quero pegar esse filho-da-puta. — Archie gostava de usar lanternas para investigar o local do crime mesmo em plena luz do dia. Elas estreitavam o foco, faziam-no olhar para as coisas de 5 em 5 centímetros quadrados. — Reforce a vigilância nas escolas. Não quero nem saber. Se precisar, levamos estudante por estudante para casa.

Henry enganchou os polegares no cinto com fivela de turquesa, jogou o corpo para trás e olhou para o céu escuro.

— Vamos voltar? — perguntou ele, esperançoso.
— Tem alguém esperando por você em casa? — perguntou Archie.
— Ei — disse Henry. — Meu apartamento deprimente é melhor do que o seu.
— Touché. Quantas vezes você já se casou mesmo?

Henry sorriu.

— Três. Quatro, se você contar o que foi anulado, e cinco se contar o que era legal só dentro da reserva indígena.

— Bem, acho melhor manter você ocupado — disse Archie. Ele rodou a lanterna em volta e observou os caranguejos se espalharem. — Além do mais, ainda não investigamos a cena do crime.

— Os peritos já fizeram isso — disse Henry.
— Então vamos ver se eles deixaram alguma coisa passar.
— Está escuro.

Archie colocou o facho de luz sob o queixo. Ficou parecendo uma atração de show de horrores.

— É por isso que temos uma lanterna.

5 Mesmo com todos os meus pecados, no fim das contas você me deixa entrar.
(Tradução livre.)

Susan acordou, colocou seu velho quimono sobre os ombros, pegou o elevador até o térreo e cavou sistematicamente a pilha de *Heralds* no chão de granito da portaria até encontrar o que tinha o nome dela escrito. Só tirou o jornal do plástico quando estava de volta ao apartamento. Sempre sentia um frio no estômago quando via uma matéria de sua autoria. Era uma mistura de ansiedade e medo, orgulho e vergonha. Na maioria das vezes nem gostava de ler o que escrevera depois de publicado. Mas a rasteira do faxineiro gostoso aticara sua habitual insegurança. A verdade era que às vezes ela se sentia uma enganação. E às vezes sentia mesmo que tirava vantagem das pessoas sobre as quais escrevia. Ela deixou um vereador puto da vida quando o descreveu como “calvo e parecido com um gnom”. (Era verdade.) Mas aquilo era diferente. Daquela vez as apostas eram mais altas.

Aquela era a primeira matéria de capa assinada da vida de Susan. Ela se sentou na cama e, dando uma respirada funda e nervosa, desdobrou o *Herald* meio esperando que a matéria tivesse sido cortada; porém, lá estava ela, embaixo da dobra com chamada para o caderno de Cidade. A primeira página. A-1. Uma foto aérea da cena do crime na Sauvie Island acompanhava a matéria. Com uma risada de espanto, ela se reconheceu, pequenina na foto, e, ao lado dela, entre os outros detetives, Archie Sheridan. Que se dane o faxineiro. Ela estava encantada.

Surpreendeu-se desejando que tivesse alguém para dividir seu pequeno triunfo jornalístico. Bliss cancelara a assinatura do *Herald* há anos, depois da polêmica devastação de alguma floresta antiga pelos donos do jornal. Ela teria que comprar um exemplar. Se a mãe soubesse. Mas Susan não contara a ela sobre a série. Nem contaria. Contornou com os dedos a imagem de Archie Sheridan e ficou imaginando se ele já teria visto e o que achara da matéria e dela. O pensamento a deixou envergonhada e ela o afastou.

Levantou-se e fez uma xícara de café. Quando voltou a se sentar e folheou o jornal atrás do caderno de Cidade, um envelope caiu no tapete. A princípio, ela pensou que fosse uma cartela de cupons ou outra promoção idiota qualquer que o jornal aceitara fazer em troca de dinheiro de publicidade. Então viu seu nome nele. Impresso. Não em uma etiqueta. No próprio envelope. “Susan Ward”. Quem imprimiria um nome num envelope? Ela o apanhou.

Era um envelope de tamanho comum. Ela o virou do avesso algumas vezes e então o abriu. Dentro, um pedaço de papel branco estava dobrado com esmero. Havia uma linha impressa no meio da página: “Justin Johnson: 031038299.”

Quem era Justin Johnson?

Sério. Quem era ele? E por que, já que ela não sabia, alguém entregaria um

bilhete secreto com o nome dele e um monte de números para ela?

Susan percebeu seu coração disparar de repente. Ela escreveu os números na margem do jornal na esperança de que colocá-los no papel a ajudasse a entender o significado deles. Eram nove. Não era um telefone. Começava com um zero, então não era um número do seguro social. Susan ficou olhando mais alguns instantes para ele e então pegou o telefone e ligou para a linha direta de Quentin Parker no *Herald*.

— Parker — exclamou ele.

— É a Susan. Vou ler alguns números para você e quero que me diga o que acha que eles são. — Ela os leu.

— Número de arquivo de um processo judicial — disse Parker sem titubear. — Os primeiros dois números são o ano. 2003.

Susan contou a Parker a história do envelope misterioso.

— Parece que alguém conseguiu um informante anônimo — provocou Parker. — Deixe-me ligar pro cara que conheço no fórum e ver o que consigo descobrir sobre o seu processo.

O laptop dela estava em cima da mesinha de café. Ela o abriu e procurou “Justin Johnson” no Google. Apareceram mais de 150 mil links. Ela colocou “Justin Johnson, Portland”. Dessa vez, só apareceram 1.100. Ela foi descendo a página.

O telefone tocou. Susan atendeu.

— É o processo de um menor — disse Parker. — Confidencial. Sinto muito.

— De um menor... — disse Susan. — Que tipo de crime?

— Confidencial. Do tipo que ninguém pode mexer.

— Certo.

Ela desligou e ficou olhando mais um pouco para o nome e o número. Bebeu um pouco de café. Olhou para o nome. O processo de um menor. Por que alguém queria que ela ficasse sabendo dos antecedentes criminais de Justin Johnson? Será que tinha alguma coisa a ver com o Estrangulador das Escolas? Talvez fosse melhor ligar para Archie. Para falar o quê? Que ela achou um envelope esquisito no meio do jornal? Aquilo poderia ser qualquer coisa. Uma brincadeira, talvez. Ela nem conhecia nenhum Justin. Então se lembrou do estudante vendendo maconha no estacionamento da Cleveland High. A placa personalizada dizia: JAY2. A letra “J” ao quadrado? Valia a pena checar. Ela discou o número da administração do colégio.

— Olá — disse Susan. — Aqui é a sra. Johnson. Meu filho Justin tem matado aula ultimamente e eu gostaria de saber se ele apareceu na escola hoje.

A voluntária da administração pediu para Susan aguardar na linha um instante e então voltou a atendê-la.

— Sra. Johnson? — disse. — Sim. Não se preocupe. Justin está aqui hoje.

Ora, veja só. Justin Johnson freqüentava a Cleveland High. E tinha ficha criminal.

Ela discou o número do celular de Archie. Ele atendeu no segundo toque.

— Isso vai parecer estranho — disse ela, e contou a história do estacionamento e do envelope.

— Ele tem álibi — disse Archie.

— Você sabe isso de cor?

— Nós o investigamos — disse Archie. — Ele estava de castigo. Todos os três dias. E tem quem confirme.

— Você não quer saber o número do processo?

— Eu conheço o processo dele — disse Archie.

— Conhece?

— Susan, eu sou um policial.

Ela não conseguiu resistir.

— Você leu minha matéria?

— Sim, gostei muito.

Susan desligou vibrando de prazer. Ele tinha gostado da matéria. Ela largou o envelope numa pilha de cartas sobre a mesinha de café. Eram dez e pouco da manhã. Justin Johnson sairia da escola umas cinco horas e meia mais tarde. E Susan estaria esperando por ele. Nesse meio-tempo, estava muito mais interessada em Archie Sheridan. Serviu-se de um pouco mais de café e voltou a ligar para o telefone fixo de Debbie Sheridan. Era sexta, mas Archie tinha dito que a ex-mulher trabalhava em casa às sextas. Conforme o esperado, Debbie atendeu.

— Olá — disse Susan. — É Susan Ward de novo. Você me pediu para ligar de volta, não foi?

— Ah, sim, olá — falou Debbie.

— Liguei numa hora melhor? Ainda queria muito que a gente se encontrasse para conversar.

Fez-se uma pequena pausa. Então Debbie suspirou.

— Você pode vir agora? As crianças estão na escola.

Susan sorriu.

— Maravilha. Onde você mora?

Ela pegou o endereço, vestiu uma calça jeans justinha, uma blusa listrada de vermelho e azul e uma bota de cano baixo, pegou seu jaquetão preto e desceu de elevador. Era um elevador deslumbrante, todo de aço e vidro. Susan ficou olhando os números piscarem do seis até a garagem no subsolo e, então, no último instante, teve uma idéia e apertou P. As portas se abriram, ela saiu do elevador na portaria e andou até a administração chique do edifício. Ótimo. Monica estava trabalhando.

Susan estampou sua melhor expressão de inocente no rosto (e funcionava muito bem, mesmo com o cabelo rosa) e se aproximou do balcão de bambu onde Monica franzia as sobrancelhas para uma revista de moda.

— Olá — disse Susan, esticando a saudação até ela ficar com quatro sílabas.

Monica ergueu os olhos. Ela era uma loura falsa convicta. Nenhuma raiz aparecendo. Nunca. E tinha o tipo de sorriso automático que é vazio por definição. Susan nem sabia direito o que ela fazia além de ler revistas. Parecia servir de isca para os corretores de imóveis. Tipo deixar uma casa para vender com cheirinho de biscoito assando. Susan achava que ela tinha uns 25, mas, com a quantidade de maquiagem que usava, ficava difícil saber. Estava na cara que Monica não sabia bem o que pensar de Susan. O cabelo rosa devia dar um nó na cabeça dela. Era bem capaz de achar que ela decidira praticar algum tipo de automutilação. Mas isso parecia deixá-la ainda mais determinada em parecer legal.

— Menina, você não sabe — disse Susan. — Tenho um admirador secreto.

Monica ficou toda animada.

— Tá brincando!

— Sério. E ele deixou um bilhetinho no meu jornal hoje de manhã.

— Oh, meu Deus!

— Pois é! Então eu estava pensando se você não poderia passar o vídeo de segurança da portaria para eu ver quem é ele.

Monica bateu palma com empolgação e empurrou a cadeira de zebrinha em que estava sentada até um monitor branco e reluzente. Aquele era o tipo de coisa que dava sentido ao trabalho dela. Pegou um controle remoto da mesma cor e a imagem preto-e-branca na tela começou a voltar no tempo. Elas ficaram observando por alguns minutos as pessoas andarem de costas para os elevadores, até a portaria ficar sem movimento, com os jornais numa pequena pilha debaixo das caixas de correio. Então, um homem entrou andando ao contrário no prédio e se agachou sobre os jornais.

— É ele — disse Susan.

Elas voltaram mais um minuto e viram uma mulher sair do elevador com uma caneca, atravessar a portaria e sair pela porta da frente. Quando estava saindo, um homem de terno preto entrou, andou até os jornais, remexeu na pilha e claramente colocou algo em um deles. Tinha ficado esperando lá fora e segurara a porta quando a mulher saiu.

— Ele é um gato — gritou Monica.

— Como você sabe? — perguntou Susan, desapontada. — Não dá pra ver o rosto.

— Ele está usando um terno bonito. Aposto que é advogado. E dos ricos.

— Você pode imprimir essa imagem para mim?

— Claro — disse Monica sem titubear. Ela apertou um botão, foi com a cadeira até uma impressora branca, esperou a máquina cuspir a imagem e a entregou para Susan. Susan a examinou. Completamente inidentificável. Mesmo assim, ela a mostraria para Justin Johnson para ver se dava para começar uma conversa. Dobrou-a e a enfiou dentro da bolsa.

— Obrigada — disse Susan, já se virando para ir embora.

— Sabe — disse Monica, em seu rosto a imagem da boa vontade. — Você deveria pintar o cabelo de loiro. Ficaria tão mais bonita.

Susan ficou olhando para Monica um instante. Monica retornou o olhar distraidamente.

— Cheguei a pensar nisso — disse Susan. — Mas aí li aquela matéria que saiu no jornal sobre como a tinta loira estava dando câncer em gatinhos de laboratório.

— Gatinhos de laboratório? — disse Monica, arregalando os olhos.

Susan deu de ombros.

— Tenho que correr.

Debbie Sheridan morava em Hillsboro, numa casa de estuque estilo rancho a alguns minutos da rodovia. Susan passara a maior parte da vida em Portland, e podia contar nos dedos as vezes que estivera em Hillsboro. Era um subúrbio que ela atravessava de carro a caminho do litoral; não pensava nele como um destino. O simples fato de estar no subúrbio deixava Susan nervosa. A casa de Debbie Sheridan era típica de seu bairro. O gramado era verde e bem cuidado, com suas bordas aparadas e ausência de ervas daninhas que delatavam manutenção profissional. Havia uma cerca viva, um bordo japonês, alguns pequenos pinheiros e vários canteiros de gramas ornamentais. Uma garagem de dois carros ficava colada à casa. Era a imagem da alegria doméstica, um lar em que Susan não conseguia nem se imaginar vivendo.

Ela trancou o carro, andou até a porta da frente de aparência medieval e tocou a campainha.

Debbie Sheridan abriu a porta e estendeu a mão para cumprimentá-la. Susan a apertou. Debbie não era como Susan imaginara. Beirando os quarenta, seu cabelo preto era curtinho e elegante e ela tinha o corpo em forma e atlético. Usava uma leggings preta, blusa e tênis. Era atraente e chique, e não tinha nada de suburbana. Susan a seguiu para dentro da casa. Havia arte por todo lado. Grandes pinturas abstratas a óleo em telas esticadas cobriam as paredes brancas. Tapetes orientais estendiam-se pelo chão. Livros se amontoavam em todas as superfícies planas. Tudo era muito cosmopolita. Coisa de gente viajada. E bastante diferente do que Susan tinha esperado.

— Gostei das pinturas — comentou Susan. Sempre ficava um pouco insegura perto de mulheres mais sofisticadas do que ela.

— Obrigada — disse Debbie amavelmente. — Sou designer da Nike. Faço essas coisas quando quero voltar a me sentir artista.

Só então Susan notou o “D. Sheridan” rabiscado no canto das telas.

— Elas são magníficas.

— Servem para me manter ocupada. Às vezes acho que meus filhos são mais talentosos.

Debbie conduziu Susan por um corredor, onde passaram por fotos preto-e-brancas de duas belas crianças de cabelos negros. As duas pareciam delirantes de felicidade e encantadas uma com a outra.

Chegaram a uma cozinha bem iluminada e moderna, com janelas de sacada que davam para o quintal dos fundos com um grande jardim inglês.

— Aceita um café? — perguntou Debbie.

— Claro — disse Susan, pegando a xícara que Debbie serviu de uma cafeteira francesa e sentando-se em uma das cadeiras altas da bancada da cozinha. Ela notou uma

palavra-cruzada do *New York Times* completa em cima do balcão.

Debbie continuou de pé.

Havia uma sala de estar do outro lado da bancada. Ela também tinha janelas de sacada que davam para o jardim. A julgar pela mesa de desenho e pelo mural com esboços presos com tachinhas, Debbie a usava como escritório. Mas o chão estava cheio de brinquedos espalhados. Debbie notou que Susan estava olhando os esboços e sorriu acanhada.

— Estou projetando um tênis para ioga — explicou.

— Ioga não é pra fazer descalço?

Debbie sorriu.

— Digamos que é um mercado não explorado.

— É isso que você geralmente desenha? Calçados?

— Não a parte estrutural. Só pegu o que os caras do laboratório me dão e tento deixar bonito. Li a sua matéria hoje. Achei interessante. Bem escrita.

— Obrigada — disse Susan, encabulada. — Só preparei o terreno. Quero ir mais fundo nas próximas. Você não quer se sentar?

Debbie pousou a mão sobre a cadeira, mas então hesitou e a puxou de volta. Ela olhou para a sala de estar. Para os brinquedos no tapete.

— É melhor eu arrumar a bagunça das crianças — disse. Deu a volta na bancada por trás de Susan, foi até a sala de estar e se agachou para pegar um gorila de pelúcia. — Então, o que você quer saber? — perguntou.

Susan tirou um pequeno gravador digital da bolsa.

— Se importa se eu gravar a conversa? É mais fácil do que ficar anotando.

— Tudo bem — respondeu Debbie. Ela continuou o que estava fazendo, fisgando um gato de pelúcia, um coelho, um panda.

— Então — disse Susan. Entre de sola. A toda velocidade. — Deve ter sido difícil.

Debbie se levantou, os braços apinhados de bichos de pelúcia, e suspirou.

— Quando ele estava desaparecido? Foi. — Ela andou até uma mesinha vermelha com duas cadeiras de criança e começou a colocar os bichos em cima dela um a um. — Ele me ligou logo antes de sair para encontrá-la. E então não voltou para casa. — Fez uma pausa e olhou para o gorila ainda em seus braços. Era do tamanho de um bebê. Ela falou com cautela. — No começo, pensei que fosse o trânsito. A Nike é perto daqui, mas às vezes a 26 fica um inferno. Liguei para o celular dele umas cem vezes, mas ele não atendia. — Ela ergueu os olhos para Susan e forçou um sorriso. — O que não era tão estranho assim. Pensei que talvez tivessem encontrado outro corpo. Mas então... — Ela parou, respirou fundo e o ar ficou preso por um instante na sua garganta. — Finalmente liguei para Henry. Ele foi para a casa dela. Acharam o carro de Archie em frente, mas a casa estava vazia. — Ela olhou para o gorila mais um instante e então o colocou lentamente sobre a mesa, aconchegando-o entre o panda e o gato. — Eles não sabiam o que tinha acontecido, é claro. Que tinha alguma coisa a ver com Gretchen Lowell. Mas conseguiram juntar as peças. — A voz dela ficou tensa. — Só que não conseguiam encontrá-lo.

— Dez dias é muito tempo.

Debbie se sentou de pernas cruzadas no tapete e puxou para si um grande quebra-cabeça de madeira.

— Eles acharam que Archie estava morto — disse ela em tom casual.

— Você achou?

Ela inspirou duas vezes, controlando a respiração. Então fez uma careta ao dizer:

— Sim.

Susan deslizou furtivamente o gravador para um pouco mais perto de Debbie.

— Onde você estava quando ficou sabendo que ele tinha sido encontrado?

Debbie começou a usar as peças espalhadas ao seu redor para montar o quebra-cabeça.

— Eu estava aqui — disse ela, olhando em volta. — Bem aqui. — Deu uma risada triste. — Na sala de estar. — Cada peça era um tipo diferente de veículo, e ela pegou um caminhão de bombeiro e o juntou ao quebra-cabeça. — Havia um sofá. Café. Um monte de policiais. Claire Masland. — Ela se deteve, com uma peça ainda na mão. — E flores. As pessoas tinham começado a trazer flores. O noticiário mostrava nossa casa. E gente de todo canto vinha deixar buquês no nosso quintal. — Ela ergueu os olhos para Susan, o rosto ao mesmo tempo desamparado, agitado e confuso. — Bichos de pelúcia. Faixas. Mensagens de pesar. — Ela baixou os olhos para a peça ainda em sua mão: um carro de polícia. — E flores. A fachada inteira da casa estava coberta de flores murchando. — Ela apertou a peça do quebra-cabeça com a mão e sua testa se retesou. — Todas aquelas condolências de merda escritas em pedaços de papel e cartões de pêsames. Sentimos muito pela sua perda. Nossos sinceros sentimentos. Lembro-me de olhar pela janela para aquele monte de arranjos funerais. Dava para sentir o cheiro delas dentro de casa, o fedor de folhagem apodrecendo. — Ela juntou o carro de polícia ao quebra-cabeça, ergueu a mão e olhou para ele. — E eu tive certeza de que ele estava morto.

Ela voltou a olhar para Susan.

— Dizem que a gente sofre muito, sabe? Quando alguém que você ama muito morre. Eu senti. A ausência dele. Soube que era o fim. Soube, fisicamente, que Archie estava morto. Então Henry ligou. Eles o haviam encontrado. E ele estava vivo. Todos comemoraram. Claire me levou de carro até o Emanuel. E eu fiquei cinco dias no hospital.

— Como ele estava?

Debbie respirou fundo e pareceu refletir sobre a pergunta.

— Quando acordou? Demoramos muito para conseguir convencê-lo de que ele não estava mais no porão. — Ela fez uma pausa. — Às vezes fico imaginando se conseguimos.

— Ele falou sobre o assunto com você? — perguntou Susan.

— Não — disse Debbie.

— Mas você deve ter uma idéia do que aconteceu.

Os olhos de Debbie ficaram sombrios e frios.

— Ela o matou. Matou o meu marido. Acho que uma pessoa sente essas coisas.

Eu sei o que senti. — Ela olhou significativamente para Susan. — E sei o que ele tinha se tornado quando voltou.

Susan olhou para o gravador. Estava gravando aquilo? A pequena luz vermelha sobre o microfone brilhava, confirmando que sim.

— Por que você acha que ela fez isso?

Debbie ficou totalmente imóvel por um instante.

— Não sei. Mas acho que, fosse qual fosse o objetivo, ela o alcançou. Não teria

parado antes. Não é esse tipo de pessoa.

— Vocês se separaram quanto tempo depois de tudo isso? — perguntou Susan.

— Ela o pegou por volta do Dia de Ação de Graças. Nós nos separamos nas férias de primavera. — Ela desviou o olhar de Susan e fitou o jardim, uma árvore, balanços, uma cerca viva. — Sei que parece terrível. Ele estava um caco. Não conseguia dormir. Tinha ataques de pânico. Desculpe, você quer mais café?

— O quê? — Susan baixou os olhos para a caneca intocada. — Não. Obrigada.

— Tem certeza? Não é incômodo algum.

— Tenho, obrigada.

Debbie assentiu algumas vezes para si mesma, depois se levantou e carregou o quebra-cabeça para uma estante de quatro prateleiras próxima à mesinha e às cadeiras. A estante estava cheia de livros infantis, jogos de tabuleiro e quebra-cabeças de madeira. Ela colocou o que acabara de montar em cima de alguns outros e então se virou para examinar a sala. Estava tudo no lugar. Deixou as mãos caírem.

— Ele não gostava de sair de casa. Não se sentia confortável perto das crianças. Estava entupido de remédios. Ficava horas sentado sem fazer nada. Minha preocupação era que fizesse alguma coisa para se machucar.

Ela deixou a frase no ar por um minuto e então seu rosto começou a se contrair. Levou a mão à boca, virou a cabeça e envolveu a barriga com o outro braço. Susan se levantou, mas Debbie balançou a cabeça.

— Estou bem — disse. Ficou mais um minuto em silêncio, então limpou as lágrimas sob os olhos com o polegar, desculpou-se com um sorriso e foi andando até a cozinha. Pegou a cafeteira francesa, tirou o êmbolo e derramou o resto do café na pia. Ligou a torneira. — Três meses depois do resgate de Archie, Henry veio nos ver — prosseguiu. — Ele contou a Archie que Gretchen Lowell tinha concordado em entregar mais dez corpos, pessoas que ainda estavam desaparecidas, em troca de um acordo judicial. Mas disse que só daria a localização deles para Archie. Era a condição dela. Archie e mais ninguém. — Ela enxaguou a jarra, abriu a lavadora de pratos e a colocou na prateleira de cima. Então segurou o êmbolo sob a torneira e inclinou a cabeça, olhando o fluxo de água gelada limpar os restos de pó de café. — Ela é controladora. Acho que gostava da idéia de mantê-lo sob controle mesmo de dentro da prisão. Mas ele não precisava fazer aquilo. Henry mesmo disse. Todo mundo entenderia. Mas Archie estava determinado.

O êmbolo já estava limpo, mas Debbie continuou a lavá-lo, girando-o sob a água.

— Ele tinha trabalhado tanto tempo no caso que precisava dar uma satisfação às famílias. Imagino que Gretchen sabia disso. Sabia que ele seria obrigado a concordar. Mas havia algo mais. Henry o levou de carro até Salem para vê-la cerca de uma semana depois. Ela manteve a promessa. Contou a eles a exata localização de uma garota de 17 anos que tinha matado em Seattle. Disse que entregaria mais corpos se ele a visitasse toda semana, todo domingo. Henry o deixou em casa mais tarde naquele dia. E ele caiu no sono e dormiu quase dez horas. Sem pesadelos. — Ela lançou um olhar fulminante para Susan. — Dormiu como um bebê. Quando acordou, estava mais calmo do que nunca, desde o começo daquilo tudo. Era como se vê-la tivesse feito bem para ele. Quanto mais a encontrava, mais se afastava de nós. Eu não queria que ele ficasse voltando lá. Não era saudável. Então o fiz escolher. Ou eu, ou ela. — Debbie soltou uma risada estragulada,

sem humor algum. — E ele a escolheu.

Susan não sabia o que dizer.

— Sinto muito.

O êmbolo estava largado na pia. Debbie olhava pela janela, os olhos brilhando de lágrimas.

— Ela me mandou flores. De uma dessas lojas da Internet. Deve ter encomendado antes de ir para a cadeia. Uma dúzia de girassóis. — A boca de Debbie se contorceu. — “Minhas condolências nessa hora de tristeza. Cordialmente, Gretchen Lowell.” Elas chegaram aqui em casa quando ele estava no hospital. Nunca contei a Archie. Girassóis. Minha flor favorita. Eu era uma jardineira e tanto. Agora pago para cuidarem do jardim. Já não gosto mais de flores. — Deu um sorriso tenso para si mesma. — Não suporto o cheiro delas.

— Você ainda fala com ele?

— Todos os dias por telefone. Pergunte-me com que frequência nos vemos.

— Com que frequência? — obedeceu Susan.

— De duas em duas semanas. Nunca mais que isso. Às vezes, quando ele está com Ben, com Sara e comigo, tenho a impressão de que quer arrancar os olhos fora. — Ela olhou para os bichos de pelúcia, para a pia, para o balcão. — Geralmente não sou tão organizada assim — disse.

Susan respirou fundo. Tinha que perguntar.

— Por que você está me contando tudo isso, Debbie?

Debbie franziu o cenho, pensativa.

— Porque Archie me pediu.

Quando Susan voltou para o carro, a primeira coisa que fez foi voltar o minicassete no gravador alguns segundos e apertar *play* para se certificar de que a entrevista tinha sido gravada. A voz de Debbie saiu imediatamente do aparelho. “Às vezes, quando ele está com Ben, com Sara e comigo, tenho a impressão de que quer arrancar os olhos fora.” *Graças a Deus*, pensou Susan. Ela ficou vários minutos parada, sentindo o coração bater no peito. Um pai de mãos dadas com a filha passou pelo carro, descendo a calçada. A menininha parou e o pai a pegou no colo, carregando-a até a casa vizinha à de Debbie. Susan abriu a janela e acendeu um cigarro. *Essa matéria era para alcançar um bem maior, certo?*

— Certo — respondeu ela em voz alta. O papel da testemunha, lembrou-se. A dor compartilhada. *Certo*.

Ela usou o celular para checar os e-mails do trabalho. Havia uma mensagem de Ian repassando os comentários positivos dos colegas sobre a matéria da força-tarefa e dizendo que na semana seguinte teria resposta sobre o áudio da ligação para o 911. Susan olhou para o pequeno gravador digital em sua mão. A segunda matéria estava se escrevendo sozinha. Mas não havia mensagem do consultório do médico de Archie. Provavelmente estava ocupado salvando vidas, superfaturando consultas ou algo do gênero. Ela abriu o bloco de anotação, procurou de novo o número e o disco.

— Alô — disse ao telefone. — Gostaria de falar com o dr. Fergus. Aqui é Susan Ward. Estou ligando sobre um paciente dele, Archie Sheridan.

Afinal de contas, ela estava numa maré de sorte.

— Vê alguma coisa? — perguntou Anne.

Ela ficou olhando Claire Masland, que estava parada no passeio da margem leste, observando o Willamette, onde Dana Stamp tinha sido encontrada. Claire usava uma boina de pescador que cobria seu cabelo curto e olhava para a região oeste da cidade, do outro lado do rio, onde o Waterfront Park formava um cinturão verde em torno da mistura de prédios novos e históricos que formava o centro da cidade.

— Não — respondeu Claire. — Só estou sentindo o cheiro do rio. Serragem tem um aroma especial, você não acha?

Anne tinha pedido a Claire que a levasse aos locais onde os corpos foram encontrados. Era uma mania que ela pegara de Archie quando os dois trabalharam juntos no caso Beleza Mortal. Andar pela cena do crime. Já tinham passado pela Ross Island e pela Sauvie Island e, naquele fim de manhã, as botas de Anne estavam molhadas, seus pés estavam gelados e parecia que iria chover. Ela suspirou e apertou mais a jaqueta de couro contra o corpo. Um homem passou fazendo *jogging*, sem prestar atenção nas duas. Lá embaixo, duas gaiotas enormes e sujas chapinhavam em círculos na água lamacenta e marrom.

— O que esses locais têm em comum? — refletiu Anne em voz alta.

Claire suspirou.

— Todos ficam no Willamette, Anne. Ele tem um barco. Já sabemos disso.

— Não é prático. Ross Island. O passeio. Sauvie Island. Ele está indo para o norte. Mas por quê? Assassinos desovam os corpos em lugares supostamente seguros. Ross Island e Sauvie Island podem ser ermas à noite, mas este lugar, não. — Ela se virou, apertou os olhos para um viaduto que passava por cima do passeio e, em seguida, os ergueu para os postes antigos que iluminavam o local à noite. O barulho do tráfego era ensurdecedor.

— Não dá pra ver a margem do rio daqui — disse Claire. — Se ele tiver usado um barco pequeno, ficou fora de vista para quem estivesse passando. Então ninguém desse lado pôde vê-lo desovar o corpo. E também estaria muito longe para qualquer pessoa do outro lado perceber o que ele estava fazendo.

— Mas por que se arriscar? — perguntou Anne. — Tendo um barco, por que não desovar o corpo em algum lugar seguro, como os dois outros locais?

Claire deu de ombros.

— Ele poderia querer que ela fosse encontrada mais cedo do que Lee Robinson?

— Talvez. Só que não faz sentido. Esse cara é um assassino organizado. Talvez o primeiro local tenha sido escolhido ao acaso, mas, depois dele, deveria haver algum método. Desovar um corpo às claras assim? É arriscado. Você não faz isso a não ser que

conheça tão bem a área a ponto de achar que não vai ser pego. Com certeza existe algum método.

Uma das gaivotas grasnou de repente e saiu voando na direção da Steel Bridge. A outra ergueu seus olhinhos minúsculos para Anne.

— Quanto tempo você acha que temos? — perguntou Claire.

— Antes de ele pegar outra garota? Uma semana. Duas, se dermos sorte. — Anne fechou a jaqueta, sentindo uma friagem repentina. — Talvez antes.

Archie lera o artigo de Susan assim que acordou. Não era ruim. Evocava uma certa perspectiva de quem está de fora da investigação. A foto era boa. Porém, apesar do que disse a ela ao telefone, não era o que ele precisava. Justin Johnson? Aquilo era interessante. Ele tinha sido preso aos 13 por vender maconha para um policial disfarçado. Quinhentos gramas de maconha. Saiu em liberdade condicional, o que por si só já chamava atenção. Então eles o investigaram. Mas o álibi de Justin era inquestionável, de modo que Archie estava menos interessado no bilhete do que na pessoa que o deixara. Alguém estava tentando manipular a matéria de Susan ou a investigação. Alguém com acesso à ficha do garoto. Archie fez uma ligação e pediu que uma radiopatrulha desse algumas voltas a mais pelo prédio de Susan nas próximas noites. Talvez fosse exagero, mas deixava-o mais tranquilo. Naquele instante, ele estava sentado à sua mesa no escritório da força-tarefa, cercado de fotografias de garotas assassinadas, mal notando o burburinho em volta. A equipe dele estava exausta e ficando com o moral baixo. Não havia novas pistas. Kent tinha sido despedido por mentir sobre seus antecedentes na ficha de emprego e, de acordo com os policiais que estavam na cola dele, passara as últimas 24 horas tocando sua guitarra. A blitz na Jefferson não rendeu mais nada. Eles não tinham conseguido encontrar nenhum estupro fora do estado que se enquadrasse no *modus operandi* em questão, e, até o momento, o DNA de nenhuma das camisinhas da Sauvie Island havia combinado com o de alguém no sistema. O telefone na mesa de Archie tocou. Ele olhou para o número e viu que era Debbie.

— Olá — disse ele.

— A sua biógrafa acabou de sair. Achei que você gostaria de saber.

— Contou a ela sobre o meu estado deplorável?

— Contei.

— Ótimo.

— À noite a gente conversa.

— Sim.

Archie desligou. Ele tinha tomado seis Vicodin e estava sentindo os braços e a nuca leves. A primeira onda da codeína era a melhor. Aparava todas as arestas. Na época em que era patrulheiro, tinha lidado com um monte de viciados. Eles viviam arrombando carros para roubar moedas ou qualquer coisa deixada no banco de trás: livros, roupas velhas, garrafas que poderiam ser devolvidas por uns trocados. Quebravam janelas e se arriscavam a ser presos por centavos. Uma das primeiras coisas que policiais aprendem sobre viciados é que eles têm uma lógica própria. Correm riscos enormes mesmo quando a chance de conseguirem a droga é mínima. Isso os torna imprevisíveis. Archie nunca entendeu a cabeça deles. Mas achava que estava começando a entender.

Os Hardy Boys apareceram na porta da sala dele, obrigando-o a desanuviar a

cabeca e assumir sua cara de policial. Não paravam quietos de tão empolgados. Heil ensaiou alguns passos na direção de Archie, que o tomou como o encarregado de falar. Tinha razão.

— Conferimos a lista de funcionários da escola que você nos deu ontem e um deles meio que se destacou.

— Kent? — perguntou Archie automaticamente. Algo no faxineiro o deixava desconfiado.

— McCallum, o professor de física da Cleveland. Parece que o barco dele não está onde devia.

— E está onde?

— Pegou fogo ontem naquele incêndio na marina, perto da Sauvie Island.

Archie ergueu as sobrancelhas.

— Pois é — disse Heil. — Achamos que pode ser uma pista.

O Emanuel Hospital era um dos dois hospitais de emergência da região e foi para lá que Archie Sheridan foi levado depois que eles o tiraram do porão de Gretchen Lowell. Era o hospital favorito dos paramédicos da cidade e havia um boato de que muitos usavam camisas com as palavras “Leve-me para o Emanuel” escritas, para o caso de terem uma síncope em serviço. A estrutura principal tinha sido construída em 1915, mas vários acréscimos deixaram o edifício de pedra original quase completamente escondido atrás de vidro e aço. Era também o hospital onde o pai de Susan morrera de linfoma não-Hodgkin uma semana antes de ela tirar o aparelho dentário. Ela estacionou na garagem de visitantes e foi até o prédio dos consultórios onde o médico de Archie concordara em encontrá-la. Quando ela pegou o elevador para subir ao quarto andar, teve a precaução de apertar o botão com o cotovelo, e não com o dedo. Germes de doentes. O seguro morreu de velho.

Dr. Fergus a deixou esperando 35 minutos. Não era uma sala de espera ruim. Dava vista para as West Hills, o monte Hood e o sinuoso Willamette. Porém, cheirava como todas as salas de espera de que Susan se lembrava da época das consultas do pai. Um cheiro de cravos e iodo. Era o sabonete que eles usavam para maquiagem o cheiro de pessoas morrendo.

Uma pilha de revistas *InStyle* formava um sedutor leque em uma mesa de canto, mas Susan resistiu ao impulso de perder tempo e passou vinte minutos escrevendo e reescrevendo uma introdução para a próxima matéria em seu bloco. Então checkou suas mensagens. Nenhuma. Usou a discagem rápida para chamar Ethan Poole. Correio de voz.

— Ethan — falou ela. — Sou *moi*. Só estou ligando para saber se você já conseguiu falar com Molly Palmer. Estou começando a levar isso para o lado pessoal. — Susan notou que a recepcionista estava olhando muito feio para ela e apontando para uma placa com a imagem de um celular cortado por um traço. — Me ligue — disse. Então desligou e largou o celular dentro da bolsa.

Um *Herald* estava largado em uma mesinha de café em cima de uma pilha de *U.S. News & World Reports*. Susan tinha acabado de tirar a capa do jornal de baixo do caderno de Cidade para que sua matéria ficasse devidamente à mostra a quem pudesse interessar, quando Fergus apareceu. O médico se desculpou com um encolher de

ombros, ofereceu um aperto de mão úmido e a conduziu de volta pelas salas de exame até seu consultório. Ele tinha uns 55 anos e usava o cabelo grisalho bem curto, como se fosse técnico de futebol americano em alguma escola do Texas, e andava rápido, com o corpo em um ângulo de 80°, estetoscópio balançando, os ombros encurvados e os punhos nos bolsos do jaleco branco. Susan teve que apertar o passo para acompanhá-lo.

O escritório tinha uma decoração cuidada e chique, estilo *baby boomer*, e dava vista para o horizonte urbano da região oeste e para os prédios industriais maltratados da região leste, com o extenso rio marrom serpenteando no meio. Em um dia claro, conseguia-se ver três montanhas de Portland: o monte Hood, o monte St. Helens e o monte Adams. Porém, quando as pessoas se referiam à “montanha”, estavam falando do Hood, e era ele que dava para ver da janela de Fergus, um luxo que não devia ser subestimado. Ainda branco de neve, o monte parecia-lhe um dente de tubarão rasgando o céu azul. Mas, também, Susan nunca tinha sido muito fã de esqui.

Um tapete oriental luxuoso, feito à mão, estendia-se sobre o carpete; uma parede de estantes de livros acomodava textos médicos, mas também romances contemporâneos e livros sobre religiões orientais; e uma grande fotografia preto-e-branca de Fergus recostado em uma Harley-Davidson pendia de uma das paredes, diminuindo os diplomas de medicina que a cercavam. Pelo menos ele tinha noção de prioridade. Susan notou um rádio caro na estante, e apostou que estava sintonizado na estação de rock clássico.

— Bem, Archie Sheridan — disse o dr. Fergus, abrindo uma pasta azul à sua frente.

Susan sorriu.

— Imagino que você tenha falado com ele.

— Falei. Ele mandou um formulário de autorização por fax. — Fergus tocou um pedaço de papel em sua mesa. — Hoje em dia, todo cuidado é pouco com essas questões de privacidade. O plano de saúde sabe tudo sobre você. Mas um amigo ou parente? Não sem a devida papelada.

Susan colocou o gravador sobre a mesa, erguendo as sobrancelhas interrogativamente para Fergus. Ele assentiu. Ela começou a gravar.

— Posso perguntar qualquer coisa, então? — disse ela.

— Estou disposto a falar brevemente sobre os ferimentos que o detetive Sheridan sofreu em serviço em novembro de 2004.

— Pode começar. — Susan abriu o bloco de anotações e o encorajou com um sorriso.

Fergus buscou informações no arquivo de Sheridan. O tom dele era rude e impessoal.

— Ele chegou à sala de emergência de ambulância às 21h43 no dia 30 de novembro de 2004. Estava em estado grave. Seis costelas fraturadas, lacerações no tórax, uma perfuração no abdome, níveis tóxicos altíssimos. Tivemos que fazer uma cirurgia de emergência para reparar danos ao esôfago e à parede estomacal. Quando o abrimos, o esôfago estava tão danificado que tivemos que reconstruí-lo com um enxerto da bexiga. E, é claro, ela tinha removido o baço.

Susan estava fazendo anotações quando ele chegou àquela última parte. Parou de escrever e ergueu os olhos.

— O baço?

— Isso. Não foi noticiado na época. Ela fez um bom trabalho ao dividir o fornecimento de sangue e suturá-lo, mas havia um pequeno sangramento e tivemos que abri-lo para limpar.

Susan continuou pressionando a ponta da caneta contra a folha do bloco.

— Dá pra fazer isso? Simplesmente tirar o baço de uma pessoa?

— Se você souber fazer — disse Fergus. — Não é um órgão essencial.

— O que ela... — Susan tamborilou ansiosa a caneta no papel — fez com o baço?

Fergus expirou lentamente.

— Acho que mandou para a polícia. Junto com a carteira dele.

Susan arregalou os olhos com incredulidade e escreveu a frase no bloco.

— Essa é a coisa mais doentia que eu já ouvi — disse ela, balançando a cabeça.

— Pois é — disse Fergus, inclinando-se para frente, seu interesse profissional claramente despertado. — Também ficamos surpresos. Não é uma cirurgia simples. Ele entrou em choque séptico e os órgãos começaram a falhar. Se não tivesse sido tratado por ela no local, Sheridan estaria morto.

— Ouvi dizer que ela fez RCP nele — disse Susan.

Fergus a examinou por um instante.

— Isso foi o que os paramédicos disseram. Ela também usou digitalina para parar o coração dele e depois o ressuscitou com lidocaína.

Susan se retraiu e esticou o pescoço para frente ao mesmo tempo.

— Por quê?

— Não faço idéia. Isso aconteceu vários dias antes de o encontrarmos. Foi mais ou menos quando ela passou a cuidar dos ferimentos. Ele foi bem tratado. — Ele fez uma pausa, percebendo o que disse, e passou a mão pela testa. — Quero dizer, daí em diante. Ataduras limpas. Pontos em todos os cortes. Ela administrou fluidos intravenosos, fez transfusão de sangue nele. Mas, àquela altura, não podia fazer nada quanto à infecção. Não tinha os antibióticos adequados, nem o equipamento necessário para manter os órgãos funcionando a contento.

— Onde ela conseguiu o sangue?

Fergus deu de ombros e balançou a cabeça.

— Não fazemos idéia. Era O negativo, doador universal, e estava fresco, mas não era dela. E o homem que ela matou na frente de Sheridan era AB.

Susan escreveu a palavra “sangue” no bloco de anotações seguida de um ponto de interrogação.

— Você disse que os níveis tóxicos dele estavam altos? O que ele estava tomando, exatamente?

— Um coquetel e tanto. — Fergus baixou os olhos para uma página do arquivo. — Morfina. Anfetamina. Succinilcolina. Bufotenina. Benzilpiperazina. E isso é só o que ainda estava no sistema dele.

Susan estava tentando descobrir como soletrar foneticamente “succinilcolina”.

— Quais seriam os efeitos de todas essas drogas?

— Sem saber a ordem em que elas foram dadas, não tenho como saber. Graus variáveis de insônia, agitação, paralisia, alucinações e, provavelmente, um barato bem agradável.

Susan tentou imaginar como seria aquilo. Sozinho, sentindo dor. Tão chapado

que sua mente não funciona. Completamente dependente da pessoa que o está matando. Ela examinou Fergus. Ele não era exatamente expansivo. Mas Susan gostou dele por querer resguardar Archie. Que bom que alguém queria. Ela entortou a cabeça e abriu o seu mais radiante sorriso “conte-me tudo”.

— Você gosta dele? De Archie?

Fergus apertou os lábios.

— Não sei se Archie tem mais amigos. Mas, se tivesse, acho que ele me consideraria um deles.

— O que você acha do que eu estou fazendo? Dessa matéria? De eu escrever sobre o que aconteceu com ele?

Fergus recostou na cadeira e cruzou as pernas. A montanha brilhou sob o sol às suas costas. Depois de um tempo, talvez você nem a percebesse mais.

— Tentei dissuadi-lo.

— Como ele reagiu? — perguntou ela.

— Não consegui convencê-lo — respondeu Fergus.

— Mas você também não está sendo totalmente franco comigo, está?

— Ele nunca disse que eu teria que falar tudo. Archie é meu paciente. E eu coloco o bem-estar dele acima da sua matéria de jornal. Independentemente do que ele acha que quer. Este hospital ficou apinhado de gente da imprensa nas semanas depois que ele foi encontrado. Minha equipe os mandava todos para o departamento de relações públicas do hospital. Sabe por quê?

Espera, pensou Susan, *essa eu conheço!*

— Porque repórteres são urubus que publicam qualquer coisa sem pensar na relevância, consequência e veracidade dos fatos?

— Exatamente. — Fergus olhou para o seu relógio de 500 dólares. — Se você quiser saber mais alguma coisa, pode perguntar ao próprio Archie. Tenho que ir. Sou médico. Tenho pacientes. Preciso cuidar deles. O hospital fica irritado se eu não mostrar o mínimo de serviço.

— É claro — apressou-se a dizer Susan. — Só mais algumas perguntas. O detetive Sheridan ainda está tomando alguma medicação?

Fergus olhou Susan nos olhos.

— Nada que possa interferir na capacidade dele de fazer seu serviço.

— Ótimo. E, só para eu entender melhor, você está dizendo que Gretchen Lowell torturou e matou Sheridan, então o ressuscitou e cuidou dele por alguns dias antes de ligar para o 911?

— Isso mesmo — disse Fergus.

— E Sheridan confirma isso? — perguntou Susan.

Fergus recostou mais na cadeira e entrelaçou os dedos sobre o peito.

— Ele não fala muito sobre o que aconteceu. Afirmo não se lembrar muito bem.

— E você não acredita nele?

Fergus olhou para Susan com cautela.

— É papo-furado. E já falei isso na cara dele.

— Qual é o seu filme favorito?

— O quê?

Susan abriu um sorriso divertido, como se não fosse uma pergunta estranha.

— Seu filme favorito.

O pobre médico pareceu ficar um pouco confuso.

— Não tenho muito tempo de ver filmes — disse, por fim. — Pratico esqui.

— Pelo menos você não inventou — disse Susan assentindo com satisfação. As pessoas sempre mentiam sobre filmes. Susan dizia que o filme favorito dela era *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*, que ela nunca tinha visto. — Obrigada pelo seu tempo, doutor.

— Foi um prazer — disse Fergus com um suspiro.

Eram 15h30 e Susan se viu mais uma vez na Cleveland High School. Não comparecia tanto assim à escola nem quando estava matriculada. O plano tinha sido emboscar Justin no carro dele, mas, agora que estava parada no estacionamento, não havia nem sinal do BMW laranja. Maravilha. Ela tinha certeza absoluta de que não conseguiria se passar pela mãe dele pessoalmente. Além do mais, não estava a fim de entrar. Não queria topiar com nenhum outro antigo professor. E certamente não queria levar outro sermão daquele faxineiro.

Mas e agora? Tinha muito que perguntar a JAY2, como, por exemplo, o que exatamente ele tinha feito para ser autuado, por que isso importava a ela e, mais importante, por que alguém achava que ela deveria se importar; e quem poderia ser essa pessoa.

E agora não conseguia achá-lo.

Os adolescentes estavam todos vestidos como se fosse verão: camisetas, shorts, saias curtas, sandálias. O sol estava forte e até as maiores poças tinham secado, mas fazia apenas 10°C. A maior parte das árvores estava sem folhas. Uma enxurrada de alunos passava por Susan indo para seus carros, carregando enormes bolsas de livros e mochilas. Susan continuou parada no meio do estacionamento literalmente coçando a cabeça.

Então viu um menino que parecia Justin. Mesmo cabelo de surfista, roupas parecidas, mesma idade. Ele estava andando na direção de um Ford Bronco, digitando uma mensagem de texto em um celular. Recordando a mentalidade do ginásio, ela arriscou o palpite de que adolescentes que se parecem geralmente são amigos.

— Você sabe onde eu posso encontrar Justin Johnson? — perguntou ela, tentando não parecer esquisita ou ameaçadora.

O garoto franziu o cenho.

— J.J. foi embora — disse ele.

— Foi embora?

— Pegaram ele na sexta aula. Parece que o avô dele morreu. Ele foi direto pro aeroporto pegar um avião para Palm Springs.

— E quando ele volta? — perguntou Susan.

O garoto deu de ombros.

— Me mandaram pegar o dever de casa dele por uma semana. McCallum ficou puto. Disse que era mentira. Que o avô dele já tinha morrido no primeiro ano. Ameaçou colocar o J.J. de castigo. — Ele deu uma olhada em Susan e pareceu chegar a uma conclusão. — Tá atrás de um bagulho?

— Estou — disse Susan. — E perdi o telefone do J.J. Você pode me dar?

Archie sentou de frente para Dan McCallum na mesa. Estava com o relatório da equipe de incêndios criminosos à sua frente. McCallum era um homem pequeno, com uma cabeleira grossa e castanha e um bigode de leão-marinho que já não estava na moda desde antes de ele nascer. Os braços dele pareciam curtos demais para o tórax grosso e suas mãos eram miúdas e quadradas. Usava a camisa de botão enfiada nas calças marrons com cinto de couro grande. A fivela era uma cabeça de puma em bronze. Eles estavam sentados no cofre-sala de interrogatório no banco-escritório da força-tarefa. Claire Masland estava recostada na porta de 60 centímetros de grossura com os braços cruzados. McCallum estava corrigindo provas. Os dedos dele tinham calos de tanto escrever. Quase não se vê mais isso, pensou Archie.

— Posso interromper um instante? — perguntou Archie.

McCallum nem ergueu os olhos. As sobrancelhas dele pareciam mais dois bigodes.

— Tenho 103 provas de física para corrigir até amanhã. Sou professor há 15 anos. Ganho 42 mil dólares por ano, sem incluir benefícios. Isso é 5 mil a menos do que recebi ano passado. Quer saber por quê?

— Por quê, Dan?

— Porque o Estado cortou 15% da verba da educação e eles não conseguiram encontrar faxineiros e enfermeiras o suficiente para despedir. — McCallum pousou a caneta cuidadosamente em cima da pilha de provas e olhou para Archie. As sobrancelhas se ergueram. — Você tem filhos, detetive?

Archie hesitou.

— Dois.

— Coloque-os em escolas particulares.

— O que aconteceu com o seu barco, Dan?

McCallum pegou a caneta de volta e escreveu um “B-” em uma das provas e o circulou.

— Pegou fogo em um incêndio na marina. Mas acho que vocês já sabem disso.

— Na verdade, parece que o seu barco colocou fogo na marina. — Isso chamou a atenção de McCallum. — Uma análise do incêndio indica que ele foi a origem. E que um catalisador foi usado para começar o fogo. Gasolina, para ser específico.

— Alguém colocou fogo no meu barco?

— Alguém colocou fogo no seu barco, Dan.

Uma sobrancelha enorme começou a se contorcer. McCallum apertou a caneta vermelha com sua mão peluda.

— Vejam bem — disse ele, a voz subindo uma oitava. — Já disse aos detetives onde estava quando aquelas garotas desapareceram. Não tive nada a ver com isso. Posso ceder uma amostra de DNA para vocês, se quiserem. Não ensino biologia porque não gosto de dissecar sapos. Quem quer que vocês estejam procurando, não sou eu. Não sei por que alguém colocaria fogo no meu barco. Mas não tem nada a ver com aquelas garotas.

Archie se levantou e inclinou-se sobre a mesa, apoiando-se nos punhos, crescendo para cima do professor.

— Só tem um problema — disse Archie. — O fogo começou na cabine, Dan. O que nos faz pensar que alguém tinha a chave. Afinal, por que arrombar um barco para começar um incêndio? Por que não simplesmente espalhar um pouco de gasolina no

convés e começar o incêndio ali?

A expressão de McCallum ficou um pouco mais carregada e ele olhou de Archie para Claire num desespero cada vez maior.

— Não sei. Mas se o incêndio começou na cabine então alguém arrombou o barco. Não sei por quê. Mas fizeram isso.

— Qual foi a última vez que você usou o barco? — perguntou Archie.

— Na segunda da semana passada. Foi a primeira vez que saí com ele nesta estação. Só desci o Willamette alguns quilômetros.

— Tinha alguma coisa fora do lugar?

— Não — respondeu McCallum. — Estava tudo do jeito que eu tinha deixado. Até onde percebi.

— Quem sabe que você tem um barco?

— Estou com ele faz nove anos. Multiplique isso por cem alunos por ano. Só aí já dão 9 mil alunos da Cleveland. Não sou o professor mais popular da escola. Sou casca-grossa. — Ele ergueu um punhado de trabalhos escolares para provar. — Não dei um só A na minha turma de física avançada no último semestre. Talvez um dos alunos tenha ficado irritado e decidido me punir. Eu adorava aquele barco. Todos eles sabiam disso. Se alguém estivesse interessado em me atingir, talvez fosse atrás dele.

Archie examinou cuidadosamente McCallum, que parecia suar mais a cada minuto. Archie não gostou dele. Porém, tinha aprendido há muito que não gostar de uma pessoa não significava que ela estava mentindo.

— Ok, Dan. Você está liberado. Vamos ficar com aquela amostra de DNA. Claire vai mostrar aonde você tem que ir.

McCallum se levantou, juntou todas as suas provas e as enfiou em uma pasta de couro mole maltratada. Claire abriu a porta.

— Você poderia esperar por mim no corredor, Dan? — perguntou ela.

Ele assentiu e saiu arrastando os pés.

Claire se virou para Archie.

— Não temos nenhum DNA para comparar com o dele — disse ela.

— Ele não sabe disso — falou Archie. — Colha o material e vamos colocar um carro seguindo-o desde a hora em que ele sair da escola até o fim do dia, quando ele for dormir.

— Foi só um incêndio, Archie.

— É tudo o que temos.

Susan sentou no carro no estacionamento e discou o número de celular de Justin Johnson.

— Yo — atendeu ele.

Ela já foi falando a explicação que ensaiara.

— Olá, J.J. Meu nome é Susan Ward. A gente se conheceu no estacionamento da Cleveland. Meu carro tinha sido travado, lembra?

Houve uma longa pausa.

— Não é pra eu falar com você — disse ele. E então desligou.

Susan ficou olhando para o celular em sua mão.

Mas o que estava acontecendo?

Susan tinha mudado de roupa três vezes antes de ir para o apartamento de Archie Sheridan. Agora estava de frente para ele na porta, desejando ter escolhido um visual completamente diferente. Mas ele já a tinha visto, e era tarde demais para voltar para o carro.

— Oi — disse ela. — Obrigada por me deixar vir.

Eram oito e pouco da noite. Archie ainda estava usando o que Susan imaginava serem suas roupas de trabalho, sapatos resistentes de couro marrom, calça larga e vincada de veludo côtelé verde-escura e uma blusa de botão azul-clara desabotoada até o pescoço com uma camiseta por baixo. Susan baixou os olhos para o seu conjunto de jeans preto, camiseta do Aerosmith velha por cima de uma blusa de manga comprida e botas de motoqueiro; o cabelo rosa estava preso em mairas-chiquinhas. O visual tinha funcionado bem quando ela entrevistara o Metallica no camarim do Coliseum, mas para aquele dia estava todo errado. Ela deveria ter ido com algo mais intelectual. Um suéter, talvez.

Archie escancarou a porta e se afastou para que ela pudesse entrar no seu apartamento. O que Susan havia dito ao telefone era verdade: precisava da entrevista. A matéria era para o dia seguinte e havia muito que perguntar a Archie Sheridan. Porém, ela também queria ver como ele vivia. Quem ele era. Tentou não ficar de queixo caído quando viu o ambiente vazio em que o detetive morava. Nenhum livro. Nada nas paredes. Nenhuma fotografia da família ou quinquilharias compradas durante as férias, CDs ou revistas velhas esperando para serem recicladas. A julgar pelo deprimente sofá marrom e pela poltrona reclinável de veludo, o apartamento já tinha vindo mobiliado. Nenhuma personalidade. Zero. Que tipo de pai divorciado não tem fotos dos filhos à mostra?

— Há quanto tempo você mora aqui? — perguntou ela, cheia de esperança.

— Quase dois anos — respondeu ele. — Desculpe. Sei que não tem muita coisa para ver.

— Diga-me que você tem uma televisão.

Ele riu.

— Fica no quarto.

Aposto que você não tem TV a cabo, pensou Susan. Ela olhou ao redor da sala teatralmente.

— Onde você guarda suas coisas? Você deve ter porcarias inúteis. Todo mundo tem.

— A maior parte das minhas porcarias inúteis está na casa da Debbie. — Ele indicou com cavalheirismo o sofá. — Sente-se. Você pode beber durante suas entrevistas?

— Ah, se posso — assegurou Susan. Ela notou que a mesa de café estava coberta de arquivos da polícia. Todos reunidos e amontoados em duas pilhas bem arrumadas. Ficou imaginando se Archie era uma daquelas pessoas naturalmente organizadas, ou se exagerava para compensar pelo resto. Sentou-se no sofá, enfiou a mão na bolsa e tirou um livro chamado *A Última Vítima*. Colocou-o na mesinha de café, perto dos arquivos.

— Só tenho cerveja — gritou Archie da cozinha.

Ela não tinha comprado *A Última Vítima* no lançamento, mas folheara o livro. O romance policial *trash* sobre o seqüestro de Archie Sheridan estava nas prateleiras de livro de qualquer supermercado na época. Gretchen Lowell aparecia na capa. Se beleza vendia livros, *serial killers* bonitas entravam nas listas de mais vendidos.

Archie deu a ela uma garrafa de cerveja artesanal e se sentou na poltrona. Ela o viu olhar de relance para o livro. E desviar os olhos.

— Minha nossa — provocou Susan. — Uma escolha estética. Cuidado. Você pode acabar entregando um pouco da sua personalidade para alguém.

— Desculpe. Gosto de vinho também. E destilados. Por acaso só tenho cerveja. E não, não tenho uma marca favorita. Compro o que tiver, desde que não seja água choca.

— Sabia que Portland tem mais cervejarias artesanais e pubs com cerveja própria do que qualquer outra cidade do país?

— Não, não sabia — disse ele.

Susan tapou a boca com a mão.

— Desculpe — disse. — Sou um banco de dados ambulante. Seqüela de escrever matérias especiais. — Ela inclinou a garrafa num pequeno brinde. Archie, Susan notou, não estava bebendo. — A Portland. Incorporada em 1851. População, 545.140. — Ela piscou. — Dois milhões, se você contar a área da grande Portland.

Archie abriu um sorriso fraco.

— Impressionante.

Susan tirou o gravador digital da bolsa e o colocou perto do livro na mesinha de café entre eles.

— Importa-se se eu gravar a conversa?

— Pássaro do estado?

— Garça-azul.

— Pode gravar.

Ela ficou esperando Archie dizer algo sobre o livro. Ele ficou esperando Susan fazer uma pergunta. O livro ficou parado em cima da mesinha de café. Gretchen Lowell lançava um olhar ameaçador sob o título em relevo dourado. Susan pensou em pedir licença para voltar correndo ao seu apartamento e mudar de roupa.

Que se dane. Ela apertou *record* e abriu o bloco de anotações. Tinha esperanças de que o livro balançasse Archie; provocasse alguma coisa, qualquer coisa. Hora do plano B.

— Falei com a sua mulher hoje.

— Ex-mulher.

Bem, pensou Susan, ele não mordeu a isca. Teria que tentar algo mais direto. Ela ergueu os olhos.

— Ela ainda te ama.

A expressão de Archie não mudou.

— E eu ainda a amo — disse ele, sem mudar de tom.
— Ei, tive uma idéia — falou Susan alegremente. — Por que vocês dois não se casam?

Archie suspirou.

— O fato de eu ser emocionalmente retardado complica o nosso relacionamento.

— Ela falou com você sobre a conversa que tivemos?

— Falou.

— O que ela disse?

— Ela estava preocupada de ter sido muito franca sobre... — ele procurou as palavras certas — ... meu relacionamento com Gretchen.

— Relacionamento — repetiu lentamente Susan. — Palavra curiosa.

Ele balançou a cabeça.

— Nem tanto. Criminoso/policial. Seqüestrador/refém. Assassino/vítima. São todos relacionamentos. — Ele abriu um sorriso irônico. — Não quis sugerir que estamos tendo um caso.

Archie estava recostado na poltrona. Pernas descruzadas, joelhos separados. Pés no carpete. Os dois cotovelos nos descansos para os braços. No entanto, pensou Susan, por mais que tentasse parecer casual, certamente não estava relaxado. Ela tentou observá-lo sem olhar muito. O ângulo da cabeça, como a camisa o vestia, o peso sob seus olhos. O cabelo castanho era um amontoado de tufo e cachos.

A verdade é que Archie Sheridan a deixava desconfortável. E aquilo era algo a que Susan não estava acostumada. O poder nas entrevistas geralmente era dela, porém, cada vez mais, quando estava com Archie Sheridan ela se via desejando um cigarro. Ou coisa parecida.

Ele estava olhando para ela. Esse era o problema das entrevistas. Um sempre ficava esperando o outro falar alguma coisa. Era como um longo primeiro encontro. *Então, de onde você é? Em que você se formou? Tem algum Huntington na sua família?* Ou, no caso deles:

— Por que acha que Gretchen Lowell seqüestrou você?

— Ela é uma *serial killer*. Queria me matar. — A voz de Archie estava equilibrada.

— Mas não matou — observou Susan.

Ele deu de ombros.

— Ela mudou de idéia.

— Por quê?

Archie abriu um sorriso fraco.

— Porque é mulher?

— Estou falando sério.

A expressão dele voltou a ficar neutra e ele cutucou algo microscópico na perna da calça.

— Não sei a resposta a essa pergunta.

— Você nunca perguntou a ela? — disse Susan com incredulidade. — Em nenhum de todos aqueles domingos?

— O assunto nunca surgiu.

— Sobre o que vocês conversam?

Ele ergueu os olhos de encontro aos dela.

- Assassinato.
- Isso não diz muita coisa.
- Você não está fazendo as perguntas certas.

Susan pôde ouvir uma criança correr sobre o teto chapiscado do apartamento. Archie não pareceu notar.

— Ok — disse ela lentamente. — Acho que estou interessada no que ela fez de diferente com você. Quero dizer, a tortura foi diferente, não foi? Ela não matou todos os outros depois de alguns dias? Você, ela manteve vivo. Então você era diferente. Desde o começo. Para ela.

— Eu era o detetive-chefe do caso. Os outros eram aleatórios. Até onde sabemos, com exceção dos cúmplices que matou, ela não conhecia nenhuma das vítimas. Nós nos conhecíamos. Tínhamos um relacionamento.

Susan sublinhou a palavra “relacionamento” em seu bloco.

— Mas ela se infiltrou no caso para chegar até você. Quero dizer, não foi por isso que ela veio até Portland e bateu na porta da força-tarefa? Estava atrás de você.

Archie ergueu os braços do descanso e fechou e abriu as mãos sobre o colo. Estava olhando para o exemplar de *A Última Vítima*. Para Gretchen Lowell. Olhos pesados, sem piscar. Susan olhou de Archie para o livro e de volta para Archie. Era como se, tendo olhado uma vez, ele não conseguisse desgrudar os olhos.

— Não é incomum psicopatas se aproximarem de investigadores — disse ele, o olhar ainda fixo no livro. — Eles gostam de ver o desenrolar do drama. Faz com que se sintam superiores.

Susan se inclinou para frente, descansando os antebraços nas pernas cruzadas, e jogou o corpo mais para perto de Archie. Ela fazia o mesmo movimento em todos os primeiros encontros.

— Mas ela se arriscou muito — disse com brandura — para chegar até você. E aí não te matou. — Ele ainda estava olhando para o livro. Susan foi invadida por um súbito impulso de pegá-lo e enfiá-lo de volta na bolsa. Só para ver o que ele faria. — Não entendo bem isso. Parece não combinar com ela.

— Com licença — disse Archie. Levantou-se depressa e foi para a cozinha. Susan girou desajeitadamente no sofá para poder vê-lo. Não conseguia enxergar o rosto. Archie estava de costas para ela, encarando um deprimente conjunto de móveis de cozinha em fórmica branca. — Você pode fazer o favor de guardar esse livro?

O livro. Era a foto de propaganda de xampu de Gretchen Lowell que o incomodava ou o conteúdo?

— Desculpe — gritou Susan, puxando o livro para dentro da bolsa. Ela encurvou um pouco os ombros, sentindo-se uma idiota. — Era só um gancho. Para a entrevista.

Archie ficou quieto. Ergueu uma das mãos da cintura até a nuca. Susan queria que ele se virasse para que ela pudesse ver seu rosto, ver o que ele estava pensando. Queria fazer alguma coisa que não fosse olhar desesperadamente para a parte de trás daquela cabeça cheia de caracóis, então começou a escrever no bloco. *O que ele não está me dizendo sobre Gretchen Lowell?* Circulou a pergunta várias vezes, até a caneta rasgar um pedacinho do papel. A pergunta ficou flutuando na página, cercada de papel em branco.

Archie disse algo. Ela ergueu os olhos, mortificada. Ele estava em frente à

geladeira, olhando para ela com uma cerveja na mão. Definitivamente tinha falado alguma coisa.

— O que foi? — disse Susan, virando a página tão rápido que acabou rasgando um pouco no espiral.

— Eu disse que você acha que ela teve misericórdia.

Susan se virou para encará-lo novamente, erguendo as pernas sobre as quais estava sentada; as botas de motoqueiro afundando no sofá de espuma.

— No fim das contas — disse Susan —, ela matou todos os outros que pegou. Matou você. Mas te trouxe de volta. Chegou a salvar sua vida.

Archie ficou sozinho na cozinha e deu um gole na cerveja. Susan nem tinha certeza de que ele ouvira. Então ele voltou para a sala de estar e se sentou, colocando a cerveja cautelosamente sobre a mesinha de café à sua frente. Fazia tudo cautelosamente. Como alguém com medo de quebrar as coisas aos seus cuidados. Olhou para as próprias mãos, grossas, entrelaçadas de veias, ainda cerradas sobre o colo. E então voltou a encarar Susan.

— Se Gretchen tivesse sentido compaixão, teria me deixado morrer — disse ele em tom casual. — Eu queria morrer. Estava pronto para morrer. Se tivesse me dado um bisturi, eu teria furado meu pescoço e sangrado até a morte no porão dela com um sorriso na cara. Não foi favor nenhum ela não ter me matado. Gretchen gosta de ver os outros sofrerem. E simplesmente achou uma maneira de prolongar minha dor e o prazer dela. Acredite, foi a coisa mais cruel que ela podia fazer por mim. Se tivesse pensado em algo mais cruel, teria feito. Gretchen não tem misericórdia.

O aquecedor ligou. Ouviu-se um estrondo e então um ar quente começou a soprar lentamente de uma abertura que Susan não conseguia ver. Ela ficou com a boca seca. A criança do andar de cima ainda estava correndo. Se Susan morasse ali, já teria matado o pirralho.

— Mas ela acabou na cadeia. Isso não podia fazer parte dos planos dela.

— Todo mundo precisa de uma saída estratégica para a carreira.

— Mas ela poderia ter sido condenada à pena de morte — disse Susan.

— Gretchen tinha muitas fichas para barganhar.

— Você está falando dos corpos?

Ele deu outro gole na cerveja.

— Sim.

— Por que acha que ela só concordou em falar com você?

— Porque sabia que eu toparia — limitou-se a dizer Archie.

— E por que você aceitou? Quando sua mulher o obrigou a escolher? Por que escolher Gretchen?

— Ela é minha *ex-mulher*. Fiz isso pelas famílias. Porque elas merecem algum tipo de desfecho. E porque é meu trabalho.

— E? — perguntou Susan.

Archie segurou a garrafa gelada perto do rosto e fechou os olhos com força.

— É complicado.

Susan olhou para sua bolsa, onde podia ver a lombada do livro enfiado no compartimento principal, junto com alguns absorventes, sua carteira Paul Frank, um porta-cápsulas de plástico com anticoncepcionais e cerca de trinta canetas.

— Então, você leu *A Última Vítima*?

— Não, pelo amor de Deus — grunhiu Archie.

Susan corou.

— Não é ruim. Quero dizer, para um thriller policial. Nada que se compare a jornalismo de verdade. Eu liguei para a escritora. Ela me disse que você se recusou a falar com ela. A sua ex-mulher, o seu médico e o departamento também. Ela se baseou quase só na imprensa, nos registros públicos e na própria imaginação tórrida. Tem uma cena no final em que você convence Gretchen Lowell a se entregar. Consegue persuadi-la de que ela pode se tornar uma pessoa melhor e Gretchen capitula diante da sua virtude e bondade.

Archie soltou uma gargalhada.

— Foi assim?

— Não.

— Do que você se lembra? — perguntou Susan.

Archie se encolheu.

— Você está bem?

— Dor de cabeça — explicou ele. Colocou a mão no bolso, fispou um porta-remédios de bronze, tirou três comprimidos ovais e os engoliu com um trago de cerveja.

— Que remédios são esses?

— Analgésicos.

Susan lançou-lhe um olhar incrédulo.

— Você não se lembra mesmo daqueles dez dias?

Archie piscou com lentidão e deixou os olhos focarem em Susan. Olhou para ela por um milhão de anos. Então deslizou sua atenção vagarosamente para um relógio digital em cima de uma estante. A hora estava errada, mas ele não parecia se importar.

— Lembro-me daqueles dez dias melhor do que dos dias em que meus filhos nasceram.

O aquecedor desligou e a sala ficou silenciosa.

— Conte-me do que você se lembra — disse Susan.

A voz dela ficou esganiçada como a de um adolescente. Ela podia sentir Archie a avaliando. E deu seu melhor sorriso, aquele que tinha aprendido a usar tanto tempo atrás, o que fazia todos os homens compreenderem que, por pior que fossem seus problemas, ela poderia fazê-los se sentirem melhor. Archie não caiu.

— Ainda não — disse Archie por fim. — Você ainda tem mais três matérias, não tem? Não vai querer estragar o suspense.

Susan não estava disposta a desistir.

— E quanto à teoria do segundo homem? Alguns relatórios dizem que você falou ter havido um segundo homem lá. Alguém que nunca foi pego. Você se lembra disso?

Archie fechou os olhos.

— Gretchen sempre negou. Eu nunca o vi. Foi mais uma impressão que eu tive. Mas, também, eu não estava na mais estável das condições mentais. — Ele ergueu o braço, esfregou a nuca e olhou para Susan. — Estou cansado. Vamos continuar outra hora.

Susan enterrou a cabeça nas mãos, fingindo frustração.

— Vamos chegar lá — disse Archie. — Prometo.

Ela desligou o gravador digital.

- Posso usar o banheiro?
- Fica no fim do corredor.

Ela se levantou e desceu o corredor até o banheiro. Era inosso como o restante do apartamento. Uma banheira de fibra de vidro com chuveiro e porta deslizante de vidro fosco. Uma pia barata com torneiras de plástico montada sobre um armário de madeira compensada. Duas toalhas cinza de tecido comum, penduradas em toalheiros de carvalho. Outras duas recém-lavadas e dobradas sobre o tanque da privada. O banheiro estava limpo, mas não exageradamente. Susan parou diante da pia, olhando para o seu reflexo no espelho. Porra. Porra. Porra. Ela estava a um passo da maior matéria da sua carreira. Então por que se sentia tão mal? E pra que aquelas marias-chiquinhas? Ela as soltou, penteou o cabelo com os dedos e fez um rabo-de-cavalo. A luz do banheiro deixava sua pele igual à de uma galinha crua. Ficou imaginando como Archie Sheridan se encarava naquele espelho toda manhã; o rosto pálido, cada ruga delineada por uma sombra. Não era de espantar que ele fosse ruim da cabeça. Ela enfiou a mão no bolso, tirou um *gloss* e o passou nos lábios sem culpa. Será que ele queria ser obrigado a voltar para a licença médica? Era esse o motivo daquilo tudo?

Ela deu a descarga e se aproveitou do barulho para abrir o armário de remédios. Creme de barbear. Giletes. Pasta e escova de dentes. Desodorante. E duas prateleiras de frascos de plástico âmbar de remédios controlados. Ela os girou pelas tampas brancas para ler os rótulos. Vicodin. Colace. Percocet. Zantac. Ambien. Xanax. Prozac. Frascos grandes. Frascos pequenos. *Nada que possa interferir na capacidade dele de fazer seu serviço. Sei.* Havia comprimidos o suficiente naquele armário para medicar um elefante. Todos prescritos para Archie Sheridan. Cacete. Se ele precisava de tudo aquilo para continuar funcionando, estava pior — e era um ator muito melhor — do que ela pensava.

Ela memorizou os nomes, girou os frascos com cuidado para suas posições originais, fechou o armário e voltou para a sala.

Archie nem olhou para ela.

— Se eu quisesse que você não visse os remédios, eu os teria escondido.

Susan procurou algo para dizer. *Que remédios?* Mas, por algum motivo, não estava com vontade de mentir.

— Você está tomando muita coisa.

Os olhos dele a seguiram pela sala, mas ele continuou imóvel feito um cadáver.

— Não estou bem.

De repente, Susan teve a sensação irritante de que tudo o que descobrira até aquele momento sobre Archie Sheridan era exatamente o que ele queria que ela soubesse. Cada entrevista. Cada pista. Para quê? Talvez estivesse apenas cansado de mentir. Talvez quisesse que todo mundo soubesse dos segredos dele, para não ter que se esforçar tanto para escondê-los. Viver fingindo pode ser uma coisa exaustiva.

Ela guardou o gravador e o bloco na bolsa e tirou um maço de cigarros.

— Eu estou trepando com o meu chefe, e ele é casado — disse ela a Archie.

Archie hesitou, o queixo um pouco caído.

— Não sei se eu precisava saber disso.

Susan acendeu o cigarro e deu uma tragada.

— Eu sei, mas já que a gente está se abrindo...

— Ok.

Anne Boyd comeu todo o chocolate do minibar do hotel. Ela começou com os M&Ms comuns, depois comeu o Toblerone, e então os M&Ms de amendoim. Depois de terminar, achou as embalagens e colocou-as do lado das fotografias das garotas mortas, dispostas sobre a cama do quarto de hotel. Doces a ajudavam a pensar. Deixaria a dieta para quando as pessoas parassem de matar umas às outras.

Ela havia memorizado o rosto das garotas, antes e depois de morrerem, mas vê-las todas lado a lado tinha sua utilidade. As fotografias escolares. As fotos da cena do crime. Retratos da família. Anne esboçara o perfil das vítimas no relatório para Archie. O assassino tinha um tipo: garotas brancas de cabelos pretos na pior fase da puberdade. Cada uma de uma escola diferente. *Qual é sua fantasia?* Ele sempre matava a mesma garota. E depois a estuprava da maneira mais metódica possível. Então, quem ele estava matando? Uma namorada da adolescência? A mãe? Uma menina que partiu seu coração sem nem ao menos saber? Quem quer que fosse, era alguém que ele não tinha sido capaz de controlar. Anne estava ficando cada vez mais certa de que esse fato era a chave para identificar a pessoa que caçavam.

Ela rolou para fora da cama, abriu o minibar e pegou uma Diet Coke. Era a última. Seus filhos já estavam perguntando quando a mãe voltaria para casa. O que eles queriam mesmo era o presente que ela prometera trazer da loja da Nike. Nem sabia quando teria tempo para fazer isso.

Na verdade, ela já não viajava tanto a trabalho. Mas havia pedido para entrar nessa equipe. Chegara a pensar em se demitir depois do caso Beleza Mortal. Tinha errado no perfil e isso quase custou a vida de Archie Sheridan. Na época, estava plenamente convencida de que o assassino era homem e de que estava trabalhando sozinho. Qualquer manual endossaria aquelas pistas. Porque Gretchen Lowell tinha lido os manuais. Anne caíra feito um patinho e só podia culpar a si mesma. Era uma boa *profiler*, uma das melhores do FBI, que contava com os melhores do mundo. Porém, Gretchen Lowell abalara bastante sua confiança. E a confiança era essencial para o que ela fazia. Você tinha que confiar na sua habilidade para poder dar saltos dedutivos.

De modo que ela precisava achar o salto certo. Ele estava encenando uma fantasia específica, que havia começado muitos anos antes. Qual teria sido o estopim? Havia vários tipos: problemas financeiros, de relacionamento, com os pais ou no trabalho; mortes; nascimentos; sentir-se desprezado. O contato com as vítimas partia dele. Ele as escolhia. Os crimes haviam sido bastante organizados. Ele se dava o trabalho de destruir as provas, mas, ainda assim, devolvia os corpos. Por que devolvê-los? Desta vez, ela não iria estragar tudo. Não podia desfazer o que aconteceu com Archie Sheridan, mas poderia ajudá-lo. E ele precisava de ajuda. Disso ela estava convencida.

Anne já estava há tempo suficiente no ramo para saber que a única maneira de sobreviver era afastar a violência da cabeça. No entanto, era preciso ter algo com que se distrair, alguma outra paixão. Caso contrário, se estivesse sozinho, ficava mais difícil ignorá-la. Ela percebeu que Archie estava se desligando das pessoas que poderiam ajudá-lo; só não sabia o que poderia fazer a respeito.

Ela se levantou da cama, andou até a janela, afastou a cortina e olhou para a Broadway. O tráfego da noite de sexta estava intenso e rios de pedestres em roupas chiques seguiam para um evento em uma casa de shows próxima. Se havia algum negro entre eles, Anne não viu.

Ela largou a cortina, voltou a sentar na cama e deu uma última longa olhada para as fotografias das garotas mortas, virando-as do avesso uma por uma em seguida. O cadáver de uma semana de Lee Robinson, um monturo amarelo e enegrecido em meio à lama; Dana Stamp com a cabeça enfiada nas plantas da margem do rio; Kristy Mathers coberta de areia molhada, o corpo estranhamente contorcido. As fotografias escolares e de festas de aniversário. A cada vez que Anne virava uma imagem, tirava a carteira do bolso e puxava outro retrato. O de um negro muito bonito enlaçando com os braços dois adolescentes negros lindos. Ela sorriu para aqueles rostos felizes. Então pegou o celular e ligou para casa.

— Mãe — atendeu Anthony, o filho mais velho. — Não precisa ligar todo dia.

— É, querido — disse Anne. Aquele trabalho era sempre mais difícil à noite. Quando ela ficava sozinha. — Preciso, sim.

— Comprou nossos Nikes?

Anne riu.

— Está na minha lista de coisas a fazer.

— Em que número? — perguntou o filho.

Anne voltou a olhar para as fotografias na cama, e então ergueu os olhos para a janela que dava para a agitação do centro.

— Dois.

Depois que Susan saiu, Archie terminou sua cerveja e voltou ao trabalho. Primeiro, espalhou o conteúdo dos arquivos na mesinha de centro. Arrumara-os rapidamente em duas torres certinhas antes da chegada dela. Não que estivesse organizando a papelada; só não achou que Susan precisasse ver as fotografias de autópsia de três adolescentes mortas. Tomou mais três Vicodin e sentou-se no carpete bege, perto da mesinha. Foi olhar fotos como aquela que o ajudou a encontrar a assinatura de Gretchen. Não sabia ao certo o que estava procurando desta vez, mas, se estivesse lá, ele não enxergava. A criança do andar de cima estava cantando. Archie não conseguia entender a letra, mas reconhecia a melodia de quando seus próprios filhos eram bem pequenos.

Ele olhou para o relógio digital. Fez as contas. Eram nove e pouco. Gretchen já estaria dentro da cela para dormir. As luzes só se apagavam às dez. Essa era a hora em que Gretchen lia. Archie sabia que ela pegava livros emprestados na biblioteca da prisão porque eles lhe encaminhavam o histórico de retiradas dela todos os meses. Ela gostava de psicanálise, desde Freud até os didáticos, passando por livros de psicologia pop. Lia romances contemporâneos bacanas. Do tipo que ganha prêmios e que a maioria das pessoas lê para comentar nas festinhas. Não dispensava um *thriller* baseado em fatos

reais. *Por que não?*, pensou Archie. Eram sobre a profissão dela. E, no mês passado, retirou *A Última Vítima*. Ele não contou isso a Henry. O fato de Gretchen estar lendo o relato ficcional sórdido do cativeiro de Archie, com sua prosa barata e fotografias medonhas dos corpos, dele mesmo, de todos eles, teria sido demais para o seu colega. Ele teria mandado tirarem o livro de lá, proibido que continuasse na biblioteca. Talvez até cumprisse a ameaça de impedir que Archie a visitasse. Não custaria muito, apenas uma conversa franca com Buddy. Archie mal conseguia convencê-los de que estava em condições de trabalhar. Foi a insistência dele, combinada com a culpa que sentiam pelo que aconteceu, que o manteve em condições de negociar. Porém, ele sabia que estava pisando em ovos.

Ele olhou para os corpos pálidos das garotas, abertos na mesa no necrotério; as marcas do estrangulamento, uma tira púrpura cortando seus pescoços. Aquilo era uma boa coisa, decidiu ele: ele as matava logo de cara. E havia jeitos piores de morrer do que estrangulado.

A criança do andar de cima começou a pular e um adulto veio pegá-la no colo. Archie podia ouvir os gritinhos e risos.

Desta vez, quando Gretchen vem com os comprimidos, Archie consegue proferir uma frase quando ela tira a fita.

— Vou engoli-los — diz ele.

Ela larga o funil na bandeja e Archie abre a boca e coloca a língua para fora, como um bom paciente. Ela põe um comprimido em sua língua e segura um pequeno copo d'água contra seus lábios rachados para que ele possa beber. Não bebia água desde que chegara lá, e é bom senti-la na boca e na garganta. Ela confere os lados da língua para se certificar de que ele tomou mesmo o remédio. Repetem o exercício quatro vezes.

Quando terminam, Archie pergunta:

— Há quanto tempo estou aqui?

— Não importa — responde ela.

Archie ouve um zumbido. A princípio, pensa que é na cabeça dele, mas então reconhece o som: moscas. O corpo em decomposição no chão. Aquilo o faz se lembrar do outro homem, e por um instante ele volta a ser um policial.

— O segundo homem que me colocou dentro da van — pergunta ele. — Onde ele está? Você o matou também?

Gretchen ergue uma sobrancelha com perplexidade.

— Querido, você parece um louco falando.

— Ele estava aqui — diz Archie, a mente turva. — Antes.

— Estamos sozinhos — diz ela impacientemente.

Mas ele quer mantê-la falando, para conseguir o máximo de informação possível. Ele olha em volta do aposento sem janelas. Os azulejos. Os equipamentos médicos.

— Onde estamos?

Ela já não quer responder às perguntas.

— Pensou no que eu perguntei a você? — diz.

Archie não faz idéia do que ela está falando.

— O quê?

— Sobre o que prefere mandar para eles. — A frase sai com uma irritação mal disfarçada. — Estão todos preocupados com você, querido. — Ela corre a mão com delicadeza pelo braço de Archie, até onde o punho está amarrado à maca por uma tira acolchoada. — Você é destro, não é?

Archie tem que pensar nos pés, enquanto ainda está lúcido, antes de os remédios fazerem efeito.

— Por quê, Gretchen? Você nunca mandou nada dos outros corpos. — Então ele se toca. As vítimas dela. Elas sempre eram mortas três dias depois de serem raptadas. — Faz quatro dias — pensa ele em voz alta. — Estão começando a achar que eu estou

morto. Você quer mostrar a eles que eu ainda estou vivo.

— Vou deixar você escolher. Mas tem que ser agora.

O terror cresce em seu corpo, mas ele sabe que não pode concordar com as condições de Gretchen. Se o fizer, torna-se cúmplice dela.

— Não.

— Já removi dezenas de baços — murmura ela. — Mas somente de cadáveres. Você acha que consegue ficar quieto?

Ele começa a se retrair.

— Gretchen, não faça isso.

— Estou aberta a sugestões, é claro. — Ela pega uma seringa da bandeja. — Isso é succinilcolina. É um agente paralisante, usado em cirurgias. Você não vai conseguir mexer um dedo. Mas continuará consciente e sentindo tudo. — Ela o encara expressivamente. — Acho que é essencial, não é mesmo? Se você vai perder uma parte do seu corpo, tem que sentir o processo. Se acordar e ela não estiver mais lá, como vai saber se está se sentindo diferente?

Não há escapatória. É impossível discutir com ela. Só resta a ele proteger as pessoas que deixou para trás.

— Para quem você vai mandar? — pergunta ele.

— Estava pensando na Debbie.

A mente de Archie vacila ao imaginar o rosto de Debbie diante daquela encomenda.

— Mande para Henry — pede ele. — Por favor, Gretchen. Mande para Henry Sobol.

Gretchen interrompe seus preparativos e sorri para ele.

— Se eu fizer isso, você vai ter que se comportar.

— Faço o que você quiser — diz Archie. — Vou me comportar.

— O problema da succinilcolina é que ela vai paralisar seu diafragma. — Gretchen ergue um tubo de plástico que vai até uma máquina atrás dela. — Então eu vou ter que entubar você primeiro.

Antes de Archie poder reagir, ela insere uma lâmina curva de aço na sua boca, abaixa a língua e enfia o tubo atrás dela. O tubo é grande, enche sua garganta, e ele golfa com violência, resistindo.

— Engula — diz ela, pressionando a mão contra a testa de Archie, forçando sua cabeça contra a maca.

Archie sente seus dedos se esticarem, cada músculo do corpo tenso à medida que ele luta contra o tubo. Ela se inclina, aproximando-se com ternura, a mão ainda na testa dele.

— Engula — repete. — Resistir só vai piorar as coisas.

Ele fecha os olhos, força-se a vencer a reflexo de vômito e engole o tubo enquanto ele desce mais fundo na sua garganta, entrando em seu corpo.

Então acaba. O ar enche seus pulmões. É tranquilizador, na verdade. O tubo força sua respiração a regularizar, seus batimentos cardíacos a diminuir. Ele abre os olhos e a observa deslizar a agulha hipodérmica no cateter intravenoso e ajustar o contágotas em seu braço.

Súbito, sente uma calma perturbadora. O mesmo tipo de resignação que ele tinha visto no rosto de detentos no corredor da morte. Não possui controle algum, de modo

que não faz sentido resistir. A sensação se esvai de seu corpo até se tornar apenas um peso morto. Ele tenta mover os dedos, a cabeça, os ombros, mas nada reage. Chega a ser um alívio. Havia lutado tanto na sua breve carreira para ordenar o caos, desencorajar a violência, prevenir o crime. Agora, podia largar de mão.

Gretchen sorri para ele, e aquele sorriso o faz compreender que havia sido enganado. Tinha pedido um favor à sua assassina e sido atendido. E mais que isso, ele percebe com indiferença: sentia-se grato.

Tudo que pode fazer é olhar para as familiares luzes fluorescentes e canos no teto branco, notando vagamente os movimentos dela enquanto lava as mãos, prepara a bandeja de instrumentos, raspa o pêlo do seu abdome. Sente o iodo gelado na sua pele e então ela aperta o bisturi contra a carne. Ela abre sem resistência sob a lâmina afiada, um corte seguido de um estalo quando ela penetra o músculo. Ele tenta se distanciar daquilo; convencer-se de que não sente dor. Por um instante, acha que vai dar tudo certo. Que consegue suportar. Que não é pior que os pregos. Então ela insere a pinça e arregaça o buraco que abriu nele. É uma dor violenta, lancinante e nauseabunda que faz Archie gritar, mas ele está mudo, não pode mover a boca, não pode erguer a cabeça. Porém, ainda consegue gritar em sua mente, um urro estrangulado que o faz ficar inconsciente.

Ela o deixa dormir. Dias parecem ter se passado, pois, quando ele acorda, sua mente já construiu um túnel de lucidez. Ele vira a cabeça e ela está logo ao seu lado, o rosto apoiado sobre os dois punhos na cama. Estão a centímetros de distância, nariz a nariz. O tubo não está mais na garganta dele, mas ela ainda dói. Ela não tinha dormido. Archie consegue notar. Pode ver as veias finas sob a pele clara da sua testa. Conhece as expressões dela. Está começando a conhecer seu rosto tão bem quanto o de Debbie.

— Sobre o que você estava sonhando? — pergunta ela.

Imagens coloridas lampejaram pela sua mente.

— Eu estava em um carro, numa cidade, procurando pela minha casa — disse ele com fraqueza. Sua voz era um sussurro roufenho e estrangulado. — Não conseguia encontrar. Tinha esquecido o endereço. Então fiquei dando voltas. — Ele dá um sorriso sombrio, sentindo os lábios racharem. Uma dor sólida pesa sobre seu peito. — O que será que isso significa?

Gretchen não se move.

— Você sabe que nunca mais vai vê-los, não sabe?

— Sei. — Ele baixa olhos para o curativo em seu abdome. A dor é fraca se comparada à das costelas. Há feridas por todo o tórax, e a pele tem cor de fruta podre. O corpo dele parece areia molhada. Quase não nota mais o cheiro de carne em decomposição. Estar vivo é uma coisa estranha. E ele dá cada vez menos importância ao fato. — Eles receberam?

— Enviei para Henry — diz ela. — Eles não informaram a imprensa.

— Não, não fariam isso.

— Por quê?

— Vão querer confirmar se é meu — explica ele.

Ela fica perplexa.

— Eu mandei sua carteira junto.

— Eles vão checar o DNA — garante Archie. — Vai levar alguns dias.

Ela voltou a aproximar seu rosto encantador do dele.

— Eles vão saber que eu o tirei enquanto você estava vivo. E vão encontrar

resquícios das drogas que te dei.

— É importante para você, não é? — pergunta ele. — Que eles saibam o que você está fazendo comigo?

— Sim.

— Por quê?

— Quero que saibam que estou te machucando. Que saibam disso e não consigam te encontrar. E depois quero matar você. — Ela coloca a mão sobre a testa dele e a deixa lá, como uma mãe verificando se o filho está com febre. — Mas acho que não vou devolver seu corpo, querido. Acho que vou deixá-los imaginando onde o larguei. Gosto de fazer isso às vezes. A vida não é para ser sempre tão redondinha.

Archie tinha se agachado na chuva diante de tantos corpos, e eles sempre estiveram tão à mostra. Sempre teve vontade de saber quantos outros ela havia matado. *Serial killers* muitas vezes matavam por anos a fio antes de a polícia perceber um padrão. Ele queria saber. Passara dez anos vivendo para encontrar a resposta de duas perguntas: Quem Era a Beleza Mortal e Quantas Pessoas Tinham Sido Assassinadas? Já sabe a resposta da primeira. Agora, parte dele sente que, se descobrir a resposta da segunda, alguma porta dentro da pessoa que ele é talvez se feche. Era como se quanto mais ela lhe revelasse, mais ele pertencesse a ela.

Gretchen se impacienta.

— Pergunte quantas pessoas eu matei. Quero contar para você.

Archie suspira. O esforço faz suas costelas doerem e ele se encolhe. Ela ainda está esperando, dá para sentir sua ansiedade. Como uma criança pirracenta cuja vontade você tem que atender. É o único jeito de ela ir embora.

— Quantas pessoas você matou, Gretchen?

— Você vai ser o número duzentos.

Ele engole em seco. *Jesus Cristo*, pensa ele. *Senhor Jesus Cristo*.

— Isso é bastante gente.

— Às vezes meus amantes matavam por mim. Mas sempre escolhi quem seria a vítima. Sempre foi sob minhas ordens. Então acho que eu deveria contar, não é?

— Acho que sim.

— Está sentindo dor? — O rosto dela está radiante.

Ele assente.

— Quero ouvir você falar — diz ela com brandura.

Ele obedece. Obedece porque sabe que ela ficará satisfeita, e talvez assim o deixe um pouco em paz. Talvez o deixe descansar. E, quando ela o deixa descansar, ele ganha os remédios.

— Não consigo respirar. Não consigo dar uma respirada completa sem sentir uma dor terrível nas costelas.

— E como é a dor? — Os olhos dela brilham.

Ele busca as palavras certas.

— É como arame farpado. Como se alguém tivesse cercado meus pulmões de arame farpado e, quando eu respiro, ele penetrasse fundo no tecido.

— E quanto à incisão?

— Está começando a latejar. É um outro tipo de dor. Mais como uma queimadura. Não dói se eu não me mexer. Minha cabeça dói. Principalmente atrás dos olhos. A ferida, a punhalada que você me deu, parece estar infeccionando. E minha pele

coça. Inteira. Acho que minhas mãos estão dormentes. Não consigo senti-las.

— Quer tomar seus remédios?

Ele sorri, imaginando a névoa entorpecente que vem como uma onda depois dos comprimidos. Sua boca se enche d'água.

— Sim.

— Todos eles?

— Não — diz ele. — Não quero as alucinações. São todas sobre a minha vida. Vejo todos eles olhando para mim. Vejo Debbie.

— Só a anfetamina e a codeína?

— Isso.

— Dose extra de codeína?

— Sim — diz ele com a voz embargada.

— Peça.

— Você poderia me dar uma dose extra de codeína?

Ela sorri.

— Posso, sim.

Ela esvazia os frascos de remédio em um balcão afixado à parede e volta com a água. Dá os comprimidos a Archie e o deixa beber. Não confere se ele os engoliu; não há necessidade.

Ainda vai demorar 15 minutos para os remédios fazerem efeito, então ele tenta fugir da morte lenta do seu corpo. Ela se senta em uma cadeira do lado da cama, as mãos descansando no colo, observando-o.

— Por que você quis ser psiquiatra? — ele pergunta após um longo silêncio.

— Não sou — diz ela. — Só leio uns livros.

— Mas você tem treinamento médico.

— Fui enfermeira em um hospital. Fiz faculdade de medicina, mas larguei. —

Ela sorri. — Teria sido uma ótima médica, você não acha?

— Não acho que eu seja a melhor pessoa para responder a isso.

Eles ficam calados novamente, mas ela está agitada.

— Quer sabe tudo sobre a merda de infância que eu tive? — pergunta ela, esperançosa. — Sobre o incesto? As surras?

Archie balança a cabeça.

— Não — responde ele com grossura. — Talvez mais tarde.

Ele sente o primeiro formigamento brotar no centro do rosto e iniciar a enxurrada que banhará seu corpo. *Mantenha-se nesse mesmo lugar*, ele diz a si mesmo. *Não pense em Debbie. Não pense nas crianças. Não pense. Mantenha-se aqui.*

Gretchen o avalia com o olhar. Ela estende a mão e toca com afeto seu rosto. Pelo que ele já aprendeu, aquele é um gesto que muitas vezes indica que ela está prestes a fazer algo terrível.

— Quero matar você, Archie — diz ela suavemente. — Já pensei muito sobre isso. Fantasio há anos.

Ela corre as pontas dos dedos pelo lóbulo da orelha de Archie. A sensação é boa. O ritmo da respiração dele diminui à medida que a codeína apazigua a dor dos ossos quebrados, da carne rasgada.

— Então me mate.

— Quero usar diabo verde — diz ela como se os dois estivessem decidindo qual

vinho servir em um jantar para os amigos. — Sempre matei rápido. Faço-os beber um monte de diabo verde no fim. A morte vem muito de repente. — O rosto dela está animado. — Mas, com você, quero que seja devagar. Quero ver você saborear a morte. Quero que beba aos poucos. Uma colher de sopa por dia. Quero ver quanto tempo vai levar. Quais serão os efeitos. Quero ir com calma.

Ela a encara. *É impressionante*, pensa ele, *o tamanho do horror psicopata que mora nesse corpo bonito e recatado*. Ela olha para Archie esperançosamente.

— Está esperando que eu concorde?

— Você disse que iria se comportar. Eu mandei a encomenda para Henry. Como você pediu.

— Então isso é parte da fantasia? Eu tenho que tomar o veneno por vontade própria?

Ela assente, mordendo o lábio.

— Vou te matar, Archie — diz com total convicção. — Posso retalhar você e mandá-lo pedacinho por pedacinho para seus filhos. Ou podemos fazer do meu jeito.

Archie reflete sobre as opções. Ele sabe que é impossível escolher entre o que ela oferece quando na verdade não há escolha alguma. Gretchen o quer na palma da sua mão. A única arma que possui é manter alguma ilusão de controle sobre si mesmo.

— Ok — concorda ele baixinho. — Sob uma condição.

— Qual?

— Mais quatro dias. É o meu limite. Se eu não morrer dentro de quatro dias, você vai ter que encontrar outra maneira de me matar.

— Quatro dias — concorda ela, os olhos azuis brilhando de prazer. — Podemos começar agora?

Archie nota a postura dela mudar, seu corpo vibrando de empolgação. Ele assente sua rendição e ela imediatamente salta de pé e vai até o balcão afixado à parede. Serve um copo d'água, pega um béquero com um líquido de um dourado fraco e volta para perto dele.

— Vai queimar — instrui ela. — Você vai ter que segurar o vômito. Vou apertar seu nariz e te dar água para fazer o diabo verde descer. — Ela serve uma colher de sopa do béquero e a segura na altura do queixo dele. O cheiro familiar o enjoa. — Preparado? — pergunta.

Ele perde qualquer senso de consequência. Não é ele que está lá no porão com Gretchen Lowell. É outra pessoa. Ele abre a boca, ela aperta o nariz dele, enfia a colher no fundo da sua garganta e derrama o veneno. Ele engole. Ela segura o copo de água contra seus lábios e ele bebe o máximo que consegue. A queimação é insuportável. Ele a sente escaldar sua garganta, depois incendiar o esôfago e, por um instante, ele volta para seu eu físico, seu sistema nervoso totalmente em pânico. Ele contorce todos os músculos do rosto e morde a língua para não vomitar. Então, depois de um tempo, a sensação passa e ele fica ofegante na cama, com Gretchen segurando-lhe a cabeça.

— Shh — diz ela, acalmando-o. — Você se saiu bem. — Ela acaricia o cabelo de Archie e beija-lhe a testa várias vezes. Então enfia a mão no bolso e tira seus comprimidos grandes, brancos e ovais. — Mais codeína — explica ela com brandura. — Pode tomar quanto quiser dela. Daqui para frente.

Susan passara o sábado escrevendo. Agora a segunda matéria estava entregue e ela tomava um banho de espuma para comemorar. O Grande Escritor tinha um rádio no banheiro, mas ela não gostava de ouvi-lo quando estava na banheira. Aquele era um momento de reflexão. A música era distração garantida. Ela estava lá há quase meia hora e a água tinha esfriado. Então abriu a água quente com os dedos do pé e a deixou ligada até o limite do suportável. Sua pele ficou rosada sob a água e ela sentiu o rosto queimando. Era assim que gostava; o calor, a única sensação.

Levou um susto quando o telefone tocou. Nunca tomava banho sem o celular e o telefone fixo ao alcance da mão, mas estava tão relaxada que se surpreendeu assim mesmo. Ao se esticar para atender ao telefone sem fio equilibrado na beirada da pia, derrubou a taça de vinho quase cheia. Ela explodiu no piso de azulejos, espalhando vinho tinto para todo lado.

— Merda — disse ela ao atender. Já tinha quebrado cinco do jogo de oito taças de vinho do Grande Escritor. Aquela era a sexta. Havia algo na maneira como ela se movia pelo mundo que não combinava com objetos frágeis. Enrolou-se com o fone, quase o derrubando na água cheia de espuma ao se afundar de volta na banheira.

— Ian?

— Não, querida, sou eu.

— Ah. — Ela tentou não soar desapontada. — Olá, Bliss.

— Li sua matéria.

Ela se sentou dentro da banheira, colando os joelhos ao peito.

— Ah, foi?

— Leaf, da cooperativa, me deu um jornal.

O corpo de Susan cantarolou de prazer. Ela não gostava de chamar a atenção da mãe para o seu trabalho. Não gostava de admitir que aquilo importava.

— Veja só, querida — disse Bliss. — Sei que você sabe como fazer seu trabalho. — Ela fez uma pausa. — Mas não acha que talvez esteja explorando essas garotas?

O cantarolar parou. Susan sentiu seus dentes trincarem, os molares rilhando uns nos outros; outra camada de esmalte indo pro espaço. Era impressionante como sua mãe sempre falava exatamente a coisa errada.

— Tenho que desligar, Bliss. Estou na banheira.

— Agora?

— Sim, senhora. — Ela fez barulho com a água. — Está vendo?

— Ok. A gente se fala mais tarde.

— Certo.

Ela desligou o telefone e recostou na banheira, deixando a água quente entrar nas

orelhas, e esperou o coração desacelerar. Ela e Bliss tinham sido amigas até o ano em que o pai de Susan morreu, até a mãe ficar insuportável. Ou talvez Susan tenha ficado insuportável; era difícil saber ao certo. Quase sempre a briga era por conta da banheira. Na época, Susan gostava de tomar dois ou três banhos por dia. Era o único lugar em que não sentia frio.

Susan sorriu para si mesma. *Archie Sheridan*. Teve que admitir que esperara ser ele ao telefone. Afinal de contas, ele fazia bem o tipo dela. Podia não ser casado, mas estava totalmente indisponível. Merda. Ela era um caso perdido. Pelo menos sabia que era um desastre sentimental ambulante. Era assim desde os 14 anos de idade. Conhecer a si mesmo já é alguma coisa, certo? Quando saiu da banheira dez minutos depois e catou os pedacinhos de vidro espalhados pelo chão, estava tão imersa em pensamentos que espetou o dedo em um dos cacos. Pegou uma das toalhas de rosto brancas do Grande Escritor e a pressionou em volta do pequeno machucado. Enquanto esperava o sangramento parar, ligou para Archie para se inteirar do caso. Ele não a convidou para sair. Quando desligou o telefone, a toalha de rosto branca estava manchada; outra coisa que ela arruinara.

As ameixeiras em frente à antiga casa de Gretchen estavam em flor. Era assim. Num dia elas estavam mortas, no esqueleto, como algo despejado no quintal depois de um incêndio; no outro, estavam cheias de botões rosados, pavoneando-se.

— Quer só ficar parado aqui? — perguntou o taxista.

Archie largou o celular no bolso e ergueu os olhos para o homem.

— Só um pouco.

O sol que atravessava a janela do carro estava quente e Archie apoiou a têmpora no vidro, aproveitando o calor contra sua pele. A casa era vagamente georgiana, parecendo um pouco uma casa de fazenda amarelo-clara numa escala de dois terços. As janelas eram ladeadas por postigos altos e brancos. Um caminho de tijolos conduzia da calçada até um lance de escadas também de tijolos, subindo uma ladeira que dava na casa. Era bonita. Archie sempre achara isso.

É claro que nunca pertencera a Gretchen. Ela tinha falado a verdade quando lhe disse que a havia alugado para o outono de uma família que estava passando a temporada na Itália. Tinha sido alugada como a casa em Gresham, pela Internet, sob um nome falso.

— Está perseguindo alguém? — perguntou o taxista, encarando Archie pelo retrovisor.

— Sou policial.

O motorista deu um risinho, como se não fizesse diferença.

Archie passara a manhã com Henry repassando uma montanha de papel contendo palpites de civis. Havia centenas deles: cartas, transcrições do disque-denúncia, até cartões-postais. Era um trabalho tedioso, e Archie poderia ter mandado alguém fazê-lo. Porém, servia para mantê-lo ocupado. E havia uma chance, muito pequena, de que houvesse no meio daquela papelada alguma informação útil.

Seis horas depois eles tinham passado por quase duzentos palpites. E não estavam nem um pouco mais perto de descobrir quem era o Estrangulador das Escolas.

— É sábado — dissera Henry. — Vá para casa por algumas horas. — E Archie

tinha concordado. Não disse a Henry que, à medida que o domingo se aproximava, ficava difícil para ele se concentrar em qualquer coisa que não fosse Gretchen.

Porém, quando o taxista perguntou para onde ele ia, Archie se viu dando o endereço dela, em vez do seu.

Um Audi preto lustroso parou em frente à garagem e uma mulher de cabelo preto saiu com dois meninos também morenos. Deu a volta até a traseira, abriu o porta-malas e entregou ao mais velho um saco de papel de compras, ao que ele entrou com o mais novo indo atrás. Então pegou outro saco do porta-malas, virou-se e andou em direção ao táxi.

— É ela que você está perseguindo? — perguntou o taxista.

— Não estou perseguindo ninguém — disse Archie. A mulher com as compras estava claramente vindo na direção deles, querendo conversa. Algo como o que vocês estão fazendo parados em frente à minha casa, talvez. Ele pensou em pedir para o taxista ir embora, mas a mulher estava chegando perto e ele não queria confundi-la ainda mais ao sair cantando os pneus numa nuvem de fumaça. E daí que ele estivesse sentado dentro de um táxi em frente à casa dela? Era uma rua residencial. Havia milhares de explicações. Só precisava escolher uma. Ele baixou a janela assim que ela dava os últimos passos em direção ao táxi e se esforçou ao máximo para parecer respeitável. Era inútil.

— Você não é Archie Sheridan? — disse ela.

Ela o havia reconhecido. Já não tinha muito para onde correr.

A mulher abriu um sorriso preocupado. Usava uma legging preta e um moletom preto e largo, com um símbolo branco em sânscrito e as mangas puxadas até os cotovelos. Roupas de ioga. Seu cabelo encaracolado estava preso em cima em um rabo-de-cavalo. Já estava na casa dos 40, e a idade lhe caía bem; as linhas finas em volta da boca provavelmente só eram perceptíveis sob a luz natural.

Ela assentiu. Archie Sheridan. Um caso perdido. Solto no mundo. Ao seu dispor.

Ela esticou a mão na direção dele. Seus antebraços eram magros e fortes.

— Meu nome é Sarah Rosenberg. Você não quer me ajudar com as compras?

Ela a seguiu até a cozinha, os braços cheios de compras do mercado de comida natural. Já não se lembrava da última vez em que tinha carregado uma braçada de compras daquele jeito, e aquilo o lembrou da sua família, dos prazeres da normalidade. Mas então notou a casa. Estava exatamente igual. A entrada, o corredor, a cozinha. Archie se sentiu como se estivesse entrando em um sonho. O menino mais velho, um pré-adolescente, já havia começado a desempacotar as compras, e a comida estava espalhada sobre uma grande mesa de cozinha: tulipas frescas, alho-poró, maçãs, queijos caros.

— Este é o detetive Sheridan — falou Sarah.

O menino pegou as compras das mãos de Archie.

— Meu filho, Noah — disse Sarah.

O menino cumprimentou Archie com a cabeça.

— Alguns dos amigos do meu irmão não querem vir mais aqui — disse ele. — Eles têm medo dela ou sei lá. Como se ela ainda estivesse aqui. Como se fosse pegá-los.

— Sinto muito — disse Archie.

Ele sentia Gretchen a sua volta o tempo todo, como se ela estivesse ali, perto dele,

respirando na sua nuca. O quarto que ela usava como escritório era depois da cozinha, de frente para a entrada. Archie notou que estava apertando o porta-remédios no bolso e se forçou a relaxar a mão.

— Está praticamente do mesmo jeito — dizia Sarah enquanto guardava a comida em uma geladeira de aço grande. — A polícia disse que aconteceu no meu escritório, não foi? Ela havia mudado algumas coisas de lugar, mas está quase igual da última vez que você esteve aqui. — Ela olhou sugestivamente para Archie. — Caso queira dar uma olhada.

— Sim — falou Archie antes mesmo de perceber o que dizia. — Gostaria de fazer isso.

Ela indicou com a cabeça que ele poderia ir sozinho. Archie se sentiu grato por isso. Ele deixou Sarah e Noah na cozinha e entrou no aposento em que Gretchen Lowell o drogara.

As cortinas pesadas de veludo verde estavam fechadas, mas o sol brotava como uma faca de uma brecha onde elas não se juntavam direito. Archie acendeu o lustre, colocou dois comprimidos na boca e os engoliu.

O carpete era diferente. Eles o haviam trocado. Talvez a perícia tivesse cortado fora a mancha de café; talvez policiais demais tivessem pisado em lama demais; talvez eles tivessem apenas redecorado o ambiente. A grande mesa de madeira estava do outro lado do escritório, encostada na parede, e não em frente à janela, onde Gretchen a havia colocado. Fora isso, estava igual. Estantes com duas fileiras de livros por prateleira; o relógio de pêndulo com os ponteiros parados ainda marcando três e meia; as poltronas estofadas listradas. Ele se sentou na poltrona em que havia se sentado naquele dia com Gretchen. Agora lembrava-se de tudo. O vestido preto de mangas compridas que ela usara, o cardigã de caxemira cor de manteiga. Archie tinha admirado as pernas dela quando Gretchen se sentara. Uma observação inofensiva e óbvia. Ele era homem e ela era bonita; era perdoável.

— Vi você lá fora algumas vezes. — Era Sarah, parada no batente da porta.

— Desculpe-me — disse Archie. — Mas é que este lugar, a sua casa, é o último lugar em que recordo me sentir bem.

— Você passou por uma experiência terrível — disse Sarah. — Está fazendo algum tratamento?

Archie fechou os olhos e recostou a cabeça na cadeira.

— Oh, meu Deus — disse ele com um sorriso. — Você é psiquiatra.

— Psicóloga, na verdade — disse ela, dando de ombros. — Também dou aula na Lewis & Clark. Foi assim que Gretchen Lowell nos achou. Anunciamos a casa na faculdade. Mas eu ainda atendo. — Ela fez uma pausa. — Se você estiver interessado, adoraria tê-lo como paciente.

Então foi por isso que ela o convidou a entrar. Um paciente que tivesse passado pelo que ele passou se mostraria infinitamente interessante para um analista.

— Já estou fazendo tratamento — disse Archie. Ele olhou para o pedaço do carpete em que tinha caído, incapaz de se mover, tudo se tornando súbita e terrivelmente claro. — Todos os domingos.

— E está ajudando?

Ele refletiu.

— A metodologia dela é um pouco heterodoxa — respondeu lentamente. —

Mas acho que ela diria que sim.

— Fico feliz — disse Sarah.

Archie correu os olhos pelo escritório uma última vez e então olhou para o relógio.

— Tenho que ir. Obrigado por me convidar a entrar. Foi muito gentil da sua parte.

— Sempre adorei este aposento — disse Sarah, olhando para a janela grande. — Quando as cortinas estão abertas, dá para ver as ameixeiras.

— É — disse Archie, e como se falassem de uma velha amiga em comum, acrescentou: — Gretchen gostava disso também.

Archie sabia que Debbie ligaria para ele assim que lesse a segunda matéria de Susan. Não importava que fosse antes das sete da manhã de domingo. Ela sabia que ele estaria de pé. Havia um assassino à solta e o tempo estava passando e, mesmo que não houvesse muito a fazer exceto esperar que algo acontecesse, dormir era como admitir uma derrota. Assim, ele estava sentado na sua poltrona lendo cópias impressas dos e-mails sentimentais de Lee Robinson. Nada como vasculhar a intimidade de uma adolescente morta para fazer você se sentir um babaca de um *voyeur*. Archie já estava acordado há tempo suficiente para ter tomado café e comido dois ovos mexidos, mas só para ter comida no estômago para poder tomar os comprimidos de Vicodin. Ele sempre se permitia alguns a mais aos domingos.

— Você leu a matéria? — perguntou Debbie.

Archie recostou e fechou os olhos.

— Não. Conte-me.

— Ela fala sobre Gretchen. Sobre o que ela fez com você.

Eles não sabem da metade do que ela fez comigo, pensou Archie.

— Ótimo. Tem alguma foto?

— Uma sua e uma da Gretchen.

Ele abriu os olhos. Havia comprimidos de Vicodin sobre a mesa. Ele os alinhou numa pequena fileira, como se fossem dentes.

— Qual da Gretchen?

— A da ficha policial.

Archie sabia qual era. Era da primeira vez em que Gretchen tinha sido presa. Por ter passado um cheque sem fundo em Salt Lake City, em 1992. Tinha 19 anos e seu cabelo estava na altura dos ombros e armado, com uma expressão assustada e o rosto abatido. Archie se permitiu um sorriso maldoso.

— Ótimo. Ela odeia essa foto. Vai ficar puta da vida. Mais o quê? — Ele pegou um comprimido e o rolou entre os dedos.

— Susan Ward indica que revelará detalhes sórdidos sobre o seu tão especulado cativeiro.

— Ótimo. — Ele colocou o Vicodin na boca, deixando o gosto amargo e farinhento assentar na língua por um instante antes de empurrá-lo com um gole de café preto morno.

— Você a está usando. — Debbie falava em voz baixa e Archie quase podia sentir o calor dela contra seu pescoço. — Não é justo da sua parte.

— Estou usando a mim mesmo. Ela é só o veículo.

— E quanto às crianças?

O efeito dos opiáceos deixou sua cabeça macia como a de um bebê. Ele ergueu o braço e tocou a nuca, sentindo o cabelo entre os dedos. Ben tinha caído da mesinha de trocar fralda aos 10 meses de idade e fraturara o crânio. Eles tinham passado a noite inteira na sala de emergência. Não, corrigiu-se Archie: Debbie tinha passado a noite inteira lá. Archie deixara o hospital no começo da manhã. Havia recebido uma ligação. Outro corpo da Beleza Mortal tinha sido encontrado. Só mais uma das dezenas de vezes em que ele trocara Debbie por Gretchen. Lembrava-se de todas as cenas dos crimes. De cada detalhe. Mas não conseguia recordar quanto tempo Ben ficou no hospital. Ou onde exatamente tinha sido a fratura.

— Está me ouvindo? — Ele ouviu a voz sem corpo de Debbie perguntar ao telefone. — Diga alguma coisa, Archie.

— Leia para elas. Vai ajudá-las a entender.

— Elas vão ficar apavoradas. — Ela fez uma pausa. — Parece que você está muito chapado.

A cabeça dele parecia uma mistura de água morna, algodão e sangue.

— Estou bem. — Ele pegou outro Vicodin, esfregou-o entre os dedos.

— Hoje é domingo. Você não quer estar chapado quando for vê-la.

Ele sorriu para o comprimido.

— Ela gosta quando eu estou chapado.

A verdade. Ele se arrependeu assim que as palavras saíram da sua boca.

O silêncio pesou na linha, e Archie sentiu Debbie se afastar dele um pouquinho mais.

— Vou desligar agora — disse ela.

— Desculpe — respondeu ele. Mas ela já havia desligado.

Quando o telefone tocou alguns minutos mais tarde, Archie achou que fosse Debbie ligando de volta, e atendeu no primeiro toque. Mas não era Debbie.

— Aqui é o Ken, de Salem. Tenho um recado para você. De Gretchen Lowell.

Lá vem bomba, pensou Archie.

Quase duas horas mais tarde, Susan acordou com uma dor de cabeça de rachar e uma náusea de virar o estômago. Ela derrubara aquela garrafa inteira de pinot com o estômago vazio. Por que fazia esse tipo de coisa consigo mesma? Levantou-se devagar e entrou com cautela no banheiro, onde se serviu de um copo grande de água, tomou três comprimidos de ibuprofeno e escovou os dentes. O band-aid no dedo tinha se soltado durante a noite e ela examinou o pequeno machucado, cuja casca havia formado um crescente vermelho feio. Ficou chupando-o por um minuto, o sangue gosto de cobre em sua boca, até o corte ficar quase invisível.

Então andou nua até a cozinha, onde colocou um café para fazer, e se sentou no sofá azul do Grande Escritor. Era cedo demais para a luz entrar pela janela que dava para o norte, mas ela podia ver o céu azul além do prédio do outro lado da rua. Sombras longas estendiam-se, negras, pela rua e pela calçada abaixo. Para Susan, a luz do sol sempre parecera ameaçadora. Ela estava na metade da segunda xícara de café quando a campainha tocou.

Susan se enrolou em seu quimono e atendeu a porta, deparando-se com o detetive Henry Sobol. Sua cabeça careca, recém-raspada, brilhava sob as luzes do corredor.

— Srta. Ward — disse ele —, você teria algumas horas sobrando?

— Para quê?

— Archie vai explicar. Ele está lá embaixo, no carro. Não consegui achar uma porra de uma vaga. Tem uma horda de *yuppies* vagabundeando pelo seu bairro.

— É, eles são um terror. Pode me dar alguns minutos para trocar de roupa?

Ele fez uma nobre medida.

— Eu espero aqui.

Susan fechou a porta e voltou para o quarto para se trocar. Percebeu que estava sorrindo. Aquilo era bom. Significava que ela estava de volta ao caso. Significava mais material. Vestiu um jeans elegantemente rasgado e uma blusa de manga comprida com listras pretas e brancas que ela achava bem francesa e passou uma escova pelo cabelo rosa.

Pegou um par de botas de caubói do armário, agarrou o gravador digital e o bloco de anotações, enfiou o frasco inteiro de ibuprofeno na bolsa e foi andando para a porta.

O Crown Victoria civil de Henry estava parado em frente ao prédio de Susan, com Archie sentado no banco do carona, olhando para alguns arquivos no seu colo. O sol de inverno parecia quase branco no céu pálido e claro, e o carro resplandecia e cintilava sob a luz dele. Susan ergueu os olhos com desânimo ao entrar no banco de trás. Outra

merda de dia lindo.

— Bom-dia — disse ela com um suspiro, colocando um par de óculos escuros grandes demais. — O que está acontecendo?

— Você escreveu para Gretchen Lowell — disse Archie num tom casual.

— Escrevi.

— Pedi para você não fazer isso.

— Sou repórter — lembrou-o Susan. — Estava tentando reunir fatos.

— Bem, sua carta e suas matérias a intrigaram e ela gostaria de conhecer você.

A dor de cabeça de Susan desapareceu imediatamente.

— Sério?

— Está interessada?

Ela se inclinou para a frente, entre os dois bancos dianteiros, o rosto brilhando de entusiasmo.

— Tá brincando? Quando? Agora?

— É para lá que estamos indo.

— Bem, então vamos — disse ela. Talvez até conseguisse transformar aquilo tudo em um livro, no fim das contas.

Archie se virou para encarar Susan com um rosto tão sério e abatido que conseguiu arrancar toda a vida da animação momentânea de Susan.

— Gretchen é louca. Está curiosa a seu respeito, mas o único interesse dela é saber como pode manipular você. Se quiser vir, vai ter que me obedecer e se controlar.

Susan forçou uma expressão de seriedade profissional.

— Sou famosa pelo meu autocontrole.

— Estou vendo que vou me arrepender disso — disse Archie a Henry.

Henry sorriu, puxou um par de óculos escuros de aviador espelhados de cima da testa para o nariz e saiu do acostamento.

— Como você sabia onde eu morava? — perguntou Susan enquanto eles pegavam a auto-estrada que seguia para o sul.

— Eu descobri — respondeu Archie.

Susan ficou feliz por Ian não ter estado lá. O apartamento dela não tinha tantos lugares para se esconder assim e, se Henry o tivesse visto, certamente contaria ao amigo. Só porque Archie sabia que ela estava trepando com Ian não significava que Susan queria que ele ficasse lembrando. Na verdade, estava na esperança de que ele se esquecesse completamente daquilo.

— Ainda bem que eu estava sozinha — disse ela. — Ai pude largar tudo de uma hora para a outra.

Ela achou ter visto Henry sorrir com o canto do olho.

Archie nem desviou o olhar do arquivo que estava lendo.

O rosto de Susan ficou quente.

A prisão ficava a uma hora de carro. Ela cruzou os braços, recostou e se forçou a ficar olhando pela janela. Não durou muito.

— Ei — disse —, vocês sabiam que Portland quase se chamou Boston? Dois fundadores jogaram uma moeda para decidir. Um deles era de Portland, Maine. O outro era de Boston. Adivinhem quem ganhou? — Ninguém respondeu. Susan brincou com a franja de fios brancos em volta de um dos buracos do jeans. — É irônico — prosseguiu. — Porque Portland muitas vezes é chamada de Boston da costa oeste. — Archie não

parou de ler. *Por que ela não conseguia parar de falar?* Prometeu a si mesma que não iria dizer mais uma palavra, a não ser que um deles falasse antes.

Foi uma viagem silenciosa.

A Penitenciária Estadual do Oregon, um campus de prédios cor de cartilagem de vários tons atrás de um muro encimado por arame, ficava próxima à auto-estrada. Ela abrigava tanto detentos de segurança máxima e mínima, homens e mulheres, e tinha o único corredor da morte do estado. Susan havia passado por ela dezenas de vezes quando voltava para casa nas férias da faculdade, mas nunca tivera a oportunidade de visitá-la; não que tivesse aproveitado a primeira chance que aparecesse. Henry estacionou o carro em uma vaga reservada para viaturas policiais perto da entrada da prisão. Um homem de meia-idade, vestindo uma calça cáqui passada à perfeição e camisa pólo, estava parado nos degraus de um dos prédios principais, recostado no corrimão, braços cruzados. Tinha traços delicados, entradas no cabelo e uma barriga que empurrava com insistência a camisa. Um celular em uma capa chamativa estava preso ao cinto. Um advogado, pensou Susan com repulsa. Ele veio andando enquanto Archie, Henry e Susan saíam do carro.

— Como ela está hoje? — perguntou Archie ao homem.

— Impossível — disse o advogado. O nariz dele estava escorrendo e ele o limpou com um lenço de pano branco. — Igual a todos os domingos. Essa é a repórter?

— É.

Ele estendeu a mão cheia de germes para Susan, que a apertou, hesitante. Ele tinha um aperto de mão firme, de alguém interessado em fazer bom uso disso.

— Darrow Miller. Assistente de promotoria.

— Darrow? — repetiu ela, achando graça.

— É — disse ele, sem mostrar simpatia. — O nome do meu irmão é Scopes. [6](#) E essa é a última piadinha que a gente vai fazer.

Susan apertou o passo para acompanhar o grupo, que atravessava depressa o prédio principal, fazendo curvas e subindo escadas com a facilidade de quem já passou tanto por aqueles corredores largos a ponto de o corpo ter memorizado o trajeto. O grupo se deparou com dois postos de segurança. No primeiro, um guarda conferiu a identificação deles, registrou os nomes e carimbou a mão de cada um. Henry e Archie entregaram suas armas e passaram pelos guardas sem interromper a conversa. Um guarda parou Susan, que ainda estava alguns passos atrás. Ele era pequeno e magro, e ficou parado com os punhos na cintura de seu uniforme castanho, como um boneco.

— Você não leu seu panfleto? — ele perguntou, pronunciando as palavras lentamente, como se falasse com uma criança. Era mais baixo do que Susan, então teve que olhar para cima.

Susan ficou tensa.

— Tudo bem, Ron — exclamou Archie, virando-se. — Ela está comigo.

O guardinha ficou mordendo a boca por um instante, deslizou os olhos para Archie, e então assentiu e abriu caminho, encostando-se na parede.

— Ninguém lê os panfletos — murmurou.

— O que eu fiz? — perguntou Susan quando eles voltaram a andar.

— Eles não gostam que os visitantes usem jeans — explicou Archie. — Os detentos também usam, e pode causar confusão.

— Mas certamente o deles não é rasgado com tanta elegância quanto o meu.

— Você ficaria surpresa — disse ele, sorrindo. — Os travestis são muito criativos.

Eles chegaram a um detector de metais. Novamente os homens passaram sem problemas. Susan, no entanto, teve que esperar a pedido de uma guarda rotunda.

— Você está usando sutiã? — perguntou ela.

Susan corou.

— O quê?

A guarda a encarou, entediada.

— Sutiãs com armação disparam o detector de metais.

Era imaginação de Susan ou de repente todos estavam olhando para os peitos dela?

— Ah. Não. Costumo usar corpete. É uma dificuldade achar sutiãs que me sirvam direito. Taça pequena, ombros largos. Sabe? — Susan sorriu amigavelmente. Os seios da guarda eram enormes. Pareciam melões. Ela provavelmente tinha sérios problemas para achar sutiãs.

A guarda ficou olhando mais um instante para Susan, então arregalou os olhos e suspirou.

— Você está usando sutiãs com armação? — tentou novamente.

— Ah. Não.

— Então passe logo pela droga do detector de metais.

— Chegamos — disse Archie. Ele abriu uma porta de metal cinza lisa e Susan entrou, seguida por Henry e o advogado. Era uma sala de observação com paredes de cimento, com um impressionante painel de vidro espelhado que dava vista para a outra sala. Era igual na tevê. Susan ficou encantada. A sala era pequena, com teto baixo e uma longa mesa dobrável espremida perto da janela, o que deixava um espaço pouco maior do que um corredor de avião para as pessoas se moverem. Um jovem hispânico estava sentado à mesa em um banquinho, diante de um monitor e de uma tevê com as imagens de uma câmera posicionada no teto da outra sala. À sua frente, uma bem arrumada refeição do Taco Bell. Guardanapos empilhados. Sachês de molho picante em fila. Um taco comido pela metade, outro para depois. A comida enchia a sala compacta com o cheiro de feijões fritos e molho picante barato.

— Este é Rico — disse Archie, indicando o homem com o queixo.

Rico sorriu para Susan.

— Eu sou o escada — disse ele.

— Pensei que Henry fosse o escada — falou Susan.

— Não, senhora — disse Rico. — Ele é o parceiro. Eu sou o escada.

Archie abriu um sorriso fraco.

— Espere aqui — disse ele a Susan. — Volto para buscar você em um minuto. — Ele deu meia-volta e saiu pela porta.

— Conheça a Rainha do Mal — disse Rico a Susan, erguendo o queixo na direção da sala do outro lado do vidro.

Susan se aproximou do vidro e examinou pela primeira vez Gretchen Lowell. Lá estava ela. A encarnação da compostura, incompatível com as calças e a camisa jeans com a palavra “Detento” escrita nas costas. Obviamente, Susan já tinha visto fotos dela. A mídia adorava publicar fotografias de Gretchen Lowell por ela ser bonita. E uma *serial killer*. A combinação perfeita. “E todas as mulheres estonteantes não são assassinas em potencial?”, as fotos pareciam perguntar. Porém, agora Susan via que ela era ainda mais linda ao vivo. Olhos grandes e traços perfeitamente simétricos; maçãs do rosto largas, nariz longo e bem desenhado e um rosto em forma de coração que terminava em um queixo delicado. A pele era exangue. O cabelo, que na época da prisão era loiríssimo, estava em um tom mais escuro de louro e preso em um rabo-de-cavalo alto, que deixava à mostra o pescoço longo, aristocrático. Ela não era bonita. Aquela não era a palavra. “Bonita” sugeria uma certa meninice. Gretchen Lowell era bela de um jeito adulto, sofisticado e confiante. Era mais do que a beleza; era o poder que a beleza encerrava. Ela irradiava de Gretchen. Susan estava fascinada.

Susan ficou olhando pelo vidro, absorta, enquanto Archie entrava na sala, cabeça baixa, arquivo debaixo do braço. Ele se virou para fechar a porta de aço às suas costas e ficou parado por um instante encarando a porta fechada, como se estivesse se recompondo. Então respirou fundo, empertigou-se e se virou na direção da mulher à mesa. Trazia uma expressão simpática e agradável no rosto, um homem encontrando uma velha amiga para um café.

— Olá, Gretchen — disse ele.

— Bom-dia, querido. — Ela inclinou a cabeça e sorriu. A súbita vivacidade iluminou ainda mais sua expressão. Não era um sorriso falso, de concurso de beleza. Era uma expressão genuína de cordialidade e prazer. Ou então, reconsiderou Susan, ela sabia fingir muito, mas muito bem. Gretchen tirou as mãos do colo para colocá-las sobre a mesa e Susan pôde ver que elas estavam algemadas. Susan esticou o pescoço e notou que os pés dela também estavam presos. Os grandes olhos azuis de Gretchen se arregalaram divertidamente. — Trouxe alguma coisa para mim? — perguntou a Archie.

— Vou buscá-la daqui a pouco — disse Archie, e Susan estremeceu ao perceber que estavam falando dela.

Archie andou em direção à mesa, abriu com muito cuidado o arquivo que carregava e dispôs cinco fotografias 8x10 em leque na frente de Gretchen.

— Qual dessas é ela? — perguntou.

Gretchen o encarou, seu rosto ainda uma bem cuidada fachada de cordialidade. Então, mal relanceando os olhos para baixo, estendeu o braço e espalmou a mão sobre uma das fotografias.

— Pronto — disse ela. Seu sorriso se alargou. — Podemos brincar agora?

— Volto já — disse Archie.

Ele entrou de volta na sala de observação e ergueu a fotografia que Gretchen escolhera para que os demais a vissem. Era de uma garota latina, talvez de 20 anos, com cabelo preto curto e um sorriso bobó. Estava com o braço em volta de alguém que havia sido cortado da foto e fazia um sinal de paz e amor.

— É ela — Archie limitou-se a dizer.

— Quem? — perguntou Susan.

Rico girou no seu banquinho.

— Gloria Juarez. Dezenove anos. Fazia faculdade. Desapareceu em Utah em 1995. Gretchen nos deu o nome hoje de manhã. Disse que nos diria onde encontrá-la se apresentássemos você a ela.

Susan ficou surpresa.

— Por que eu?

— Por minha causa — respondeu Archie. Ele piscou lentamente, passou a mão pelo cabelo preto e olhou para o teto por um instante antes de prosseguir. — Fazia quase seis meses que ela não entregava nenhum corpo. Achei que o perfil no *Herald* fosse mexer um pouco com ela. Gretchen se enciuma com facilidade. Imaginei que se ela soubesse que eu estava ficando íntimo de uma repórter, íntimo o bastante para falar sobre certos assuntos, sua reação seria me dar... — ele fez uma pausa, como se procurasse as palavras certas — ... uma prova do seu carinho.

Susan correu os olhos pela salinha. Todos estavam olhando para ela. Esperando para ver o que ela faria.

— Um corpo?

— Isso. No ano passado, ela não falou com ninguém além de mim. — Ele deu de ombros com impotência. — Nem me passou pela cabeça que fosse pedir para ver você.

Susan tinha sido manipulada. Ela sentiu um incômodo constrangimento invadi-la. Archie a usara. Ela deu um passo para trás, afastando-se dele. Tinha confiado naquele homem. E ele tirou vantagem dela. Era uma sensação estranhamente familiar. Ninguém falou nada. Ela levantou o braço e puxou o cabelo, enrolando-o em um dedo até machucar. Darrow, o advogado, esfregou a parte de trás do pescoço avermelhado e espirrou. Rico olhou para sua comida. Henry se recostou na parede, braços cruzados, esperando que Archie desse algum tipo de deixa. Todos eles sabiam. E aquilo só piorava as coisas.

Susan olhou através do vidro para Gretchen. Gretchen estava olhando para a mesa. Um exemplo de comportamento. Geneticamente superior. Por que aquela mulher tinha que ser perfeita?

— Foi por isso que você concordou com o perfil? — perguntou Susan, esforçando-se ao máximo para manter a voz controlada. — Porque achou que ele faria Gretchen revelar o paradeiro de mais corpos?

Archie deu um passo em direção a Susan.

— Quanto mais ela achar que estou me abrindo com você, mais vai querer reforçar seu controle sobre mim, e entregará mais corpos. — Seus olhos adejam para além do vidro, encontrando Gretchen e parando nela. Então ele olhou de volta para Susan. — Ela comentou sobre suas matérias. Está lendo o seu trabalho. Por isso escolhi você. — Sob as pálpebras pesadas, os olhos dele estavam cheios de pedidos de desculpa, determinação e algo mais. Era alguma coisa na expressão dele, algo meio segundo fora de sincronia. Então Susan teve um estalo. *Meu Deus*, pensou ela, *ele está chapado*.

— Me ajude — disse ele.

Ele estava chapado de remédios. E percebeu que ela havia notado, Susan não tinha dúvidas. Ele tinha receita. E estava sentindo dor. Mas não deu nenhuma explicação.

Riu.

— Caralho — disse ele, esfregando os olhos com uma das mãos. Apoiou a cabeça no vidro e olhou para Gretchen Lowell. Ninguém disse uma palavra. Susan achou que podia ouvir o relógio de alguém tiquetaqueando. O advogado assoou o nariz. Finalmente, Archie virou a cabeça de volta para Susan. — Não devia ter trazido você aqui. Desculpe.

Susan indicou o vidro com o queixo.

— O que ela quer comigo? — perguntou.

Archie olhou para Susan. Ele passou a mão sobre a boca e pelos cabelos.

— Quer te avaliar. Descobrir o que você sabe.

— Sobre você.

Ele assentiu algumas vezes.

— Isso aí.

— O que você quer que eu diga a ela?

Ele a olhou no olho.

— A verdade. Ela detecta conversa fiada como ninguém. Mas, se você entrar lá, ela vai arrasar contigo. Gretchen não tem coração. E não vai gostar de você.

Susan tentou sorrir.

— Eu sou cativante.

O rosto duro de Archie estava sério como a morte.

— Ela vai se sentir ameaçada por você e vai ser cruel. Precisa entender isso.

Susan espalmou a mão no vidro, de modo que a cabeça de Gretchen Lowell ficou no espaço entre o polegar e o indicador dela.

— Posso escrever sobre isso?

— Não posso te impedir.

— É verdade.

— Mas não leve caneta — disse Archie terminantemente.

— Por quê?

Ele olhou através do vidro para Gretchen. Susan viu seus olhos correrem pelo corpo dela; por pescoço, braços e mãos. Parecia-lhe a maneira como alguém examinaria uma mulher amada.

— Porque não quero que ela a use para furar a sua garganta — disse.

6 Clarence Darrow foi um advogado famoso e polêmico nos Estados Unidos da virada do século XIX para o XX. Um dos seus casos mais célebres foi a defesa do professor John Scopes, acusado de ensinar a Teoria da Evolução, de Charles Darwin, proibida em diversas escolas por questionar o Criacionismo bíblico. (N. do T.)

— Gretchen — disse Archie. — Esta é Susan Ward. Susan, Gretchen Lowell.

Susan teve a impressão de que não havia oxigênio suficiente na sala. Ela ficou parada como uma imbecil por um instante, pensando se deveria oferecer um aperto de mão, mas então se lembrou das algemas e desconsiderou a idéia. *Fique calma*, Susan disse a si mesma pela décima vez em trinta segundos. Ela puxou uma cadeira para poder sentar de frente para Gretchen. A cadeira arranhou ruidosamente o chão, fazendo Susan se sentir desajeitada. Seu coração estava a mil. Ela evitou olhar nos olhos de Gretchen ao sentar, com vergonha do jeans rasgado idiota, arrependida de não ter parado um minuto no corredor para pentear o cabelo. Archie se sentou do lado de Susan, que se forçou a olhar para o outro lado da mesa. Gretchen sorriu para ela. Era ainda mais linda de perto.

— Mas que gracinha você é — disse Gretchen com doçura. — Parece um personagem de desenho animado. — Susan nunca sentira tanta vergonha do seu cabelo rosa idiota. Ou das roupas infantis. Ou do peito reto. — Gostei das suas matérias — prosseguiu Gretchen, com a medida certa de mel na voz para deixar Susan na dúvida se estava sendo sincera ou sarcástica.

Susan jogou o gravador digital sobre a mesa e ordenou que seu coração desacelerasse.

— Importa-se se eu gravar a conversa? — perguntou ela, tentando soar profissional. O cheiro da sala era anti-séptico, como o de produtos de limpeza industrial. Tóxico.

Gretchen inclinou a cabeça na direção do vidro, onde Susan sabia que os outros estavam assistindo.

— Está tudo sendo gravado — disse.

Susan encarou Gretchen.

— Por gentileza.

Gretchen ergueu as sobrelhas com animosidade.

Susan começou a gravar. Podia sentir Gretchen absorvendo-a. Sentia-se como uma amante subitamente confrontada com a esposa encantadora do seu caso. Era um papel ao qual Susan já estava bastante habituada, uma ironia que ela não deixou de notar. Olhou para Archie em busca de alguma indicação sobre o que fazer em seguida, sobre como se comportar. Ele estava recostado na cadeira, mãos entrelaçadas no colo, sem tirar os olhos de Gretchen. Havia uma certa tranquilidade entre os dois. Como se tivessem se conhecido a vida inteira. Debbie estava certa. Era sinistro.

— Ela gosta de você — disse Gretchen, provocando Archie.

Archie tirou um porta-remédios de bronze do bolso e o colocou diante de si na mesa.

— Ela é repórter — disse, girando a caixinha no sentido horário no tampo da mesa. — É amigável com os entrevistados para que eles contem as coisas. É o trabalho dela.

— E você tem contado?

— Sim — disse ele, olhando para a caixinha.

— Mas não tudo.

Ele olhou sugestivamente para Gretchen.

— Claro que não.

Gretchen pareceu satisfeita com a resposta, e transferiu sua atenção para Susan.

— Quais são suas perguntas?

Susan levou um susto.

— Minhas perguntas?

Gretchen fez um gesto para o gravador. Usava as algemas como se fossem braceletes, penduricalhos bonitos e caros para serem admirados e invejados.

— Foi para isso que você veio, não foi? Com seu aparelhinho e suas sobancelhas franzidas? Para me entrevistar? Você não pode escrever sobre Archie Sheridan sem falar comigo. Fiz de Archie o que ele é hoje. Sem mim, ele não teria uma carreira.

— Gosto de pensar que eu teria encontrado alguma outra psicopata homicida megalomânica — disse Archie com um suspiro.

Gretchen o ignorou.

— Vamos — disse ela a Susan. — Pergunte-me qualquer coisa.

A mente de Susan estava a mil por hora. Havia repassado aquilo na sua cabeça dezenas de vezes: o que perguntaria a Gretchen Lowell se tivesse a chance. No entanto, nunca tinha acreditado que a oportunidade viria. Agora, sua mente estava em branco, e sua boca, pegajosa. *Controle-se*, ralhou consigo mesma. Invente uma pergunta. Qualquer coisa. Pergunte a primeira coisa que lhe vier à cabeça.

— Por que você raptou Archie Sheridan?

A pele de Gretchen brilhava. Susan ficou imaginando se esfoliantes eram permitidos na cadeia. Talvez estivesse catando morangos do refeitório e fazendo suas próprias máscaras. Gretchen se inclinou para frente na mesinha.

— Queria matá-lo — disse ela alegremente. — Queria torturá-lo da maneira mais interessante e dolorosa concebível até ele implorar que eu abrisse sua garganta.

Susan mal conseguia falar.

— E ele implorou?

Gretchen olhou com adoração para Archie.

— Quer responder a essa, querido?

— Implorei — disse Archie sem titubear. Colocou o porta-remédios na palma da mão e ficou olhando para ele.

— Mas você não o matou — disse Susan a Gretchen.

Gretchen deu de ombros e arregalou os olhos com impotência.

— Mudança de planos.

— Por que ele?

— Eu estava entediada. E ele parecia ter um interesse sincero pelo meu trabalho. Pensei que seria bom para ele vê-lo de perto. Agora, posso te fazer uma pergunta?

Susan se mexeu desconfortavelmente na cadeira, esforçando-se para encontrar

uma resposta adequada. Gretchen não esperou. A pergunta era para Susan, mas a atenção de Gretchen estava toda em Archie, que olhava para o porta-remédios.

— Você conheceu Debbie? Como ela está? — A voz dela era tenra, como se perguntasse sobre uma velha amiga.

Debbie? Ela está ótima! Acabou de mudar para Des Moines. Está casada, com dois filhos. Mandou lembranças.

Susan olhou mais uma vez para Archie. Ele já não estava olhando para o porta-remédios, e sim para Gretchen. Porém, além dos olhos, não movera um músculo. A caixinha de cobre brilhava na palma de sua mão. A súbita tensão entre eles fez o estômago de Susan enrijecer.

— Não acho que eu deva responder a isso — disse ela. Sua voz saiu mais fraca do que queria. Sentia-se como uma adolescente. Como se tivesse voltado aos 14 anos. A sensação dava-lhe um calor desconfortável.

— Tem um cemitério — anunciou Gretchen com indiferença — na saída de uma interestadual em Nebraska. Nós enterramos Gloria em cima de um dos túmulos. Quer saber qual deles?

Por um instante, ninguém se mexeu. Por fim, Archie olhou para Susan. Seus olhos estavam vidrados. *Agora entendo por que você está chapado*, pensou Susan.

— Tudo bem — disse Archie. — Sério. Ela gosta de se gabar do caos que instaurou na minha vida. Conversamos sobre isso o tempo todo. No começo você acha que uma hora ela vai se cansar. — Ele colocou a caixinha de volta na mesa. — Mas ela nunca enjoa.

Susan não sabia que tipo de jogo doentio os dois estavam jogando, mas esperava que Archie tivesse mais controle sobre ele do que parecia. Ela deu de ombros, assentindo. Entraria na dança.

— Debbie odeia você — disse a Gretchen. — Odeia você por assassinar o homem que ela chamava de marido. — Ela olhou para Archie. Nenhuma reação. — Ela acha que ele está morto. E que Archie é outra pessoa agora.

Gretchen pareceu satisfeita, os olhos brilhantes, as maçãs do rosto pronunciadas.

— Mas ainda o ama.

Susan mordeu o lábio.

— Sim.

— E ele ainda a ama. Mas não pode ficar com ela. E não pode estar com seus dois filhos adoráveis. Sabe por quê?

— Por sua causa — adivinhou Susan.

— Por minha causa. E é por isso que você também nunca vai tê-lo, pombinha. Porque eu o inutilizei para outras mulheres.

— Você me inutilizou para outros seres humanos, Gretchen — disse Archie, abatido. Ele puxou o porta-remédios da mesa e o enfiou no bolso, arrastou a cadeira para trás e se levantou.

— Aonde você vai? — perguntou Gretchen, a voz traindo seu súbito nervosismo. Susan viu toda sua postura mudar. O rosto se endurecer. Aquilo eram pés-de-galinha? Gretchen jogou o corpo para frente, na direção de Archie, como se tentasse fechar o espaço entre eles.

— Vou dar um tempo — respondeu Archie, as pontas dos dedos ainda na mesa. — Não acho que estejamos sendo muito produtivos hoje. — Ele baixou os olhos para

Susan. — Vamos — disse. Ele deu um passo para trás e Gretchen ergueu os braços, as mãos ainda algemadas, agarrando sua mão.

— O nome no túmulo é Emma Watson — falou depressa. — O cemitério fica na Interestadual 100, em uma cidadezinha chamada Hamilton, 30 quilômetros a oeste de Lincoln.

Archie não se mexeu. Ficou em pé, olhando para a sua mão na dela. Sem puxá-la de volta. Como alguém preso a um fio de alta-tensão. Susan não sabia o que fazer. Ficou olhando freneticamente para o vidro espelhado e, como se estivesse esperando uma deixa, Henry Sobol entrou correndo na sala. Em três passos já estava à mesa, prendendo a mão grande em volta do punho de Gretchen Lowell e apertando-o até ela se encolher de dor e soltar a mão de Archie.

— Isso é contra as regras — disse Henry com os dentes cerrados. O rosto dele estava vermelho e seu pulso saltava sob a pele grossa do pescoço. — Se tocar nele de novo, juro que acabo com essa merda. Com ou sem corpos. Entendido?

Gretchen não recuou e não disse palavra, apenas olhou para ele, lábios úmidos de saliva, narinas dilatadas, desafiando-o com os olhos a lhe dar um tapa. De repente ela não parecia nada bonita.

— Está tudo bem — disse Archie. A voz dele estava firme, totalmente controlada, mas Susan notou que suas mãos estavam tremendo. — Estou bem.

Henry olhou para Archie, fitando-o nos olhos por um instante, e então virou a cabeça raspada de volta para Gretchen. Ainda estava com a manopla em volta do punho fino dela e, por um momento, Susan achou que ele fosse quebrá-lo em dois. Sem afrouxar a mão um milímetro, virou o rosto para Archie.

— A polícia estadual de Nebraska está a caminho daquele cemitério. Teremos alguma notícia dentro da próxima hora. — Então ele abriu a mão, soltou o punho de Gretchen e, sem olhar para ela uma segunda vez, deu meia-volta e saiu pela porta.

Gretchen alisou o cabelo loiro com as mãos algemadas.

— Acho que seus amigos não gostam de mim — disse a Archie.

Archie se afundou de volta em sua cadeira.

— Você mandou meu baço para eles.

— E ele não me deixa esquecer. — Ela se virou de volta para Susan, com total compostura e tranquilidade, como se nada tivesse acontecido. — Você dizia?...

Susan ainda estava abalada. Sentia-se mal fisicamente. Seria uma demonstração de fraqueza vomitar?

— O quê?

— Você estava me fazendo perguntas, pombinha. Para sua matéria.

E então Susan soube o que perguntar.

— Qual o seu filme favorito? — disse ela. Tome essa. Invente uma resposta espertinha agora. Tente achar uma resposta doentia para isso. Susan se recostou presunçosamente.

Gretchen respondeu de chofre.

— *Bande à Part*. Godard.

Bem. Que bela surpresa. Susan olhou para Archie, examinando-o, sem nem tentar esconder a confusão que sem dúvida estava estampada em seu rosto.

— Esse é o filme favorito do detetive Sheridan — disse ela lentamente.

— Pode chamá-lo de “Archie” — disse Gretchen com leveza. — Eu já o vi nu.

— Vocês dois conversaram sobre Godard? — perguntou Susan a Archie.

— Não — disse ele. E lá estava o porta-remédios de volta.

Gretchen sorriu inocentemente.

— Mas que curiosa coincidência, não? Alguma outra pergunta?

Susan examinou Gretchen. Ouvira falar que ela havia matado algo em torno de duzentas pessoas. Nunca tinha acreditado. Até agora.

— O Estrangulador das Escolas. Alguma idéia de que tipo de pessoa estamos procurando?

Gretchen riu. Era um riso gutural, estilo Bette Davis, cheio de sexo e câncer de pulmão. Provavelmente passara anos praticando-o. Valeu a pena o esforço.

— Quer que eu entre na cabeça dele para você? Desculpe, Clarice.⁷ Não posso ajudar.

— Vocês dois são assassinos — sugeriu Susan com doçura.

Gretchen balançou a cabeça, descartando a comparação.

— Somos diferentes.

— Ah, são?

— Diga a ela, Archie.

A voz de Archie soou estranhamente lenta.

— Ele não gosta de matar como Gretchen.

Sorriso frio.

— Está vendo? Nada a ver.

— Você não matou o detetive Sheridan — assinalou Susan.

— Matei, sim.

O sorriso de Gretchen se abriu em volta de seus dentes perfeitos. Era o sorriso mais arrepiante que Susan já tinha visto. Ela sentiu uma súbita e infinita ternura por Archie, e se arrependeu instantaneamente, pois sabia que Gretchen podia vê-la nos seus olhos.

— Ele já rejeitou você, pombinha? — perguntou Gretchen, divagante. — Vai ser duro para você. Não costuma ser rejeitada, não é? Não está habituada à rejeição. Você acha que seu poder está no sexo. Mas não está.

— Gretchen — alertou Archie.

— Sabe o que é mais íntimo do que sexo? — perguntou Gretchen. Ela sorriu com maldade para Archie. — Violência.

Susan sentiu toda a saliva evaporar de sua garganta.

— Você não sabe nada a meu respeito.

— Você sente atração por homens mais velhos. Em posição de autoridade. Homens mais poderosos do que você. Casados. Por que será, pombinha, hum? — Gretchen entortou a cabeça, e Susan pôde ver um pensamento correr pelos seus olhos e então parar. Gretchen sorriu. — Quantos anos você tinha quando seu pai morreu?

Susan perdeu o fôlego. Teria chegado a recuar fisicamente? Ela apertou os polegares com toda a força possível debaixo da mesa até a dor secar as lágrimas que temia derramar a qualquer momento. Quando a vontade passou, ela se levantou — a seu ver, com calma — e se debruçou, os nós dos dedos na mesa.

— Vá se foder — disse ela a Gretchen. — Vá se foder, sua psicopata de merda.

Mas Gretchen apenas sorriu.

— Toda aquela raiva borbulhante da pós-puberdade. Com quem você acabou

trepando? Com seu professor de inglês? — Ela arqueou uma sobrancelha. — Com o professor de teatro?

Susan não conseguia respirar. Sentiu uma lágrima rolar pela sua bochecha e ficou furiosa consigo mesma por isso.

— Como? — perguntou. Ela tapou a boca com a mão para evitar dizer aquilo, mas era tarde demais.

Archie se virou lentamente e olhou para Susan, os olhos arregalados, a testa franzida.

— O professor de teatro da Cleveland? Reston?

— Não — gaguejou Susan.

Gretchen balançou a cabeça para Archie.

— Negação típica.

— Susan — disse Archie, firme. — Se você teve relações sexuais com Paul Reston quando era adolescente precisa me dizer agora mesmo.

Gretchen apertou os olhos azuis vitoriosamente. Tinha ganhado de lavada.

Susan gargalhou, uma meia-risada horrível e tresloucada, e então as represas se abriram. Com lágrimas quentes no seu rosto, completamente humilhada, ela se afastou, curvada, arfando. Tateou em busca do interruptor da porta e, quando ela se abriu, disparou para o corredor.

7 A personagem faz uma referência ao filme *O Silêncio dos Inocentes*, de Jonathan Demme. (N. da E.)

Susan deu alguns passos trôpegos pelo corredor, abraçando a si mesma, antes de seus ossos parecerem ceder e ela cair contra o muro. Em um instante, Archie estava atrás dela, com a mão em seu ombro. Era um toque de conforto, nada tinha de sexual. Susan não estava acostumada àquilo. Ela desviou o rosto, pressionando a testa contra a parede de concreto, para esconder a maquiagem borrada, as lágrimas, o batom manchado. Archie foi para frente dela, sem tirar a mão do seu ombro, e então recostou na parede, enfiou as mãos nos bolsos e esperou. O som de uma porta, depois passos, e Henry também estava no corredor; um guarda, o advogado. Meu Deus, todos eles tinham visto. Susan quis morrer.

— Podem nos dar um minuto? — disse Archie para todos, e eles deslizaram de volta para trás da porta da sala de observação, exceto pelo guarda, que olhou em volta sem jeito e então entrou na sala de interrogatório onde Gretchen Lowell ainda estava. Quando ficaram sozinhos no corredor, Archie perguntou: — Quando começou?

A parede de concreto era pintada de tinta cinza acetinada. Trazia à mente de Susan um céu nublado de inverno, quando as nuvens parecem sólidas, um dossel de cinzas.

— Quando eu tinha 15 anos, terminei com ele quando entrei para a faculdade. — Ela reuniu sua dignidade, empertigando-se e erguendo o queixo. — Eu era precoce. Foi consensual.

— Tecnicamente não foi, não — disse Archie. Ela pôde ver o rosto dele mudar de cor à medida que tentava conter a frustração, apertando os punhos nos bolsos da calça. — Você devia ter dito alguma coisa. Não passou pela sua cabeça que todas as vítimas têm 15 anos? Que todas foram estupradas?

Susan se encolheu.

— Ele não me estuprou — disse ela, defendendo-se. — E eu pretendia contar. Mas não me pareceu relevante. Você iria atrás dele. Ele teria perdido o emprego. Além do mais, você disse que ele tinha um álibi.

— Relação consentida com menor é crime. Se o prazo legal não tivesse terminado, eu iria prendê-lo agora mesmo. Alguém sabia? Seus pais?

Susan deu uma risada triste.

— Bliss? Ela não sabia de nada. — Ela contorceu os lábios com sarcasmo. — Provavelmente teria dado o maior apoio. Sempre odiou traçar limites.

Archie olhou com incredulidade para Susan.

E, de repente, com certo choque, Susan viu que estava errada.

— Não — admitiu. — Ela teria odiado. Teria feito de tudo para que ele fosse para a cadeia. — Ela desviou o rosto. — Mas não sabia. Porque eu não contei. — Ela pressionou os nós dos dedos contra a parede até sentir o concreto áspero rasgar sua

pele. — Acho que senti raiva de Bliss por ela não ter percebido.

— Houve alguma outra garota?

Susan não conseguia nem olhar para ele.

— Não que eu saiba.

— Não posso simplesmente esquecer que tivemos essa conversa, Susan. Tenho que dar queixa. Vou fazer todo o possível para que ele seja despedido.

— Faz dez anos — implorou Susan. — Eu o seduzi. Meu pai tinha acabado de morrer e eu precisava de consolo. Paul era meu professor favorito. Não foi culpa dele. — Ela desviou o olhar. — Eu nem era virgem.

— Ele era um adulto — disse Archie. — Deveria saber o que é certo.

Susan começou a se ajeitar, limpando as lágrimas do rosto, enfiando o cabelo rosa desganhado atrás das orelhas.

— Se você der queixa, eu vou negar. E Paul também. — Ela mordeu o lábio com tanta força que parecia que ele iria rachar. — Só quis explicar.

— Explicar o quê?

Susan desviou o olhar, os dedos esticados à medida que ela procurava as palavras certas. Os nós estavam rosados de quando ela os enterrara na parede.

— Porque eu sou do jeito que sou. Todas aquelas coisas que Gretchen Lowell disse lá dentro. Elas são verdadeiras.

Archie a olhou nos olhos, sob as sobrancelhas grossas.

— Gretchen diz um monte de coisas na esperança de que uma ou outra cole e faça você sofrer. Acredite em mim porque eu sei disso. Não dê esse poder a ela. E também não dê esse poder a Reston. Ele é um pervertido. Homens adultos não devem ir para a cama com adolescentes. Ponto. Os que fazem isso têm sérios problemas. — Archie se inclinou para mais perto dela, tão perto que por um instante Susan teve o impulso de enterrar a testa no pescoço dele. — E esses problemas são deles, não seus.

— Isso é coisa do passado — disse Susan.

Archie pegou-lhe gentilmente os dois punhos e afastou as mãos dela, revelando seu rosto manchado de lágrimas.

— Tenho que voltar lá para dentro e vou demorar um pouco. Por que você não espera aqui fora?

O queixo dela caiu.

— Não posso esperar na sala de observação?

Archie ergueu a mão e limpou uma lágrima que ainda estava no rosto dela.

— Quando eu voltar lá para dentro, Gretchen vai me dar uma confissão — disse. — Detalhe por detalhe de como ela torturou e matou Gloria Juarez. — Seu rosto ficou sombrio. — Você não é obrigada a ouvir se não quiser.

Ele deu um último tapinha no ombro de Susan e começou a andar de volta para a sala onde Gretchen o aguardava. Susan ficou observando-o ir, com um dos braços esticados, as pontas dos dedos dançando pela parede de cimento.

Perguntou-se se ele estava tão chapado assim o tempo todo ou só aos domingos. Decidiu que não era a hora de perguntar.

O guarda saiu assim que Archie entrou na sala. Gretchen estava sentada como antes, folgadoamente, as mãos algemadas dobradas sobre um joelho, sem parecer abalada ou

impressionada pelo colapso de Susan. O estiloso gravador digital continuava no centro da mesa, onde ela o deixara, ainda gravando. Archie puxou novamente a cadeira de metal e sentou-se de frente para Gretchen. Então, evitando olhar nos olhos dela, esticou o braço, desligou o gravador e o enfiou no bolso interno do paletó. Ainda conseguia sentir as lágrimas de Susan em sua mão.

— Quer me contar como sabia a respeito de Reston? — perguntou ele, erguendo os olhos.

Gretchen arregalou os olhos inocentemente.

— Palpite certo?

— Você é intuitiva — disse Archie —, e não vidente.

Gretchen revirou os olhos e deu-lhe um meio-sorriso entediado.

— Ela mencionou o pai morto em uma matéria no *Herald* cerca de um ano atrás. E olhe só para ela. O cabelo rosa. As roupas. Está na cara. Tudo nela grita “abuso sexual”. — Gretchen se inclinou para frente. — O jeito que ela olha para você; aquele desejo por uma figura paterna que a pegue em seus braços fortes e protetores. Era óbvio. Só tive que adivinhar o professor certo. — Ela sorriu, encantada consigo mesma. — E, querido, é sempre o professor de inglês ou o de teatro.

A cabeça dele latejou. Ele esfregou os olhos com o polegar e o indicador.

— É uma coincidência. Que pode estar relacionada ao caso em que estou trabalhando.

— Você está cansado.

Aquilo era óbvio.

— Você não faz idéia.

— Talvez devesse aumentar a dose de antidepressivos.

— Vou deixar os conselhos médicos para Fergus, obrigado.

Ela colocou os cotovelos sobre a mesa e apoiou o queixo nas mãos algemadas. Então olhou para o vidro de observação, antes de voltar sua atenção para Archie.

— Tirei o intestino delgado dela. Abri um buraco de 2,5 centímetros na parede abdominal e puxei o intestino delgado aos poucos com uma agulha de crochê, separando-o do mesentério a cada 2,5 centímetros. Uma agulha de crochê de 5 milímetros. Você tem que usar algo grande o bastante para pegar o intestino, porque ele é escorregadio e fácil de perfurar. — Ela não desviava o olhar durante as confissões. Olhava Archie nos olhos o tempo todo. Em nenhum momento olhou para o lado para lembrar melhor de alguma coisa; afastou os olhos por repulsa pelo que fez; ou permitiu a ele um instante de folga. — Sete metros. É o que dizem ser o tamanho médio. Nunca consegui puxar mais do que três. — Ela sorriu, lambendo os lábios como se estivessem secos. — Mas é lindo. Tão rosa e delicado. Como algo esperando para nascer. O cheiro metálico de sangue. Lembra, querido? — Ela se inclinou para frente, o prazer corando suas faces. — Quando ela implorou que eu parasse, comecei a queimá-la.

Archie tentou ficar insensível à confissão. Criar uma carapaça. Ignorar as imagens fortes que ela tentava pintar para ele. Ficou apenas observando-a. Ela era muito bonita. E, se conseguisse evitar ouvi-la, poderia aproveitar essa parte. Poderia usar aquela desculpa para simplesmente ficar sentado olhando para uma mulher bonita. Mas precisava ter cuidado. Para que seus olhos não saíssem do rosto dela e deslizassem pelo pescoço, pela clavícula ou pelos seios.

Ela sabia, é claro. Sabia de tudo.

— Está me ouvindo? — perguntou ela, um sorriso flertando em seus lábios.

— Estou — respondeu ele. Tirou o porta-remédios do bolso e o colocou de volta na mesa. — Estou ouvindo.

Susan saiu rolando de cima de Ian e deitou-se de costas. Tinha ligado para ele assim que chegara em casa e Ian demorou menos de uma hora para chegar. Antes mesmo de dizer oi já estava com ele na boca. Susan achava que o sexo era uma ótima maneira de aliviar o estresse, e se Gretchen tivesse algo a dizer sobre isso, ela que fosse à merda.

Ian pegou os óculos de cima do criado-mudo e os colocou.

— Como foi? — perguntou ele.

Susan não pensou nem por um instante em contar a Ian sobre Reston ou sobre como Gretchen havia feito gato e sapato de suas emoções sem nenhum esforço aparente.

— Poderia ter sido melhor — disse ela. Correu as mãos pelo criado-mudo até achar metade de um baseado em um pires sobre um livro de poesia de William Stafford. Ela o acendeu e tragou. Gostava de fumar maconha nua. Sentia-se boêmia.

— Você nunca pensou que fuma maconha demais? — perguntou Ian.

— Estamos no Oregon — disse Susan. — É nosso principal produto de exportação agrícola. — Ela sorriu. — Estou ajudando os agricultores locais.

— Você não está mais na faculdade, Susan.

— Exatamente — disse ela, contrariada. — Todo mundo fuma maconha na faculdade. É o maior lugar-comum. Agora, continuar fumando depois de se formar exige um certo nível de comprometimento. Além do mais, minha mãe ainda fuma maconha.

— Você tem mãe?

Susan sorriu para si mesma.

— Eu até apresentaria você, mas ela não confia em homens sem barba.

Ian achou sua cueca no chão ao lado da cama e a vestiu. Não pareceu tão desapontado assim por não poder conhecer Bliss.

— Descobriu alguma coisa com a *miss serial killer*?

Susan sentiu um enjôo ao recordar seu entreviro com Gretchen e afastou a sensação.

— Pensei que não fosse perguntar nunca.

— Estava fazendo charme — disse Ian. — Para dar a impressão de que estou mais interessado no seu corpo do que em uma das mais importantes matérias que já editei.

Susan se deliciou com o duplo elogio, fazendo pose com as costas arqueadas e uma das mãos na cintura nua.

— Até parece.

— Então, o que você descobriu?

O estômago dela embrulhou novamente. Ela virou de bruços, deitando-se na

diagonal da cama, e cobriu o corpo com um lençol.

— Que sou uma péssima repórter. Me deixei abalar por ela.

— Mas você ainda tem uma matéria, certo? Frente a frente com o olhar frio da morte, e tudo o mais.

Ela estava apoiada nos cotovelos, as juntas além da beirada da cama. Um pedacinho de cinza foi caindo até pousar em um dos tapetes persas do Grande Escritor comprados pelo eBay. Susan ficou olhando-o cair sem a menor intenção de catá-lo.

— Ah, sim. Ela entregou outro corpo. Uma estudante em Nebraska. — Susan se lembrou da garota sorridente. Do sinal de paz e amor. Do braço em volta do seu ombro que pertencia a algum amigo deixado para trás, cortado da fotografia. Ela afastou aqueles pensamentos e deu outro tapa no baseado. — Eles a encontraram enterrada em cima de um túmulo antigo em um cemitério perto da rodovia. — O baseado estava afastando toda a tensão, e ela sentiu o estresse do dia abandonar aos poucos seu corpo. O mesmo aconteceu com a necessidade de companhia. — Você não tem que ir pra casa? — perguntou ela, erguendo premeditadamente uma sobrancelha para Ian.

Ele tinha voltado a se ajeitar na cama de cueca, os pés cruzados sobre os tornozelos.

— Sharon está viajando. Não posso dormir aqui hoje?

— Tenho que levantar cedo amanhã. Claire Masland vem me buscar.

— Você sabe que ela é sapatão, não sabe?

— Por quê? Porque ela tem cabelo curto?

— Só estou falando.

— Vá para casa, Ian.

Ian correu os pés pelo chão e achou as outras roupas. Calçou uma de suas meias pretas.

— Achei que tinha falado para você deixar quieto o lance da Molly Palmer — disse ele, calçando a outra meia, sem olhar para Susan.

Susan ficou surpresa. Molly Palmer?

— Ok — disse e ergueu as mãos, defendendo-se de brincadeira. — Você me pegou. Deixei algumas mensagens para Ethan Poole.

— Estou falando sobre Justin Johnson — disse ele, com uma ponta de irritação na voz.

Susan levou um minuto para processar aquilo. Justin Johnson? Então tudo ficou claro e ela pensou: *Putá merda*. Tinha passado todo aquele tempo pensando que Justin tinha alguma coisa a ver com o caso do Estrangulador das Escolas. Porém, ligara-o à história errada. Justin Johnson não tinha nada a ver com Lee Robinson, nada a ver com Cleveland.

— O que Justin tem a ver com Molly Palmer? — ela perguntou baixinho.

Ian riu.

— Você não sabe?

Ela se sentiu idiota, e mais idiota ainda por se sentir assim.

— O que está acontecendo, Ian?

Ele se levantou e vestiu seus jeans pretos.

— Ethan passou suas mensagens para Molly. Ela ligou para o advogado do senador. Ele ligou para Howard Jenkins. — Ian puxou o zíper e fechou o botão, então se abaixou, pegou o cinto preto do chão e começou a passá-lo pelas alças. — Jenkins me

ligou. Eu disse a ele que já tínhamos abandonado a matéria. Só que, pelo jeito, a mamãezinha de Justin contratou um detetive particular para ficar de olho nele. — Ele terminou de afivelar o cinto e se sentou na beirada da cama. — Ela acha que ele está vendendo maconha, entende? E quem aparece na escola para falar com ele? Susan Ward, do *Oregon Herald*. Eles reconheceram o cabelo rosa. — Ele calçou um tênis de cano alto preto. Amarrou o cadarço. — Então, todo mundo acha que você está escrevendo a matéria. Que tudo vai ser escancarado. — Calçou o outro tênis. Amarrou-o. — Daí o advogado tem a brilhante idéia de te passar um bilhete com o número do processo criminal do garoto. Imaginando que, se você soubesse que ele tem ficha corrida, talvez não confiasse na história do pivete.

— Sério? — disse Susan, tentando não sorrir. — Aquele cara era mesmo um advogado?

Ian se levantou, vestido pela metade, e a encarou.

— Você vai pôr nós dois no olho da rua. Sabe disso, não sabe?

Susan se sentou às pressas, esquecendo-se do lençol, deixando-o cair em volta da cintura.

— O que Justin sabe sobre Molly Palmer?

— Ele era o melhor amigo do filho do senador. Quando eles eram crianças. Inseparáveis. Molly era babá dos dois. Então imagino que ele tenha visto ou escutado algo que não devia. Talvez você conheça o nome de solteira da mãe de Justin. Overlook.

O coração de Susan se encolheu.

— A família que é dona do *Herald*?

— Ela é uma prima.

— Castle conseguiu, não foi?

— Ah, se conseguiu. Essa é uma matéria que nunca vai sair nesta cidade. — Ele enfiou a mão no bolso do seu paletó de lã cinza, tirou algo de dentro e jogou na cama.

— O que é isso? — perguntou Susan.

— Sua fita do 911. Se eu fosse você, voltaria para a matéria que vamos publicar de verdade, e dançaria conforme a música.

Susan pegou a fita cassete e a girou nas mãos.

— Obrigada.

— Não me agradeça. Agradeça a Derek. Ele passou o dia inteiro atrás dela para você. — Como de hábito, Ian sacudiu sua camiseta da faculdade de jornalismo da Columbia para desamassá-la. — Acho que ele gosta de você.

Susan deu outra tragada no baseado.

— Bem, o dia em que eu quiser trepar com um ex-jogador de futebol americano filhinho de papai — disse ela, segurando a fumaça nos pulmões —, já sei pra quem ligar.

Depois que Ian foi embora, Susan ficou sentada de pernas cruzadas na cama. O pior era que a história de Molly Palmer era importante de verdade. Não era exploração. Não era propaganda. Não era outra matéria especial descartável. Poderia fazer diferença. Uma adolescente tinha sido prejudicada e o homem responsável por isso estava fazendo de tudo para encobrir os fatos. Um homem poderoso. Um homem eleito por pessoas que tinham o direito de saber que ele era do tipo capaz de usar esse poder para levar uma

menina de 14 anos para a cama. Tudo bem, talvez algo de pessoal estivesse em jogo. E agora, de certa forma, Susan tinha fechado e perdido a história de Molly Palmer ao mesmo tempo. Justin estava em Palm Springs, ou sabe-se lá onde. Molly não queria falar. Ethan não estava nem retornando suas ligações. Ela queria encurralar o senador Castle. Mais do que Ian podia imaginar. Não se importava em ser despedida. Conseguiria que alguém, em algum lugar, viesse a público. Olhou para a fita cassete em suas mãos. A fita com a ligação de Gretchen para o 911. E foi então que um desejo completamente estranho a Susan a invadiu. Prêmios, talento literário ou estilo já não lhe importavam. Conseguir contrato para um livro ou impressionar Ian, tampouco.

Ela queria, pela primeira vez em sua vida profissional, ser uma boa repórter.

Andou até a área de estar e, sentando-se sobre os calcanhares nus, colocou a fita no aparelho de som. Já havia lido a transcrição dezenas de vezes. Porém, ainda estava ansiosa por ouvir finalmente as palavras sendo ditas em tempo real. Apertou *play*.

— 911. Qual o seu tipo de emergência?

— Meu nome é Gretchen Lowell. Estou ligando em nome do detetive Archie Sheridan. Você sabe quem sou eu?

— Hum, sei.

— Ótimo. Seu detetive precisa ser levado para um hospital de emergência. Estou na Magnolia Lane 2.339, em Gresham. Estamos no porão. Tem uma escola a duas quadras daqui onde vocês devem poder pousar um helicóptero. Se chegarem aqui dentro dos próximos 15 minutos, ele tem chances de sobreviver. — E desligou.

Susan voltou a se sentar no chão e passou as mãos pelos braços, que estavam arrepiados de cima a baixo. Gretchen parecia tão calma. Na mente de Susan, sua voz soara mais desesperada, frenética. Ela estava, para todos os efeitos, se entregando à polícia; jogando tudo para o alto. Poderia ter morrido. Mas não parecia nem um pouco preocupada com isso. Sua voz estava firme como uma rocha. Não gaguejou ou procurou por palavras. Foi direta, articulada e profissional. A ligação parecia quase ensaiada.

Archie não levou Henry para entrevistar Reston. Era um fim de domingo e ele já se sentia mal por arrastá-lo para a penitenciária todo fim de semana, embora soubesse que Henry jamais o deixaria ir sozinho. Também queria, se possível, resguardar a privacidade de Susan. Assim, deixou Henry levá-lo até o seu apartamento. Estava entorpecido e cansado por conta dos remédios, então fez um café. Depois checkou as mensagens na secretária eletrônica. Não havia nenhuma, o que significava que Debbie não tinha voltado a ligar. Archie não a culpava. Falar com ela aos domingos já era um erro. Archie havia prometido a si mesmo manter Debbie e Gretchen separadas, cada uma em seu lugar; era a única maneira de aquilo dar certo. Porém, ele era egoísta. Precisava de Debbie, precisava ouvir a voz dela, ser lembrado de sua antiga vida. Mas as ligações tinham que parar. Ambos sabiam disso. Só serviam para prolongar a dor do envolvimento emocional deles. Ele iria cortá-las. Só não estava preparado ainda.

Ligou para Claire para se atualizar. Não havia pistas. Ninguém estava ligando para o disque-denúncia. Até o pessoal dos trotes tirava o domingo de folga. Já fazia quatro dias que haviam descoberto o corpo de Kristy Mathers. Archie sentou-se sozinho na cozinha e tomou metade do bule de café, parando de beber apenas para encher novamente a xícara. Quando se sentiu revigorado o bastante, tomou mais dois Vicodin e

chamou um táxi.

Reston morava no Brooklyn, um bairro ao sul da Cleveland High. Era um lugar repleto de pequenas casas vitorianas e dúplices da década de 1980, com imóveis ocupados pelos próprios donos ou alugados, e onde postes telefônicos e árvores se emaranhavam. Um bairro simpático. Seguro.

Archie pediu para o taxista esperar, então saiu e começou a galgar os degraus de cimento musgoso que subiam o pequeno morro até a casa de um andar de Reston. Era fim de tarde e, enquanto as casas do outro lado da rua ainda brilhavam sob o sol, sombras alongadas raiavam na ladeira de Reston. Ele estava na varanda, pintando uma porta apoiada em um cavalete. Usava roupa de faz-tudo; calça jeans manchada de tinta, um moleton cinza velho, um boné de beisebol dos Mariners. Sua expressão relaxada deixava claro o prazer que sentia no trabalho. Ele ergueu os olhos e viu Archie, então voltou a pintar. Obviamente, sabia que Archie era policial. Estava escrito na testa dele. Não importava o que estivesse vestindo. Nem sempre fora assim. Nos primeiros anos, todo mundo ficava surpreso quando descobria qual era sua profissão. Ele não sabia ao certo quando a coisa tinha mudado. Um belo dia notou que deixava as pessoas nervosas.

Quando chegou ao topo da escada da varanda amarela e coberta, Archie se sentou no primeiro degrau e recostou-se numa coluna, a alguns metros de onde Reston se curvava sobre a porta. Uma glicínia velha, ainda sem folhas, com os galhos grossos como punhos humanos, trepava pela coluna e enredava-se na balaustrada.

— Já leu *Lolita*? — perguntou Archie.

Reston molhou o pincel com um pouco de tinta branca e o passou na porta. O odor maciço da tinta afastava qualquer outro cheiro.

— Quem é você? — perguntou Reston.

Archie abriu o distintivo e o estendeu.

— Detetive Sheridan. Gostaria de fazer algumas perguntas sobre uma ex-aluna sua, Susan Ward.

Reston olhou para o distintivo. Ninguém nem se dava o trabalho de conferi-lo de perto.

— Ela contou que vocês dois tiveram um relacionamento — disse ele.

— É.

Reston suspirou e se ajoitou para ficar com os olhos na altura da superfície da porta. Aplicou mais tinta, descendo e arrastando rapidamente o pincel sobre a madeira.

— Essa pergunta é pra valer?

— Sou policial — disse Archie. — Todas as minhas perguntas são “pra valer”.

— Ela é uma pessoa confusa.

— É mesmo?

Um fio de tinta se acumulava sobre a madeira e Reston a alisou com o pincel até dispersá-lo perfeitamente.

— Você sabe sobre o pai dela? Ele morreu quando ela estava no primeiro ano. Foi muito difícil para Susan. Tentei ser gentil e acho que ela interpretou mal meu interesse. — Ele franziu o cenho. — Deu asas à imaginação.

— Está me dizendo que vocês nunca tiveram relações sexuais — disse Archie.

Reston bufou. Olhou para o jardim por um minuto. Então colocou o pincel cuidadosamente na lata de tinta. A lata estava em cima de um pedaço do *Herald*, de modo que a parte molhada do pincel pendia sobre uma das pontas do jornal, um fio de tinta

fazendo poça nas notícias. Ele se virou para Archie.

— Eu a beijei, certo? — Ele balançou a cabeça com desolação. — Uma vez. Foi um deslize da minha parte. Nunca deixei acontecer de novo. Quando a rejeitei ela espalhou um boato de que eu estava tendo um caso com outra aluna. O que poderia ter me botado no olho da rua. Mas não deu em nada. Não fizeram nem uma investigação formal, porque todo mundo sabia que era mentira. Susan estava apenas — ele buscou a palavra certa no ar com as mãos — machucada. Estava perturbada pela morte do pai e quis me atingir. Mas eu gostava dela. Sempre gostei. Era uma menina cativante, rebelde e talentosa. Entendi a dor que ela estava sentindo. E fiz tudo que pude para ajudá-la.

— Que incompreensivelmente generoso da sua parte — disse Archie.

— Sou um bom professor. Isso já deve valer alguma coisa. — Ele se permitiu um sorriso irônico. — Embora não muito hoje em dia.

— Você alguma vez beijou Lee Robinson? — perguntou Archie.

Reston recuou, a boca aberta.

— Deus do céu, não. Mal a conhecia. Eu estava no ensaio técnico quando ela desapareceu. Isso tudo já foi verificado.

Archie assentiu para si mesmo.

— Então está certo. — Ele abriu um sorriso solícito para Reston. — Você pode me arranjar um copo d'água? — Era uma desculpa esfarrapada para entrar na casa, mas, se Reston dissesse não, no mínimo indicaria que tinha algo a esconder.

Reston ficou olhando um instante para Archie.

— Claro.

Ele se levantou, limpou alguma sujeira da mão nas calças manchadas de tinta, passou os pés algumas vezes no capacho e fez um sinal para Archie segui-lo. Eles entraram na casa e Reston conduziu Archie por um pequeno vestiário e pela sala de estar e de jantar até a cozinha. O que chamou a atenção de Archie foi o nível de organização. Nenhuma bagunça. Tudo no seu devido lugar. Superfícies livres de entulhos. Nenhuma louça na pia.

— Você já foi casado? — perguntou Archie.

Reston desceu um copo de um armário e o encheu na pia. Em cima dela havia uma gravura emoldurada de uma pinup loura.

— Ela me deixou. Levou tudo que eu tinha — respondeu ele, entregando o copo d'água para Archie.

Archie deu um gole.

— Namorada?

— Não no momento. Meu último relacionamento terminou abruptamente.

— Você a matou?

— Isso era para ser engraçado?

Archie deu outro gole.

— Não.

Bebeu o resto da água e entregou o copo para Reston. Ele o enxaguou imediatamente, colocando-o no escorredor de pratos. Archie notou outra pinup loura pendurada do outro lado da cozinha. Ela usava shortinho, uma blusa apertada e equilibrava-se em um salto absurdamente alto, as costas arqueadas, um sorriso de flerte nos lábios vermelhos.

— Você gosta de louras — observou Archie.

— Pelo amor de Deus — disse Reston, passando a mão com nervosismo pelo cabelo. — O que você quer de mim? Sou um professor. Respondi às suas perguntas. Já fui interrogado por outros dois policiais. Deixei você entrar na minha casa. — Olhou choroso para Archie. — Vai me prender, por acaso?

— Não.

Reston plantou as mãos na cintura.

— Então faça o favor de me deixar em paz.

— Certo — disse Archie olhando para trás, em direção à varanda.

Enquanto andava pela casa, com Reston um passo atrás dele, Archie procurou por alguma pista que levasse à verdade, alguma coisa que lhe permitisse ver quem era aquele homem. A casa era centenária, mas a decoração era estilo anos 1950. As luminárias originais tinham sido trocadas por outras de cromo que pareciam ao mesmo tempo retrô e futuristas. Os móveis da sala de jantar pareciam feitos de plástico. Sobre a mesa, um buquê de narcisos brotava de um vaso vermelho redondo. Archie não saberia dizer se a mobília era cara ou se tinha sido toda comprada numa loja de departamentos. Mas sabia o suficiente para perceber que era chique. A sala de estar era menos fotogênica. O sofá dourado desmontável parecia ter vindo de um brechó. A franja também dourada da parte de baixo tinha se soltado um pouco, sem que ninguém a consertasse. Havia uma poltrona e uma otomana, ambas de veludo cor-de-rosa, perto de um abajur modernoso. Era como se alguém tivesse se oferecido para redecorar a casa de Reston e os dois tivessem brigado no meio. Porém, ainda era muito mais agradável do que o indigente apartamento alugado de Archie. A sala ainda conservava os móveis embutidos originais. Archie examinou as prateleiras. Alguns poucos livros, arrumados com esmero. Mas Archie reconheceria aquela lombada em qualquer lugar. Era *A Última Vítima*. Não significava nada. Um monte de gente tinha aquele livro.

— Veja bem — dizia Reston. — Susan era muito promíscua na escola. Então talvez tenha tido um relacionamento com algum professor. É bem possível. Só estou dizendo que não fui eu.

— Ok — disse Archie, distraído. — Não foi você.

— Para onde? — perguntou o taxista quando Archie entrou de volta no carro.

— Espere aqui — disse Archie. O táxi era de não-fumantes, mas fedia a cigarros velhos e desodorizante. Ninguém nunca seguia as regras. Archie tirou o celular do bolso e ligou para Claire. — Quero que vocês confirmem de novo os álbis de Reston. E quero vigilância em cima dele — disse. — E quando falo vigilância quero dizer alguém de olho em cada entrada ou saída. — Ele apertou os olhos na direção da charmosa casa coberta de glicínias de Reston. — Quero ser informado até se ele pensar em sair daquela casa.

— Vou mandar Heil e Flannigan.

— Ótimo — disse Archie, recostando-se no assento de vinil grudento do táxi.

— Estou esperando.

Já estava escuro quando Archie chegou em casa. Ainda nenhuma mensagem. Ele decidiu tomar uma cerveja em vez de mais café. Estaria Susan mentindo? Não. Ela poderia ter se convencido de que sua história era verdadeira? Talvez.

De qualquer forma, Gretchen tinha visto. Sentia-se vagamente reconfortado por ela conseguir ver através de qualquer pessoa. A culpa não era de alguma fraqueza intrínseca sua.

Archie olhou para o rosto alegre de Gloria Juarez. Outro mistério resolvido; já era alguma coisa. Ele tocou a testa dela e então se afastou de onde havia prendido a foto na parede.

Havia 42 fotografias na parede do seu quarto, 42 vítimas de assassinato, 42 famílias com respostas. Elas o olhavam de fotos 3x4, retratos de família e fotografias escolares. Era um espetáculo sinistro e terrível e Archie sabia disso. Mas não se importava. Precisava de todas ao alcance da visão, para se convencer de que eram elas que o levavam àquela prisão semana após semana. Era isso ou admitir que algo completamente diferente o atraía a Gretchen. Algo muito mais perturbador.

A cabeça de Archie latejava e seu corpo estava pesado e cansado. Mas era domingo, a semana estava para começar, meninas iriam para a escola e isso significava que o assassino estaria à caça.

Archie esvaziou o porta-remédios na cômoda e alinhou os comprimidos por tipo. Então tirou a blusa, a camiseta, as calças, até ficar completamente nu, sentado na beirada da cama. Havia um grande espelho quadrado sobre a cômoda e ele conseguia ver seu reflexo da metade do peito para cima. As cicatrizes que durante tanto tempo haviam sido de um roxo pálido brutal tinham clareado até um branco translúcido. Ele estava quase começando a pensar nelas como parte de seu corpo. Deixou a mão encontrar o coração, a pele protuberante sensível às pontas dos dedos, enviando calafrios até suas coxas.

Ele se recostou na cama e deixou-se invadir pela lembrança do cheiro dela. Lírios. O hálito dela contra seu rosto. Seu toque. A mão dele encaminhou-se mais para baixo. Havia resistido àquilo por muito tempo. Até ele e Debbie se separarem. E então ele se viu sozinho. E só conseguia pensar em Gretchen. Todas as vezes que fechava os olhos, lá estava ela, uma presença fantasmagórica, desejando-o, tão linda que o deixava sem fôlego. Até que um dia, finalmente, ele desistiu e, na sua imaginação, a puxou para si, colando-a ao seu corpo. Sabia que era errado. Que estava doente. Que precisava de ajuda. Mas ninguém poderia ajudá-lo. Então qual era a importância? Não era real.

Os comprimidos sorriram para ele da cômoda. Não eram suficientes para matá-lo. Porém, tinha o bastante no banheiro. Ele gostava de pensar naquilo algumas noites. Era um triste consolo.

Susan rangera os dentes a noite inteira. Percebeu isso assim que acordou, pois mal conseguia mover a mandíbula ou abrir a boca, e a sensação nos dentes era de que tinha passado a noite mascando cascalho. Ela manteve uma bolsa de água quente contra o rosto até sentir os músculos doloridos relaxarem e a dor no rosto diminuir. Mas o calor deixara sua cara sensível e curtida.

O dia estava apenas começando a raiar lá fora e a previsão no jornal era uma fileira de sóis amarelos e sorridentes dentro de quadrados de céu azul. E era inegável que um olhar pela janela panorâmica do *loft* revelava fragmentos de azul límpido para além do horizonte de tijolos, vidro, concreto e aço do Pearl District. Nada que impressionasse Susan. As pessoas só gostavam da chuva depois que ela ia embora.

Ela se sentou na cama e ficou olhando os pedestres se acotovelarem com seus copos de café lá embaixo. Deveria estar trabalhando. A próxima matéria era para o dia seguinte. Mas o gravador digital que Archie recuperara ainda estava sobre o criado-mudo e ela ainda não tinha ouvido a gravação do seu encontro com Gretchen Lowell. A idéia de fazê-lo embrulhava um pouco seu estômago.

Claire tocou a campainha exatamente às oito. Estava acompanhada de Anne Boyd.

Apesar da previsão de calor fora de estação, Susan vestia o que considerava serem suas roupas de policial de tevê: calças pretas, blusa preta de botão e um genuíno sobretudo castanho. Nem que fizesse 18 graus ela deixaria de usar aquele sobretudo. Claire, como de hábito, estava vestida como se tivesse acabado de descer uma montanha e Anne usava uma blusa de zebrinha, calças pretas, botas de oncinha e mais uns dez braceletes de ouro apertados em cada punho.

— Adorei suas botas — disse Susan.

— Eu sei — disse Anne. — Elas são lindas.

— É — disse Claire com um suspiro. — Vocês duas vão se dar bem. — Ela apresentou uma à outra e as três mulheres desceram até onde o carro de serviço de Claire, um Chevy Caprice, estava estacionado.

O plano era dar uma conferida na segurança das cinco escolas secundárias públicas da cidade. Muitos pais estavam mantendo as filhas em casa; todos os alunos eram incentivados a não fazer o trajeto de ida e volta a pé, ou então a andarem acompanhados. A cidade inteira estava tensa. A ansiedade era tão palpável que parecia a Susan que as pessoas estavam torcendo para que outra garota fosse seqüestrada logo para poderem assistir no noticiário. Um bom seqüestro seguido de assassinato era um excelente entretenimento, desde que não roubasse o lugar de algo mais interessante na tevê.

Elas foram primeiro à Roosevelt High. Claire estava com um copo de café da cafeteria vizinha ao prédio de Susan, e o aroma de grãos enchia o carro, dando-lhe água na boca. Ela pegou o bloco de anotações e o posicionou no colo. Odiava ir no banco de trás. Ficava se lembrando de quando era criança. Abriu o cinto de segurança para se inclinar para frente, entre o motorista e o carona, e poder fazer melhor as perguntas.

— Nem pensar — ralhou Claire. — Pode ir colocando o cinto.

Susan sentou-se de volta bufando e recolocou o cinto no lugar. Os bancos da frente eram de tecido azul-claro, mas os de trás eram de vinil azul-escuro. Mais fáceis de limpar se alguém que você estivesse transportando começasse a vomitar.

— Esse cara aí — disse ela a Anne —, você acha que ele é maluco, ou o quê?

— Quer minha opinião profissional? — respondeu Anne, olhando pela janela. — Acho que ele pode ter um ou outro problema.

— Ele vai matar outra garota? — perguntou Susan.

Anne se inclinou e virou para encarar Susan com ceticismo.

— Por que pararia?

Roosevelt era uma grande escola de tijolos com colunas brancas, 0,20 hectare de gramado verde e um campanário que a deixava parecida com Monticello.⁸ Havia três radiopatrulhas na frente dela.

— Deveriam ter chamado essa de Jefferson — brincou Susan.

Claire revirou os olhos.

— Vou ver como estão as coisas — anunciou. — Você duas não querem esperar aqui?

Susan, vendo naquilo uma oportunidade de ficar a sós com Anne, a agarrou sem titubear.

— Claro — disse. Tirou o cinto de segurança e curvou-se para o vão entre os bancos da frente, ficando a centímetros de Anne.

Claire saiu do carro e foi andando até uma das radiopatrulhas.

— Mas então você acha que ele trabalha em alguma das escolas? — perguntou Susan.

Anne tirou uma Diet Coke de sua bolsa grande e a abriu. Um pequeno jato de líquido escuro e pegajoso jorrou 5 centímetros para frente.

— Não sei. — Ela olhou feio para Susan. — E não quero ouvir nada sobre a minha Diet Coke. Eu sei. Só tomo uma por dia. Para pegar no tranco de manhã.

— Eu adoro Diet Coke quente — mentiu Susan. Ela prosseguiu. — Então, você gosta de fazer perfis?

— Gosto. — Anne sorriu e deu um gole na Coca. — Geralmente sou boa no que faço. E nenhum dia de trabalho é igual ao outro.

— Como você começou a trabalhar nisso?

— Fiz faculdade de medicina. Queria ser pediatra. Costumava achar pediatras o máximo. Eram sempre os médicos mais legais do hospital. Nada de ego. Não estavam na profissão por dinheiro.

— Então você queria ser pediatra para poder andar com outros pediatras? — perguntou Susan.

Anne riu e seus braceletes tiniram.

— Basicamente, sim. — Ela recostou a cabeça no banco e olhou para Susan, pensativa. — No meu primeiro plantão, diagnosei uma criança com linfoma. Estágio

IV. A menina tinha 7 anos. Totalmente adorável. Uma daquelas crianças com a alma velha, sabe? Fiquei arrasada, a ponto de ir chorar no banheiro. — Anne ficou um instante em silêncio, imersa em pensamentos. Susan podia ouvir o refrigerante chiá. Então ela deu de ombros. — Foi aí que decidi mudar para psiquiatria. A família do meu marido mora na Virgínia. Ele tem um emprego lá, eu precisava arranjar um, e a cidade de Quantico estava interessada em treinar mulheres nas artes ocultas. Acabou que eu não era tão ruim assim na coisa.

— Fazer perfis de assassinos me parece um ramo estranho para se entrar quando se quer fugir da morte.

— Não da morte — disse Anne. Ela lambeu o polegar e o passou por uma pequena mancha de refrigerante em sua calça preta. — Da piedade. — Então olhou pela janela. Um garoto passou voando em um skate e ela se virou para Susan. — As vítimas com as quais lidamos já estão mortas. Nosso trabalho é evitar outras mortes. Pegamos assassinos. E não sentimos pena deles.

Susan pensou em Gretchen Lowell.

— O que leva uma pessoa a fazer esse tipo de coisa?

— Fizeram uma pesquisa com detentos que cumprem pena por arrombamento seguido de furto. Todos responderam à mesma pergunta: “Durante o roubo, você preferiria topar com uma pessoa armada ou com um cachorro?” Sabe o que a maioria respondeu? — Ela girou a lata lentamente na palma da mão. — Uma pessoa armada. O cachorro não hesita. Ele rasga sua garganta no ato. Sem erro. Oitenta por cento das vezes é possível arrancar a arma da mão da pessoa ou simplesmente cair fora. Sabe por quê?

— Porque é difícil atirar em alguém.

Os olhos negros de Anne estavam elétricos.

— Exatamente. E isso não se aplica ao nosso homem. Não acho que ele trabalhe nas escolas. Espero que sim. Porque, se trabalha, nós o pegaremos. Caso contrário, não sei.

— Mas como alguém fica assim?

Ela ergueu a lata como num pequeno brinde.

— Índole, criação. Uma mistura dos dois. Você escolhe.

Susan abraçou os joelhos com as mãos entrelaçadas e se inclinou para mais perto ainda.

— Mas alguém pode deixar você desse jeito, não pode? Como Gretchen Lowell fez. Como ela conseguiu? Como convenceu pessoas a matar por ela?

— Ela é exímia em manipular as pessoas. Muitos psicopatas são. Escolhia homens particularmente vulneráveis.

— E os torturava?

— Não — disse Anne. — Ela usava algo muito mais garantido. Sexo.

Claire apareceu de repente à porta do carro. Seu rosto estava vermelho.

— O desgraçado pegou outra garota na noite passada.

A família de Addy Jackson vivia em uma casa de adobe de dois andares em uma ladeira na esquina de uma rua movimentada no sudeste de Portland. A casa era rosa com um telhado vermelho e parecia deslocada em meio aos casarões e, agora, aos carros de polícia. Susan notou que um helicóptero preto reluzente, com o logotipo do noticiário do canal 12 na lateral, já sobrevoava a área.

Claire subiu de dois em dois os degraus de cimento que escarpavam ladeira acima até a casa, seguida por Anne e depois por Susan. Já estava ficando quente demais para o sobretudo, mas Susan continuou com ele para ter o bloco de anotações à mão em um de seus bolsos fundos. A idéia de se meter em uma tragédia familiar incipiente embrulhava seu estômago, e ela não queria se sentir pior desfilando um bloco de repórter que gritava olá-sou-da-imprensa-e-quero-explorar-vocês. Sou uma jornalista séria, disse a si mesma, esforçando-se para apaziguar a ansiedade crescente. Uma. Jornalista. Séria.

Havia um monte de policiais na casa. Susan viu que Archie estava apoiado em um joelho na sala de estar diante de um casal abatido, sentado de mãos dadas em um pequeno sofá. O casal olhava para Archie como se ele fosse a única pessoa no mundo, como se ele pudesse salvá-los. Susan se lembrou da mãe olhando para o oncologista do seu pai com aquela mesmíssima expressão. Mas aquele caso também tinha sido terminal.

Ela desviou o olhar. A sala era bonita, repleta de móveis coloniais, vitrais e decoração em veludo. Alguém havia retirado e retrabalhado meticulosamente os rodapés de madeira, que contornavam os vãos com prateleiras embutidas e as portas arqueadas. Quando ela voltou a olhar para Archie, ele disse algo aos pais, tocando de leve o braço da mãe, levantou-se e andou até a entrada.

— Ela desapareceu hoje de manhã — disse ele, sua voz pouco mais alta que um sussurro. — Eles a viram pela última vez na noite passada, por volta das dez. A janela do quarto está quebrada. Os pais não ouviram nada. O quarto fica no andar de cima. Nada foi levado, só a garota. Os peritos estão lá agora.

Susan notou que ele estava com uma aparência melhor do que a do dia anterior, mais alerta. Aquilo era um bom sinal. Então se lembrou de Debbie falando sobre como ele dormia bem depois de visitar Gretchen.

— Como ele saberia qual era o quarto dela? — perguntou Claire.

Um policial vestindo colete de perito veio andando e Archie abriu caminho para ele passar.

— As cortinas estavam abertas. Ela estava lá dentro fazendo dever de casa com as luzes acesas. Talvez ele estivesse observando. Ou talvez a conheça.

— Temos certeza de que foi nosso homem? — perguntou Anne, o rosto duro.

— Não combina com ele.

Archie fez sinal para que o acompanhassem até a sala de estar, onde ele retirou uma fotografia emoldurada da parede, voltou e a entregou a Anne. A foto era de uma adolescente com cabelo castanho e olhos grandes.

— Cristo — disse Claire baixinho.

— Por que ele mudaria seu *modus operandi*? — refletiu Anne.

— Estava esperando que você pudesse me dizer — falou Archie.

— Segurança demais nas escolas — sugeriu Anne. — Ele está com medo de não conseguir se aproximar das vítimas. Talvez a tenha seguido até em casa. Mas me parece muito arriscado. Ele está entrando em pânico. No geral, isso é uma boa coisa. Significa que está ficando mais descuidado. Estamos mais perto dele.

Susan inclinou o corpo para trás e olhou da entrada para a sala de estar, onde os pais ainda estavam sentados, imóveis no sofá, um outro detetive empoleirado em uma otomana de frente para eles, bloco de anotações em punho.

— Qual escola ela freqüentava? — perguntou Claire.

Archie jogou a cabeça na direção de Susan.

— A dela.

— Cleveland? — disse Susan, seu estômago encolhendo. Ela soube então, num terrível arroubo de certeza, que Archie tinha interrogado Paul. Não havia dúvida. — Você não está achando?...

— Não foi Reston — disse-lhe Archie. — Ele estava sob vigilância de seis da noite em diante. Não saiu de casa.

O maxilar de Susan voltou a doer. Archie havia colocado Paul sob vigilância, feito dele um suspeito, por conta da sua performance dramática na prisão. Ela se chutou mentalmente por ter aberto sua boca grande. Não deveria ter se deixado abalar por Gretchen. Nunca deveria ter aceitado aquela matéria. Agora não tinha como parar o que havia começado.

— Você está vigiando Paul? Baseado naquilo que contei ontem?

— Ele se enquadra no perfil melhor do que qualquer outro no momento. Exceto pela capacidade de ter sempre um álibi para a hora do crime. — Archie se virou para Claire. — Entre em contato com quem estiver seguindo Evan Kent. Depois ligue para Cleveland. Descubra se alguém apareceu hoje coberto de sangue e usando uma máscara de hóquei. — Ele deu um sorriso fraco. — Ou qualquer coisa fora do normal.

Claire assentiu, puxou o celular do cinto e saiu para fazer as ligações.

Susan lançou outro olhar para Archie.

— Você foi atrás dele — disse ela.

Archie apertou o botão da caneta, fechando-a, e a largou no bolso do paletó.

— Claro, o que você esperava?

— O que ele disse?

— Ele negou.

Susan sentiu seu rosto corar.

— Ótimo — disse ela, a voz falando só um pouquinho. — Ele está se protegendo. Isso é bom. — E então: — Eu disse a você que ele negaria.

— É, você disse.

Claire reapareceu.

— Kent está em casa. Mas Dan McCallum não apareceu hoje na Cleveland. —

Ela olhou de um para o outro. — O que foi?

Archie olhou para o relógio.

— Quanto tempo ele está atrasado? — perguntou ele.

— O sr. McCallum? — disse Susan. — Impossível.

Claire a ignorou.

— A primeira aula dele começou há dez minutos. Ele não telefonou para justificar, simplesmente não apareceu. A escola ligou para a casa dele e ninguém atende.

— Isso me parece suspeito — disse Archie.

Archie bateu à porta do bangalô da década de 1950 de McCallum com tanta força que teve medo de esmagalhar os nós dos dedos. Era uma pequena casa de tijolos de um andar, fincada no meio de um jardim vistoso e obsessivamente bem cuidado. Uma fileira de arbustos de rosas, que começavam a voltar depois de terem sido podados para o inverno, margeava o caminho pavimentado até o grande alpendre de cimento da entrada. A porta, em um solitário toque de personalidade, era pintada de vermelho brilhante. Uma campainha que parecia não funcionar logo depois de a casa ter sido construída estava tapada por um pedaço desgastado de fita isolante. Um *Oregon Herald*, intocado em seu saco plástico, ainda estava na porta da frente.

— Dan? — chamou Archie.

A porta tinha uma janela de vidro grande, mas era cortinada e Archie conseguia ver apenas um talho do interior da casa. Ele fez sinal com dois dedos para os Hardy Boys darem a volta até a porta dos fundos. Henry estava parado alguns passos atrás, nos degraus. Claire estava do lado de Archie. E Susan, usando uma camiseta amarela com as palavras “vamos nessa” estampadas em preto nas costas, conseguiu se enfiar do lado de Claire. Archie gesticulou para Susan se afastar, ao que ela obedeceu. Então sacou a arma e voltou a bater.

— Dan, é a polícia. Abra a porta.

Nada.

Ele mexeu na maçaneta. Trancada. Uma gata cinza apareceu na varanda e se enroscou no meio das pernas de Archie.

— Olá, gracinha — disse ele. Então notou o rastro apagado de patinhas que ela deixara para trás. Ajoelhou-se e olhou para as pegadas, vermelho-claras contra a tinta verde-limo do alpendre.

— É sangue — disse ele a Claire. — Quer fazer as honras?

Ele se levantou e andou para trás enquanto Claire protegia o rosto com o cotovelo e dava uma pancada forte na janela da porta com a coronha da arma. A janela trincou e partiu-se em cinco pedaços que se soltaram da moldura e caíram no chão da casa em uma explosão de vidro despedaçado. No instante em que o vidro foi quebrado, o fedor da morte os alcançou. Todos o reconheceram. Archie estendeu o braço para dentro e destrancou a porta. Escancarou-a e ergueu a arma.

Ele tinha uma Smith and Wesson calibre 38 especial. Preferia revólveres a pistolas automáticas. Eram confiáveis e precisavam de menos cuidados. Archie não gostava de armas. Nunca tivera que usar a sua em serviço. E não queria ter que passar metade do dia à mesa da cozinha limpando-a. Porém, uma calibre 38 não era tão poderosa quanto uma 9mm, e Archie sentiu sua lealdade fraquejar subitamente.

— Dan — chamou ele. — Aqui é a polícia. Você está aí dentro? Estamos entrando.

Nada.

A porta da frente dava para uma sala de estar, que conduzia até uma cozinha. Archie conseguia ver as pegadas da gata seguirem na diagonal pelo piso de linóleo. Ele se virou para Susan.

— Fique aqui — disse em seu melhor tom de ordem. Então assentiu para Claire e Henry. — Estão prontos? — Os dois assentiram de volta.

Ele entrou.

Archie adorava essa parte. Nem todos os remédios que tomava eram páreo para o jorro natural de adrenalina e endorfinas. Seu corpo estava cheio de energia. Seus batimentos cardíacos e respiração ficaram mais rápidos, seus músculos se retesaram; ele nunca esteve tão alerta. Atravessou a casa absorvendo cada detalhe. Uma parede de livros ocupava o outro lado da sala de estar. As prateleiras estavam abarrotadas de volumes e também de outros objetos; velhas canecas de café, papéis e, enfiadas em cada fresta disponível, correspondências ou algo do gênero. Havia quatro poltronas de variados tons de verde e tipos em volta de uma mesinha de centro quadrada coberta de jornais. Desenhos de navios a vela emoldurados estavam pendurados em uma parede, um em cima do outro. Archie atravessou o corredor com as costas contra a parede; Claire o seguia tão de perto que ele conseguia ouvi-la respirar. Henry vinha atrás de Claire. Archie chamou novamente:

— Dan? É a polícia. — Nada.

Ele dobrou a quina da parede, arma erguida, e viu imediatamente a fonte das pegadas de sangue.

Dan McCallum estava morto. Caído com a bochecha colada à mesa de carvalho da cozinha, a cabeça descansando sobre uma poça de sangue grosso. Um braço estava esticado sobre a mesa, o outro estava com o cotovelo dobrado, a arma ainda em punho. Seus olhos abertos encaravam Archie, mas não havia dúvida de que ele havia passado boa parte da noite morto.

— Merda — suspirou Archie. Ele colocou a arma de volta no coldre, entrelaçou os dedos atrás da nuca e andou em um pequeno círculo, instando-se a deixar de lado sua frustração. Se McCallum fosse o assassino, estava acabado. Mas onde estava a garota? Ele voltou para o presente. — Avise aos outros — disse ele a Claire.

Ele podia ouvir Claire ao rádio atrás dele à medida que se aproximava do corpo. Tomando cuidado para não pisar no sangue que empoçara no chão, ele se agachou ao lado do corpo. Archie reconheceu imediatamente a arma na mão de McCallum. Era uma calibre 38. O coração pode continuar bombeando por até dois minutos no caso de um dano cerebral daqueles, o que explicava o sangramento excessivo.

Uma vez Archie encontrou o corpo de um homem que tinha quebrado uma janela de vidro com um soco depois de uma discussão com a esposa. Ele rompeu a artéria do braço e sangrou até a morte porque a mulher tinha saído enfurecida de casa e ele era orgulhoso demais para chamar uma ambulância. O sangue tinha jorrado em um longo arco pela cozinha quando a artéria foi rompida e continuou saindo aos borbotões apesar dos vários panos de prato que ele tentara usar como torniquete. A mulher voltou na manhã seguinte e ligou para o 911. Ao chegar, Archie encontrou o homem morto, caído contra um armário de cozinha. O sangue havia manchado as cortinas amarelas da

cozinha, as paredes brancas e se espalhado por todo o piso. Archie não sabia que um corpo era capaz de produzir tanto sangue. Parecia uma cena de homicídio com serra elétrica.

Outra cozinha. Archie se aproximou para examinar a marca da boca da arma perto dos lábios e um buraco de bala na nuca. Uma calibre 38 atravessaria logo o crânio, enquanto uma 22 ricochetearia por um tempo. Os olhos castanho-claros de McCallum olhavam sem ver, as pupilas dilatadas, as pálpebras esticadas para trás, completamente rígidas. Seu maxilar também tinha se retesado, repuxando a boca numa careta de reprovação. A pele do rosto estava com os hematomas do *livor mortis*, como se ele tivesse deitado a cabeça para descansar depois de uma briga feia. Ele usava calças de moletom vermelhas e o que parecia ser um casaco dos Cleveland Warriors. Seus pés estavam calçados apenas com meias brancas, os dedos molhados de sangue. Não havia caneca de café na mesa.

Archie voltou a olhar para o corpo. Pegadas indicavam o local onde a gata atravessara a mesa deixando um rastro de sangue salpicado de pêlo fino e cinza. O cabelo castanho sobre a têmpora esquerda de McCallum estava grudado na cabeça e úmido onde a gata parecia tê-lo lambido. Pobrezinha. Archie seguiu as pegadas com os olhos da mesa até uma portinhola para gatos na porta dos fundos.

Ele se levantou. Já não era tão fácil quanto antes. Henry tinha aberto a porta dos fundos e os Hardy Boys estavam parados, aguardando, junto com Susan Ward. Esperavam que ele dissesse alguma coisa.

— Virem este lugar do avesso — disse Archie. — Podemos dar a sorte de ela ainda estar aqui. — Mas ele não acreditava naquilo. — E liguem para os protetores dos animais — acrescentou. — Alguém vai ter que tomar conta da gata.

Susan teve a impressão de que todos os policiais da cidade tinham baixado na pequena casa de Dan McCallum. Fitas de isolamento amarelo-canário ziguezagueavam pelo quintal para manter a aglomeração cada vez maior de curiosos à distância. Ao longe, repórteres de TV se posicionavam em frente à ação para darem a notícia ao vivo. Susan estava sentada em um banco de ferro batido no alpendre de McCallum, fumando um cigarro, com o telefone colado à orelha, explicando a situação para Ian, quando eles encontraram a bicicleta de Kristy Mathers.

Um patrulheiro que estava dando busca na garagem a descobriu recostada na parede, escondida sob uma lona azul. Uma bicicleta feminina amarela, com assento em forma de banana e corrente arrebentada. Todos os policiais se juntaram em volta dela coçando as cabeças e com expressões taciturnas, enquanto os fotógrafos da imprensa tiravam fotos com suas máquinas digitais e os vizinhos faziam o mesmo com seus celulares.

Susan pensou em Addy Jackson e em onde ela estaria naquele instante, e seu estômago embrulhou. Com certeza estava morta, com metade do corpo enterrado em alguma margem lamacenta de rio. Charlene Wood, do canal 8, estava em frente à casa, de costas para Susan, transmitindo ao vivo. Susan não conseguia ouvir o que ela dizia, mas podia imaginar as chamadas dramáticas e piegas e a histeria dos noticiários locais. Nos últimos tempos, Susan vinha achando o estado da humanidade uma coisa desoladora.

Algum tempo depois, Archie deixou o círculo de policiais e foi até onde Susan estava sentada.

— Você não vai cobrir isso? — perguntou ele, sentando-se do lado dela no banco.

Ela balançou a cabeça.

— É notícia. Eles querem um repórter. Vão mandar Parker para cá. — Ela dobrou os joelhos, os levantou até o peito, abraçando as pernas com os braços, e deu uma tragada no cigarro. — Então ele se matou?

— Parece que sim.

— Não vi bilhete nenhum.

— A maioria dos suicidas não deixa bilhetes — disse Archie. — Você ficaria surpresa.

— É mesmo?

Archie esfregou a nuca com uma das mãos e olhou para o quintal da frente.

— Acho que é difícil saber o que dizer.

— Eu encontrei com ele um dia desses — disse Susan com tristeza. — Na Cleveland.

Archie ergueu as sobranceiras.

— Ele disse alguma coisa?

— Só conversa fiada — disse Susan, batendo a cinza do cigarro no lado do alpendre.

— Você está jogando cinza de cigarro na minha cena do crime — disse Archie.

— Ah, merda — disse Susan. — Desculpe. — Ela apagou o cigarro em um pedaço de papel do bloco de anotações, o dobrou com cuidado e guardou o embrulho na bolsa. Sabia que Archie a estava olhando, mas não conseguia se forçar a encará-lo. Em vez disso olhou para as mãos. A pele em volta do pequeno corte no dedo, de quando tinha quebrado a taça de vinho, estava vermelha, como se estivesse infeccionando. — Não quer me perguntar?

— O quê? — disse Archie.

Ela levou o dedo à boca e o chupou por um instante, sentindo um gosto fugaz de pele salgada e sangue seco metálico.

— Se aconteceu de verdade?

Ele balançou a cabeça, um movimento discreto, quase imperceptível.

— Não.

Naturalmente. Ele seria um cavalheiro sobre aquele assunto. Susan desejou não ter apagado o cigarro. Queria ter algo para fazer com as mãos. Decidiu brincar com o cinto do sobretudo.

— McCallum foi técnico da minha equipe da Gincana do Conhecimento. Desisti um dia antes da competição estadual. Eu era a única que era boa em geografia.

Archie hesitou.

— Quanto a Reston, vou ter que informar a escola. Ele, no mínimo, não deveria estar lecionando.

Susan criou coragem e disse:

— Eu menti. Inventei tudo.

Archie fechou os olhos com tristeza.

— Susan, não faça isso.

— Por favor, esqueça — implorou Susan. — Já estou me sentindo tão idiota. Sou uma imbecil quando se trata de homens. — Ela olhou Archie nos olhos. — Eu era apaixonada por ele. E inventei o nosso caso. Queria que acontecesse. Mas não aconteceu. — Ela fixou o olhar no dele, suplicante. — Então esqueça, ok? Sério. Sou maluca. Você não faz idéia.

Ele balançou a cabeça.

— Susan...

— Eu inventei tudo — repetiu ela.

Archie ficou imóvel.

— Archie — disse ela, escolhendo as palavras. — Por favor, acredite em mim. Foi tudo invenção. Sou uma mentirosa. — Deu ênfase à palavra, marcando cada sílaba, querendo deixar claro para ele. — Sempre fui uma mentirosa.

Ele assentiu lentamente.

— Ok.

Ela havia estragado tudo. Com louvor. Como sempre.

— Não se sinta mal. Sou um caso perdido. — Ela tentou sorrir para Archie, mas sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Ela os revirou e riu. — Minha mãe acha

que eu só preciso encontrar um bom rapaz que tenha um carro híbrido.

Archie pareceu levar aquilo em consideração.

— Ter um carro econômico é uma qualidade importante em um parceiro em potencial. — Ele sorriu timidamente para Susan e então voltou a olhar para o quintal, onde Charlene Wood tinha acabado de terminar sua entrada ao vivo. — Tenho que voltar ao trabalho, mas vou arranjar alguém para te dar uma carona até em casa.

— Não precisa. Liguei para Ian.

Archie se levantou e então virou novamente para Susan.

— Tem certeza de que está bem?

Ela apertou os olhos para o céu azul.

— Você acha que esse sol vai dar trégua?

— Vai chover — disse Archie. — Sempre chove.

Archie estava no quintal dos fundos com Henry e Anne quando o prefeito chegou com meia página de anotações manuscritas, preparado para uma coletiva. Como no quintal da frente, a grama ali estava aparada rente ao solo. Era preciso muito empenho para manter um gramado tão bem cuidado durante a estação de chuvas. Havia um barraco de alumínio pré-fabricado no canto mais afastado cujo conteúdo havia sido retirado pela polícia e empilhado em volta dele. Uma cerca de madeira com a parte de cima treliçada demarcava a propriedade. Archie estava olhando para o prefeito quando ele o viu e veio em sua direção. Ele usava terno e gravata pretos e seu cabelo grisalho estava colado à cabeça. Buddy sempre conseguia combinar terno e gravata. As primeiras palavras a saírem da boca do prefeito quando ele alcançou Archie foram:

— Esse é o cara?

— Parece que sim — disse Archie.

Buddy tirou um par de óculos escuros Ray-Ban do bolso interno do paletó e os colocou.

— Onde está a garota?

Archie olhou para Anne.

— No rio, provavelmente.

— Merda — disse baixinho o prefeito. Respirou fundo e assentiu algumas vezes, como se estivesse recebendo conselhos que só ele pudesse ouvir. — Ok. Então vamos nos concentrar no fato de que ele já não está à solta. — Ele olhou para Archie por sobre os óculos escuros. — Você está péssimo, Archie. Por que não joga uma água no rosto antes de começarmos?

Archie forçou um sorriso.

— Claro. — Ele lançou um olhar irônico para Henry e Anne e voltou para o interior da casa.

Uma voz falou de dentro da cozinha de McCallum:

— Você é Sheridan?

Archie teve que parar e dar algumas respiradas lentas para se acostumar ao cheiro de podre.

— Sou — disse.

Um jovem negro com *dreads* na altura dos ombros e traje de proteção sobre as roupas comuns estava sentado no balcão da cozinha balançando as pernas e escrevendo em uma prancheta.

— Sou Lorenzo Robbins.

— Você é da perícia?

— Isso aí — disse ele. — Olha, cara, eu só queria te dizer que tem alguns

problemas com o seu morto.

— Alguns problemas? — perguntou Archie.

Robbins deu de ombros e escreveu alguma coisa na prancheta.

— A .38 não é uma arma pequena — disse Lorenzo.

— Certo — falou Archie lentamente.

— Ela dá um coice. Com esse tipo de dano no sistema nervoso central, o normal é acontecer uma destas coisas: ou a arma voa alguns metros para longe, ou o cara sofre um espasmo cadavérico e a mão dele enrijece em volta da arma. — Ele estendeu um punho fechado com luva de látex para demonstrar.

Archie se virou e olhou para McCallum, ainda com a cabeça caída na mesa. A arma não estava mais lá, já havia sido ensacada.

— Ele aperta a mão ao morrer.

Robbins deixou a mão cair.

— Isso. Se o cadáver estiver fresco, dá pra notar. A mão fica dura. O corpo não. Mas quando cheguei aqui o cadáver já estava todo rígido. Talvez um espasmo cadavérico tenha mantido a arma na mão dele. É possível. Só que isso é raro de acontecer. A gente vê mais nos filmes.

— E o que isso significa?

— Talvez nada — disse Robbins. Ele voltou a escrever na prancheta. — A marca da boca da arma está clara, então o revólver com certeza estava contra a pele quando foi disparado. — Ele escreveu mais alguma coisa. — Mas não tinha pólvora na mão dele. Tinha na arma. Mas não na mão.

Archie estendeu o braço e arrancou a caneta da mão de Robbins.

— Você está dizendo que não foi suicídio? Que alguém deu o tiro e colocou a arma na mão dele?

— Não — disse Robbins. Ele olhou primeiro para a caneta na mão de Archie, e depois para ele. — Estou dizendo que esse tipo de rigidez é bem raro e que ele não tinha pólvora na mão. Provavelmente foi suicídio. Vamos abri-lo e dar uma olhada. Só estou dando uma palhinha. Para deixar as coisas mais emocionantes.

— Cacete — murmurou Archie, jogando a cabeça para trás com desânimo. O teto era branco. Havia uma única luminária redonda no meio da cozinha. A luz estava apagada. — Você apagou a luz? — perguntou Archie.

Robbins olhou para a luminária.

— Está parecendo que esse é o meu primeiro dia? Porque não é.

Archie deu meia-volta e colocou a cabeça para fora da porta dos fundos.

— Alguém apagou a luz daqui de dentro? — gritou. Os policiais no quintal dos fundos trocaram olhares. Ninguém se habilitou.

Ele fechou a porta e voltou a encarar Robbins.

— Então, se aceitarmos a premissa de que ninguém fez merda e apagou a luz...

Robbins tirou sua caneta da mão de Archie e a prendeu casualmente atrás da prancheta.

— É bem provável que ele não tenha se matado no escuro. O sol se põe umas seis da tarde. Isso indica que teria sido antes. — Robbins baixou os olhos para o cadáver. — Mas não muito. — Ele sorriu. A pele escura deixava seus dentes especialmente brancos. — Ou talvez uma das dezenas de policiais que passaram por aqui apagou a luz.

Archie sentiu o gosto amargo da bile queimando em sua boca. Addy Jackson tinha ido dormir às dez.

— Você está bem? — perguntou Robbins.

— Estou ótimo — disse Archie. — Nunca estive melhor. — Ele achou um antiácido solto no bolso e o colocou na boca. O gosto doce e farinhento foi vencido pelo cheiro de carne em decomposição.

— Qual é a sensação? — pergunta Archie. A codeína melhorou as coisas. Ele está quase inconsciente agora. As feridas no seu abdome estão vermelhas e endurecidas pelos fluidos. Ele consegue sentir a ardência das infecções, mas não se importa. Não se importa nem mesmo com o cheiro forte de decomposição que empestia tudo. Suor gruda em sua pele viscosa e seus membros jazem sem vida, porém parece-lhe que seu corpo está relaxado e aquecido; seu sangue, gelatinoso. Lá está Archie. E lá está Gretchen. E lá está o porão. É como se estivesse na sala de espera da morte. Então ele puxa conversa.

Gretchen senta-se na sua cadeira próxima à cama, a mão pousada na dele.

— Você estava lá quando seus filhos nasceram?

— Estava.

Ela fica com o olhar distante enquanto tenta articular seus pensamentos.

— Imagino que seja igual. Intenso, bonito e cruel. — Ela se aproxima de Archie até ele sentir seu hálito contra o rosto, e então cola os lábios à orelha dele. — Você acha que os escolhi aleatoriamente. Mas não. Sempre havia uma química. Eu sentia logo de cara. — O hálito dela faz cócegas no lóbulo de sua orelha; suas mãos apertam as dele. — Uma ligação física. Uma faísca mortal. — Ela vira o rosto e olha para suas mãos dadas, o punho dele ainda preso pelas amarras de couro. — Como se eles quisessem. Eu os arrancaria do universo. Teria as vidas deles nas minhas mãos. O que mais me impressiona é o fato de as pessoas acordarem, irem para o trabalho, voltarem para casa e nunca matarem ninguém. Sinto pena delas, porque elas não estão vivas. Nunca vão saber o que é ser humano.

— Por que você usou os homens?

Gretchen o encara, flertando com ele.

— Era melhor quando meus amantes faziam. Eu gostava de vê-los matar para mim.

— Porque assim você tinha poder sobre duas pessoas.

— Isso.

Archie deixa seus olhos descerem para o cadáver no chão. Não consegue ver a cabeça de onde está, apenas uma das mãos, cuja carne tinha observado escurecer e inchar até ficar irreconhecível, um pássaro morto saindo da manga.

— Quem é esse no chão? — pergunta Archie.

Ela olha para o cadáver com desinteresse.

— Daniel, eu o achei na Internet.

— Por que o matou?

— Já não precisava mais dele — diz ela, correndo delicadamente um dedo pelo antebraço de Archie. — Eu tinha você. Você é especial, querido. Não entende isso?

— Número duzentos. O bicentenário.

— É mais do que isso.

Ele começa a achar que a compreende. Como se quanto mais se afastasse de sua vida, mais Gretchen se revelasse para ele. Teria nascido ou ficado daquele jeito?

— Quem fez você beber diabo verde, Gretchen?

Ela ri, mas seu divertimento não convence.

— Meu pai? É essa a resposta?

— Faça você se lembrar dele? — pergunta Archie.

Ele tem a impressão de vê-la se retrair.

— Sim.

— Acabe com isso — tenta ele inutilmente. — Chame ajuda.

A mão dela se agita no ar por um instante.

— Não sou desse jeito por causa dele. Não sou uma pessoa violenta.

— Eu sei — diz Archie. — Você precisa de ajuda.

Ela pega o bisturi ainda manchado de sangue da bandeja e segura-o contra o peito dele. Então começa a talhar. Ele mal consegue sentir. A lâmina é afiada e ela não corta fundo. Ele fica observando sua pele machucada e feia se abrir sob a lâmina, o sangue imóvel por um instante, oxigenando-se, antes de jorrar vermelho vivo da ferida. Essa é a principal sensação: o sangue correndo pelos lados de seu corpo, deixando sulcos rubros que se empoçam sob o tórax no lençol encharcado de suor. Ele a observa desenhar em sua pele com a sobancelha pequena franzida de concentração.

— Pronto — diz ela finalmente. — Um coração.

— Para quem é isso? — pergunta ele. — Pensei que você fosse enterrar meu corpo. Deixá-los na dúvida.

— É para você — diz Gretchen com animação. — Para você, querido. É o meu coração. — Ela olha com tristeza para o abdome inchado de Archie. — É claro que vai infeccionar. A culpa é de Daniel. O corpo dele contaminou tudo. Não tenho os antibióticos adequados para uma infecção por estafilococos. Os que estou aplicando em você vão retardá-la. Mas não tenho nada potente o bastante para acabar com ela.

Archie sorri.

— Você está preocupada comigo?

Ela assente.

— Você tem que lutar contra a infecção. Precisa continuar vivo.

— Para você poder me matar com diabo verde.

— Sim.

— Você é louca.

— Não sou louca — insiste ela, sua voz um fiapo de desespero. — Sou muito lúcida. E se você morrer antes de eu deixar, vou matar suas crianças, querido. Ben e Sara. — Ela segura o bisturi com tranquilidade, como se fosse uma extensão de seu corpo, um outro dedo. — Ben está no jardim-de-infância na escola fundamental Clark. Vou fatiá-lo. Você vai fazer o que eu digo. E ficar vivo até eu mandar. Entendido?

Ele assente.

— Diga.

— Sim.

— Não quero ser má — diz ela, sua expressão abrandando. — Só estou preocupada.

— Ok — responde ele.

— Pergunte-me qualquer coisa. Vou contar tudo que quiser saber sobre os assassinatos.

A garganta e o abdome dele latejam. Engolir a saliva se tornou uma tarefa excruciante.

— Não me interessa mais, Gretchen.

Ela balbucia. Quase parece ficar um pouco magoada.

— Você é o chefe da minha força-tarefa. Não quer ouvir minha confissão?

Archie olha para além dela, para o teto: os canos, os dutos, as lâmpadas fluorescentes.

— Estou tentando combater minha infecção.

— Você quer assistir ao noticiário? Posso descer uma televisão.

— Não. — A idéia de ver sua viúva no jornal da tevê o enche de horror.

— Ora. Vai ter uma vigília para você hoje. Vai te animar.

— Não. — Ele busca algo em sua mente para distraí-la. — Deixe-me beber o diabo verde. — Lança um olhar suplicante para ela. Sem fingimento. — Por favor. — Ele está tão cansado. — Eu quero.

— Você quer? — Ela sorri com satisfação.

— Quero beber o diabo verde — diz Archie enfaticamente. — Dê para mim.

Ela se levanta e vai prepará-lo, cantarolando baixinho. A névoa de codeína o deixa distante de tudo. É como se visse tudo acontecer em um espelho retrovisor. Quando ela volta, eles repetem o exercício do dia anterior. Daquela vez, a dor é mais intensa e Archie vomita na cama.

— É sangue — observa Gretchen, satisfeita. — O veneno está corroendo seu esôfago.

Ótimo, pensa Archie. Ótimo.

Ele está morrendo. Gretchen o colocou na solução de morfina, pois Archie não consegue mais manter os comprimidos no estômago. Ele está tossindo sangue. Já não se lembra da última vez em que ela saiu do seu lado. Fica sentada lá, segurando uma toalha branca no seu rosto para apanhar o sangue quando ele tosse, a saliva que ele não consegue engolir. Consegue sentir o cheiro do cadáver e ouvir a voz dela, e só. Não há outra sensação. Nenhuma dor. Nenhum gosto. Sua visão se limita a um círculo de poucos metros em volta da cabeça. Sente quando é tocado por ela, o cabelo loiro, a mão, o antebraço nu. Já não há mais lírios.

Gretchen coloca o rosto perto do dele e vira com cuidado sua cabeça, para que ele possa vê-la, o rosto dela brilhando e se retorcendo na luz.

— Está na hora de novo — diz ela.

Ele pisca devagar. Está banhado em uma escuridão suave, espessa e quente. Nem registra o que ela disse até sentir a colher em sua boca. Desta vez, não consegue engolir o veneno. Ela derrama água em sua garganta depois, mas ele engasga e vomita todo o líquido. Seu corpo inteiro entra em convulsão, enviando uma massa negra de dor da virilha até os ombros. Ele luta por oxigênio e a agitação força sua consciência de volta ao corpo, fazendo todos os seus sentidos se reavivarem horivelmente. Ele grita.

Gretchen segura a cabeça dele contra a cama, apertando a testa com força contra

sua bochecha. Ele se dobra contra a mão dela, gritando o mais alto possível, deixando toda a dor e medo irromperem de seu corpo pelos pulmões. O esforço rasga sua garganta e os gritos se tornam engasgos, e os engasgos, espasmos secos. Quando sua respiração volta ao normal, Gretchen ergue os olhos e começa a limpar lentamente o suor, o sangue e as lágrimas do rosto dele.

— Desculpe — arfa ele estupidamente.

Ela se senta, encarando-o por um instante, e então se levanta e afasta-se. Quando volta, está segurando uma agulha hipodérmica.

— Acho que você está pronto agora — diz ela. Gretchen ergue a agulha para que ele a veja. — É Digitalis. Vai parar seu coração. E você vai morrer. — Ela toca seu rosto com ternura com as costas da mão. — Não se preocupe. Ficarei com você até o fim.

Ele se sente aliviado. Observa Gretchen injetar o Digitalis no tubo intravenoso e sentar-se diante do seu leito de morte, uma das mãos descansando suavemente nos nós pálidos dos dedos dele, a outra em sua testa.

Ele não pensa em Debbie, Ben, Sara, no detetive Archie Sheridan ou na Força-Tarefa Beleza Mortal. Concentra-se apenas nela. Só existe Gretchen. O único fio que o sustenta. Se conseguir se concentrar, ele pensa, não sentirá medo. Seus batimentos cardíacos aceleram, ficando cada vez mais rápidos até ele perder qualquer noção de ritmo; tão estranho e errado que nem parece mais seu coração. Apenas alguém batendo em pânico, desesperado, em uma porta distante. O rosto de Gretchen é a última coisa que ele vê quando a dor repentina o agarra pelo peito e pescoço. A pressão aumenta. Então uma queimação ofuscante, pungente e branca e, enfim, paz.

Ian estacionou em uma vaga em frente ao prédio de Susan. Susan tirou um pêlo amarelo de cachorro das calças pretas, sentindo-o entre os dedos por um instante antes de soltá-lo no tapete do carro. O Subaru de Ian cheirava a produtos de limpeza e ao Welsh Corgi de sua mulher. Jovens descolados de vinte e poucos anos estavam à toa em frente ao café da esquina, fumando cigarros e folheando jornais alternativos. Eles trabalhavam como garçons, em galerias de arte ou eram desempregados e sempre pareciam ter bastante tempo livre. Susan os invejava. Eram como uma maravilhosa panelinha de colégio na qual ela não podia entrar por conta de sua reputação. Ela ergueu os olhos para o velho prédio da cervejaria com suas janelas grandes como bocas abrindo-se em um bocejo. A fachada de pedra parecia envergonhada pela quantidade de vidro e aço que a cercava.

— Você quer subir? — ela perguntou a Ian.

Ian fez cara de desculpa.

— Tenho que dar uma olhada em algumas matérias.

— Mais tarde? — perguntou Susan, tomando cuidado para não deixar a carência transparecer em sua voz.

— Sharon vai dar um jantar hoje — explicou Ian. — Tenho que sair do trabalho direto para casa. Ela está preparando algo com acelga refogada. E pediu que eu comprasse queijo.

— Acelga refogada e queijo? Parece importante.

— Amanhã? — perguntou Ian.

— Esqueça.

— Não — disse Ian, sem jeito. — Quero dizer, você vai me entregar a matéria amanhã, certo? A próxima parte?

Susan tirou outro pêlo de cachorro da calça e o jogou no tapete.

— Ah, sim. Claro.

— Até meio-dia, ok? Sério.

— Sem problema — disse Susan. Então saiu do carro e entrou no prédio.

Archie saiu da casa, voltando para o quintal dos fundos. O prefeito tinha ido embora, provavelmente para se preparar para a coletiva em algum lugar menos agitado. Os Hardy Boys estavam parados com as mãos na cintura em frente à porta da garagem, e Anne estava com Claire perto do barraco. Archie viu Henry surgir de dentro da garagem com a gata cinza de McCallum nos braços e o chamou com um gesto.

— Eles já tiraram as impressões digitais da bicicleta? — perguntou Archie.

A gata aninhou a cabeça sob o queixo de Henry e ronronou.

— Já. Ela está limpa.

— Totalmente? — perguntou Archie.

— Sim — disse Henry. A gata olhou com desconfiança para Archie. — Limpinha. Nenhuma impressão digital.

Archie mordeu o lábio inferior e ficou parado com as mãos na cintura, de frente para a casa. Não fazia sentido. Por que se dar o trabalho de limpar a bicicleta e depois guardá-la? Se você está preocupado em apagar as pistas, por que guardar aquilo que o levou ao suicídio?

— E por que você acha que ele faria isso? — refletiu Archie em voz alta.

Henry deu de ombros.

— Porque é obcecado por limpeza?

— Eles tiraram as impressões da arma?

— Ainda não. — Henry coçou a cabeça da gata distraidamente. — Vão fazer isso lá no laboratório, depois de limparem a massa encefálica.

— Boa idéia — disse Archie.

A gata se pôs a lamber o pescoço de Henry.

— Ligou para os protetores dos animais? — perguntou ele esperançosamente.

— Não.

Archie saiu da varanda dos fundos e foi andando até onde Anne e Claire estavam, perto do barraco no canto do quintal. Duas crianças pequenas, pouco se importando com o tumulto de policiais, helicópteros e vans da imprensa, perseguiam-se em círculos do outro lado da cerca. A mãe estava parada no meio do quintal, com os braços cruzados, assistindo ao show. Será que ele estava maluco de pensar que McCallum não era o assassino? Anne e Claire estavam no meio de uma conversa, mas Archie não tinha tempo para amenidades. Ele precisava do talento de Anne. E sabia que ela ainda precisava se sentir útil para ele.

— McCallum se enquadra no perfil? — perguntou ele.

Claire e Anne pararam de falar, surpreendidas pela interrupção. Os olhos de Claire se arregalaram. Anne retraiu um pouco o queixo, então entortou a cabeça e disse:

— Sim.

Ela se interrompeu, as linhas em volta de seus olhos ficando mais fundas, e disse:

— Mas só que não exatamente.

— Não exatamente? — repetiu Archie.

Ela fez um gesto desamparado.

— Se você fosse uma garota de 15 anos e Dan McCallum oferecesse uma coroa, você aceitaria? Ele parecia um sapo. Não era lá muito querido. E como ele conhecia as garotas das outras escolas?

Archie pensou no faxineiro bonito, Evan Kent.

— Deus do céu — disse Claire. — Você está achando que não foi suicídio.

Todos se entreolharam, esperando.

Archie viu com o rabo do olho a gata cinza cruzar o quintal.

Ela ergueu as sobrancelhas, como se quisesse se explicar.

— Não sei — disse. — Não sei. — Então viu Mike Flannigan e o chamou para junto deles. Ele mandara os Hardy Boys pararem de vigiar Reston quando acharam o corpo de McCallum. Naquele momento, Archie se arrependia amargamente disso. — Mais alguém não apareceu na Cleveland hoje? — perguntou a Flannigan.

Flannigan estava mascando um chiclete fresco e cheirava como se tivesse chupado

uma bisnaga inteira de pasta de dente sabor hortelã. Era algo que se aprendia na Academia: mascar chiclete para enganar o cheiro da morte.

— Não — disse Flannigan. — Mas aquele faxineiro que você mandou Josh ficar vigiando acabou de pegar um trem para Seattle com uma mochila e um estojo de guitarra. E tem mais uma coisa meio estranha. — Ele jogou o polegar na direção da casa. — Fizemos uma busca na casa e, para um professor impopular, ele se amarrava nos alunos.

— O que você quer dizer? — perguntou Archie.

Flannigan desembalou outro chiclete e o colocou na boca.

— Em uma das estantes da sala, ele tem todos os livros do ano dos últimos vinte anos — disse Flannigan. Ele fungou e mascou o chiclete. — Isso é bastante lembrança para um cara que supostamente odiava o emprego que tinha.

Archie ergueu uma sobrancelha interrogatória para Anne. Ela franziu um pouco o cenho e se virou para Flannigan.

— Mostre para mim — disse.

Archie passou a mão pela boca.

— Depois disso — falou —, quero que você e Jeff voltem a vigiar Paul Reston.

As sobrancelhas de Flannigan saltaram.

— E quanto ao Kent? — perguntou.

— Não é Kent — respondeu Archie.

— Por que não? — perguntou novamente Flannigan.

— Porque eu estou dizendo.

Flannigan girou o chiclete com a língua.

— Ficamos em cima dele das seis da noite de ontem até as nove e meia da manhã de hoje — insistiu ele. — Estou falando, Reston não saiu de casa ontem. Não pode ter pegado a garota.

Archie suspirou.

— Só para me agradar.

— A gente não faz outra coisa — murmurou Flannigan, afastando-se com Anne.

— Ouvi isso — falou Archie enquanto ele ia embora.

Archie andou até onde o prefeito confabulava com um assistente.

— Acho que você deveria cancelar a entrevista coletiva — interrompeu Archie.

O prefeito empalideceu a olhos vistos.

— Ah, é? E se eu disser que não?

— Isso vai parecer loucura que estou me sentindo extremamente racional neste momento. Mas tenho minhas dúvidas de que McCallum seja o assassino.

— Diga-me que você está brincando — rebateu o prefeito, reforçando a afirmação ao tirar dramaticamente os óculos escuros.

— Acho que existe uma grande chance de isso aqui ser uma armação.

O assistente estava olhando em volta aflito. O terno dele era barato e brilhava sob o sol.

O prefeito se inclinou para perto de Archie e sussurrou com aflição.

— Não posso cancelar a coletiva. A história já está na rua. Um professor está

morto. Com a bicicleta de uma menina morta na garagem. Estão transmitindo ao vivo. Está na tevê. — Ele enfatizou com agonia a palavra “tevê”.

— Então não se comprometa — disse Archie.

As veias do pescoço do prefeito se engrossaram e saltaram.

— Como assim?

Archie estendeu o braço e deu uma batidinha no capô do Ford Escort prateado que estava parado na entrada para carros, bem em frente à garagem.

— Esse carro não é grande o suficiente — disse ele ao prefeito. — Como ele conseguiria enfiar a bicicleta e a garota em um carro assim, hein?

O prefeito começou a esfregar algum objeto imaginário entre os dedos.

— E o que eu vou falar?

— Você é um político, Buddy. Sempre foi. Vai arranjar um jeito de dizer a eles que não sabemos o que está acontecendo nesta porra de uma maneira que pareça que sabemos o que está acontecendo nesta porra. — Archie apertou o braço do prefeito como se dissesse “Sei que você vai conseguir” e se afastou.

Susan se sentou no sofá com seu laptop e uma taça de vinho tinto e começou a escrever sobre Gretchen Lowell. Para ela, a história do Estrangulador das Escolas tinha acabado com o suicídio de Dan McCallum. Estava certa de que eles encontrariam o corpo de Addy Jackson em algum lugar. Ele a matara e desovara como tinha feito com as outras, e a menina estava na lama esperando ser descoberta por algum *jogger* azarado ou grupo de escoteiros. A imagem do corpo enterrado pela metade de Addy lampejou em sua mente e ela sentiu as lágrimas queimarem os seus olhos. Merda. Não deixaria aquilo afetá-la, não naquela hora. Apagou a imagem, mas ela foi substituída pelo corpo trucidado de Kristy Mathers, retorcido na areia escura da Sauvie Island. E então pelos pais de Addy e como os dois haviam olhado para Archie com tanto desespero e esperança, querendo que ele salvasse a filha deles, que os salvasse. E, depois, pelo seu próprio pai.

O celular dela saltou e vibrou na mesinha de café. O identificador de chamadas dizia: “Número desconhecido.” Ela pegou o telefone e o levou à orelha.

— Alô?

— Meu nome é Molly Palmer.

— Puta merda — disse Susan.

Houve uma pausa.

— Olhe. Só estou ligando para dizer que não quero falar com você. Não tenho nada a dizer.

— A culpa não foi sua — apressou-se a dizer Susan. — Ele era um adulto. Não tem desculpa.

Ouviu-se uma risada amarga.

— Sei. — Outra pausa. — Ele me ensinou a jogar tênis. Pode colocar isso no artigo que está escrevendo. É a única coisa boa que tenho a dizer sobre ele.

Susan tentou controlar o desespero em sua voz. Molly era a matéria. Se conseguisse fazê-la falar, o jornal teria que publicá-la; caso contrário, ela não teria nada e o senador sairia daquilo imaculado.

— Desabafe comigo, Molly — implorou Susan. — Caso contrário, isso vai te comer por dentro. Vai envenenar tudo. — Ela torceu uma mecha de cabelo com um dedo até machucar. — Acredite em mim.

— Veja só — disse Molly, a voz embargando. — Faça-me um favor, sim? Não ligue mais para Ethan. Ele está começando a ficar assustado com essa história toda. Não mantenha contato com muita gente daquela época. E não quero perdê-lo também.

— Por favor — disse Susan.

— Isso já está morto e enterrado — disse Molly. E desligou.

Morto e enterrado. E sem Molly continuaria daquele jeito. Susan fechou os

olhos com força, frustrada. Ian poderia ter feito Molly vir a público. Parker também. Susan estava com ela na palma da mão e a perdeu. Ela baixou o telefone, respirou fundo, limpou o nariz e os olhos com as costas da mão, e serviu-se de um pouco mais de vinho. Não havia nada mais tranquilizador do que uma taça de vinho cheia.

Ela pensou em ligar para Ethan novamente. Era óbvio que ele tinha passado as mensagens para Molly. Mas lembrou-se da dor na voz de Molly e em como ela queria ser deixada em paz e esquecer o passado.

Será que isso era tão errado assim?

Foda-se. Ela pegou o telefone e discou o número de Ethan. Correio de voz. Pode uma coisa dessas?

— Olá — disse ela. — Sou eu. Susan Ward. De novo. Ouça. Acabei de falar ao telefone com Molly e quero que você diga a ela que eu entendo. Tive um caso... — ela se conteve — ou algo assim, com meu professor aos 15 anos. E passei muito tempo tentando justificar isso. Mas sabe de uma coisa, Ethan? Não é justificável. Simplesmente não é. Então diga isso a Molly. Ela vai entender. E eu não vou ligar novamente. — A quem ela estava enganando. — Pelo menos não por alguns dias.

Ela largou o telefone de volta na mesa e passou o laptop para o colo. Estava em cima do prazo e aquela matéria era sobre Gretchen Lowell; Gretchen, que era muito esperta; Gretchen, que fez o sangue de Susan ferver. Ela estava convencida de que, se conseguisse colocar Gretchen no papel, poderia de alguma forma compreender Archie, McCallum e todo o resto. Consequia sentir a matéria, enevoada e amorfa, junto com ela na sala. Só precisava juntá-la e moldá-la. Bebeu um longo gole do vinho. Era do estoque do Grande Escritor, que ela encontrou escondido atrás do armário sob uma pilha de exemplares encalhados do último romance dele. Susan disse a si mesma que ele não se importaria. Era uma circunstância especial. O vinho era aromático e deixava pernas na taça. Ela o segurou na língua, saboreando seu calor antes de engolir.

Quando Susan ouviu a batida na porta, seu primeiro pensamento foi que poderia ser Bliss. Ela havia ligado para a mãe quando chegou em casa; Bliss, que era a única pessoa no mundo sem celular ou correio de voz. Susan deixou uma mensagem desesperada na secretária eletrônica, que só gravava quando queria, e na maioria das vezes tocava as mensagens em uma rotação esquisita e lenta que fazia Bliss se contorcer de raiva. Então, quando ouviu a batida na porta, Susan fantasiou brevemente que sua mãe tinha ouvido a mensagem, largado tudo e vindo correndo para ver se ela estava bem. Mas sabia que aquela era uma hipótese absurda. Passara muito tempo cuidando de Bliss quando estava crescendo; no entanto, fiel ao seu compromisso de tratar Susan como adulta, Bliss quase nunca tomara conta dela. Além do mais, sua mãe se recusava a comprar um carro e teria que pegar dois ônibus para chegar ao Pearl. Não, decidiu Susan. Era Ian. A idéia a fez sorrir e ela se permitiu uma presunção encorajadora de que ele, no fim das contas, não pôde resistir aos seus encantos femininos. Eram poderosos, seus encantos. Sim. Não havia a menor dúvida de que era Ian.

Ele voltou a bater.

Ela se levantou e andou de meias até a porta, parando para conferir seu reflexo em um velho espelho emoldurado no caminho. O Grande Escritor tinha dito que ele era de um brechó de Paris, mas ela vira um igual na Pottery Barn. Gretchen Lowell tinha razão. Um vinco estava se formando entre seus olhos e ela não gostava nem um pouco daquilo. Teria envelhecido no decorrer da última semana? Ela deixou a taça de vinho na

mesa em frente ao espelho e apertou o polegar contra a ofensiva ruga até a testa relaxar, então puxou algumas mechas de cabelo rosa e as prendeu atrás das orelhas pequenas. Pronto. Muniu-se do seu mais estonteante sorriso e abriu a porta. Mas não era Ian.

Era Paul Reston.

Já fazia dez anos. Ele agora tinha uns 45, o cabelo castanho-claro estava mais ralo e recuara um pouco nas têmporas, e sua barriga amolecera. Parecia mais velho, de certa forma. As costas mais ossudas, os ângulos do rosto mais pronunciados. Trocara a antiga armação retangular de plástico vermelho dos óculos de que Susan se lembrava por uma metálica e oval. Susan ficou surpresa ao ver que ele não era mais aquele professor jovem e atraente das suas recordações. Será que tinha sido um dia?

— Paul — disse Susan, pasma. — O que você está fazendo aqui?

— Que bom te ver — disse ele. — Você está ótima. — Sorriu com ternura e abriu os braços para abraçá-la; ela deu um passo à frente e ele a envolveu. O cheiro dele era igual ao do auditório da Cleveland, de tinta, serragem e laranjas.

— Paul — disse ela, colada ao suéter marrom dele. — Estou falando sério.

Ele soltou Susan e a olhou com os olhos cheios de decepção.

— Um detetive da polícia veio me ver.

Susan corou de vergonha.

— Sinto muito por isso — disse. — Eu desmenti. Falei para ele que era invenção minha. Está tudo bem agora.

Paul suspirou com força e entrou no apartamento, balançando a cabeça.

— No que você estava pensando quando trouxe esse assunto à tona de novo? Você sabe que pode me arranjar um monte de problemas na escola.

— Não tem importância — disse Susan, tentando tranquilizá-lo. — Ele não pode fazer nada se nós dois negarmos.

A frustração se acendeu nos olhos dele.

— Não há nada a negar. Não aconteceu nada, Suzy. — Ele colocou as mãos nos dois lados do rosto dela e a encarou, examinando-a. — A verdade é essa.

Susan se afastou e as mãos dele caíram.

— É. Não aconteceu nada.

— Você teve uma adolescência difícil. Eu sei. Mas precisa deixar isso para trás.

— Eu já deixei — disse Susan com insistência. — Vou deixar.

Ele voltou a se aproximar dela com uma expressão suplicante.

— Então quero ouvir você dizer.

— Não aconteceu nada — repetiu Susan, falando com o máximo de força e confiança. — Eu inventei tudo.

Paul assentiu algumas vezes, aliviado.

— Você escreve tão bem. Tem tanto potencial. Sempre foi tão criativa.

— Eu ainda sou — disse Susan, um pouco incomodada. A porta do corredor ainda estava entreaberta. Susan não queria fechá-la, o gesto pareceria muito um convite para que ele ficasse.

— Venha cá — disse ele, abrindo os braços. — Estamos bem, certo?

Ele sorriu e seu rosto ficou suave, revelando covinhas. Susan então vislumbrou seu belo professor favorito, com o cabelo na altura dos ombros, os blazers de veludo, as piadinhas e a má poesia e quase foi até ele. Porque uma pequena parte dela ainda o amava, ainda amava Paul Reston. Porém, a melhor parte dela sabia que era bobagem.

Ela se emperdigou e deu um pequeno passo para trás quando ele se aproximou.

— Não quero mais brincar disso — falou. De repente, a voz dela soou cavernosa e estranha, como se não fosse sua.

Ele parou e deixou os braços caírem.

— O que foi? — perguntou.

— Isso é estranho, Paul. — Ela ergueu uma das mãos e a agitou no ar, mostrando o *loft*. — Estamos sozinhos. Podemos conversar sobre o que aconteceu. Então por que essa brincadeira de “nunca aconteceu nada”?

Ele entortou a cabeça e ergueu uma sobrancelha ironicamente.

— Como assim “brincadeira”?

Pronto. Aquilo sim era esquisito.

— Pelo amor de Deus, Paul — disse Susan.

Ele riu, como um latido breve e feroz, a cabeça para trás, o rosto corado.

— Ok. Desculpe. Só estava brincando. Desde quando você é tão séria? — disse, lançando-lhe um olhar bem-humorado. — Você adorava brincar de teatro.

— Três garotas estão mortas — disse Susan. — Uma quarta está desaparecida, provavelmente morta também.

Ele foi até a porta, fechou-a, recostou-se nela e colocou as mãos para trás, apoiando-as na maçaneta. Sua voz e postura ficaram subitamente calmas.

— Fiquei sabendo. Dan McCallum, hein? Nunca teria imaginado.

McCallum. Ela voltou a sentir o arder das lágrimas. Ainda não entendia como McCallum podia ter feito aquilo. Ele sempre se mostrara tão justo. Um pé no saco, sem dúvida, mas sempre sensato. É impossível saber do que as pessoas são capazes.

E Paul. Ela tinha seduzido seu professor e depois contado para um policial. Depois de prometer a ele mil vezes que nunca diria nada a ninguém. Ele provavelmente a odiava.

— Pelos menos acabou — disse ela.

Ele passou as costas da mão carinhosamente pelo rosto dela e Susan se sentiu grata pela sua bondade.

— Imaginei que você gostaria de companhia. Vou fazer um jantar para você — falou ele, examinando a cozinha com ceticismo. — Você tem comida aqui?

— Só alcahofras em lata e pasta de amendoim.

— Bem, eu consigo inventar alguma coisa. — Ele fez uma pequena e graciosa mesura. — Sei uma ótima receita de alcahofras e pasta de amendoim ao forno.

Susan olhou de volta para o seu laptop na mesinha de café, desejando subitamente o conforto do seu vinho e do seu computador.

— Tenho um prazo para cumprir. Preciso conseguir escrever esta noite de qualquer jeito.

Ela se viu de relance no espelho da Pottery Barn. Lá estava a ruga novamente. Sua taça de vinho ainda estava onde a havia deixado na mesa antiga em frente ao espelho.

— Você tem que comer — disse Paul, olhando para ela esperançosamente.

Ela se virou de repente para ele.

— Aliás, como você sabia onde eu moro?

— Temos acesso ao Nexus na escola. Dá pra encontrar qualquer pessoa. É só digitar o nome. — Reston se deteve por um instante, como se refletisse sobre qual exatamente era sua intenção e quisesse encontrar as palavras certas. — Foi difícil para

mim depois que você se formou. — Ele desviou o olhar. — Você não respondeu às minhas cartas.

— Eu estava na faculdade.

Ele deu de ombros casualmente e abriu um sorriso bonito para ela.

— Eu te amava.

— Porque eu era uma adolescente — tentou explicar Susan. — Eu te adorava. Como não amar uma pessoa assim? — Ela andou até o espelho, pegou a taça de vinho da mesa e a bebeu de um gole. A fotografia que Bliss havia lhe dado na semana anterior estava presa na quina do espelho. Susan, aos 3 anos de idade, de mãos dadas com o pai. Em segurança. Feliz.

Tudo acaba mudando.

— Nunca parei de pensar em você — disse Paul.

Susan olhou para o próprio reflexo.

— O que é isso, Paul? — disse Susan para sua imagem. — Você nem me conhece.

Ele veio andando atrás dela, seu reflexo sério e um pouco magoado.

— Como você pode dizer isso?

Susan pegou sua escova de cabelo de madeira da mesa e começou a escovar o cabelo rosa. Não precisava, mas servia de desculpa para fazer alguma coisa.

— Porque quando você me conheceu eu não era uma pessoa completa. Era uma adolescente.

Ela continuou escovando o cabelo, sentindo as cerdas se arrastando pela sua cabeça, o sangue subindo para o couro cabeludo. O pai barbado na fotografia a olhava, a mão protetora dele presa em volta da garotinha.

Paul tocou sua nuca.

— Você nunca foi uma adolescente.

Ela largou a escova na mesa. Com tanta força que ela estalou contra a madeira, assustando-a.

— Olha só — disse ela, olhando para o relógio. — Você tem que ir. Preciso trabalhar.

— Deixe-me levar você para jantar.

Ela deu as costas para o espelho, para a fotografia, para seu pai, e olhou para ele.

— Paul.

Ele abriu aquele sorriso bonito novamente.

— Uma hora. Vou contar um monte de histórias sobre Dan McCallum. Para a sua matéria. Então deixo você em casa e você pode terminar seu trabalho.

Susan se sentiu como se tivesse voltado aos 15 anos. Incapaz de desapontá-lo. Além do mais, estava sem energia para discutir.

— Uma hora.

— Eu juro.

O elevador levou mil anos para descer até a garagem no subsolo do prédio de Susan. Paul não falou nada e, pela primeira vez na vida, Susan não tentou preencher o silêncio. Ele simplesmente ficou parado com um sorrisinho no rosto, observando-a enquanto ela brincava com o cinto do sobretudo, jogava o peso do corpo de um pé para o outro e

analisava os números iluminados sobre a porta do elevador. Susan conseguia ver os reflexos dos dois no revestimento de aço das paredes, um emaranhado de cores refratadas.

As portas se abriram e Paul a deixou sair antes.

— Meu carro está lá — disse ele, apontando para um carro do outro lado da garagem, longe do elevador, longe dos outros veículos estacionados. Bem, pensou Susan, pelo menos vai dar tempo de fumar meio cigarro. Ela catou um de dentro da bolsa e o acendeu.

— Então, você conhecia Lee Robinson? — perguntou Susan, dando uma tragada.

Paul retraiu o rosto com nojo.

— Você ainda fuma?

— Não — disse Susan, irritada. — Só socialmente.

Ele correu os olhos pelo estacionamento.

— Estamos nos socializando agora?

Susan grunhiu.

— Você não é mais meu professor, Paul. Pare de me dar sermão.

— Quatrocentas e quarenta mil pessoas morrem por ano nos EUA por conta do cigarro. Isso dá cinquenta pessoas por hora.

Susan esmerou-se em dar outra tragada no cigarro.

— Qual era sua relação com Lee Robinson? — voltou a perguntar Susan.

Ele ergueu a mão e tocou a cabeça, como se ela tivesse começado a doer de repente.

— Nenhuma — disse.

Susan puxou o cinto do sobretudo, desatando-o e atando-o novamente.

— Mas você era muito amigo de McCallum, não era? Acho que me lembro de uma história de vocês dois indo pescar no barco dele, ou algo assim.

— Suzy — disse Paul com um sorriso exasperado. — Isso foi vinte anos atrás.

— Então vocês costumavam sair juntos.

— Fomos pescar uma vez faz vinte anos.

Ele esticou o braço e o colocou em volta do ombro de Susan, ao que ela se adiantou um passo, desencilhando-se.

Susan deu uma risada nervosa.

— Você não podia ter estacionado mais longe? — perguntou.

Paul deu de ombros e colocou as mãos nos bolsos.

— Estava cheio quando eu cheguei.

— Bem, se eu cair dura por causa dos meus pulmões comprometidos, pode deixar meu corpo para os ratos.

— Fumar não é engraçado. É um vício muito perigoso. Vai te matar.

O carro, finalmente. Susan nunca tinha ficado tão feliz em ver um Passat prata de 10 anos de idade. Ela sorriu para os dois adesivos colados simetricamente lado a lado no pára-choque traseiro. Um dizia “Salve Nossas Escolas”. O outro: “Se Você Não Está Indignado, Não Está Prestando Atenção.”

Paul entrou primeiro, esticando-se para abrir a porta do carona para Susan. Ela entrou, colocou o cinto de segurança e deu uma última tragada no cigarro. Então procurou o cinzeiro para apagá-lo. Era o carro mais limpo que tinha visto na vida. O

painel brilhava. Não havia um pêlo de cachorro, caneta ou sachê de ketchup velho à vista. Ela esticou o braço e abriu o cinzeiro no console central. O do seu carro era cheio de chicletes velhos e cinza. O de Paul estava vazio. Dava para comer nele. Se você quisesse. Susan examinou o cigarro; parecia um pecado sujar aquele cinzeiro impecável com ele. Paul tinha virado a cabeça e estava inclinado entre os assentos fuçando nos bancos de trás. Ela não queria jogar o cigarro no chão da garagem; estava tentando parar com essa coisa de jogar lixo na rua. Talvez Paul tivesse alguma coisa no porta-luvas que ela pudesse usar para embrulhar o cigarro e colocá-lo na bolsa. Ela o abriu. Dentro havia uma lanterna e um mapa dobrado.

— Meu Deus, Paul — disse ela. — Mania de limpeza? — O carro parecia até desinfetado, como um banheiro público recém-lavado. — O que você fez, deu um banho de alvejante no carro? Por que ele está com cheiro de... — Ela pegou o mapa do porta-luvas e o virou. Era um mapa de navegação do Willamette. — Clorox.

Paul a agarrou por trás no instante em que ela tentou alcançar a maçaneta. Ela se debateu, tentando abrir a porta, mas ele apertou o botão que acionava as trancas eletrônicas e elas travaram todo o carro com um baque mecânico. Susan tentou desesperadamente apertar o botão da maçaneta que abria sua porta, mas estava com um braço em volta do pescoço e algo sobre a boca e o nariz e não conseguia se libertar. Ela lutou com toda ferocidade, mas não foi o suficiente. Estava à mercê dele. Pensou em várias coisas: em como deveria ter feito aquela matéria sobre aulas de autodefesa; em como deveria ter calçado suas botas surradas, aquelas com bicos de ferro; em como deveria ter deixado as unhas crescerem para poder arrancar os olhos dele; em como, de certa forma, aquilo não a surpreendia nem um pouco. Conseguiu erguer o cigarro aceso, apertando-o com força contra o pescoço de Paul até ele urrar e torcer seu punho até que ela o soltasse. Susan queria matá-lo com o cigarro, mas já estava satisfeita com o buraco que ele faria no tapete impecável do carro. Aquele seria o seu legado: um buraco de cigarro em uma superfície perfeita. *Que bela merda.* Foi seu último pensamento antes de a escuridão a engolir.

Anne estava sentada no carpete da sala de estar escura de Dan McCallum, cercada de livros do ano da Cleveland High School. Não sabia ao certo o que estava procurando. Mas Archie suspeitava de Reston e ela queria encontrar algo que lhe permitisse dar o próximo passo. Os livros tinham sido arrumados cronologicamente e Anne tinha começado pelo volume mais recente, folheando as páginas na esperança de que algo saltasse aos olhos. Páginas e páginas de fotografias tolas de grêmios, eventos esportivos, peças escolares, fotos de turmas, professores e mensagens melancólicas de veteranos. Então, na metade do volume de 1994, ela achou exatamente o que estava buscando. Tirou o livro de 1995 da prateleira e o folheou desesperadamente até encontrar a próxima fotografia de que precisava para confirmar sua hipótese. E ela se confirmou.

Ela se levantou às pressas do chão com os dois livros aninhados contra o peito e correu pela casa atrás de Archie.

Ele estava na cozinha, observando os outros finalmente colocarem o cadáver de McCallum em um saco preto e se prepararem para deixá-lo na maca e tirá-lo da casa. Anne o puxou para a varanda dos fundos e enfiou o primeiro livro do ano em suas mãos, aberto na fotografia do grupo de teatro da escola. No centro da foto estava Susan Ward e, ao seu lado, Paul Reston. Susan, aos 14, antes do cabelo rosa. Ainda não tinha alcançado a beleza que a aguardava no futuro. Ainda era uma garota esquisita, de cabelo castanho.

— Jesus Cristo — disse Archie, empalidecendo. — Ela é igual às outras.

— Por que você suspeitou de Reston? — perguntou Anne.

Ela notou a hesitação de Archie. Ele tocou a fotografia da jovem Susan, como se as pontas de seus dedos pudessem voltar no tempo para protegê-la.

— Susan me contou ontem que tinha transado com Reston quando ele era seu professor. Hoje, ela negou.

Anne não tinha dúvidas de que Susan tinha ido para a cama com Reston quando era adolescente.

— É ele — limitou-se a dizer.

— Ele tem um alibi — disse Archie, recostando nos fundos da casa. — Não podemos prendê-lo com base em uma fotografia velha e em um crime que já caducou há muito tempo.

Anne colocou o outro livro do ano em cima do primeiro e o abriu na foto de Susan do segundo ano. Era outra garota naquela fotografia. Usava blusa preta e batom preto. Seus olhos pareciam ao mesmo tempo desamparados, tristes e endurecidos. E o cabelo estava descolorido. Mas não tinha usado descolorante. Não tinha ido a um salão de beleza. Tinha usado o que encontrou debaixo da pia. Alvejante.

— Ela é o motivo de tudo — disse Anne. Ela catalogou em sua mente as fotos tiradas no necrotério, os rostos marmóreos das garotas, as córneas sangradas, o laranja-amarelado cruel dos seus cabelos antes castanhos. — Ele usa o alvejante nelas para completar a transformação.

Archie não tirou os olhos da página. Anne podia vê-lo processando toda aquela informação.

— Você só pode estar brincando — disse quase para si mesmo. Então ergueu os olhos para Anne, a urgência corando seu rosto. — Onde estão Claire e Henry?

— Estou aqui — disse Claire, subindo os degraus dos fundos com o celular ainda nas mãos. — Jeff acabou de ligar — disse, o rosto tenso. — Reston não está em casa. Ele saiu da escola no horário de sempre, mas ainda não voltou. Eles não têm como encontrá-lo até ele voltar. Peço para esperarem?

A porta dos fundos se escancarou e Anne viu as costas de uma jaqueta que dizia: Serviços de Transporte Médico, e então um garoto com idade de universitário saiu andando de costas, puxando a maca de metal que carregava o corpo ensacado de McCallum. Anne segurou a porta de tela para ele passar e trazer o corpo até a varanda com a ajuda de outro homem.

— Encontre-o — disse Archie para Claire, entregando os livros do ano para Anne por cima do saco preto, para poder atender ao celular. — Prenda-o. Ele é o nosso homem. Arranje um mandado para revistar a casa dele. E mande alguns policiais para o apartamento de Susan. Agora.

A equipe de transporte desceu a escada e começou a arrastar a maca pelo caminho de cimento que levava à entrada para carros. As rodas faziam um ruído cruel e áspero no concreto.

Anne baixou os olhos para o primeiro dos dois livros do ano. Na margem da foto de um menino, havia uma mensagem de um dos alunos de McCallum: “Ei, sr. M. Me mandei daqui. Tudo de bom.”

Susan acordou de um pulo, sentindo o cheiro de gasolina. O odor era tão forte que a alcançou no fundo do oceano em que estava submersa, a agarrou pelo cabelo e a puxou até a superfície da sua consciência. Ela despertou sobressaltada, mas estava tão escuro que demorou alguns instantes para perceber que estava de olhos abertos. Estava de mãos e pés atados. Sentou-se e bateu com a cabeça em algo duro bem em cima dela. O impacto enviou uma onda de dor pelo seu crânio, obrigando-a a voltar para a horizontal.

— Paul — disse. Sua voz era um gemido.

O chão se inclinou. Susan perdeu o equilíbrio e rolou até uma parede. Não foi tanto o fato de o chão ter se inclinado que a deixou desconfiada, mas o som de seu corpo contra a fibra de vidro. Um barco. Ela estava em um barco.

Foi então que entrou em pânico.

Começou a gritar. Usou as mãos e os pés atados para bater na fibra de vidro. Encontrou forças que não sabia ter.

— Estou aqui embaixo — esgoelou-se. — Socorro. Alguém me ajude.

— Susan.

Ela gelou e cada pêlo de seu corpo ficou de pé. Ele estava lá embaixo. Com ela. No escuro.

— Susan. — Sua voz sem corpo soava furiosa e brutal. — Você tem que ficar quieta.

— Solte-me, Paul — ela implorou na escuridão.

Ela o sentiu tatear no escuro e obrigou-se a não se encolher quando a mão dele encontrou sua perna, subiu pela coxa e parou. Estavam lado a lado. O hálito dele quente contra seu rosto.

— Sabia que passaríamos um tempinho juntos — disse ele, sua voz embargando. — Como você disse, eu quase não te conheço.

Quando Susan não atendeu o telefone fixo nem o celular, os pensamentos de Archie ficaram sombrios. Eles já estavam no carro de Henry, Archie no banco do carona, Henry ao volante, a caminho do Pearl. Claire e Anne os seguiam logo atrás. Ele deixou duas mensagens de voz idênticas, apreensivas, em ambos os telefones, e então ficou com o celular na palma da mão, em cima do colo, suplicando que ele tocasse. O sol se punha às seis e meia. Eram quase sete e meia, de modo que ele há muito se escondera atrás das West Hills, mas o céu purpúreo de fim de inverno ainda estava semi-iluminado pelo crepúsculo. Aquela seria uma noite fria.

— Isso não significa nada — disse Henry, agarrando o volante. — Ela pode estar tomando banho. Ou sei lá.

— Certo — disse Archie.

— Talvez esteja tirando um cochilo.

— Já entendi. — Archie notou que o punho de Henry estava sangrando. — O que aconteceu com você?

Henry deu de ombros.

— A porra da gata me arranhou.

O *walkie-talkie* de Archie tocou e ele o atendeu. Os patrulheiros estavam no apartamento de Susan. Ela não estava atendendo à porta.

— Descubram se o carro dela está na garagem — ordenou Archie. — Batam nas portas dos vizinhos. Vejam se alguém a viu chegar ou sair. E confirmem se a garagem ou a portaria têm câmeras de segurança. — Então ele ligou para o auxílio à lista e pegou o número de telefone de Ian Harper.

Uma criança atendeu na casa da família Harper.

— Seu pai está em casa? — perguntou Archie.

O menino largou o telefone e Archie pôde ouvir música e o barulho de adultos comendo e rindo. Um minuto depois Ian Harper atendeu o telefone.

A voz dele estava irritada.

— Sim?

Archie não se sentia muito generoso em relação a Ian naquele instante e estava com pressa, então pulou as amenidades.

— Ian, Archie Sheridan. Você deixou Susan em casa hoje à tarde?

Ian hesitou.

— Deixei.

— A que horas?

— O que está acontecendo?

Henry cortou uma picape lenta na Ross Island Bridge. As luzes do Crown Vic

estavam ligadas, mas não a sirene. O horizonte norte do centro era um cartão-postal. Archie tirou o porta-remédios do bolso e o girou entre os dedos.

— A que horas você a deixou em casa? — ele voltou a perguntar.

— Não sei — disse Ian. Sua voz tremeu. — Umas cinco e meia?

— Ela tinha planos de sair hoje à noite? — perguntou Archie. — Ou de receber alguém?

— Não que eu saiba. — Então Ian acrescentou, com autoridade. — Ela tem uma matéria para entregar amanhã.

— Você sabe que uma fonte anônima deu informações sobre um aluno da Cleveland para ela?

— Sei — disse Ian sem titubear. — Isso é outra história. Não tem nada a ver com o Estrangulador.

— Tem certeza?

— Tenho — disse ele terminantemente.

Nada daquilo estava fazendo Archie se sentir melhor. Ele começou a abrir o porta-remédios, percebeu o olhar de desaprovação de Henry e o enfiou de volta no bolso.

— E você viu quando ela entrou no prédio?

— Vi. — Ian fez uma pausa. Archie conseguia ouvir os convidados rindo novamente ao fundo. — Aconteceu alguma coisa com Susan?

— Só estou tentando encontrá-la. Se tiver notícias, peça para ela me ligar, certo?

A voz de Ian baixou uma oitava.

— Devo ir para a casa dela?

— Não, Ian — suspirou Archie, pensando na confissão de Susan. — Fique com a sua família.

Quando Henry estacionou atrás de uma radiopatrulha em frente ao velho prédio da cervejaria, um dos patrulheiros estava esperando.

— O carro está aqui — disse ele. — Tem uma câmera de segurança na portaria. Ela transmite para um monitor no escritório da *concierge*.

— *Concierge*? — perguntou Archie.

O patrulheiro revirou os olhos.

— Acho que ela é a administradora do prédio.

Archie, Henry e Anne seguiram o policial pela portaria modernosa completamente preto-e-branca até uma salinha toda decorada em tons de marrom, onde, atrás de um balcão de bambu, havia uma jovem de rabo-de-cavalo platinado. Ela estava com um controle remoto oval na mão e revia a filmagem granulada da garagem em um monitor branco. Havia uma pilha de fotocópias no balcão. Archie olhou para a primeira. Tinha a foto de um gato e dizia em letras grandes: “Não ao abuso de gatinhos de laboratório”.

— Pronto — disse ela e se inclinou para frente, apoiando-se nos cotovelos e apertando um indicador manicurado na tela, em cima da imagem de Susan Ward e de Paul Reston. — Essa é Susan Ward.

Os cinco observaram a imagem trêmula de Susan Ward e Paul Reston saindo do elevador, atravessando a garagem e abandonando o alcance da câmera. O cronômetro no

vídeo marcava 18h12.

— Vocês têm que encontrá-los — disse Anne a Archie e Henry. — Senão ela vai morrer.

Archie estava parado no apartamento de Susan. A vigia os deixara entrar. Havia um espelho caro pendurado logo ao lado da porta de entrada. Na mesa em frente a ele, uma taça de vinho vazia. Do lado da taça, uma escova de madeira com um único e reluzente fio de cabelo rosa enrolado nas cerdas. Archie examinou a taça sem tocá-la. A base estava coberta de restos granulados de vinho; havia marcas de batom na borda. Por pouco não a pegaram em casa. Ela bebera uma taça de vinho, saíra com ele e ninguém tinha como saber onde estavam agora. Archie havia transmitido uma mensagem sobre Reston. Patrulheiros de quatro estados estavam procurando pelo carro dele. Porém, muita gente tinha procurado por Archie também. Ele bateu o porta-remédios no bolso. Sentia aquele tremor irregular, fruto do excesso de cafeína, que significava estar na hora de mais Vicodin. Logo viria a dor de cabeça, depois a queimação lenta sob a pele que se transformaria em suor frio, as dores no corpo.

Ele abriu o porta-remédios, tirou três dos comprimidos ovais grandes, reconhecendo-os pelo tato, e os jogou dentro da boca. Segurou-os na bochecha enquanto entrava na cozinha de Susan, onde encheu a mão em cuia de água da torneira e a bebeu, engolindo as pílulas.

Nunca se acostumara com o gosto amargo dos comprimidos. Ele conhecera viciados que injetavam soro fisiológico quando não arranjavam sua droga intravenosa preferida. O fato de alguém enfiar uma agulha na veia por prazer intrigava Archie na época. Agora ele entendia que a dor familiar agia como um breve estimulante mental.

— Você acha isso uma boa idéia? — perguntou Henry.

Archie ergueu os olhos. Henry estava do outro lado do balcão da cozinha, inescrutável, como sempre.

— São para me segurar — respondeu Archie, dando as costas para Henry. — Não vão me deixar chapado.

Ele podia sentir seu corpo relaxar, já antecipando a codeína em seu sistema. Era psicossomático. Os comprimidos não faziam efeito tão rápido assim. Mas ele não se importava. Tinha que se concentrar. Que pensar? Como Reston conseguira se aproximar de Addy? E por que matar McCallum? O barco tinha que ter algo a ver com isso. Reston e McCallum davam aula na mesma escola, se conheciam; McCallum havia dito que todo mundo sabia que ele tinha um barco. Talvez Reston estivesse usando o barco ou tivesse colocado fogo nele para destruir provas ou desviar as suspeitas. Se soubesse que McCallum tinha sido interrogado, então um suicídio o incriminaria de vez. Era um ato descuidado. E desesperado. E aquilo preocupava Archie.

Ele deu meia-volta e andou os dez passos que separavam a área da cozinha da área da sala de estar, onde Anne estava parada, olhando pela janela grande. Esperava que ela estivesse pensando em Reston e não em comprar um imóvel no Pearl. Sentia Henry um passo atrás dele, sua sombra constante. Archie parou ao lado de Anne e olhou pela janela também. Do outro lado da rua havia outro condomínio novo em folha, cada *loft* uma casa de bonecas iluminada na escuridão.

— Qual o tamanho do desespero dele? — ele perguntou a Anne.

Ela tirou uma mecha de cabelo rebelde de cima dos olhos.

— Ele está obcecado por uma ex-aluna — disse ela. — Um caso que terminou dez anos atrás. Eu diria que está bastante desesperado. Se você estiver me perguntando se há possibilidade de ele se matar, eu diria que sim, e bem grande.

Uma mulher em um dos *lofts* do outro lado da rua ligou uma TV.

— Então você acha que ela já está morta?

— Não. — Ela fez uma pausa. — Mas posso estar errada.

— Então, para onde ele a levaria?

Anne refletiu sobre a pergunta.

— Para algum lugar onde se sinta seguro. Para onde levou as outras? — perguntou retoricamente.

— Para o barco — respondeu Archie.

— O barco de McCallum — repetiu Henry. — Mas ele já era.

Archie refletiu sobre aquilo. Lá embaixo, na rua, alguém estava tentando estacionar um utilitário esportivo numa vaga paralela.

— A não ser que ele tenha outro barco.

— Não — disse Claire, juntando-se a eles. — Conferimos o registro estadual de embarcações para todos os docentes e funcionários das escolas que se encaixavam no perfil — disse ela. — McCallum só tem um barco registrado.

— Ele disse que tinha comprado esse barco alguns anos atrás — disse Archie. — Talvez tenha continuado com o velho sem atualizar o registro.

— Isso é possível? — perguntou Claire.

— Ligue para as pessoas — ordenou Archie.

Claire puxou o telefone da cintura da calça.

— Pode deixar.

Ela se afastou para fazer a ligação.

— Tudo bem? — Henry perguntou a Archie.

Archie percebeu que estava parado com as mãos na cintura olhando para o chão de madeira. Susan Ward estava sob o poder de um louco imbecil que iria matá-la, se é que já não tinha matado, e Archie não tinha certeza se conseguiria salvá-la.

— Me dê só um minuto — disse ele.

Archie estava parado no banheiro de Susan. Conseguia sentir a preocupação de Henry envolvê-lo como uma manta. *Mantenha o controle*, pensou Archie. Então disse em voz alta:

— Mantenha o controle.

Jogou um pouco de água da torneira no rosto e o secou com a toalha pendurada do lado da pia.

Conferiu as horas. Quase nove. *Uma hora de leitura antes do apagar das luzes.*

Ele se deteve. Não pense nela. Agora não. Tinha que se concentrar em Susan. O nariz dele coçou, uma reação do sistema nervoso ao Vicodin que seu corpo tinha quase superado, mas que ainda surgia vez por outra. Ele o coçou com vontade. Ótimo. Agora, além de tudo, ainda achariam que ele era um cheirador. E lá estava Gretchen novamente na sua cabeça, clara como a luz do dia, deitada no catre de sua cela, apoiada em um cotovelo, com *A Última Vítima* nas mãos. A foto do casamento dele estava naquele livro.

— Chefe? — Henry bateu de leve na porta do banheiro.

Archie piscou algumas vezes para seu reflexo turvo e abriu a porta. Henry e Claire estavam na entrada do banheiro.

— O que conseguimos? — perguntou Archie.

Claire conferiu o bloco de anotações.

— Ele registrou o barco que pegou fogo cinco anos atrás. Antes, tinha outro, um Chris-Craft Catalina da década de 1950, cujo registro caducou oito meses depois que o barco novo foi registrado. Mas se ele tivesse vendido o antigo para alguém daqui, ele teria sido registrado novamente por essa pessoa. E não foi.

— Então talvez ele tenha vendido para alguém do outro lado do rio — disse Archie.

— Talvez — concordou Claire. — Mas de acordo com a simpática senhora com quem conversei, antes da mudança do regulamento em 2002, você não precisava manter o registro em dia para barcos que não estavam “na água”, o que quer dizer que, se você tivesse um barco ancorado na marina, mas não o estivesse usando, poderia ficar livre de pagar 15 pratas para o estado por ano.

Archie assentiu.

— O pão-duro continuou com o barco.

Henry cruzou e descruzou os braços.

— E Reston usaria esse, porque McCallum dificilmente perceberia se ele fosse trasladado.

— Traslado? — falou Claire.

— Não posso usar uma palavra difícil? — disse Henry.

Claire prosseguiu:

— Se estivermos certos, o barco ainda estará na mesma marina, certo? Quero dizer, provavelmente.

— Vamos — disse Archie.

Anne surgiu ao lado de Henry.

— Tenham cuidado. Porque se vocês mandarem a cavalaria e o assustarem, é bem provável que ele faça mal a ela ou a si mesmo.

— Se estivermos certos, se ele estiver lá e se ela ainda estiver viva — disse Archie.

Anne assentiu algumas vezes. Atrás dela, do lado de fora, no *loft* do outro lado da rua, a mulher desligou o aparelho de TV. Nada ligado.

— Preciso de uma Diet Coke — disse Anne.

Então, ouviu-se um barulho atrás deles, uma espécie de arquejo, e todos os policiais presentes se viraram para olhar para a porta. Uma mulher de meia-idade estava parada lá. Usava um ridículo chapéu feito à mão, um casaco de oncinha e botas plataforma cano alto amarradas até em cima. Seu cabelo era um emaranhado de *dreadlocks* longos e loiros. Sua boca vermelho-escura estava aberta numa espécie de careta de surpresa.

— Quem são vocês? — perguntou ela. — E onde está minha filha?

— Você matou aquelas garotas — disse Susan na escuridão.

A tristeza estrangulava a voz de Reston.

— Sinto muito.

A respiração de Susan parecia-lhe a coisa mais alta do mundo. Como pequenas bombas atômicas. Ela se forçou a inspirar mais lentamente o oxigênio, a relaxar, dar a impressão de que não estava com medo. Tinha que convencê-lo de que era forte. De que podia controlar a situação.

— Sente muito? Paul, você está doente. Precisa de ajuda. Eu posso te ajudar.

— Você não devia ter me abandonado — disse Reston, passando algo por cima da cabeça dela, em volta do pescoço. Ela sentiu uma tira de couro macio contra a pele da nuca e, na frente, acima da clavícula, algo frio e duro; uma fivela. As marcas roxas no pescoço de Kristy Mathers lampejaram em sua mente e ela ergueu os braços, desesperada, para colocar as mãos atadas debaixo do cinto, mas ele se apertou ao redor da sua garganta. Ela engasgou e tentou agarrá-lo, mas Reston puxou suas mãos para baixo e apertou o cinto com mais força. A cabeça de Susan latejou e se encheu de fogo. Ele a empurrou para baixo com tanta violência que o som de seus joelhos contra o chão foi como o de um machado golpeando madeira. Sentiu o corpo rodopiar livremente no espaço e então, de repente, estava parada. Todos os seus sentidos voltaram à tona e, naquele instante, seus olhos se ajustaram um pouco à escuridão. Ela pôde vê-lo, bem na sua frente. Não uma pessoa, mas um vulto, a sombra de uma pessoa. Consequia sentir o polegar dele na sua boca, contornando seus lábios. O dedo era uma pedra de gelo. Os lábios dela tremiam.

— Você tem uma boca linda — disse ele.

A mente de Susan estava clareando, juntando as informações. Raptada. Barco. Paul. Assassino. E então: Addy.

— Paul — grasiu Susan. — Onde está Addy?

Susan sentiu que ele hesitou por um instante, então deu um passo para trás e o cinto afrouxou. As luzes se acenderam. Susan se encolheu e fechou os olhos por reflexo, vencida pela súbita claridade. Quando se forçou a abri-los, um instante depois, Reston estava novamente na sua frente e apontava uma arma para sua testa. Susan lutou contra uma repentina onda de náusea, engolindo a saliva quente e repugnante que subiu até sua garganta.

Ela acertara. Estavam em um barco. Numa espécie de quarto de dormir. As paredes e o teto baixo eram brancos. Era apertado, com um metro e meio de largura no máximo. Pequenos compartimentos e gavetas ocupavam uma das paredes. Na parede oposta havia um beliche de madeira embutido. No leito acima daquele em que Susan

acordara momentos antes estava Addy Jackson.

Ela estava semiconsciente e nua, exceto pela calcinha e sutiã rosa, e seus antebraços e tornozelos estavam amarrados com fita isolante. Seus olhos eram pequenas fendas, sua boca estava molhada de saliva, o cabelo, banhado em suor. Ela se mexeu e coçou o rosto manchado de lágrimas com as mãos atadas. E então Susan a reconheceu. Lee. Dana. Kristy. Addy. O cabelo castanho. Os traços bonitos. Percebeu então, com devastadora clareza, que o motivo era ela, sempre tinha sido ela. E teve certeza de que Paul iria matá-las. As duas. Já não havia dúvida. Ela olhou para Addy, que parecia atordoada, sem saber onde estava, e a invejou.

— A culpa é sua — explicou Paul, passando a mão pela nuca de Susan. — Você não devia ter me sacaneado daquele jeito.

Foi então que Susan fez uma promessa a si mesma: não iria morrer. De jeito nenhum. Não nas mãos daquele professor de teatro de merda.

A administradora da marina River Haven não morava em um barco, e sim em uma casa pré-fabricada numa colina que dava para as embarcações. A temperatura havia despencado cinco graus e a noite caía oficialmente. Archie sentia o gosto do rio, como papel-alumínio em sua boca, enquanto esperava na varanda da casa baixa e marrom-clara com a palavra “escritório” gravada em um pedaço de madeira pregado na parede. Seu nariz coçava. *Atenda a porra da porta*, pensou.

Henry e Claire estavam ao seu lado. Atrás deles havia três viaturas civis. Ele mandara as radiopatrulhas e veículos da SWAT estacionarem na antiga rodovia, fora de vista. Archie esticou o pescoço para olhar para a marina abaixo, onde várias dezenas de barcos oscilavam em um silêncio melancólico.

Um cão ladrrou e a porta se abriu. Uma mulher mais velha apareceu e Archie notou uma bola de pêlo saltitante antes de ela conseguir empurrar o cachorro atrás de si e fechar a porta. Então ficou parada na varanda, entre a porta fechada da sala e a porta de tela de alumínio que a protegia dos detetives. Archie ergueu o distintivo e o mostrou à mulher.

— Sei quem você é — disse ela com o olhar tranqüilo. — Já te vi na televisão. — Ela tirou os óculos. Seu cabelo era pintado de castanho e amarrado com um nó frouxo na nuca, e ela usava uma blusa de gola rulê enfiada na calça jeans. Segurava um romance policial, marcando com o polegar a página em que parara. Os óculos haviam deixado uma marca vermelha na base do seu nariz. — Você é aquele policial que foi raptado pela Gretchen Lowell.

O nome de Gretchen enviou uma dolorosa corrente elétrica pelos braços de Archie. Seu punho se fechou em torno do porta-remédios no bolso.

— Preciso saber quais barcos Dan McCallum ancorou aqui.

Ela desviou o olhar e balançou um pouco a maçaneta da porta de tela.

— O barco de Dan pegou fogo.

— Ele tem algum outro?

Ela hesitou.

— É importante.

— Eu o deixo guardá-lo aqui, mesmo sem estar registrado. Ele é um bom cliente.

— Não tem problema — tranqüilizou-a Archie. — A senhora não está encrencada. Onde ele está?

Ela examinou Archie por um instante, então saiu de trás da porta de tela e apontou para o ancoradouro lá embaixo.

— Doca 28. Lá embaixo. Segundo barco à esquerda no final do cais.

— Pode fazer o que quiser comigo — disse Susan —, desde que liberte Addy.

O rosto de Reston era uma mistura de sombras e luzes. Os cantos da sua boca se contorciam.

— Não posso.

Susan teve que se esforçar ao máximo para manter uma expressão tranquila.

— Você vai matá-la?

— Não tenho saída.

Susan sentiu o quatinho se fechar à sua volta. Mesmo se estivesse desamarrada, não conseguiria contorná-lo, chegar à porta e sair do barco. Mesmo se pudesse, o que faria em seguida? Sairia nadando? A portinhola sobre o leito de Addy era do tamanho de um prato de jantar. Não havia escapatória.

— E quanto a mim?

— Olhe para ela. — Reston esticou a mão cautelosamente e tocou o quadril da garota, deixando os dedos passearem pela curva que descia a cintura até as costelas. Lá fora, a água bateu contra o casco. O barco oscilou, agitando-se com solavancos e ondulações irregulares. — Não é linda? — perguntou Reston.

Susan não conseguia entender como ele tinha feito aquilo.

— Eles disseram que você estava sendo vigiado. Que não saiu de casa.

— Eu não a raptei, Suzy — disse ele baixinho. — Ela veio a mim. — Ele fechou os olhos. — Eu disse a ela que poderíamos ficar juntos. Pedi que ela quebrasse a janela do seu quarto pelo lado de fora. Falei qual ônibus deveria pegar para chegar até aqui. Mandeí que esperasse no barco até eu sair da escola. — Bateu os cílios, revelando olhos que fitavam Susan com um ódio que ela nunca vira antes. — Ela fez exatamente o que eu pedi.

— Você é louco — disse Susan.

Ele sorriu para si mesmo enquanto olhava com lascívia para a garota semiconsciente.

— Rohypnol. Comprei pela Internet.

Susan sentiu nojo por ter permitido que ele a tocasse um dia. Visualizou cada encontro, cada amasso; as imagens se alternavam na sua cabeça, um triste *slideshow* da sua triste adolescência. Queria tanto ter tudo sob controle que convenceria todo mundo disso. A verdade era mais patética.

A respiração dele ficou mais rápida e seu rosto corou com a excitação. Estava tocando o seio de Addy. Circulava com o polegar o pequeno mamilo rosa dela. Ela se mexeu vagamente.

— Só as desejo tanto porque elas me lembram de você.

Susan disse a si mesma para ser forte, para sair daquela situação.

— Você só está tentando se justificar. Sempre teve tesão em adolescentes.

— Não — disse ele, a voz rachando. — Não. Você me deixou assim. Nunca tinha desejado minhas alunas. Até você aparecer. Você fez isso comigo. — Ele voltou a descer a mão do seio de Addy para suas costelas, cintura e quadril, avançando até o cós da calcinha.

— Não faça isso — disse Susan, virando a cabeça, incapaz de olhar. — Por favor.

— Eu signifiquei alguma coisa para você?

Susan fechou os olhos com força.

— Claro que sim.

— Fico lembrando o tempo todo daquele dia depois das aulas. Da sua postura, do que estava vestindo, sobre o que conversamos. Você gravou aquela fita para mim, lembra?

Ele tocou seu rosto e ela saltou para trás, sentindo o cinto se apertar, sufocando-a novamente, forçando-a a ficar parada, com medo de se mexer. *Não chore*, disse a si mesma. *Não ouse chorar*.

— Suas músicas favoritas — falou ele. Ela sentiu seus lábios roçarem-lhe o rosto e teve vontade de vomitar. — Nunca a joguei fora. Tem aquela música do Violent Femmes, “Add It Up”. “Why can’t I get just one kiss?”² Você me deu a fita e disse: “Essa sou eu.” Se entregou de presente. — Ele a beijou outra vez, arrastando o lábio inferior pela sua face, deixando um rastro de saliva. — Você escreveu à mão todas as letras. Caprichou tanto na caligrafia! Deve ter levado horas.

Ela apertou os olhos com mais força, até eles ficarem como punhos cerrados.

— Era para o ensaio, Paul. Eu me dispus a fazer a fita do ensaio. Para o aquecimento.

— Foi naquele dia, na minha sala. Depois da aula. Quando nos beijamos pela primeira vez.

Ela sentia o cheiro do suor dele, doce e acre naquele lugar apertado.

— Não.

— Ouvi a fita no carro, a caminho de casa, e não consegui acreditar; como éramos parecidos. — Susan sentiu os lábios úmidos dele na sua boca e lutou para afastar a cabeça, sem sucesso. A tela negra das suas pálpebras estava cheia de estrelas. — Ouvi as letras das músicas e entendi o que você queria me dizer — disse ele, seus lábios dançando nos dela. — Sabia que era errado ficarmos juntos.

Ele se afastou e ela sentiu o cinto afrouxar, mas ainda estava com medo de abrir os olhos, com medo do que poderia ver.

— Eu ainda era um homem casado. Ainda era seu professor. Mas você era tão madura para uma adolescente, tinha uma cabeça tão além da sua idade. Escrevi uma carta para você. Nunca deveria ter feito aquilo, nunca deveria ter colocado meus sentimentos no papel. Mas quis me arriscar. Entreguei a carta na aula do dia seguinte e pedi que você lesse mais tarde, e você leu. — Ele soltou um suspiro vacilante que se transformou em algo parecido com um soluço. — Então você veio falar comigo na festa do elenco. E nós fizemos amor. — Ele a agarrou pela cabeça e Susan sentiu os lábios de Reston cobrirem sua boca, a língua dele forçando seus lábios cerrados. — Abra a boca.

Susan abriu de repente os olhos e o encarou, enfurecida.

— Não foi assim que aconteceu, Paul — disse ela. Botando para fora, finalmente. Finalmente dizendo a verdade. — Eu fiquei bêbada — vociferou. — Fiquei bêbada pela primeira vez naquela festa depois de uma peça de colégio idiota, então você me ofereceu carona e me comeu no seu carro. — Ela recostou a cabeça no beliche, cheia de tristeza. — Eu era uma menina. Meu pai tinha acabado de morrer. Não tinha noção das coisas. E você era meu professor favorito.

² “Por que você não me dá pelo menos um beijo?” (N. do T.)

Ocolete à prova de balas forçava Archie a respirar diferente. As tiras de velcro eram justas e o peso da coisa apertava seu peito, fazendo suas costelas latejarem e tornando cada movimento do tórax um sacrifício. Ele tentou encher a barriga de ar, visualizando o caminho do oxigênio pela traquéia, descendo até os pulmões, alimentando seu coração. Dava-lhe algo para pensar enquanto ele, Henry e Claire desciam o longo caminho de cimento que zigzagueava colina abaixo até os barcos. Um Passat prata velho estava estacionado ao pé da colina. O carro de Reston. Eles caminhavam em ritmo de passeio, com os coletes sob as roupas comuns e as armas escondidas, mas seus corpos estavam tensos e somente um idiota não ficaria ressabiado se os visse passar. Mas não havia ninguém. Apenas os barcos.

Chegaram ao ancoradouro. Ele adentrava o rio em formato de T, com barcos dos dois lados. As luzes de segurança que se enfileiravam no caminho forneciam uma iluminação branca e preguiçosa que refletia na água negra e dava uma nitidez fora do comum à cena. Era o ar mais frio, supôs Archie. Deixava tudo com um aspecto mais duro. Abriu o fecho de segurança do coldre e deixou a palma da mão sentir o metal liso do seu .38.

As docas eram de número par de um lado e ímpar do outro. Archie sabia que o barco não estaria lá mesmo antes de chegarem ao número 28. Ele não era sortudo assim.

— Merda — disse Archie, parado em frente à doca vazia.

— O que significa isso? — perguntou Claire.

— Significa que eles foram velejar — disse Archie.

— Navegar — disse Henry. — É um barco a motor. O certo é navegar.

— Merda — repetiu Archie.

Archie estava parado no convés de uma lancha com cabine e duas hélices de 8,5 metros de comprimento. Ele não gostava de barcos. Mas sabia qual tipo era aquele porque um dos agentes da polícia marítima lhe contou. A polícia marítima do condado usava uniforme verde, pintava as embarcações de esmeralda e se auto-intitulava The Green Hornets, os marimbondos verdes. No inverno, a equipe era composta por um sargento, oito agentes e um mecânico em horário integral. Meia hora depois de Archie tê-los chamado, estavam todos lá, à sua disposição.

Mais dez minutos e havia cinco barcos dos Green Hornets na água e dois helicópteros da polícia e um da guarda costeira no céu procurando pelo Chris-Craft.

— É um barco — disse um dos pilotos a Archie, confiante. — Está em um rio. Vamos encontrá-lo.

E encontraram. Uma hora depois, um dos agentes informou pelo rádio que

avistara um Chris-Craft ancorado na saída do canal da Sauvie Island, na região do rio Columbia.

Archie repassou a localização para a SWAT. Reston teria notado o holofote de 10 mil megawatts do helicóptero da polícia passando. Tinha duas opções: ancorar e tentar fugir, caso em que o helicóptero o seguiria, ou ficar onde estava. Era uma situação de refém, e Archie não queria se arriscar. Mas a SWAT levaria tempo para chegar lá e a lancha dos Green Hornets não estava longe do local e, além do mais, não seria melhor confirmar que aquele era o Chris-Craft certo? Ele não queria mandar uma equipe da SWAT invadir o barco errado e estragar o fim de semana de pescaria de alguma família. De modo que Archie ordenou que os três agentes que estavam com ele, Henry, Claire e Anne no barco contornassem a ilha e tentassem se aproximar.

E lá estava ele. Os faróis estavam apagados, mas as luzes da cabine, não. Rick, um agente mais ou menos da idade de Archie, com cabelo rente e barba grisalha, apontou o holofote montado no convés da lancha para o Chris-Craft. O helicóptero voou em círculos no céu escuro.

— Esse é o nosso garoto — gritou ele mais alto do que o barulho do motor.

— Estou com a SWAT e um negociador de reféns a caminho — gritou de volta Archie.

— Não temos muito tempo — Anne advertiu Archie. As tranças estavam batendo em seu rosto e ela se segurou atrás com a mão enluvada. — Ele vai querer acabar com isso.

— A que distância você consegue chegar dele? — Archie perguntou a Rick.

— Perto o suficiente para embarcar.

— Faça isso.

Henry, Claire e Archie sacaram as armas enquanto os Hornets reduziam a velocidade ao mínimo e eles se aproximavam do Chris-Craft. Dois dos homens amarraram os cabos nos cunhos da lancha e ficaram a estibordo. Quando já estavam perto, Rick desligou os motores e a corrente os levou pelos últimos poucos metros até o outro barco. Quando colaram no Chris-Craft, os dois outros agentes agarraram a balaustrada dele e ataram as duas embarcações.

Os dois barcos se inclinaram e bateram. Ninguém falou nada. Estava frio na água e Archie levou as mãos em cuia até a boca, soprou ar quente nelas e as flexionou algumas vezes para manter o sangue circulando. O vento que soprava sobre o rio queimava suas faces. Nada se movia no Chris-Craft. Archie examinou o rio. Nenhuma outra luz nas águas.

— Vou embarcar — anunciou.

Ele entregou sua arma a Henry, com o punho virado para ele.

Henry agarrou a arma, mas colocou a outra mão com firmeza sobre a de Archie, prendendo o revólver entre os dois. Ele se inclinou para frente, seu rosto grande contraído.

— Você vai entrar lá porque acha que é a melhor coisa a fazer — ele sussurrou para Archie — ou porque está sentindo pena de si mesmo?

— Archie olhou o amigo no olho. — *Você não pode me salvar*, pensou Archie. — Entre apenas se ouvir um tiro. Tentarei dar um sinal se achar que a SWAT vai ter que tirá-lo de lá.

— Vista o colete — disse Henry.

O colete. Archie o havia tirado quando eles entraram no barco. Parecia um contra-senso usar algo pesado quando você deveria estar usando algo que boiasse. Ele puxou a mão de volta, deixando a arma com Henry.

— Machuca as minhas costelas — disse. Então se virou, passando por cima da balaustrada da lancha e entrando no Chris-Craft antes que alguém o impedisse. A sola de borracha dos seus sapatos aderiu ao convés de fibra de vidro e ele conseguiu atravessar correndo, com os joelhos dobrados, agachado, os poucos metros até a porta da cabine.

— Reston — gritou. — Aqui é o detetive Archie Sheridan. Vou abrir a vigia para podermos conversar, ok?

Ele não esperou resposta. O que faria se Reston dissesse que não? Não pare. Continue falando. Mantenha-o desprevenido. Archie mexeu na vigia; estava destrancada. Abriu a janelinha de madeira. Uma placa no batente da porta avisava: Atenção.

Archie conseguia ver parte do interior da cabine de madeira; uma pequena cozinha embutida e uma salinha de jantar. Mas nada de Reston. Ou Susan. Ou Addy Jackson.

— Estou desarmado. Vou entrar para a gente poder conversar, ok? — Ele esperou daquela vez. Nada. Aquilo era um mau sinal. Talvez já estivessem todos mortos. Respirou fundo, preparando-se para qualquer cena de carnificina que pudesse surgir. Não tinha certeza se conseguiria agüentar uma coisa assim. — Estou entrando.

Ele se espremeu para passar pela vigia e desceu os quatro degraus que levavam diretamente à cabine principal.

A luz o fez apertar os olhos. Era o que, em um barco, fazia as vezes de sala de estar. Havia um pequeno sofá estampado e uma cadeira de palha com almofada e, na frente dos dois, uma mesinha de palha redonda com tampo de vidro. O teto era baixo e o espaço pequeno, mas as paredes pareciam revestidas de teca e a madeira brilhava intensamente sob a luz amarela. Logo depois da área de estar, ficava a pequena sala de jantar com cozinha embutida que ele tinha visto lá de cima.

Reston estava próximo ao sofá, em frente a uma entrada que dava mais para o fundo do casco. Estava usando calças de sarja e uma camiseta. Seus olhos eram buracos negros. Enlaçava com firmeza a cintura de Susan com um braço e, com a outra mão, segurava uma arma que mantinha sob o seu maxilar esquerdo. Um cinto de couro marrom pendia do pescoço dela. Archie não tinha dúvidas de que ele combinaria com as marcas em volta dos pescoços das garotas mortas. Os antebraços e tornozelos de Susan estavam presos com fita isolante. Mas ela estava viva. E consciente. E furiosa, a julgar pela sua expressão esgotada, porém fulminante.

— Olá — disse Archie.

— Addy está nos fundos — conseguiu falar Susan antes de Reston pegar a ponta do cinto e puxá-lo com força, sufocando-a. Ele manteve a arma apertada contra a sua cabeça, e ela caiu de joelhos.

— Shhhh — disse ele ferozmente. — Por que você fez isso? Por que não colabora comigo?

Susan arranhou o cinto com as mãos atadas, mas não conseguiu enfiar os dedos debaixo dele para afrouxá-lo. Seu rosto estava retorcido, inchado, os olhos arregalados e vidrados, a boca mais larga, balbuciante. Archie tinha cerca de dois minutos.

Tudo o que podia fazer era evitar apressar Reston. Ele estava com uma arma na

cabeça de Susan. Se Archie fosse para cima dele, talvez ele atirasse. O peso dela estava no chão, então ele provavelmente não quebraria seu pescoço. Estrangular uma pessoa é mais difícil do que parece. Não é apenas a falta de ar que causa a morte; é também a compressão do sistema vascular do pescoço. Se Archie não fizesse nada, ela iria morrer. Porém, levaria alguns minutos. E alguns minutos eram muito tempo. Aquilo dava uma chance a Archie.

Ele deu meia-volta e se afastou de Reston e Susan, andando os poucos metros até a cozinha embutida. Havia um pequeno fogão e uma pia de aço, acoplada a um balcão verde. Os guarda-louças eram pintados de branco. Archie abriu alguns deles até achar copos. Pegou um e se serviu de água. Já não conseguia ouvir Susan se debatendo. Teria perdido a consciência? Será que ele tinha estragado tudo de novo? E então, de súbito, ouviu-se um enorme arquejo. Reston havia soltado o cinto. Susan estava respirando. Ela tossiu, uma tosse rouca e rascante. Archie fechou os olhos, sentindo seu sangue afluir à ponta de seus dedos. Tinha dado certo.

— O que você está fazendo? — perguntou Reston a ele.

Archie contou algumas respirações antes de responder. Deixe o desgraçado ficar intrigado.

— Tenho que tomar uns remédios — explicou ele, ainda de costas. — Posso tomá-los sem água, mas eles fazem efeito mais rápido se eu os mandar para dentro com alguma coisa.

Ele se virou na direção de Reston e abriu-lhe um sorriso cortês. Então se sentou no banco estofado da mesa dobrável verde da salinha de jantar, tendo o cuidado de não colocar os joelhos embaixo da mesa, para poder se mexer depressa, se fosse preciso. Colocou o copo d'água sobre a mesa. Archie conseguia ver as luzes do barco da guarda costeira pela pequena vigia da salinha. O que significava que eles podiam vê-lo. Ótimo.

— Vou colocar a mão no bolso para pegar os remédios — disse ele e, antes que Reston pudesse responder, enfiou a mão lentamente no bolso e retirou o porta-remédios de bronze. Abriu-o, contou oito comprimidos e os enfileirou um a um na mesa verde-escura. Mesmo naquela situação sentiu uma onda de endorfinas só de olhar para eles. — Sei que parecem muitos — falou para Reston, erguendo as sobrancelhas ironicamente —, mas sou bem resistente.

Reston voltara a pôr o braço em volta da cintura de Susan. Ela ainda estava tossindo enquanto suas vias aéreas tentavam se convencer de que estavam desimpedidas. Mas tinha conseguido tirar o cinto do pescoço e ele agora estava amontoado a seus pés. Boa garota, pensou Archie.

— Susan — disse ele em um tom agradável —, você está bem?

Ela assentiu, erguendo a cabeça para olhar para ele, os olhos brilhando de raiva novamente. Reston a puxou para mais perto de si. Archie pegou um comprimido, colocou-o na língua e o engoliu com um gole d'água. Então voltou a colocar o copo na mesa.

— Você fez Addy vir até você — disse ele a Reston.

Reston assentiu.

— Ela precisava de alguém que a fizesse se sentir especial.

— Mas você raptou as outras garotas — disse Archie. — Então como forjou os álibis?

— Foi fácil — respondeu Reston. — Eu assisto aos ensaios da cabine de

iluminação. Os alunos não conseguem me ver. Nós passávamos o texto. Eu entregava minhas anotações. Então nós passávamos o texto mais uma vez. Eles me viam entrar na cabine antes de começarem e sair no fim. Eu ia embora alguns minutos depois do começo do primeiro ato. — Ele acariciou o cabelo desganhado de Susan como se ela fosse uma boneca e ela se encolheu ao toque. — Dava tempo de encontrá-las, conversar com elas, matá-las e voltar no fim da peça. Deixava as garotas mortas debaixo de um cobertor no carro enquanto entregava anotações inventadas para os atores. Nem precisava ver a passagem de texto. Eles sempre cometiam os mesmos erros. — Reston baixou os olhos para Susan e os ergueu de volta para Archie. — Não vou deixar você tirá-la daqui — disse.

Archie correu os olhos pela cabine.

— É um belo barco.

— É de Dan McCallum.

— Isso mesmo — disse Archie. — Dan McCallum. O *serial killer* suicida.

Reston abriu um breve sorriso para Archie.

— Só queria ganhar um pouco de tempo.

Archie pegou outro comprimido, atirando-o no ar e pegando-o com a língua, e o engoliu com mais água. Colocou o copo de volta na mesa.

— Eu poderia matar você se quisesse — disse Reston, sua voz cavernosa e trêmula. — Poderia atirar em você e nela antes de eles entrarem.

Archie passou a mão pelos cabelos e tentou parecer entediado.

— Você não assusta ninguém, Paul. — E então acrescentou: — Já vi gente assustadora.

Reston estava se desfazendo diante dos olhos de Archie, jogando o peso do corpo de um pé para o outro e apertando os olhos com força, num tique nervoso. Ele agarrou-se a Susan, mudando o tempo todo a maneira como a segurava, manejando a arma, movendo-a centímetros na direção de Archie e trazendo-a de volta em seguida, sem querer afastá-la de Susan. Ela não desgrudava os olhos da arma e, embora tremesse de cima a baixo, parecia estar agüentando firme. Tinha parado de chorar. Reston aproximou a cabeça da dela e a beijou no rosto.

— Não tenha medo — disse ele. — Vai ser rápido. — Ela se encolheu e Reston a apertou mais forte. Então se virou para Archie. Suor manchava-lhe a gola da camisa e embaixo dos braços. Fedia. — Não me reconhece? — perguntou a Archie. Sua expressão era suplicante, faminta.

Não havia dúvida. Reston estava perdendo a cabeça.

— De ontem na sua varanda? — perguntou Archie.

Reston apertou os olhos.

— Pense mais para trás.

Reston parecia tão sério, tão seguro de si, que Archie se viu buscando na memória a situação a que ele poderia estar se referindo. Já tinha prendido Reston antes? Não, ele não tinha ficha na polícia. Será que o havia entrevistado como testemunha? Deus sabia que ele entrevistara milhares de testemunhas ligadas ao caso Beleza Mortal. Ele balançou a cabeça com hesitação, sem se lembrar de nada.

Reston estava ficando cada vez mais irrequieto.

— Eu matei quatro pessoas — anunciou.

Isso significava que Addy ainda estava viva.

Archie ouviu o motor de outro barco se aproximando. O helicóptero. Uma luz forte brilhou além das vigias.

Ele apanhou outro comprimido. Engoliu-o com um gole d'água. Colocou o copo de volta na mesa. Sua versão doentia da cerimônia do chá japonesa.

— E gostou? — perguntou ele.

Outra piscadela involuntária.

— Tive que matá-las. Não queria. Não tive escolha. — A agitação de Reston preocupava Archie. Ele não estava tão nervoso quanto deveria com o que estava acontecendo lá fora. O outro barco. As luzes. Não estava preocupado em ser preso e, para Archie, isso só poderia significar uma coisa: ele já tinha decidido morrer.

E, se a SWAT invadisse o barco, a primeira atitude de Reston seria matar Susan.

— Mas você gostou? — voltou a perguntar Archie.

— A primeira foi difícil. Depois ficou mais fácil. — Ele contorceu a boca em um sorriso doente. — Não gostava de ter que matá-las. Mas gostava do que vinha depois.

— Como você as escolheu? — perguntou Archie.

— Todas fizeram teste para o musical organizado pelo distrito no ano passado. — Reston riu do ridículo da coisa. — São caros, os musicais. Por conta dos cortes de verba, nenhuma das escolas tinha condições de encenar um sozinha, então elas se juntaram e co-patrocinaram esse. Eu era o diretor. Não escolhi nenhuma das garotas. Não eram boas o suficiente. Mas eu me lembrava delas. E elas se lembravam de mim. Todas queriam ser famosas. Disse para todas que as queria na minha próxima peça.

— Meninas novas são fáceis de manipular — observou Archie sem emoção.

Reston abriu um sorriso afetado.

— Sou um professor muito popular.

Susan revirou os olhos.

— Faça-me o favor — disse.

Archie tomou outro comprimido.

— Pra que servem esses remédios? — perguntou Reston.

Um sorriso correu pelos lábios de Archie. Talvez desse certo. Ele passou o dedo pela borda do copo, sem tirar os olhos de Reston.

— Eu tenho fantasias sinistras.

Lá estava Gretchen novamente. Sua mão contra a face dele. Os lírios.

Então Archie teve uma idéia. Talvez conseguisse fazer Reston atirar nele. Provocá-lo um pouco mais. Alfinetá-lo até ele ficar com tanta raiva de Archie a ponto de afastar a arma de Susan o bastante para dar um tiro. Archie apostava que ele não era um bom atirador, provavelmente nunca tinha praticado tiro ao alvo. Mas se Archie chegasse muito perto, Reston talvez conseguisse acertá-lo na cabeça ou no pescoço. Era uma saída fácil. Morto em serviço. Todos entenderiam. Henry saberia. Debbie também, provavelmente. Porém, todo o resto creditaria a tragédia a seu destino cruel. Pobre Archie Sheridan. Talvez tenha sido melhor assim. Ele nunca mais foi o mesmo depois do martírio que sofreu.

Mas havia Susan. Reston a mataria. Um segundo depois de atirar em Archie, atiraria na cabeça dela, sem errar. A SWAT não conseguiria acertá-lo a tempo, não onde ele estava. Invadiriam depois do primeiro disparo. Mas Susan já estaria morta e Reston talvez conseguisse colocar a arma na boca e atirar. Ou eles o derrubariam. Tirariam a arma dele. Prenderiam-no. Archie e Susan estariam mortos e Reston sobreviveria. Não

parecia justo.

De volta ao plano A. O plano no qual Reston levava uma bala na cabeça. *Era um plano melhor mesmo*, pensou Archie.

Hora de alertar a cavalaria. Archie colocou o cotovelo na mesa e descansou o queixo na mão direita, o lado que ficava de frente para a vigia. Ele dobrou o mindinho e o anular e esticou o indicador e o médio, como o cano de uma arma, bem contra a têmpora. Eles estariam observando; já estava sentado lá tempo suficiente, um peixe dourado em um aquário, uma menina assistindo a tevê em um apartamento à noite. Henry entenderia. As vigias eram feitas de uma espécie de acrílico grosso, em duas camadas. O melhor tiro seria pela escotilha que Archie deixara aberta. Se os atiradores de elite já tivessem chegado. Se alguém tivesse visto seu sinal. Se ele conseguisse colocar Reston na linha de fogo.

Reston deu um pequeno passo à frente, a arma ainda apertada contra a cabeça de Susan.

— Os remédios ajudam?

— Não — respondeu com sinceridade Archie. — Mas fazem você se sentir menos culpado.

— Me dê um pouco — ordenou Reston.

Archie pegou um comprimido e olhou para ele.

— Você tem receita?

— Vou matá-la.

— Vai matá-la de qualquer jeito.

— Vou matar você.

Archie colocou o comprimido de volta na mesa.

— Ainda não me assustou, Paul.

Reston agarrou um tufo do cabelo rosa de Susan e socou a cabeça dela contra a parede revestida de teca da cabine.

— Porra! — gritou ela.

Archie se levantou.

Reston apontou a arma para ele, ainda segurando Susan pelo cabelo. Sua testa sangrava, mas ela estava consciente, lutando. Reston estava enfurecido, o rosto vermelho, os olhos ardentes. Seu peito arfava e seus traços se transformaram em algo monstruoso, deformado pela raiva.

— Ok — disse Archie. Ele pegou o comprimido e o atirou em direção a Reston. Ele caiu no carpete verde entre os dois homens. Reston se adiantou, trôpego, arrastando Susan pelo cabelo, a arma ainda apontada para Archie. Ele desceu até onde estava o comprimido e, sem largar a arma ou Susan, baixou a cabeça, os olhos ainda erguidos para Archie, e o pegou com os dentes. Com um sorriso vitorioso para Archie, o engoliu. Então, ouviu-se o estampido do rifle de um atirador através da escotilha aberta. A cabeça de Reston se jogou para frente e ele se estatelou no carpete. Susan gritou e fugiu para trás com a boca aberta.

A equipe da SWAT invadiu a cabine, armas sacadas, suas roupas pretas fazendo-os parecer criaturas que tinham acabado de sair do Willamette. Susan estava com as mãos atadas em frente ao rosto e dizia:

— Caralho. Caralho. Caralho.

— Procurem ali — disse Archie, apontando para o corredor. Mas não se mexeu.

Ainda havia dois comprimidos em cima da mesa. Ele os arrastou com a mão e largou-os no bolso.

Archie estava chapado. Parado às margens do rio, com as mãos nos bolsos e uma garoa caindo sobre os seus ombros. Qualquer dia desses compraria aqueles casacos impermeáveis que todo mundo recomendava. Eram quase duas da manhã. Mas ele não estava cansado. A dose certa de Vicodin o deixava em um perpétuo estado intermediário. Nem cansado, nem disposto. Não era um estado tão ruim, depois que você se acostumava.

Atrás dele, a uns 5 metros da margem do rio, ficava o escritório do centro da cidade dos Green Hornets. Retangular, com tapumes de plástico marrom, o prédio parecia ter vindo em uma caixa e sido montado em uma tarde. Henry, Claire, Susan e os demais estavam lá. Conversavam com ela primeiro, e então seria a vez de Archie. Tinha fugido para pegar um pouco de ar. O Chris-Craft havia sido rebocado até o ancoradouro e Archie observava os técnicos da perícia montarem as luzes de 1.800 watts que iluminavam o exterior do barco, como se fosse um set de filmagem.

Addy Jackson estava a caminho do hospital. A névoa do Rohypnol já estava se dissipando e ela estava consciente, embora ainda confusa e incapaz de responder a perguntas. Archie torcia para que ela fosse abençoada com as propriedades mais amnésicas da droga.

A imprensa ainda não havia chegado. Àquela altura já teriam ouvido o chamado da polícia, mas Portland ainda era um mercado pequeno, e as estações de TV tinham poucos funcionários à noite. Archie os imaginava colocando suas capas impermeáveis de repórter, correndo para o local, prontos para entrarem ao vivo com a notícia até arrancarem a última gota daquele drama. Começaria tudo de novo.

Archie ouviu o homem se aproximar dele antes de vê-lo. Alguns passos e uma silhueta gorda surgiu no escuro. Archie nem precisou virar a cabeça. Reconheceu o cheiro fraco de bebida e cigarros velhos.

— Quentin Parker — disse Archie.

— Fiquei sabendo que você pegou outro.

— Você está com a matéria?

— Isso é uma piada? — disse Parker. — Derek Rogers. E Ian Harper está vindo.

— Ah.

Parker riu.

— Se você já acha que ele é um imbecil, espere até conhecer a peça.

Os dois ficaram um bom tempo observando, lado a lado, o Chris-Craft, as luzes, o rio negro. Por fim, Archie falou:

— Você nunca veio me ver no hospital. Todo mundo estava brigando para entrar

no meu quarto, implorando por entrevistas, mandando flores, se fingindo de médicos. Você, não.

O homenzarrão deu de ombros.

— Não tive tempo.

— Fiquei agradecido na época — disse Archie.

Parker tateou em busca de um cigarro, o acendeu e deu uma tragada. Era pequeno em sua mão; a ponta brilhando, laranja, no escuro.

— Você vai ficar famoso de novo.

Archie ergueu os olhos para o céu. A lua era uma mancha de luz atrás das nuvens.

— Acho que vou me mudar para a Austrália.

— Tome cuidado, Sheridan. Aquelas matérias que Susan escreveu causaram frisson. Toda essa coisa de herói trágico pega bem, mas daqui a pouco eles vão querer mais. Os remédios. Seus encontros semanais com Gretchen Lowell. Vamos comer você vivo por essa porra. O prefeito, Henry, eles só podem protegê-lo até certo ponto. Se o Quarto Poder farejar sangue, vai ser uma carnificina.

— Obrigado pelo conselho.

— Péssima escolha, hein? — disse Parker, levando a mão à boca, o cigarro como uma pequena lanterna.

— O quê? — perguntou Archie.

— Ter se tornado policial — disse ele, olhando para o cigarro em sua mão. — Devia ter virado acadêmico. — Ele bateu a cinza com um meneio delicado do punho grande. — Dado aula em algum lugar.

— Tarde demais — falou Archie.

— Quanto a mim, queria ser vendedor de carros. — Ele olhou para longe e sorriu. — Oldsmobiles. — Deu de ombros para Archie e examinou o cigarro. — Acabei tendo que virar contínuo. Estava no ensino médio, 1959. Nunca fiz faculdade. O jornal costumava ser impresso lá mesmo. No porão. Eu adorava o cheiro de tinta. — Levou o cigarro à boca mais uma vez, deu uma tragada e soltou a fumaça. — Hoje em dia? Os jornais só contratam um sujeito para um estágio não-remunerado se ele tiver um diploma dessas faculdades de elite.

— Os tempos mudam.

— Como está nossa garota?

Archie ergueu os olhos para o prédio.

— Puta da vida.

— Ela é uma garota e tanto.

— Posso pegar um chiclete? — perguntou Susan. Ela estava em uma sala de fundos do escritório da polícia marítima com Henry e Claire. Havia uma mesa na sala, e uma cadeira de escritório. As paredes eram cobertas de cartas náuticas. A mesa estava entulhada de pastas pretas com o brasão da cidade estampado nelas e folhas de papel brancas e rosa que pareciam ser vários formulários e relatórios, com quadradinhos ticados, explicações preenchidas, carimbadas, certificadas e assinadas. Era o escritório de um homem. Havia fotos coloridas dele penduradas nas paredes em molduras vagabundas de diploma. Pescando. Acompanhado de outros homens de uniforme verde. Fotos de

estúdio com a família. Ele usava bigode e era uma pessoa exuberante. Em algumas das fotos mais recentes, tinha barba. À esquerda da mesa, havia uma estante de metal de quatro prateleiras, abarrotada de livros sobre leis marítimas e a história do Oregon. Em cima da estante, uma jarra de chicletes grandes e rosa.

— Claro. — Claire tirou um chiclete da jarra e o entregou para Susan.

Susan o desembrolhou e o colocou na boca. Suas mãos ainda doíam por conta da fita e os punhos estavam escoriados. O chiclete era doce e duro.

— Está velho — declarou Susan com tristeza.

— Só mais algumas perguntas — disse Claire. — Antes que sua mãe arrombe a porta.

— Minha mãe está aqui? — perguntou Susan, surpresa.

— Lá fora — disse Henry. — Eles praticamente tiveram que aplicar uma chave de pescoço nela para mantê-la longe enquanto terminávamos nosso serviço.

Bliss estava lá. Tinha vindo e estava esperando por ela. Aquilo era algo que uma mãe faria. Susan imaginou os policiais tendo que lidar com ela. Bliss provavelmente estava mandando em todo mundo, ameaçando ir ao Ministério Público. Susan sorriu alegremente.

— O que foi? — perguntou Claire.

— Nada — disse Susan. — Vá em frente.

Eles estavam fazendo as mesmas perguntas há quase uma hora. Susan tinha a impressão de ter recontado, minuto a minuto, cada interação que tivera com Paul Reston desde os 14 anos de idade. Havia contado como ele manipulara Addy. Agora não queria mais pensar nele. Sua cabeça latejava. Os paramédicos tinham fechado o corte em sua testa com curativos, mas ela acordaria com um belo de um olho roxo pela manhã. Queria um cigarro. E um banho. E queria sua mãe.

Claire estava recostada em uma das paredes; Henry na outra.

— Tem certeza de que ele não mencionou nenhuma outra garota? Garotas sobre as quais a gente talvez não saiba?

— Tenho — disse Susan.

— E você não tem nenhuma das cartas que ele enviou guardada?

Tinham sido centenas. Ela as atirara na fogueira no aniversário do seu pai morto quando ainda estava na faculdade.

— Me livre de todas. Há anos.

Claire examinou Susan cuidadosamente.

— Você está bem? Não precisa ir ao hospital?

Susan tocou o pescoço, onde uma marca vermelha feia se formara. Doía, mais iria sarar.

— Vou ficar bem.

Ouviu-se uma batida na porta. Henry a abriu e Archie Sheridan entrou.

— Podemos terminar isso pela manhã? — perguntou. — Deixar Susan ir para casa e dormir um pouco?

— Claro — disse Henry. Ele olhou para o relógio e se virou para Claire. — Ainda quer voltar à casa de McCallum?

— Pra quê? — perguntou Archie.

— Ele quer ver se consegue achar a porra da gata — disse Claire. Ela fez uma careta para Archie. — É um coração mole.

— Qual o problema? — disse Henry, enquanto saía da sala com Claire. — Eu gosto de gatos.

O cabelo e as roupas de Archie brilhavam por conta da umidade. Ele parecia algo que tivesse sido largado no jardim a noite inteira e ficado coberto de orvalho. Susan teve vontade de pular nos braços dele.

— Você está todo molhado — observou ela.

— Está chovendo — disse Archie.

— Graças a Deus — murmurou Susan. E então começou a chorar. Sentiu Archie se ajoelhar perto dela, enlaçá-la com o braço e puxá-la contra seu blazer de veludo côtelé. Permitiu-se soluçar. Não porque queria, mas porque não conseguia evitar. Seu corpo inteiro tremia e arfava. Ela escondeu o rosto. Archie cheirava a chuva. O suéter dele arranhava sua bochecha, mas ela não se importava. Depois de alguns minutos, Susan ergueu os olhos e Henry e Claire não estavam mais lá.

— Melhor agora? — perguntou Archie com brandura.

Susan estendeu as mãos diante de si e viu que elas tremiam.

— Não.

— Está com medo? — perguntou ele.

Susan refletiu sobre a pergunta.

— A frase “me cagando de medo” me vem à mente.

Archie a olhou nos olhos.

— Vai passar — falou.

Ela examinou o rosto dele, os olhos cheios de bondade, as pupilas pequeninas. Tinha sido uma performance e tanto no barco. Se é que tinha sido uma performance.

— Do que você tem medo, Archie? — perguntou ela.

Archie lançou-lhe um olhar divertido, ressabiado.

— Isso é para sua matéria?

— É. — Susan olhou para ele por um instante e riu. — Mas podemos falar em off, se você quiser.

Ele ficou pensativo, carrancudo e pareceu afastar alguma idéia incômoda da cabeça.

— Acho que já chega de ser assunto de reportagem, por enquanto — falou.

Susan assentiu e, naquele momento, percebeu que Archie nunca contara nada a ela, que nunca a havia deixado ver nada, que não queria que ela soubesse. Não importava. Ele podia ter seus segredos. Ela ficaria com os seus.

— Ele disse que eu era a pessoa dele — falou ela. — Disse que todos pertencemos a alguém no mundo. Que estamos ligados a essa pessoa. E que eu era dele. Disse que não adiantava negar.

Archie colocou a mão no braço dela.

— Ele estava errado.

Ela descansou o punho fechado no peito dele.

— Bem — disse —, isso vai soar ridículo, mas obrigada por salvar minha vida.

— Não soou nem um pouco ridículo.

Ela se inclinou para frente e o beijou. Foi um beijo de leve nos lábios. Ele não se mexeu. Não o retribuiu, mas também não se afastou. Quando ela abriu os olhos, ele sorriu com ternura para ela.

— Você precisa superar isso — disse. — Essa coisa de homens mais velhos em

posição de autoridade.

Ela fez uma careta.

— Certo. Pode deixar.

Susan saiu do escritório para o foyer do prédio. Viu sua mãe antes que ela a visse. O batom vermelho de Bliss estava apagado e ela parecia pequena em seu casaco de oncinha. Quentin Parker, Derek, o Caretão, e Ian Harper estavam agrupados a alguns metros dela, e Bliss estava recostada na parede, sozinha. Ian viu Susan e sorriu, mas ela mal olhou para ele e foi andando direto para a mãe. Bliss ergueu os olhos e desatou a chorar, envolvendo Susan em seus braços. Ela cheirava a cigarros mentolados e pelagem velha molhada e apertava Susan como se as duas pudessem se fundir em uma pessoa só. Susan sabia que seus colegas estavam olhando, quase não sentia vergonha.

— Eles me falaram sobre Reston — disse Bliss em um sussurro trêmulo. — Sinto muito, querida. Sinto muito.

— Tudo bem — disse Susan. Ela se soltou da mãe e a beijou no rosto. — Acho que vai ficar tudo bem agora.

Ela apertou os olhos para enxergar além de uma fileira de janelas respingadas de chuva e, por um instante, achou que via a luz do dia, até perceber que as luzes eram das câmeras de TV. Ela era notícia e todos queriam uma imagem sua para os noticiários da manhã. Teria que dar um jeito de fazer algo diferente com o cabelo. Talvez pintá-lo de azul.

— Ei — disse Susan à mãe. — Posso filar um cigarro?

Bliss franziu as sobrancelhas.

— Você vai arranjar um câncer de pulmão — disse.

Susan fuzilou a mãe com o olhar.

— Me dá um cigarro, Bliss.

Bliss tirou um maço de cigarros mentolados da sua bolsa enorme e estendeu um para Susan. Então o puxou de volta quando Susan tentou pegá-lo.

— Me chame de mãe — disse.

— Me dá um cigarro — Susan se deteve e contraiu o rosto com o esforço —, mãe.

— Agora tente “mãezinha querida”.

— Me dá a porra do cigarro.

As duas riram e Bliss deu o cigarro a Susan, enfiando um isqueiro de plástico em suas mãos.

Parker se aproximou.

— Precisamos conversar — disse a Susan. — E não só porque eu quero pegar o furo antes daqueles babacas que estão esperando lá fora.

— Posso te dar os fatos — disse Susan. — Mas vou enviar um pungente relato pessoal pela manhã.

Lá estava Ian. Ele estava usando um blusão dos Yankees, claramente colocado depois de uma ligação no meio da noite, e tudo o que ela conseguiu pensar foi: *Você foi dormir sabendo que eu estava desaparecida? Seu babaca.*

Porém, ele a olhou como se nada tivesse mudado. Como se ela não tivesse mudado. Bem, não tinha mesmo. Mas planejava mudar. Colocou o cigarro na boca,

acendeu-o e devolveu o isqueiro para a mãe. Quase não notou que suas mãos ainda tremiam.

Deu uma tragada no cigarro, com muita afetação, como tinha visto naqueles filmes franceses antigos, e olhou bem para ele: arrogante, condescendente, professoral. Viu em Ian cada chefe, cada professor com o qual dormira na vida. É. Talvez estivesse na hora de pensar em fazer análise. Ela ficou imaginando se o plano de saúde do jornal cobriria. Provavelmente não era a hora certa para perguntar.

— Assim que essa coisa toda terminar — disse a Ian —, quero trabalhar exclusivamente na matéria sobre Molly Palmer.

— É suicídio profissional — protestou ele. Então, como último recurso de dissuasão. — Jornalismo de tablóide.

— Ei — disse Bliss. — Minha filha...

— Mãe — avisou Susan, e Bliss ficou quieta. Susan estava controlada, indômita. — Molly era uma adolescente, Ian. Quero descobrir o que aconteceu. Quero ouvir o lado dela da história.

Ian suspirou e jogou o corpo para trás. Abriu a boca como se quisesse discutir, então pareceu pensar melhor e jogou as mãos para o ar. A fumaça do cigarro de Susan estava entrando nos seus olhos. Ela não o tirou do lugar.

— Você não vai convencê-la a falar — disse ele. — Ela não abriu a boca para ninguém. Mas se você quer tentar... — Deixou a frase incompleta.

Bliss não dirigia e o carro de Susan estava no Pearl District.

— Você não tem dinheiro para um táxi, tem? — perguntou Susan à mãe.

Bliss franziu o cenho.

— Não ando com dinheiro — disse.

— Sua bolsa — disse Parker a Susan, tirando a bolsinha preta dela do bolso do paletó para lhe entregar.

— Deixo vocês duas em casa quando estiverem prontas. — Era Derek, o Caretão. Não tivera tempo de secar o cabelo, que espichava da sua cabeça como grama.

— Vou precisar que você me envie a matéria, garoto — disse Parker. — Coloque-a no site, senão alguém dá o furo antes da gente. Se for cedo para casa, não espere ver seu nome nela.

Derek deu de ombros, lançando um olhar para Susan.

— Haverá outras.

— Preciso de um novo assistente — disse Parker a Ian. — Esse não está dando certo. — Mas Susan sabia que ele estava brincando.

— Qual é seu carro? — perguntou Susan a Derek. — Deixe-me adivinhar. Um Jetta? Não. Um Taurus?

Derek balançou um molho de chaves entre os dedos.

— Um Mercedes antigo — disse ele. — A biodiesel.

Susan tentou ignorar o sorriso que via se espalhar lentamente pelo rosto de Bliss.

— Antes tenho que passar no meu apartamento para pegar meu laptop — disse Susan a Derek, dando outra tragada no cigarro. — Depois quero ir para casa. Para a casa de Bliss. — As sobranceiras de Derek saltaram. — Para a casa da minha mãe — apressou-se a explicar Susan, remexendo dentro da bolsa em busca do celular. — Ela mora na região sudeste. — Olhou para a tela do aparelho. Tinha 18 novas mensagens.

— Bliss? — repetiu Derek.

Bliss estendeu a mão.

— Como vai? — disse ela.

Susan ia dizer algo mas a caixa postal chamou sua atenção. A primeira mensagem era de Molly Palmer.

Anne vestiu seu casaco de couro longo com um jogar de ombros. Não era mais necessária. Mas sempre gostava de ficar até o final. Dava-lhe uma sensação de desfecho. Enfiou a mão no bolso para pegar a chave do carro enquanto saía do prédio. O clima úmido do Noroeste estava oficialmente de volta. Anne não sabia como o pessoal de lá agüentava. Para ela, era como se o mundo inteiro estivesse apodrecendo ao seu redor.

— Bom trabalho hoje. — Era Archie, parado na garoa bem na entrada.

Anne sorriu.

— Quer uma carona? — perguntou. — Estou voltando para o Heathman. Posso deixar você em casa.

— Não. Estou esperando um táxi.

Anne olhou para dentro do prédio, onde Claire e Henry conversavam com os peritos.

— Algum deles pode te levar.

Archie deu de ombros.

— Tenho que parar em um lugar antes.

— A essa hora da noite? — perguntou Anne. Tinha uma idéia de qual seria o destino dele. Ela mesma fora ver Gretchen Lowell, naqueles primeiros dias em que Archie estava em coma induzido. O perfil malfeito de Anne ainda a incomodava, e ela achou que poderia aprender alguma coisa com a Beleza Mortal. Gretchen, no entanto, se recusara a falar. Ela ficou muda durante uma hora na cela, enquanto Anne a enchia de perguntas. E então, quando Anne se levantou para ir embora ela finalmente falou. Uma frase. “Ele ainda está vivo?”

— Você vai embora amanhã ou vai ficar para todas as coletivas de parabéns? — perguntou Archie.

Anne deixou que ele mudasse de assunto.

— Vou pegar o voo da noite. — Ela sabia que não adiantava forçar a barra, ele precisava estar disposto a receber ajuda. Mas era doloroso vê-lo sofrer, e mais doloroso ainda saber que não podia fazer nada para ajudá-lo. — Então ainda estarei aqui de dia — disse. Mas não iria às coletivas. Havia dois tênis número 46 na loja da Nike reservados para os filhos dela. Mesmo assim, acrescentou, por via das dúvidas: — Se quiser conversar.

Archie bateu algo no bolso do paletó e olhou para os sapatos.

— Preciso conversar com alguém.

— Mas não comigo — adivinhou Anne.

Archie ergueu os olhos e sorriu para ela. Parecia-lhe exausto, e ela se perguntou se dava a mesma impressão.

— Boa viagem — disse ele com ternura. — Foi bom ver você.

Anne deu um pequeno passo em direção a ele.

— O que quer que tenha acontecido, enquanto você estava com Gretchen; o que

quer que tenha sentido ou feito, não cabe a você julgar. Era uma situação extrema. Ela criou uma situação extrema. Para te pressionar.

Ele olhou para longe, para a noite.

— Eu desisti de tudo que amava naquele porão — explicou Archie. Sua voz estava baixa, sob controle. — Meus filhos. Minha mulher. Meu trabalho. Minha vida. Eu iria morrer. Nos braços dela. E não me importava. Porque ela estaria lá. — Ele encarou Anne. — Cuidando de mim.

— Ela é uma psicopata.

Um táxi amarelo entrou no pequeno estacionamento atrás do prédio.

— Eu sei — disse Archie, dando um passo em direção a ele. — Mas é a minha psicopata.

Archie acorda completamente desorientado. Ainda está no porão. Ainda está na cama. Porém, está tudo diferente. A cama foi empurrada contra a parede. O fedor de carne podre desapareceu. Ele procura pelo cadáver. Sumiu. O chão de cimento está limpo. Seus curativos são novos. Os lençóis foram trocados. Ele tinha sido lavado. O porão cheira a amônia. Ele busca alguma lembrança nas imagens fragmentadas da sua mente.

— Você dormiu dois dias.

Gretchen surge de trás dele. Está de roupas novas, calças pretas e suéter de caxemira cinza, o cabelo loiro está limpo e bem penteado em um rabo-de-cavalo lustroso.

Archie pisca para ela, a cabeça ainda confusa.

— Não entendo — consegue falar com a voz fraca.

— Você morreu — explicou Gretchen. — Mas consegui trazê-lo de volta. Dez miligramas de lidocaína. Não sabia se iria funcionar. — Ela abre um sorriso brilhante. — Seu coração deve ser saudável.

Ele deixa a ficha cair.

— Por quê?

— Porque você ainda não está pronto.

— Eu estou pronto — diz ele com o máximo de autoridade que consegue reunir.

Gretchen lança um olhar de repreensão para ele.

— Só que você não tem escolha, não é mesmo? As decisões são todas minhas. Sou eu que estou mandando. Você só tem que obedecer. — Ela se inclina, seu rosto a centímetros do dele, a mão quente tocando-lhe o rosto. — É a coisa mais fácil do mundo — diz ela com brandura. — Você se esforçou tanto por tanto tempo. Sempre a postos. Toda aquela responsabilidade. Todo mundo esperando que você tivesse as respostas. — Ele sente o hálito dela contra a boca, roçando-lhe os lábios. Não olha para ela. É difícil demais. Olha para além dela. — Todos acham que você está morto agora, querido. Já faz muito tempo. Não deixo ninguém ficar vivo tanto tempo assim. Henry sabe disso. Eu acho que ele ficaria feliz. Ninguém precisa mais de você. — Ela sorri e o beija na testa. — Aproveite.

Ele continua sentindo o beijo mesmo quando ela retira o curativo que cobre a incisão cirúrgica sobre onde costumava ficar seu baço. Mesmo quando ela observa as suturas pretas que mantêm sua carne fechada. Parece satisfeita.

— O inchaço diminuiu, e a vermelhidão também — comenta.

Ele olha sem piscar para o teto. Não há saída. É tudo uma piada doentia. Ela poderia mantê-lo vivo lá embaixo anos a fio. Ele está à sua mercê.

Mas precisa saber.

— O que você vai fazer comigo?

— Mantê-lo aqui.

— Até quando? — pergunta ele.

Gretchen volta a se inclinar sobre Archie, dessa vez olho no olho, de modo que ele não consegue deixar de encará-la, seus olhos azuis arregalados, uma sobrançella levemente arqueada, a pele lustrosa. Ela sorri, radiante.

— Até quando você quiser — diz.

Ele fecha os olhos.

— Quero dormir.

Quando acorda, ela está com a faca X-Acto em punho novamente, cortando-lhe o peito. Dói, mas ele não se importa. É uma coisinha de nada, uma picada de mosquito. Mas o faz lembrar de que está vivo.

— Quer que eu pare? — pergunta ela, sem erguer os olhos.

— Não — diz ele. — Estou torcendo para você cortar uma artéria. — Sua voz sai frágil, a garganta ainda ardendo de dor.

Ela coloca a palma da mão no rosto dele e se inclina para perto do seu ouvido, como se quisesse compartilhar um segredo.

— E quanto às suas crianças? Você não quer viver para eles?

Os rostos meigos de Ben e Sara lampejam diante dele e ele apaga a imagem da sua mente, até não restar nada. Ele vira a cabeça para a parede.

— Não tenho filhos.

— Quanto tempo faz? — Archie pergunta a ela. O fato de ele oscilar entre a consciência e a inconsciência o fez perder totalmente a noção do tempo. Há quanto tempo estava lá? Semanas? Meses? Não fazia idéia. Tinha voltado a cuspir sangue. Sabe que isso a preocupa. O rosto delicado dela se tornara tenso e ela estava sempre lá, sempre ao seu lado. É a única coisa com que ele pode contar. Quer parar de cuspir sangue, para agradá-la, mas é inevitável.

Ela está sentada ao seu lado. Põe uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha e pressiona os dedos contra o punho dele para tirar seu pulso. Faz isso toda hora, e Archie entende que é porque ele está morrendo. Ele sabe que ela vai ficar tocando seu punho por 15 segundos, e é a única coisa pela qual anseia. Há algo no toque dela que o consola plenamente. Ele saboreia aqueles 15 segundos, memorizando a sensação da pele dela contra a sua para poder imaginá-la quando ela tirar a mão.

— Desamarre-me — diz ele. Ele precisa respirar várias vezes para conseguir oxigênio o bastante para falar e, mesmo assim, sua voz sai áspera e fraca.

Ela nem pensa duas vezes. Estica o braço para baixo e solta as amarras de couro que prendem um dos pulsos e depois o outro. Ele está fraco demais para erguer os braços, mesmo que poucos centímetros, mas ela leva a mão dele até a boca e beija-lhe a palma. Ele sente as lágrimas quentes no rosto dela antes mesmo de vê-las. Ela está chorando. E isso parte o seu coração. Seus próprios olhos enchem-se de lágrimas enquanto as delas esfriam na sua mão áspera.

— Está tudo bem — diz ele, confortando-a.

Ele sorri. Porque acredita no que disse. Está tudo bem. Ele está bem onde deveria estar. Ela é tão linda e ele está tão cansado. E está quase acabando.

Archie ligou para a prisão de dentro do táxi, de modo que, quando ele pagou os 138 dólares da corrida e passou pela segurança, Gretchen já tinha sido tirada da cama e colocada na sala de interrogatório para esperar por ele. Estava sentada à mesa quando ele entrou, com o cabelo solto, sem maquiagem, porém, de certa forma, ainda elegante. Como uma atriz maquiada para parecer em desalinho.

— São quatro da manhã — disse ela.

— Sinto muito — disse Archie, sentando-se de frente para ela. — Você estava ocupada?

Ela olhou com desconfiança por cima do ombro para o painel de vidro espelhado.

— Henry está aqui?

— Estou sozinho. Não tem ninguém atrás do vidro. Pedi para os guardas esperarem no corredor. Somos só nós dois. Peguei um táxi.

— De Portland? — perguntou Gretchen, incrédula.

— Sou um policial-herói — disse Archie aborrecidamente. — Tenho crédito.

Ela abriu aos poucos um sorriso sonolento.

— Você o pegou.

Ela podia sentir que finalmente relaxava. Era mais uma capitulação, na verdade. Gastava tanta energia mantendo as aparências e, com ela, não havia necessidade. Ela sabia exatamente o tamanho do estrago. Então ele deixou os músculos cederem, as pálpebras caírem, pesadas, e a voz engrossar. Podia coçar o rosto se sentisse vontade. Podia dizer tudo que lhe vinha à cabeça sem se preocupar se estava revelando muito do que realmente pensava.

— Um atirador de elite o acertou na cabeça umas três horas atrás. Você teria gostado. — Ele ergueu uma sobrancelha, reconsiderando. — Se bem que ele morreu na hora.

— Ora, ora, mas você é mesmo um exterminador de *serial killers*. Veio contar vantagem?

— Não posso vir dar um oi sem segundas intenções?

— Não é domingo. — Ela entortou a cabeça e o examinou, e um pequeno vinco se formou entre suas sobrancelhas. — Você está bem?

Ele riu do ridículo da pergunta. Definitivamente não estava bem. Depois de um dia exaustivo, estressante e recompensador no trabalho, para onde ele vai? Para a penitenciária estadual. Pois o que poderia ser mais relaxante do que passar bons momentos com a mulher que enfiou vários pregos no seu peito?

— Eu só queria te ver. — Ele esfregou os olhos com a mão. — Agora, isso é ou

não é doentio?

— Você sabe a origem do termo Síndrome de Estocolmo? — perguntou Gretchen com doçura. Ela estendeu as mãos algemadas na mesa e as espalmou no tampo, de modo que as pontas dos dedos ficaram a centímetros da mão direita de Archie. — Em 1973, um ladrãozinho barato chamado Janne Olsson entrou em um banco de Estocolmo com uma metralhadora. Queria 3 milhões de coroas e que um amigo seu fosse libertado da prisão. A polícia libertou o amigo, mandou-o para o banco e ele e Olsson mantiveram quatro funcionários reféns dentro de um cofre por seis dias. A polícia finalmente abriu um buraco no cofre, jogou gás lá dentro e Olsson e o amigo finalmente se renderam. — Ela arrastou as mãos mais para perto de Archie. Suas mãos eram macias, as unhas cortadas rentes. — Todos os reféns foram libertados ilesos. Suas vidas tinham sido ameaçadas, eles haviam sido obrigados a usar cordas em volta do pescoço, mas, ainda assim, defenderam Olsson. Uma das mulheres disse que queria fugir com ele. Olsson cumpriu oito anos na cadeia. Sabe onde ele está agora? — Com ternura, lentamente, ela roçou o polegar de Archie com a ponta dos dedos. — É dono de uma mercearia em Bangcoc.

Archie baixou os olhos para o local onde suas mãos se tocavam, mas não mexeu um músculo.

— Eles deveriam considerar sentenças mais duras na Suécia.

— Estocolmo é linda. O jardim botânico Bergianska tem uma estufa com plantas de todas as zonas climáticas do mundo. Um dia eu levo você.

— Você nunca vai sair da cadeia.

Ela ergueu as sobrancelhas evasivamente e descreveu um pequeno círculo no nó do polegar de Archie com o dedo.

— É engraçado — disse Archie, observando o dedo dela no seu polegar. — Como Reston demorou dez anos para começar a matar. Anne acha que deve ter havido um estopim.

— Ah, é?

Archie ergueu os olhos.

— Como você o conheceu?

Gretchen sorriu.

— Como conheci quem?

— Reston — disse Archie. Ele enroscou a mão na dela. Era a primeira vez que se empenhava em tocá-la e achou ter visto uma faísca de surpresa em seus olhos. — Ele era um dos seus comparsas. Talvez um que estivesse treinando — disse ele, permitindo-se desfrutar o calor da mão dela na sua. — Ele estava lá naquele dia. Era o segundo homem que me carregou até a van. E depois você foi presa. E ele ficou indignado. E isso foi a gota d'água. Como você o conheceu?

Ela olhou para Archie e, naquele instante, ele percebeu que Gretchen nunca lhe contara nada, que nunca o havia deixado ver nada, que não queria que ele soubesse. Sempre tinha estado no controle. Sempre estivera um passo à frente.

— Eu o escolhi, como todos os outros — explicou ela com prazer. — O perfil dele na Internet era perfeito. Divorciado há tempos. — Ela sorriu. — Gosto dos divorciados porque eles são solitários. Não tinha nenhum *hobby*, nenhuma paixão. QI alto. Classe média. — Ela revirou os olhos com desdém. — Ele me mandou um poema de Whitman como se fosse dele. Narcisismo clássico. — Inclinou-se para frente. —

Narcisistas são fáceis de manipular porque são muito previsíveis. Ele estava deprimido. Obcecado pelas próprias fantasias. — Um sorriso se espalhou pelos seus lábios. — E gostava de loiras. Saímos juntos. Eu disse que era casada e que precisávamos manter nosso amor em segredo, então dei o que ele queria. Poder. Submissão. Deixei-o pensar que estava no controle. — *Parece familiar?*, pensou Archie. — Assim que consegui que ele me contasse sobre sua pequena tara por adolescentes não foi difícil ajudá-lo a liberar sua raiva.

Archie enroscou os dedos ainda mais nos dela, de modo que suas mãos ficaram firmemente entrelaçadas. A boca dele estava seca. Mal conseguia olhar para ela, mas não queria soltá-la. Tudo estava ficando terrivelmente claro.

— Você me deixou pensar que a idéia de trazer Susan para cá tinha sido minha. Mas Reston falou com você sobre ela. Você reconheceu o nome dela no jornal. Plantou a idéia. Parou de me entregar os corpos. mencionou o nome dela. Armou tudo. — Archie balançou a cabeça e riu. — E então assistiu de camarote. — À medida que falava aquelas palavras, via como pareciam absurdas, paranóicas, delírios de um viciado. — Só não sei se consigo provar isso.

Gretchen sorriu com condescendência para ele.

— O importante é que você voltou ao trabalho — disse. — Saiu daquele apartamento.

Henry acreditaria nele. Sabia do que Gretchen era capaz. Mas e daí? Ele se certificaria de que Archie jamais visse Gretchen novamente.

— Você deveria agradecer a Paul — prosseguiu Gretchen maliciosamente. — Ele doou mais de um litro de sangue para você.

Archie virou o rosto, nauseado. A imagem de Reston no carpete verde, a cabeça uma massa de sangue, veio-lhe subitamente à cabeça.

— Você gosta mesmo de Godard? — perguntou Archie.

— Não — disse. — Mas sei que você gosta.

Ele ficou se perguntando se ainda havia alguma coisa que Gretchen não sabia a seu respeito.

— Agora me responda uma pergunta — disse ela. Colocou a outra mão em cima da que já estava segurando, prendendo-o totalmente. — Você se sentiu atraído por mim naquele dia em que nos conhecemos? Quando eu era a psicóloga escrevendo um livro?

— Eu era casado.

— Tão cheio de dedos. Seja honesto.

Ele já havia traído Debbie completamente. Que diferença faria?

— Sim.

Ela largou as mãos dele e se recostou.

— Deixe-me ver.

Archie sabia do que ela estava falando e hesitou um instante apenas antes de erguer os braços e começar a desabotoar a camisa. Então, quando ela estava aberta, ele a puxou para que Gretchen pudesse ver seu tórax desfigurado.

Ela se inclinou sobre a mesa, ajoelhada na cadeira, apoiada no tampo com os cotovelos, para ver melhor. Ele não se mexeu, não recuou, quando ela esticou o braço e passou a ponta do dedo sobre o coração que havia talhado nele. Mas se perguntou se ela conseguia notar o pulso se acelerar no seu pescoço. Sentia o cheiro do cabelo dela. Já

não cheirava mais a lírios, e sim a algum xampu industrial de prisão, forte e com aroma de frutas. Ela passou os dedos pela cicatriz vertical que cortava seu peito e Archie sentiu os músculos do estômago, e os mais debaixo, se retesarem.

— Isso é da cirurgia de esôfago? — perguntou.

Ele assentiu.

Então os dedos dançaram para a cicatriz que dividia seu torso.

— Essa não é minha incisão.

Ele pigarreou.

— Eles tiveram que me abrir de novo. Havia um pequeno sangramento.

Ela assentiu e moveu os dedos para as cicatrizes menores, feitas pela faca X-Acto que usou para entalhá-lo. Seus dedos contornaram as cicatrizes em meia-lua que cobriam sua escápula, passando para os mamilos e descendo até as marcas irregulares na pele macia do seu flanco. Fazia mais de dois anos que ele não era tocado. Sentia medo de se mexer. Com medo de quê? De que ela parasse? Fechou os olhos. Quis dar a si mesmo esse breve momento de prazer. Que mal faria? Era bom. E ele já nem se lembrava há quanto tempo não se sentia bem. Os dedos dela desceram mais. O sangue correu para sua virilha. Ela estava abrindo seu cinto. *Cacete*. Ele abriu os olhos e agarrou uma de suas mãos pelo punho e a segurou firme.

Ela olhou para cima, os olhos brilhando, as faces coradas.

— Você não precisa se fingir de bonzinho comigo, Archie.

Manteve as mãos dela lá, a centímetros da sua ereção.

— Posso fazer você se sentir melhor — disse Gretchen. — Solte minha mão.

Ninguém precisa saber.

Mas ele continuou segurando. Cada célula do seu corpo implorava para que ele a deixasse tocá-lo. Mas o que restava de sua mente sabia que, se deixasse, ele perderia a última coisa, ela ganharia a última parte dele. Seria o fim. Ela o teria por completo. Ela era boa demais. Consequia torturá-lo sem encostar um dedo nele. Archie riu disso e afastou a mão dela.

— Qual é a graça? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

— Você conseguiu ferrar bonito com a minha cabeça — disse. Ele pegou o porta-remédios do bolso da calça, o abriu e despejou um punhado de comprimidos na mão. Então os jogou um por um na boca, engolindo-os.

— Você já está chapado — observou Gretchen.

— Cuidado — disse Archie. — Você está parecendo a Debbie.

— Você tem que tomar cuidado com esses remédios. O acetaminofeno vai te matar. Seus rins ainda doem?

— De vez em quando.

— Se você tiver febre, icterícia ou vômito, precisa ir para a UTI antes que ocorra falência do fígado. Você está bebendo?

— Eu estou bem, querida — disse Archie.

— Existem maneiras mais simples de se matar. Deixe comigo. — Ela o olhou no olho. — É só me trazer uma gilete.

— Sei — disse ele com um suspiro. — Você me mata, e aos três primeiros guardas que entrarem aqui. Não deixe minha ereção te enganar. Ainda sei quem você é.

Ela estendeu o braço e tocou o rosto dele. A mão dela era quente e carinhosa e

ele aninhou a cabeça nela quase por instinto.

— Pobre Archie — disse ela. — Estou só começando com você.

Ela era mesmo linda, pensou Archie através da névoa dos remédios. Havia algo de delicado nela. A pele lustrosa. Os traços perfeitos. Às vezes ele se enganava pensando que ela era quase humana. Mas é claro que sabia que se tratava de um monstro. Ele virou o rosto e a mão dela caiu.

— Quantos homens como Reston você tem lá fora? — perguntou. — Quantas bombas-relógio?

Gretchen recostou na cadeira e sorriu.

— Incluindo você?

Archie sentiu a sala rodar e estendeu o braço para se apoiar na mesa.

— Você planeja tudo. Ligar para o 911. Me salvar. Se entregar.

— Caso você sobrevivesse — disse Gretchen casualmente. — Se morresse, eu o teria desmembrado e enterrado.

Estava quente lá dentro. Archie sentia a queimação úmida do suor sob as roupas. Gretchen parecia se sentir fresca e tranqüila. Talvez fossem apenas os remédios. Ele estalou o pescoço e secou o suor de cima do lábio. Consequia sentir a cicatriz em forma de coração pulsar debaixo da camisa, seu coração de verdade batendo atrás dela.

— Foi um bom plano — conseguiu falar. Plantou as mãos na mesa e ficou parado. — Exceto que não sou como Reston e os outros babacas que você obrigou a matar em seu lugar. Eu sei do que você é capaz. — Ele correu os olhos pela sala; a tumba de concreto em que eles se encontravam toda semana. Ela o manipulava o tempo todo. Eles haviam manipulado um ao outro. Mas ele tinha um trunfo. A cartada que Gretchen pensava que ele não daria. — Mas você cometeu um erro de cálculo — disse ele. — Foi presa. — Ele ergueu uma sobrancelha e tirou as mãos da mesa. — E não pode ferrar comigo se eu não vier aqui.

Gretchen não se impressionou.

— Você vai ficar algumas semanas sem vir. Mas vai precisar dos corpos. — Ela entortou a cabeça para ele e sorriu, radiante. — Vai precisar de mim.

Provavelmente, pensou Archie.

— Talvez — disse.

Ela balançou a cabeça compreensivamente.

— Tarde demais. Você não vai se sentir melhor.

Archie riu.

— Não preciso me sentir melhor — disse. Sua voz ficou fria. — Só preciso que você se sinta pior.

Ela se inclinou para frente, o cabelo loiro roçando-lhe os ombros.

— Você ainda sonha comigo. Nunca vai conseguir tocar outra mulher sem pensar em mim.

Ele colocou uma das mãos de volta na mesa e levou a outra até sua têmpora latejante.

— Por favor, Gretchen.

Ela sorriu com maldade.

— Você vai pensar em mim hoje à noite, não vai? — disse ela. — Quando estiver sozinho no escuro. Com seu pau na mão.

Archie deixou a cabeça pender por um instante. E então riu para si mesmo,

ergueu os olhos e deu a volta na mesa até onde ela estava. Ela ergueu os olhos, surpresa, enquanto ele se agigantava diante dela, esticava o braço e tocava seu cabelo, os fios loiros macios entre os dedos. Ela começou a falar, mas ele colocou um dedo na sua boca e disse baixinho:

— Ainda não está na hora de você falar.

Aninhou o rosto dela nas mãos e inclinou-se para beijá-la. Colocou uma das mãos em sua nuca, no seu cabelo, à medida que as línguas se encontravam. O calor do beijo o dominou momentaneamente. Naquele beijo, ele sentia o amargo dos comprimidos, o sabor salgado do próprio suor e, na boca de Gretchen, uma doçura parecida com lírios. Teve que se obrigar a desembaraçar os dedos do cabelo dela e se afastar, descolando os lábios da sua boca, subindo pela bochecha macia até a orelha.

— Penso em você todas as noites — sussurrou ele.

Então se endireitou e disse:

— Mas agora acabou.

Ele apertou o botão ao lado da porta com a maçaneta na mão. A porta se abriu e ele a atravessou.

— Espere — disse ela, sua voz falhando.

O coração esmurrava-lhe o peito, o gosto do beijo ainda em sua boca. Precisou se esforçar ao máximo para não olhar para trás.

Archie estava sentado na mesinha de centro olhando para os recibos dos táxis e se perguntando como faria para explicá-los quando a campainha tocou. Não tinha ido dormir. Seu sangue parecia grosso e quente, seu cérebro, turvo. Imaginava estar com uma aparência pior do que de costume. Meio que esperava encontrar um repórter à sua porta, uma câmera de TV, microfones. Mas, no fundo, sabia que seria Debbie. Esperava que sim.

— Você o pegou — disse ela quando ele abriu a porta. Estava com roupas de trabalho: uma saia cinza e uma blusa de gola rulê preta e justa sob o paletó longo trespassado. Eram quase as mesmas roupas que usava naquela última manhã em que Archie a vira dois anos atrás, no dia em que ele tinha ido à casa de Gretchen sozinho.

— Entre — disse ele.

Ela passou por ele, parando alguns metros depois para correr os olhos pela sala de estar. Tinha vindo àquele apartamento algumas poucas vezes. Tentou agir como se aquele lugar triste não a deprimisse, mas ele notava em seus olhos. Ela se virou para encará-lo.

— O noticiário disse que ele fez uma refém. Aquela repórter. Que você entrou para salvá-la.

Archie fechou a porta.

— Não foi tão perigoso. Ele a teria matado antes de mim.

Ela deu um passo à frente e aninhou o rosto dele nas mãos.

— Você está bem?

Ele não sabia como responder àquela pergunta. Então a ignorou.

— Quer um café?

Ela deixou as mãos caírem.

— Archie.

— Desculpe-me — disse ele, esfregando os olhos. — Eu não dormi.

Ela tirou o paletó e o colocou no recosto da poltrona bege. Então andou até o sofá e se sentou.

— Sente-se comigo — disse.

Ele se afundou ao lado dela e descansou a cabeça em suas mãos. Queria lhe contar, mas estava com medo de dizer em voz alta.

— Vou tentar parar de visitá-la — disse.

Debbie fechou os olhos por um instante. Quando os abriu, eles estavam brilhando de lágrimas.

— Graças a Deus — disse. Chutou os sapatos para longe e dobrou as pernas no sofá.

A chuva bateu contra a janela da sala de estar. *Lá se vai a previsão do tempo*, pensou Archie. O porta-remédios estava na mesinha de café. Tinha sido um presente de Debbie. No dia em que ele recebeu alta do hospital.

— Acho que você deveria vir para casa — falou Debbie. — Só por alguns dias — apressou-se a acrescentar. — Pode dormir no quarto de hóspedes. Vai ser bom para as crianças. — E então, olhando em volta. — Não gosto de pensar em você neste apartamento horrível.

Archie se inclinou para frente, pegou o porta-remédios e o colocou na palma da mão. Era muito bonitinho. A criança do andar de cima estava acordada. Archie conseguia ouvi-la correr do seu quarto para a sala de estar, gritando. Então uma TV foi ligada. A criança dançou um pouquinho sobre suas cabeças à medida que vozes animadas e altas de personagens de desenho animado enchiam o ambiente.

Debbie suspirou e o ar pareceu ficar preso na sua garganta.

— Qual é o problema entre a gente que torna as coisas tão difíceis para você?

Archie sentiu toda a dor e culpa que mantinha tão cuidadosamente sob controle começarem a queimar no seu estômago. Como poderia ao menos começar a explicar?

— É complicado.

Ela colocou a mão sobre a dele, cobrindo o porta-remédios.

— Venha para casa.

Então ele permitiu que os rostos deles enchessem sua mente: Debbie, Ben, Sara. Sua linda família. O que ele tinha feito?

— Tudo bem.

As sobrancelhas de Debbie saltaram com incredulidade.

— Sério?

Ele assentiu algumas vezes, tentando se convencer de que era a coisa certa a fazer, de que não tornaria tudo pior para todo mundo.

— Preciso dormir. E depois ir para o trabalho. Posso pedir para Henry me levar hoje à noite. Ele vai ficar feliz. Está achando que eu vou me matar.

Debbie tocou sua nuca.

— E você vai?

Archie pensou sobre o assunto.

— Acho que não.

A criança começou a dançar novamente, batendo os pés, pulando. As pancadas que dava no chão ecoavam pelo apartamento de Archie.

Debbie ergueu os olhos para o teto branco.

— Que barulho é esse? — perguntou.

Archie estava cansado. Seus olhos queimavam e sua cabeça estava pesada. Ele se recostou no sofá e fechou os olhos.

— É a criança do apartamento de cima — disse.

Ele sentiu Debbie descansar a cabeça no seu ombro.

— Parece até lá em casa.

Ele sorriu.

— Eu sei.

Sim. Ele deixaria Gretchen para trás. Podia fazer aquilo. Podia voltar para casa e reconstruir sua família. Talvez continuar com a força-tarefa, como uma unidade para crimes especiais. Podia até diminuir os remédios. Tentar, pelo menos. Uma última

tentativa de redenção. Não por si mesmo. Não pela sua família. Mas porque, se conseguisse, sairia vencedor. E Gretchen sairia derrotada.

A idéia manteve o sorriso em seu rosto enquanto ele entregava o corpo cansado e ferido ao sono. Sentiu a mão relaxar em volta do porta-remédios. A última coisa que percebeu foi Debbie tirando-o da sua mão e colocando-o de volta na mesa.